This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

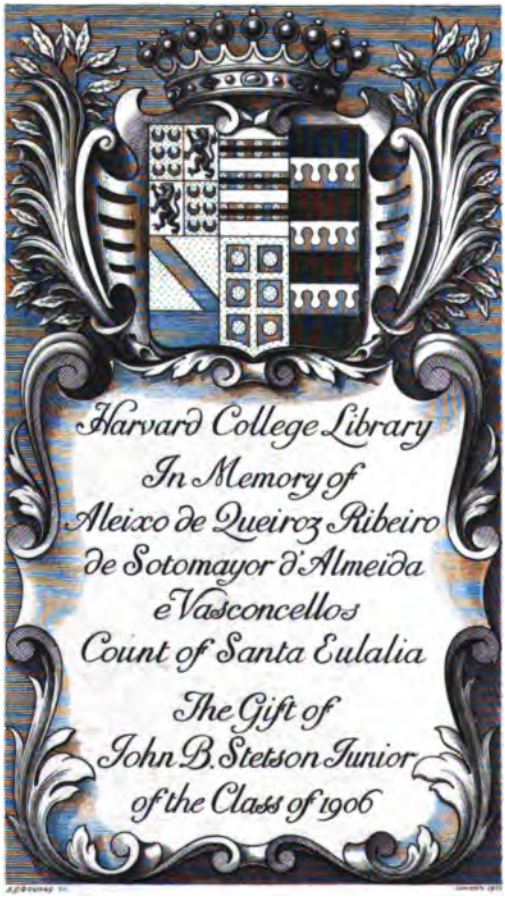
We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

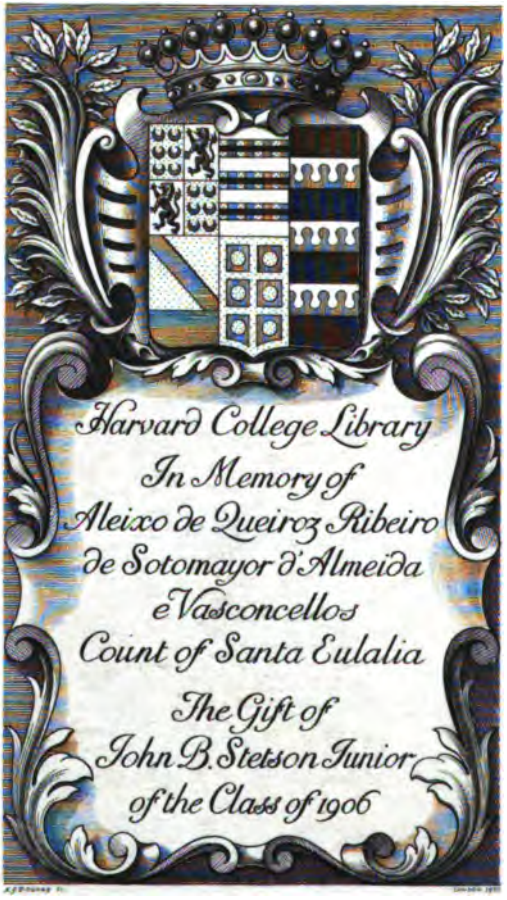
About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

7243.16

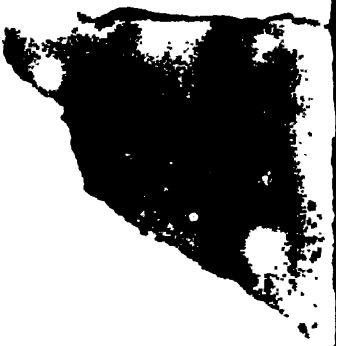

Harvard College Library
In Memory of
Aleixo de Queiroz Ribeiro
de Sotomayor d'Almeida
e Vasconcellos
Count of Santa Eulalia
The Gift of
John B. Stetson Junior
of the Class of 1906

7243.16


Harvard College Library
In Memory of
Aleixo de Queiroz Ribeiro
de Sotomayor d'Almeida
e Vasconcellos
Count of Santa Eulalia
The Gift of
John B. Stetson Junior
of the Class of 1906

157

SUBSIDIOS PARA O ESTUDO DA LINGUA PORTUGUEZA



157

SUBSIDIOS PARA O ESTUDO DA LINGUA PORTUGUEZA

SUBSIDIOS

PARA O

ESTUDO DA LINGUA PORTUGUEZA

Baseados nas principaes auctoridades philologicas e grammaticaes

POR

FRANCISCO JOSÉ MONTEIRO LEITE

Parte das materias d'esta obra são exigidas no curso de portuguez dos lyceus nacionaes, segundo a nova reforma d'instrucção secundaria.

PORTO
TYPOGRAPHIA OCCIDENTAL
66—Rua da Fabrica—66

1881

LIVRARIA ESCOLAR RELIGIOSA
DE
JOAQUIM MARIA DA COSTA
SUCCESSOR DE
MACHADO & CIA
55, Largo dos Loios

SUBSIDIOS

PARA O

ESTUDO DA LINGUA PORTUGUEZA

Baseados nas principaes auctoridades philologicas e grammaticaes

POR

FRANCISCO JOSÉ MONTEIRO LEITE

Parte das materias d'esta obra são exigidas no curso de portuguez dos lyceus nacionaes, segundo a nova reforma d'instrucção secundaria.

PORTO
TYPOGRAPHIA OCCIDENTAL
66—Rua da Fabrica—66

1881

LIVRARIA ESCOLAR RELIGIOSA
DE
JOAQUIM MARIA DA COSTA
SUCCESSOR DE
MACHADO & C.ª
55, Largo dos Loios

7243.16

HARVARD COLLEGE LIBRARY
COUNT OF SANTA EULALIA
COLLECTION
GIFT OF
JOHN E. STEFFEN
25 Sep., 1922

A propriedade litteraria d'este livro pertence, no Imperio do Brazil, ao illm. sr. José de Carvalho Macedo Junior, residente no Rio de Janeiro.

Ao

Illustrissimo e excellentissimo senhor

Dr. Delfim Maria d'Oliveira Maia

SABIO JURISCONSULTO E DISTINCTO PROFESSOR DE ORATORIA,
POETICA E LITTERATURA
NO LYCEU NACIONAL DO PORTO

Como prova de subida consideração e estima

OFFERECE

O auctor.

PROLOGO

Debaixo do modesto titulo do presente trabalho, apresentamos um estudo sobre a lingua portugueza, feito no longo tirocinio de nossa humilde e obscura missão do professorado.

As differentes e arduas questões, que alli expomos, desde a philologia até á orthographia, são elementos para se poder resolver e procurar outros problemas ácerca da particular tendencia com que a lingua patria procura seguir certas e determinadas fórmas em seus differentes modos de exprimir, as causas d'aquella tendencia, e a explicação philologica e grammatical de todas as fórmas.

Ainda que ligeiramente, apresentemos as nações e os homens que mais teem honrado a sciencia da linguagem, conhecida pelo nome de philologia.

Em Roma, honraram a philologia os nomes de Varrão, de Quintiliano, Aulu-Gelle. Varrão, o mais celebre polygrapho latino, escreveu em latim uma obra em vinte e cinco livros, onde applicou o espirito philologico e grammatical, onde distinguiu, cuidadosamente, as palavras raizes e as

palavras derivadas, onde, emfim, procurou esclarecer a origem das palavras no meio da historia e d'archeologia. Quintiliano fez de sua *Instituição Oratoria* o manual da rhetorica, sem todavia esquecer alli os estudos grammaticaes, cujos conhecimentos são indispensaveis para formar um bom orador. Aulu-Gelle accumulou em suas *Noites atticas*, sem coordenação, as notas que lhe forneciam suas leituras ácerca da critica e da grammatica, como tambem a respeito da historia, da archeologia e da philosophia. E d'estas notas assim soltas, resultou um livro de grande merecimento para os philologos.

O espirito philologico da edade media entregou-se mais á copia dos antigos manuscriptos, do que á discussão dos textos.

Na Italia, pelo tempo do seculo XV, floresceu Pogge, que descobriu obras de tempos remotos. Na bibliotheca do convento de Saint-Gall, achou a *Instituição oratoria* de Quintiliano; quatro livros dos *Argonautas* de Valerius Flaccus; o livro de Frontin *Sobre os aqueductos*, e outros. Na mesma epocha, numerosos sabios italianos, entre outros, Philelphe, Laurent Valla, Ange Politien estudavam os textos das linguas gregas e latinas. Politien esclarecia os textos com notas e observações, formadas por suas proprias conjecturas ou fundadas sobre a auctoridade de bons auctores; seus exemplares d'Ovidio, de Plinio, o joven, de Quintiliano e dos escriptores da *Historia Augusta*, conservados nas bibliothecas d'Italia, estão enriquecidos de notas marginaes de grande utilidade.

No principio do seculo XVI, Erasme e Reuclin assignalaram-se por seus conhecimentos philologicos. Entre os numerosos trabalhos de Erasme, avultam os seus *Apophthegmas* e suas *Parabolas*, tiradas d'Aristote, de Plutarco, de Plinio; as traducções gregas, feitas por Erasme, contribuiram poderosamente para o renascimento das lettras no centro da Europa.

Jose Justo Scaliger, nascido em Agen, em 1540, fixou os principios da sã philologia, como se póde vêr nas suas edições dos poetas elegiacos latinos. Chamado a Leyde para

ahi dirigir a cadeira de philologia, vaga pela sahida de Justo Lipse, produziu alumnos, taes como, Grotius, Meursius, Rutgers, Douza, Daniel Heinsius. O antecessor de Scaliger, Justo Lipse, foi um philologo notavel. Possuidor d'um profundo conhecimento da lingua latina, familiarisado com todas as minuciosidades das instituições romanas, fixou o sentido d'um grande numero de passagens, e tambem fez desapparecer grande numero de erros que então tinham o cunho de bom oiro.

Podemos unir aos nomes de Scaliger e de Justo Lipse o de Casaubon, que deve ser collocado em primeiro logar entre os philologos. E esta honra é-lhe justamente concedida pela sua edição de *Strabão* e seu *Commentario sobre Athenas*, trabalhos que são considerados de subido quilate.

A França produziu philologos muito distinctos, taes como, Guillaume Budé, Les Etienne, Muret, Lambin, Tourneboeuf, Saumaise e outros, que foram considerados em o numero das illustrações dos seculos XVI e XVII. D'entre todos, os mais celebres foram Villoison, Boissonade, Gail, Larcher, Egger, e na philologia oriental, novo ramo da sciencia philologica, Silvestre de Sacy, de Chezy, Abel Remusat, Eugene Bournouf, Ernest Renan. Por decreto de 10 d'abril de 1852, decisão de 30 d'agosto do mesmo anno e instrucção geral de 15 de novembro de 1854, creou-se em Pariz um curso especial de grammatica comparada nos lyceus, constituindo parte da faculdade de lettras, e um dos cursos da Eschola das Cartas tem por objecto: — a linguistica applicada á historia das origens e á formação da lingua nacional. Em 1863, a cadeira de grammatica comparada foi transferida da faculdade de lettras para o collegio de França. No seminario protestante de Strasburgo havia um curso de philologia geral e comparada. Em Pariz acha-se estabelecida uma *Sociedade de linguistica*, que tem publicado trabalhos notaveis, incluindo uma *Revue de linguistique*.

Na Allemanha floresceram, no seculo XVII, J. C. Graevius, J. Camerarius, G. Barthius, J. Frensheim; no principio do seculo XVIII, Fabricius, Lange e outros. Ao começar o seculo actual, nasceu, na Allemanha, uma nova eschola

philologica, cujo fundador foi J. M. Gesner. Para se conhecer os progressos da philologia, n'aquelle paiz, basta recordar os nomes de Reiske, d'Ernesti, de Wesseling, de Brunck, de Wolf, de Heyne, de Schneider, de Buttmann, de Harles, d'Oberlin, de Schweighaenser, de Bekker, de Schaefer, de Voss, d'Orelli, etc. A philologia oriental, na Allemanha, tem produzido maravilhosos resultados, notoriamente, para as linguas hebraica, sanscrita e chineza, sob a direcção de Buxtorf, de Schlegel, de Bopp, de Max Müller e outros. E' na Allemanha que a maior parte dos trabalhos, de que a philologia é objecto ou em que se applica, formam uma grande bibliotheca. Tanto nas faculdades de philosophia das universidades allemãs, como nos lyceus, ha cursos especiaes que se destinam ou aos principios geraes da philologia, ou a sua applicação ao estudo d'uma lingua ou familia de linguas. Publica-se em Berlim um jornal, dedicado ao estudo scientifico dos dialectos teutonicos, do grego, do latino, collaborado por grande numero de professores publicos.

Os inglezes rivalisaram com os allemães em numero e perfeição de producções philologicas. Sem remontarmos a tempos antigos, podemos citar Pearce, Middleton, Musgrave, Bentley, Clarke, Selden. etc. Em Inglaterra, publica annualmente a sociedade intitulada — *Philological Society* um volume de memorias sobre trabalhos e progressos philologicos.

Depois do seculo XVI, a Italia não produziu senão um ou outro philologo.

A Hespanha não tem acompanhado, nem sequer muito de longe, este importantissimo ramo de litteratura, e é por isso que ella não tem produzido o menor trabalho sobre philologia.

Exceptuando a Hollanda, que teve o Justo Lipse e Scaliger, e a Suissa, que tem o seu Adolpho Pictet, os outros paizes cultos são extremamente pobres em trabalhos philologicos.

A philologia faz parte do ensino publico na Inglaterra, na Italia, na Russia, nos Estados Unidos, na India e em outros paizes.

Emquanto, porém, os paizes extrangeiros prestam essa grande homenagem e verdadeira importancia á philologia, quer geral, quer especial, cujos resultados maravilhosos teem enriquecido as linguas nacionaes, Portugal manifesta a maior indifferença aos estudos analyticos e philologicos, applicados á lingua portugueza, por onde se póde investigar e descobrir as causas racionaes das variadissimas fórmas da nossa linguagem, as leis a que estão subordinadas e o espirito que as dictou.

E' pois para promover o estudo das variadas questões da lingua patria que nos entregamos ao espinhoso trabalho d'este livro, para cuja realisação luctamos com enormes difficuldades, já representadas em longos e dolorosos dias de profunda observação e estudo, já augmentadas com a lembrança da indifferença e ingratidão de muitos, uma das remunerações tributadas aos que exercem o sacerdocio das lettras patrias!

Quando nos propozemos a apresentar este estudo sobre a nossa linguagem, foi nossa intenção o dedical-o como livro elementar de philologia geral, especial e de grammatica comparada, e que tambem resolvesse variadas e minuciosas questões ácerca da lingua portugueza, podendo assim auxiliar o estudo especial da nossa linguagem, ou no curso de portuguez dos lyceus nacionaes, ou em curso separado, como ha em outras nações, e em qualquer dos casos servisse de introducção para um curso complementar de philologia, quando a mocidade quizesse possuir um curso de sciencia da linguagem.

No campo grammatical estudamos um grande numero de factos, descobertos pela observação e apoiados, quer na razão a quem só pertence inquirir e assignar as verdadeiras causas da linguagem, e segundo ellas ordenar a grammatica de uma lingua, quer em numerosos exemplos de nossos primeiros classicos, tanto antigos como contemporaneos, sendo a doutrina grammatical acompanhada da etymologia do vocabulario, a qual serve de estudo e guia para o systema da nossa orthographia.

Apezar de termos submettido a um rigoroso exame a

irregularidade de certas formas orthographicas, reprovadas pela etymologia e demonstradas pelo parallelismo d'outras formas e signaes orthographicos, apenas practicamos algumas e não todas na escriptura d'este livro; porque poderiamos ser acousados de pretenciosos, quando somos desauctorisados. Crêmos, porém, que, depois do convencimento de nossos lexicographos e grammaticos sobre taes inexactidões, adoptadas na orthographia portugueza, estes emendarão em seus trabalhos especiaes os abusos e anomalias orthographicas, mandando adoptar a uniformidade racional.

Para conseguir tão ardua tarefa, consultamos os principaes professores e escriptores, que professam e teem escripto sobre philologia e grammatica, entre outros, Max Müller, F. Diez, Beausée, Presidente de Brosses, Vossio, Du Cange, Court de Gebelin, Thomaz Clark, Fried Pott, Scleiger, Egger, Littré, Leòni, Silva Tullio, Latino Coelho, Viale, Theophilo Braga, Adolpho Coelho, Soares Barbosa e Alves de Sousa.

Tambem fomos auxiliados por esclarecimentos de amigos, que nos abriram suas bibliothecas e nos forneceram apontamentos valiosos sobre documentos de antiga litteratura, aos quaes exaramos aqui um voto de reconhecimento.

A sciencia humana não nasceu do cerebro d'um só homem: um inventou-a, outros engrandeceram-n'a e ainda outros vulgarisaram-n'a; os progressos da sciencia são sempre lentos e são obra dos seculos. E', por assim dizer, um edificio que tem sempre falta d'alguma coisa; é uma obra que nunca está complecta. Muitos talentos diversos trabalham n'ella, uns, obreiros obscuros, collocam-lhe simplesmente uma pedra; outros, mais felizes, dispondo de mais recursos intellectuaes, deixam gravado o seu nome ao seu trabalho. Não obstante isto, ha sempre necessidade de augmentar e engrandecer a sciencia, seja qual fôr a sua natureza, seja qual fôr o seu fim, principiando pelos ponctos em que outros a deixaram.

Foi por isso que, depois de termos estudado sériamente o que aquelles tão sabios cultores da linguagem teem produzido, construimos este defeituoso contingente,

para ser collocado no magestoso edificio da lingua patria.

Como este livro se destina a estudar as questões mais importantes d'uma lingua, principiando pela philologia e terminando pelas diversas escholas da orthographia, um assumpto de grande alcance e necessidade para todos os que precisarem de consultar os principios e regras em que deve assentar a orthographia etymologica, compilamos d'uns, desenvolvemos muitos ponctos que outros tinham fundamentado e expômos variadas questões, inteiramente novas, quer no dominio da philologia e da etymologia, quer no campo da syntaxe, da prosodia e da orthographia portugueza, as quaes, até ao presente, não tinham sido submettidas a um rigoroso exame de observação dos nossos lexicographos e grammaticos, existindo, por isso, na grammatica da lingua grandes irregularidades, que devem desapparecer desde que a nossa legislação grammatical não seja modelada por systemas anómalos.

A nova reforma d'instrucção secundaria de 1880 inclue, nos seus programmas, parte das materias d'este livro no curso de portuguez dos lyceus nacionaes. E' um pequeno passo no progresso da lingua, attendendo ao muito pouco estudo ou quasi nenhum que ella tem tido nos cursos officiaes, e portanto uma vergonhosa ignorancia no espirito nacional sobre o organismo da lingua patria. Mas estamos certos de que Portugal, assim como tem acompanhado um certo progresso material das outras noções, tambem lhes ha de seguir o desenvolvimento litterario e scientifico, creando um curso especial, nas escholas officiaes, para o estudo scientifico da lingua portugueza, podendo servir para tal fim as indicações da presente obra; pois são os livros, segundo o nosso modo de vêr, os que devem servir de norma aos programmas officiaes, e não estes áquelles.

Se pois esta nossa primeira publicação podér prestar algum serviço e alguma utilidade aos que se dedicam ao estudo da nossa riquissima linguagem, será para nós o mais poderoso incentivo para irmos corrigindo os defeitos

que a continuação do estudo nos aconselhar, correspondendo d'esta maneira ao favor e á benevolencia que nos fôr dispensada, submettendo-nos todavia ás indicações da critica auctorisada e apoiada na justiça e nos conhecimentos da especialidade do assumpto.

O Auctor.

PRELIMINARES

A lingua portugueza, assim chamada desde que principiou a ter uma litteratura fortemente constituida, uma legislação grammatical fundada pelos grammaticos Gil Vicente, Fernão d'Oliveira e João de Barros, é derivada d'um vasto grupo de linguas.

A sciencia moderna deu a esse grupo tres denominações:—*indo-germanico, indo-europeu,* e *aryano,* formando tres classes, a saber:—*asiatica* ou *arica, européa-meridional,* e *européa-septentrional.*

A lingua original das raças indo-germanicas, que ellas falaram antes de sua separação, quando habitaram a alta Asia central, é o tronco d'essa arvore genealogica de linguas em presença do facto de variedades d'um mesmo typo.

A differença dialectal operou-se pelo processo de subdivisão e reproducção indefinidas do typo original.

Assim, o latim, logo que chegou a um certo tempo de vida, submetteu-se a esse phenomeno, e dividiu-se em dialectos, formando a familia romana.

Os dialectos, que por sua importancia litteraria adqui-

riram o nome de linguas *neo-latinas,* são: o *portuguez*, o *hespanhol,* o *francez*, o *italiano*, o *provençal*, e o *valachio.*

Embora estes idiomas tenham uma origem commum,—a lingua latina—poremos de lado o *provençal* e o *valachio* por não fazerem parte da educação litteraria de nosso paiz, e portanto serem vocabularios desconhecidos geralmente pelo espirito publico.

PRIMEIRA PARTE

CAPITULO I

Elementos de philologia comparada

A sciencia da linguagem, cujo nascimento foi nos principios de nosso seculo, chama philologia comparada a um dos ramos d'esta sciencia, que tracta d'uma analyse minuciosa de cada lingua, de cada dialecto, de cada palavra e de cada forma grammatical.

Ha uma notavel differença entre a philologia classica ou oriental e a philologia comparada.

A primeira, que é uma sciencia historica, occupa-se das linguas antigas ou modernas, cultas ou barbaras, e serve-se da linguagem como d'um instrumento. O hellenista serve-se do grego, o orientalista do hebreu, do sanscrito ou d'outra lingua como d'uma chave para a intelligencia e estudo dos monumentos litterarios que nos deixou a antiguidade; e pelo estudo d'esses idiomas póde-se conhecer d'uma maneira definitiva a marcha social, intellectual, moral e religiosa da humanidade. No estudo das linguas vivas aprendemos as grammaticas e os vocabularios em vista de sua utilidade pratica: servimo-nos d'este estudo como de intro-

ducção na melhor sociedade e na melhor utilidade litteraria das principaes nações cultas.

A segunda ou a philologia comparada tem uma outra applicação, visto que a linguagem já não é considerada como um meio, mas como a faculdade de conhecermos os vestigios historicos e scientificos da linguagem. Estudamos a linguagem e não as linguagens; queremos saber o que é e como póde servir de orgão ao pensamento; queremos conhecer por este meio sua origem, natureza e leis supremas.

Se considerarmos o numero prodigioso de linguas que se falam em differentes partes do mundo com seus variados dialectos; se considerarmos as grandes mudanças que se teem feito em cada uma das linguas no decurso dos seculos: como o latim se tornou italiano, hespanhol, francez, portuguez: como o latim, o grego, o celtico e as linguas teutonicas e esclavonicas, e bem assim os antigos dialectos da India e da Persia derivaram d'uma lingua primitiva, a mãe commum de toda a familia indo-européa ou aryana; se considerarmos que o hebreu, o arabe, o syriaco e outros dialectos menos importantes são reproducções d'um mesmo typo e tem tido uma mesma origem, a lingua primitiva da raça semitica; se accrescentarmos a estas duas familias — aryana e semitica—pelo menos um outro grupo, que comprehenda os dialectos das raças nomades, dispersas pelo norte e centro da Asia;— reconheceremos que esta arvore genealogica teem um tronco commum e uma historia inherente á linguagem, e que a vontade do homem e o poder do tempo podem influir, quando não seja em sua essencia, ao menos em sua fórma.

Estas mudanças, operadas pelo tempo na linguagem, são mais ou menos rapidas, mas existem em todas as epochas e em todos os paizes.

As linguas das nações civilisadas tendem a fixar-se cada vez mais, e parecem não ter a faculdade de sua modificação: toda a lingua que tem uma litteratura classica, cujo estudo se espalha por todas as cidades e partes do paiz, com difficuldade admitte mudanças.

É preciso não confundir a mudança que se faz pelo tempo com o desenvolvimento natural, como vamos vêr.

1.ª SECÇÃO

Desenvolvimento natural

A sciencia, a philosophia, a religião e a arte teem uma historia que nos ensina as suas variações e seus progressos; a linguagem porém, como os outros productos da natureza, só admitte o desenvolvimento. Assim como as faculdades do homem se desenvolvem n'elle sem consciencia nem reflexão, do mesmo modo se desenvolvem os elementos da palavra. Seja qual fôr a epocha d'uma lingua, que se estude, sempre esta apparece completa em suas qualidades essenciaes e caracteristicas, podendo apenas variar na perfeição, na riqueza dos vocabulos e na variedade de construcção; e quando succede alguma alteração radical no vocabulario, então fórma-se uma nova lingua.

Experimentemos mudar a menor regra grammatical de qualquer lingua, e veremos que é materialmente impossivel.

Vejamos esta doutrina na lingua franceza e ingleza.

Ha pouca differença apparentemente entre *beaucoup* e *fort*, como ha entre *much* e *very*; e comtudo uma palavra não póde substituir a outra.

Assim, diz-se: *je suis fort heureux* e não *je suis beaucoup heureux*, *cet enfant grandit beaucoup*, e não *cet enfant grandit fort*.

É possivel que a distincção entre *very*, que precede os adjectivos, e *much*, que se emprega com participios, desapparecesse com o tempo; e, de feito, *very pleased* e *very delighted* são expressões que já entram no falar commum de Inglaterra.

Observamos o mesmo facto entre os dialectos romanos—hespanhol e portuguez—com a palavra latina *magis* para formar os comparativos: — o hespanhol, diz—*mas dulce* e nós dizemos—*mais doce;* ao passo que o francez e o italiano admittem n'este caso—*plus;* o italiano *piu dolce* e o francez *plus doux.*

O desenvolvimento natural da linguagem resulta de duas operações, denominadas—*alteração phonetica* e *restauração dialectal.*

O primeiro processo tem a propriedade de corromper e destruir não só a fórma, senão tambem a propria natureza das palavras.

Póde-se comprehender o que a philologia intende ácerca do primeiro processo em vista d'um exemplo.

As pessoas conhecedoras do sanscrito não se recordavam de que *vins'ati* significava *duas vezes dez*, e que em francez a palavra *vingt* representa os restos das raizes de *deux* e *dix.*

Portanto, a linguagem entra em um periodo novo, logo que se deixa invadir pela *alteração phonetica;* extingue-se a vida das palavras ou porções de palavras em que esta corrupção imprime seus primeiros destroços. Alem d'isto, estas palavras ou porções de palavras já não podem ser consideradas senão como monumentos; não podem ser conservadas senão artificialmente ou pela tradicção, e, o que é importante não esquecer, fez-se uma distincção, desde esse momento, entre o que é substancia e radical, e o que é grammatical ou de pura fórma.

Para se poder tambem comprehender como o principio da *alteração phonetica* produz a formação das terminações grammaticaes, vejamos a desinencia *ment*, que se junta á maior parte dos adverbios francezes.

Esta terminação não existe em latim, onde ha expressões, como:—*forti mente.*

A evolução natural ou passagem do latim para o francez n'estas phrases fez com que a ultima palavra perdesse a sua individualidade independente e até a sua pronunciação distincta.

Embora em italiano a desinencia *mente* no adverbio *chiaramente* tenha perdido o caracter de palavra independente, não tem comtudo, até ao presente, soffrido a *alteração phonetica.*

Em hespanhol ainda se emprega como palavra independente, posto que não se possa dizer que este suffixo tenha conservado uma significação distincta, porque em vez de *claramente, concisamente y elegantemente,* diz-se *clara, concisa y elegantemente.*

Pelo exposto se vê que esta mudança não depende da vontade d'um individuo, nem do concurso ou do commum accordo d'um grande numero de homens, mas dos exforços dos grammaticos e das academias especiaes. Tambem vimos não só a primeira differença entre as mudanças operadas pelo tempo e o desenvolvimento natural, senão tambem que a força destruidora da corrupção phonetica destroe, ás vezes, todo o corpo d'uma palavra, deixando subsistir apenas restos desconhecidos.

A restauração ou *desenvolvimento dialectal* é uma natural tendencia da humanidade em conservar intacta e até crear novas formas e patuás d'uma linguagem primitiva. Não é preciso uma litteratura classica para dar a um dialecto a primasia sobre outros, e a seus caracteres particulares uma legitima influencia; porque os discursos pronunciados nas assembléas publicas, as balatas populares, as leis nacionaes e outros elementos de propagação produzem o mesmo effeito, posto que em menor grau.

Seja qual fôr a origem da linguagem dialectal, o que se sabe é que a sua primeira tendencia é para uma variedade illimitada. Todavia, contra esta tendencia, houve sempre um freio natural que preparou o desenvolvimento das linguas nacionaes e litterarias; visto que a lingua do pae tornou-se a d'uma familia, a lingua d'uma familia, tornou-se a d'uma tribu. Na mesma tribu as differentes familias conservavam entre si seu modo primitivo de falar e suas fórmas familiares; creavam novos termos, alguns dos quaes eram tão recentes, que o resto da familia apenas os podia comprehender. Esse falar primitivo e particular era exclui-

do naturalmente da linguagem usada nas grandes reuniões, como, entre nós, as locuções de nossas provincias não apparecem nas convivencias civilisadas.

As mesmas circumstancias, d'onde deriva a linguagem geral d'uma tribu emquanto differe dos dialectos familiares, produzem, n'uma mais vasta escala, as linguas de confederações, de tribus, de colonias, emfim, de nacionalidades inteiras.

Antes de haver uma lingua nacional, houve certos dialectos, patuás ou linguagens grosseiras nos districtos, nas cidades, nas aldeias, nas tribus, nas familias; e, apezar dos progressos das civilisações e da centralisação influirem para o seu anniquilamento e destruição, não teem podido conseguir a extincção da linguagem dialectal.

Ao que se chama commummente — historia da linguagem—parece que devia classificar-se de — desenvolvimento natural da linguagem,—ao qual se deve, em grande parte, o resultado das duas operações — *alteração phonetica e restauração ou desenvolvimento da linguagem.*

CAPITULO II

Elementos de grammatica comparada

Dá-se esta classificação á analyse scientifica dos elementos formativos da linguagem ou á comparação das partes do organismo de duas ou mais linguas.

A grammatica comparada abrange tres partes importantes, a saber: — a parte historica, a phonetica e a morphologica.

A primeira considera as partes do organismo das linguas debaixo do ponto de vista de seu desenvolvimento historico.

A segunda tracta das transformações dos sons das linguas, e procura achar, para cada momento dado da historia das linguas, o modo de ser anterior dos sons que n'ella se encontraram n'esse momento e assim successivamente até chegar ao som primitivo e original.

A terceira estuda os elementos constitutivos da linguagem na sua totalidade ou em parte, segundo a familia de linguas, e d'esses elementos é que se formam os vocabularios de todos os individuos d'essas familias.

A analyse scientifica de qualquer lingua consegue-se por meio do estudo comparativo de todas as formas diver-

sas, que teem revestido uma só e mesma desinencia em os numerosos dialectos d'uma familia de linguas.

As desinencias constituem uma parte essencialissima de qualquer lingua; porque são palavras mais ou menos contrahidas, reunidas ás raizes dos vocabulos para lhes modificar o valor ideologico. Sem o conhecimento e força de todas as desinencias, é impossivel conhecermos a recta significação dos vocabulos, ainda que se conheçam as raizes dos mesmos. Tanto as raizes como as desinencias são uma grande chave da sciencia etymologica.

Os dialectos de mais poderoso auxilio para a grammatica comparada da familia aryana são o sanscrito [1], o grego, o latim e o gothico; tambem fornecem muita luz os dialectos celticos ou esclavonicos sobre certas formas difficultosas que se podem encontrar n'aquellas quatro linguas.

Na passagem do latim para as linguas romanas observamos uma propensão geral para a simplificação e uma disposição natural para evitar o exforço, que exige a pronunciação de certas consoantes e ainda grupos consonantaes, conforme a organisação natural de cada povo.

Sendo a linguagem um meio de que se serve o homem para transmittir e patentear as idêas que lhe occor-

---

[1] A existencia da lingua e litteratura sanscritas eram conhecidas depois da primeira descoberta da India por Alexandre e seu exercito. O que se ignorava porém é que esta lingua, tal qual era falada no tempo de Alexandre e no tempo de Salomão e durante seculos antes d'elles, era apparentada intimamente com o grego e latim, e que tinha a mesma relação de affinidade que ha entre o francez, o italiano, o hespanhol e o portuguez.

A historia da philologia sanscrita data da fundação da Sociedade Asiatica em Calcuttá em 1784.

M. Wilkins, auctor d'uma das primeiras grammaticas sanscritas, com o titulo de *Origin and Progress of langage*, vol. 6.º pag. 97, publicada em 1792, diz o seguinte:

«O sanscrito existe entre os brahmanes da India, o qual é uma lingua mais rica e mais bella em todo o sentido do que o proprio grego de Homero. Todos os outros dialectos da India teem uma grande similhança com esta lingua, da qual se deriva o grego e o latim.

rem á mente, d'aqui se conclue que a linguagem não é senão a pintura d'essas idêas; porém, pintura feita para o ouvido e com sons articulados e significativos, como a pintura é para os olhos com côres proprias e combinadas. Portanto, a linguagem não póde deixar de participar do espirito, do genio e do pensar do povo que a fala, assim como este em todas as referidas causas depende, segundo a sciencia, da natureza da região que habita, das condições do terreno e das influencias physicas que actuam sobre a sua organisação.

De modo que, um povo, em cujo espirito brilha a alegria, a vivacidade, e cujas paixões inquietas actuam sobre o seu animo, tendo-o em agitação, não podendo soffrer demora nas idêas, tambem não poderá refrear a fórma de manifestar seus pensamentos; por isso, fala com rapidez e diminue e encurta as phrases e as palavras para com mais brevidade se fazer intender. Pelo contrario, o povo dotado d'um temperamento fleugmatico, que fôr triste, melancholico, pensador, este estado natural de seu animo, promovendo n'elle a successão pausada e lenta das idêas, actuará em sua intelligencia a expressão mais vagorosa, compassando as syllabas e alongando as palavras.

Póde-se provar claramente que o grego é derivado do sanscrito, antiga lingua do Egypto, a qual foi levada pelos egypcios para a India ao mesmo tempo que todas as suas artes, e para a Grecia pelas colonias que ahi estabeleceram.»

O mesmo auctor a paginas 322, 4.º vol. do *Ancient Metaphisics* diz:—«Ora, o grego não é certamente um dialecto do sanscrito, nem este d'aquelle. São pois dialectos d'uma mesma lingua, que é a do Egypto, levada para a India por Osiris, e do qual o grego é derivado.»

Demonstra essa derivação com certas fórmas comparadas e com o auxilio do criterio da grammatica comparada, citando varios exemplos, entre os quaes cita o verbo sanscrito *asmi*, eu sou, *asi*, tu és, *asti*, elle é, *santi*, elles são, que tem incontestavelmente a mesma origem que as fórmas correspondentes, *esmi*, *eis*, *esti*, em grego, e *sunt* em latim.

Parecem-nos incontestaveis estes principios syntheticos, para cuja demonstração apenas nos serviremos das linguas franceza e portugueza.

Na primeira, o espirito de vivacidade de que é dotado o povo francez, contribuiu para lhe encurtar a maior parte dos vocabulos, que, sendo egualmente todos latinos, perderam comtudo as fórmas sonoras que tinham sua origem, como: de *turris* fez *tour;* de *clavis, clef*; de *aurum, or;* de *ferrum, fer;* de *collum, col;* de *brachium, bras;* de *pellis, peau*; de *risus, ris*; de *fortis, fort;* de *flagellum, flèau;* e assim por deante.

O povo portuguez possue o genio mais tranquillo, mais grave e as idéas menos impetuosas do que os francezes e os hespanhoes, e portanto, herdando a lingua dos romanos, exprime o seu pensamento em phrases e periodos egualmente longos, e o seu vocabulario, obedecendo á lei da corrupção da linguagem, é imitante ao dos latinos, como daremos sobejas provas no decurso d'este trabalho.

Quando chamamos á lingua portugueza filha da latina, não queremos attribuir ao portuguez um novo principio de vida, visto que não creou nenhum radical novo para a sua linguagem; é do latim debaixo d'uma outra fórma, do latim moderno que devemos admittir a herança de nosso vocabulario. Quando se diz que uma lingua é filha d'outra, deve-se saber que não houve periodos no desenvolvimento d'uma lingua, cuja base é a mesma.

Para se intender bem esta doutrina, é mister saber o que é latim.

O latim classico é um dos numerosos dialectos falados pelos habitantes aryanos da Italia; era o dialecto de Lacio, este o dialecto de Roma, em Roma o dialecto dos patricios; foi a lingua d'uma classe limitada, d'um partido politico e d'uma eschola litteraria, tendo como chefes homens illustres, taes como:—*Livius*, *Andronicus*, *Ennius*, *Catão*, *Scipião*, e *Cicero*. Antes do polimento que lhe deram estes homens, a lingua de Roma devia ter experimentado mudanças consideraveis.

Portanto, debaixo d'este ponto de vista é evidente que

não se póde dizer que as linguas romanas são filhas do latim. Não é na litteratura classica dos romanos, mas nos dialectos populares da Italia, que é preciso procurar a origem das linguas romanas.

Vejamos agora praticamente, mas apenas como norma, a *alteração phonetica* d'algumas linguas.

Em presença da lei da corrupção, é permittido, por exemplo, dizer-se que o latim *pater* devia dar em francez *père;* porque um *t* latino entre duas vogaes, nas palavras como *pater*, é invariavelmente supprimido na lingua franceza. Do mesmo modo—*catena* formou—*chaine;* de *pratum* derivaram *prairie*. Dos participios latinos em *atus* fizeram *aimé*. A mesma lei, que mudou *pater* em *paere* e agora *père*, produziu egual phenomeno em *mère* derivado de *mater;* *frère* de *frater*.

O vocabulo *madame* é uma corrupção latina *mea domina*. *Domina* formou *domna*, *donna* e hoje *dame*. De *domina* formou-se o derivado *dominiciella*, d'onde provem o vocabulo *demoiselle*. *Senior*, que significava originariamente mais edoso, não era dado senão ás senhoras. *Senior* [1] mudou-se em *seigneur*, e d'aqui formou-se *sieur*.

J'aime formou-se de *ego amo*, *tu aimes* de *tu amas*, *il aime* de *ille amat;* esta terceira pessoa do singular era

---

[1] Ácerca das derivações de palavras até formarem um contrasenso entre a palavra e a coisa significada, escreveu o sabio presidente de Brosses, em seu *Tractado da Formação Mechanica das Linguas*, o seguinte com relação á palavra *senior*, que reproduzimos textualmente.

«Veut-on voir, jusqu'où peut aller l'abus de la derivation, à force d'etendre l'acception d'un même mot à des significations degradées de près en près? *Seigneur* pour chef, homme considérable vient du latin *senior*, c'est-à-dire, le plus vieux. Le terme était bien appliqué dans un siècle où l'âge decidait de la preeminence entre les hommes, où les plus vieux de la tribu, du canton, de la famille était le chef des autres; comme cela se pratique encore parmi les sauvages. On a pu raisonnablement aussi dans une république appeler *senat* et *senateurs*, le conseil des vieillards qui gouverne la nation :—Delecti

terminada na antiga lingua franceza por um *t*, que apparece ainda em *aime-t-il.*

O imperfeito e perfeito do indicativo francez correspondem aos mesmos tempos latinos; mas o futuro d'este modo não tem nenhuma analogia, isto é, entre *amabo* e *j'aimerai.*

Sabe-se que todas as linguas possuem identicas desinencias do futuro ás do presente do indicativo do verbo auxiliar *ter* ou *haver.*

Em francez, por exemplo, *j'ai*, *tu as*, *il a, nous avons*, *vous avez*, *ils ont,* teem as mesmas desinencias de *je parler-ai*, *tu parler-as*, *il parler-a*, *nous parler-ons*, *vous parler-ez*, *ils parler-ont.*

Em hespanhol ha a desinencia apparente de futuro, empregada como palavra independente, ainda não encorporada com o infinito,

Em hespanhol em logar de *lo hare*, eu o farei, existe a forma *hacer lo he*, isto é, *facere id habeo.*

É pois induvitavel que, originariamente, se formou o futuro hespanhol do futuro dos verbos romanos, reunindo ao infinito o verbo auxiliar *ter* ou *haver;* e a expressão verbal *j'ai à dire* ou *je dire ai* dá facilmente a idêa que os francezes exprimem actualmente por *je dirai.*

---

quibus corpus annis infirmum, ingenium sapientia validum, reipublicae consultabunt: hi ex aetate... apellabantur. (Sallus Catil.)

«Mais comme le mot *seigneur* designait le plus considérable du canton, on a nommé ainsi, sans egard à l'âge. le possesseur d'une terre, d'un chateau, d'une paroisse. Et, comme les grands proprietaires des fonds sont communement à la cour près de la personne du souverain, on a nommé les gens de cour et de haute naissance *les seigneurs*. De là viennent ces locutions familières parmi nous, *nos jeunes seigneurs*: *un jeune seigneur*, c'est-à-dire, *un jeune vieillard.*

«On n'est pas choqué d'une si ridicule façon de parler, parce que la traduction du mot a laissé perdre de vue son originaire et son vrai sens. Mais qui ne rirait de les voir tous deux accolés dans la même langue et d'entendre dire en latin—*juvenis senior?*»

Qualquer que não se tenha entregado aos estudos de philologia franceza, póde considerar as terminações dos futuros d'esta lingua como fórmas puramente grammaticaes, e portanto não lhes procura a identificação com o presente do indicativo de *avoir*.

Nos futuros dos verbos portuguezes ha egual principio philologico; comtudo não demonstramos essa doutrina e comprovamos com alguns exemplos n'este logar, visto que apparece essa questão em outra parte d'este nosso trabalho. (vid. cap. xxx)

Os romanos não suspeitavam que *amabo* fosse uma palavra composta, e por consequencia este tempo era formado com um verbo auxiliar, como o futuro francez.

O futuro latino succumbiu aos destroços da *alteração phonetica*. Quando as lettras finaes perderam sua pronunciação distincta, foi preciso não confundir o imperfeito *amabam* com o futuro *amabo*. N'este caso, a *restauração dialectal* forneceu então um futuro novo; de feito, *habeo* encontrava-se alguma vezes em latim, unido a um infinito, como: *habeo dicere*, e esta adjuncção tomou insensivelmente a forma do futuro.

Para se poder averiguar no dominio da philologia a classificação mais perfeita dos differentes ramos linguisticos, é preciso restabelecermos, quanto podermos, a arvore genealogica das differentes linguas; e para se poder averiguar a origem commum de muitas linguas, é só por meio do criterio da grammatica comparada, isto é, a comparação das formas grammaticaes das linguas congeneres, que obedecem a certas leis reguladoras sobre as permutações phoneticas das lettras.

Se, por exemplo, tivermos duvida ácerca da origem da palavra franceza *feu*, conhecidas as linguas congeneres d'este idioma, devemos recorrer ao italiano *fuoco* para se concluir que estas duas palavras—*fuoco* e *feu*, embora distinctas na forma, derivam do latim *focus*.

Mas, se em logar de seguirmos o principio historico da genealogia das linguas, recorressemos, seduzidos pela etymologia apparente, ao allemão *feuer*, errariamos o ca-

minho; porque a palavra allemã *feuer*, posto que se pareça mais com *feu* francez do que com o italiano *fuoco*, nunca poderia dar o vocabulo *feu*, em vista de que o allemão não tem um parentesco tão intimo com o francez como possue o italiano.

Da mesma forma podemos determinar a etymologia da preposição franceza *hors*, que corresponde ao italiano *fuora* e ao hespanhol *fuera*.. Egualmente *formaggio* italiano deu *fromage* em francez; *formaggio* é derivado de *forma*, porque o queijo na Italia, como em toda a parte, é feito n'uma *fôrma* ou molde, onde se endurece o leite. *Faible* é evidentemente derivado do latim, mas é necessario ver o italiano *fievole* para nos recordarmos do latim *flebilis*. *Payer*, d'onde os inglezes fizeram *to pay*, diz-se em italiano *pagare* e em hespanhol *pagar*. Ora, pagar faz-nos recordar o latim *pacare*, isto é, *pacem facere debitum solvendo*; e por isso dizemos em portuguez no acto de se pagar uma divida — *estamos em paz ou ficamos em paz*.

Tambem conforme a lei de corrupção na passagem do latim para o portuguez, o *d* e *g* latinos são lettras que se supprimem no meio das palavras, e portanto, os vocubulos *modius, radix, sedes* deviam dar em portuguez—*moio, raiz, sé*;—que *ego*, *corrigia*, e *regina* deviam produzir as formas —*eu*, *corrêa*, e *rainha*.

Sabe-se que o *l* em latim muda em *r* para portuguez, conseguintemente *blandus* devia dar *brando*, *duplare*, *dobrar* e assim outros. *Bem*, que antigamente se escrevia com mais indicios etymologicos do seguinte modo: *ben*, ainda que pareça descender do *bien* dos francezes e não do *bonum* dos latinos, todavia está mais proximo do *bene* dos romanos do que do *bien* francez. O verbo *leixar* do antigo portuguez parece-se com o verbo francez *laisser*, bem como parece descender do italiano *lasciare*; mas todos estes verbos teem origem na palavra latina barbara *lassare*, formada de *laxum agere*, cuja significação á lettra é — *fazer laxo*, *affrouxar* que na baixa latinidade equivalia a — *demittere sinere*.

Rematemos com alguns exemplos sobre a lingua ingle-

za, não por identificação etymologica com a familia das linguas romanas, mas por ter cabimento no campo da grammatica comparada.

I love denota que *eu amo* n'este momento, emquanto que *I loved* exprime que este sentimento já não existe no sugeito grammatical. Para sabermos como um simples *d* final tem a propriedade de exprimir a passagem do amor para a indifferença, temos de procurar, antes de tudo, a forma mais antiga de *I loved*, a forma verdadeiramente primitiva do preterito inglez.

O conhecimento superficial da historia da lingua ingleza ensina-nos a conhecer que a grammatica ingleza tem soffrido diversas modificações. De modo que, o inglez moderno não é o inglez do periodo intermediario, e d'este periodo descemos naturalmente ao inglez do primeiro periodo (1130-1230); d'esta era descemos ainda ao meio saxão, que tinha sido precedido pelo anglo-saxonio. É manifesto que, se devemos descobrir a significação primaria da syllaba que muda *I love* em *I loved*, será examinando a forma original d'esta syllaba, presentemente contrahida, com alguma epocha em que a encontremos.

Visto que a lingua ingleza deriva do anglo-saxonio, e este é intimamente apparentado com o saxonio do continente e com o gothico, devemos recorrer immediatamente ao preterito gothico para ahi procurarmos quaesquer vestigios, que nos indiquem a origem do que pretendemos.

Sabe-se que ha em gothico o verbo *nasjan*, que significa *sustentar*, cuja primeira pessoa do preterito do indicativo é *nas-i-da*, e o preterito do conjunctivo é *nas-i-dêdjau*. Em anglo-saxonio estes dois tempos foram reduzidos a *nerë-de*, tanto na primeira pessoa do preterito do indicativo, como do conjunctivo.

Examinemos agora a primeira pessoa do preterito do indicativo do verbo auxiliar *to do* em anglo-saxonio, que é *dide*.

Em vista pois d'estas similhanças de formas entre o gothico e o anglo-saxonio, é evidente que o *d* do preterito, que muda *I love* em *I loved*, seja derivado do verbo auxiliar *to do*.

Portanto, *I loved* equivale a *I love did* ou *I did love.*

Seguindo este methodo, poderemos conhecer os principios etymologicos e ideologices de qualquer vocabulario, como conhecemos a razão da significação da palavra ingleza *lord*; porque, conforme os principios estabelecidos, vamos descobrir n'este vocabulo a forma e significação originaes do vocabulo em anglo-saxonio—*hlâf-ord*, que significa origem de pão, palavra composta de *hlâf*, pão, e *lord* logar.

Se, finalmente, ainda nos fosse duvidosa a origem que applicamos a essas palavras, procurando-lhes a etymologia no gothico, devemos indagar se ha dialectos que estejam em tanta relação genealogica com a lingua ingleza, como estão o italiano, o hespanhol, o francez e o portuguez com o latim.

CAPITULO III

Passagem do latim para portuguez

As formas distinctas do vocabulario portuguez, em geral, obedeceram a uma lei de corrupção na passagem do latim para portuguez. Para se formar uma idéa da formação do vocabulario de nossa lingua, é mister observar não só a decadencia e corrupção do latim, senão tambem o modo por que se effeituou esse phenomeno.

Uma das causas da corrupção dos vocabulos latinos, é, decerto, a troca uniforme d'umas em outras lettras, de que poderiamos apontar innumeraveis exemplos; mas servirão de norma os seguintes:—*aptus* muda o *a* em *e* em *ineptus*; *annus* em *perennis*; *ratus* muda o *a* em *i* em *irritus*; *amicus* em *inimicus*; o verbo *salio*, *is* faz egual mudança no composto *subsilio*, *is*; *cado*, *is* muda no composto em *incido*, *is* e assim por deante.

Na maior parte das palavras, raizes e suffixos latinos conservados em portuguez, observamos o facto, que constitue um principio de *alteração phonetica*, e vem a ser—*mutação vocalica* e *consonantal*. Ha muitos casos porém em que conservamos intactos os sons do latim. Essa altera-

ção depende da tendencia natural de qualquer povo, que fala uma lingua, em manifestar o menor exforço na pronunciação das palavras.

As alterações vocalicas e consonantaes, na passagem do latim para portuguez, podem reduzir-se a cinco regras geraes:—1.ª Immutabilidade de lettras iniciaes, mediaes e finaes; 2.ª Substituição de sons geralmente dos fortes pelos brandos; 3.ª Desapparecimento total de sons; 4.ª Transmutação consonantal operada em lettras, que pertencem aos mesmos orgãos vocaes; 5.ª Transmutação entre consoantes, que pertencem a orgãos differentes.

Dividindo pois o estudo da lei da corrupção em duas ordens, que vamos apresentar, poder-se-hão reconhecer n'elle os phenomenos e os diversos accidentes que operaram a formação de nossa linguagem.

Na primeira ordem estudamos a troca de lettras similhantes ou a transmutação d'uma em outras inflexões dos mesmos orgãos vocaes. Na segunda observaremos a transmutação de muitos modos diversos, acompanhada d'alguns exemplos para estudo.

Em vista d'essas duas divisões, pode-se vir a descobrir grande numero de etymologias do vocabulario portuguez.

ARTIGO PRIMEIRO

Alterações phoneticas de primeira ordem

As modificações das vogaes accentuadas, na passagem do latim para a nossa lingua, nunca são supprimidas nem mudam de logar, e quando não conservam a sua qualidade, transmutam-se conforme as regras mais ou menos geraes. Mas as vogaes não accentuadas estão subordinadas á

transmutação d'umas pelas outras, trocando-se quasi todas entre si.

O *a* accentuado conserva-se inalteravel, sejam quaes forem as modificações que as outras vogaes experimentem em sua derivação do latim.

A vogal accentuada ou permanece ou se permuta por outra vogal mais proxima no som.

O *a* chama a si uma vogal da syllaba mais proxima, e d'esta reunião resulta um diphthongo, como: *area*, eira, *apium*, aipo, *januarius*, janeiro, *primarius*, primeiro. Este facto observa-se quasi sempre com o *e* e *i*.

O *a* accentuado mudou-se em *e* nas palavras: *alegre* de *alacris*, *abentesma* de *phantasma*, pela transformação do *a* no som da vogal mais proxima.

1.ª SECÇÃO

Mudança dos diphthongos e vogaes

As vogaes e os diphthongos, que geralmente se transmutam do latim para portuguez, são:

1.ª *au* em *ou*, como: *autumnus*, outomno, *aurum*, ouro, *audire*, ouvir, *taurus*, touro, etc. Excepções:

a) N'alguns casos muda-se *au* em *o* e em *a*, como: *faux*, foz, *pauper*, pobre;—*augustus*, agosto, *augurium*, agouro.

b) Ha outros em que apparece *au* em palavras portuguezas, exemplo: *cauda*, cauda, *fauces*, fauces, *fraude*, ablativo de *fraus*, fraude, *causa*, causa.

2.ª *æ œ* mudam-se em *e*, como: *aera*, era, *caecus*, cego, *quaero*, quero, *taedium*, tedio;—*foenum*, feno, *poena*, pena, *coelum*, ceo, etc.

3.ª *e* longo latino mudou-se em *ei* ex: *arena*, areia, *candela*, candeia, *plenus*, cheio, *frenum*, freio, etc.

4.ª *i* em *e*, como: *capillus*, cabello, *crispus*, crespo, *cista*, cesta, *littera*, lettra, etc.

Excepção.

Conserva-se o *i* n'alguns casos, sobretudo em polysylabos, v. gr. *arbitrium*, arbitrio, *beneficium*, beneficio, *familia*, familia, *maritimus*, maritimo.

5.ª *u* em *o*, como: *bucca*, bocca, *fornus*, forno, *lupus*, lobo, *musca*, mosca, etc.

Excepção.

Ha casos em que se conserva o *u* em portuguez, v. gr. *surdus*, surdo, *ursus*, urso, *columna*, columna, *fundus*, fundo.

6.ª *y* grego era pronunciado como o *u* francez, isto é, tinha um som intermediario entre o nosso *i* e *u*; som que não era extranho á lingua latina. Nas palavras de origem grega, que possuimos em portuguez, o *y* encontra-se representado em muitos casos, como *i* ex:—*cycnus*, cisne, *gyrum*, giro, *myrrha*, mirra, *lyra*, lira.

Tem-se como excepção principal a mudança do *y* em *u*, ex: *crypta*, gruta, *myrtus*, murta.

As outras mudanças excepcionaes das vogaes podem-se reduzir aos seguintes exemplos:

a) *a* em *e*, como: *anguilla*, enguia, *Tagus*, Tejo.

b) *a* em *o*, como: *fames*, fome, *pallor*, bollor.

c) *e* em *a*, como: *ebenus*, ebano, *jentaculum*, jantar.

d) *e* em *i*, como: *denarius*, dinheiro, *pergamenum*, pergaminho.

e) *i* em *a*, como: *cubitus*, covado, *pampinus*, pampano.

f) *o* em *a*, como: *locusta*, lagosta, *novacula*, navalha.

g) *o* em *u*, como: *cooperio*, cubro, *perconter*, pergunto.

h) *i* em *e*, como: *pigritia*, preguiça, *gingiva*, gengiva.

Vejamos agora as vogaes não accentuadas atraz da syllaba accentuada, nos seguintes casos:

1.º Conservação da vogal, como: *aperire*, abrir, *evangelium*, evangelho, *inimicus*, inimigo, *olivaria*, oliveira.

2.º Suppressão da vogal:

a) vogal não protegida por consoante, como: *acumen*, cume, *attonitus*, tonto, *episcopus*, bispo, *insania*, sanha, *horologium*, ou *orologium*, relogio.

b) vogal entre consoantes, como: *carina*, crena, *quiritare*, gritar, *theriaca*, triaga, *beryllare*, brilhar.

3.º Syncope da vogal immediata á syllaba accentuada, v. gr: *opera*, obra, *eremus*, ermo, *manica*, manga, *comite*, conde.

Observação. Em latim era commum a suppressão de vogaes immediatas ás syllabas accentuadas, como: *caldus* =calidus, *lamina*=lamna, *valide*=valde, *spectaculum*= spectaclum etc.

As vogaes accentuadas não obedecem á syncope; a qualidade d'algumas depende da quantidade. Toda a alteração em sua qualidade está subordinada a uma escala natural. Assim, *a* muda em *e*, *e* em *i*, *i* em *e*, *o* em *u*, *u* em *o*; outras mudanças porem são complectamente excepcionaes.

A lingua portugueza possue os seguintes diphthongos de especies diversas, conforme sua origem, como: *sapuit*, soube, *rabies*, raiva, *habuit*, houve, *actus*, auto, *october*, outubro, *octo*, oito, *lactis*, leite, *sto*, estou, *sum*, sou, *frenum*, freio, *avena*, aveia.

2.ª SECÇÃO

Mudança das consoantes

As consoantes, que, geralmente, se transmutam em outros, podem-se reduzir aos seguintes casos:

a) O *c* muda-se em *g*, como: *amicus*, amigo, *acutus*, agudo, *camella*, gamella, *decollare*, degollar.

b) O *c* em *z*, ex: *acetum*, azedo, *buccinum*, buzio, *december*, dezembro, *jacere*, jazer.

c) O *l* em *lh*, v. gr: *auricula*, orelha, *alienus*, alheio, *alium*, alho, *oculus*, olho.

d) O *n* em *nh*, ex: *aranea*, aranha, *calcaneum*, calcanhar, *farina*, farinha, *linea*, linha.

e) O *p* em *b*, como: *aprilis*, abril, *capra*, cabra, *duplare*, dobrar, *sapere*, saber.

f) O *t* em *d*, ex: *aratrum*, arado, *amatus*, amado, *auditus*, ouvido, *catella*, cadella.

g) O *t* precedido de *c* ou *p* muda-se, em regra, em *it*, como: *factus*, feito, *lactus*, leite, *pectus*, peito *strictus*, estreito;—*conceptus*, conceito, *respectus*, respeito, *recepta*, receita, *preceptus*, preceito.

As consoantes, que se transformam, excepcionalmente, em outras, são as seguintes:

1.ª O *b* em *v*, como: *albus*, alvo, *arbor*, arvore. 2.ª O *c* em *p*, como: *cardeus*, pardo, *sacellum*, capella. 3.ª O *c* em *q*, como: *crepare*, quebrar, *caseus*, queijo. 4.ª O *cl* em *ch*, como: *clamare*, chamar, *clavis*, chave. 5.ª O *d* em *j*, como: *desiderare*, desejar, *invidia*, inveja. 6.ª O *d* em *z*, como: *gaudere*, gozar *tendere*, tozar. 7.ª O *f* em *v* e em *b*, como: *aurifex*, ourives, *profectus*, proveito; *furamen*, buraco, *fremere*, bramir. 8.ª O *fl* em *ch* e *pr*, como: *flammigare*, chammejar, *inflare*, inchar;—*sufflare*, soprar, 9.ª O *g* em *z*, como: *frangere*, franzir, *heregia*, herezia. 10.ª O *gn*, em *nh*, ex: *agnus*, anho, *pugnus*, punho. 11.ª O *l* em *r*, como: *clavus*, cravo, *duplum*, dobro. 12.ª O *p* em *v*, ex: *populus*, povo, *papilio*, pavilhão. 13.ª O *pl* em *ch*, v. gr: *plorare*, chorar, *pluvia*, chuva. 14.ª O *q* em *c* e em *g*, ex: *torquere*, torcer, *squama*, escama;—*aqua*, agua, *antiqus*, antigo. 15.ª O *s* em *j* e em *x*, ex: *cervisium*, cerveja, *ecclesia*, egreja;—*vesica*, bexiga. 16.ª O *sc* em *x*, como: *miscere*, mexer, *fascis*, feixe. 17.ª O *t* em *c* e em z, ex: *captare*, caçar, *puteum*, poço;—*claritas*, clareza, *paupertas*, pobreza. 18.ª O *v* em *b* e em *f*, v. gr: *vagina*, bainha, *vallus*, baia, *vitta*, fitta.

3.ª SECÇÃO

Suppressão das consoantes

São quatro as consoantes que, em geral, se omittem na transição do latim para portuguez, a saber: *d*, *g*, *l* e *n*. Exemplos: *sudor*, suor, *medium*, meio, *gradus*, grau, *modium*, moio, *judicium*, juizo; — *frigus*, frio, *magis*, mais, *navigium*, navio, *rugitus*, ruido; — *tabula*, tabua, *palus*, pao, *salutare*, saudar, *macula*, magua; — *ansa*, asa, *geminus*, gemeo, *luna*, lua, *tenor*, teor.

Pondo agora em practica estes principios de alteração phonetica, reconhecemos que a maior parte de nosso vocabulario ficou tendo uma base sobre que deve assentar a orthographia etymologica da linguagem, de que falaremos na quarta parte d'este trabalho, por não ser aqui logar competente.

ARTIGO SEGUNDO

Alterações phoneticas de segunda ordem

A lei da corrupção abrange ainda esta ultima parte, que comprehende a formação do vocabulario portuguez, operada de differentes modos, como vamos ver nas secções e exemplos seguintes, que habilitarão os estudiosos a seguir o campo do estudo etymologico.

1.ª SECÇÃO

Mudança de lettras eguaes

O verbo latino *attingere*, que significa *alcançar*, *conseguir*, *attingir*, *tocar levemente*, produziu o verbo *atanger* antiquado; d'este formou-se *achegar* e *chegar*; e a suppressão do *g* em *chegar*, formou o verbo *achar*, o que equivale á significação primitiva de *attingere*. Do latim barbaro *pedellus*, official subalterno de justiça, formaram-se as palavras *bedelho* e *fedelho*. *Jocularis*, truão, faceto, que provoca o riso, deu a palavra *chocarreiro*. *Insertar*, inserir, pôr dentro, produziu *enxertar*. *Calopare*, que parece ser corrupção de *caballicare*, palavra do latim barbaro que significa *cavalgar*, produziu *galopar*. *Hortulanus*, deu *hortelão*. *Luchetum* produziu *loquete* ou *aloquete*. *Micula*, migalhinha, deu *migalha*. *Percontari*, investigar, inquirir, procurar, deu *perguntar*. *Recaptare* produziu primitivamente *recadar* e hoje *arrecadar*. *Votum*, voto, isto é, dadiva que se offerece por voto, deu *vodo*, d'onde se deriva *voda* ou *boda*, como presentemente se usa. Assim o certifica Fr. Luiz de Sousa na *Hist. de S. Domingos*. «Solemnisava o dia com uma meza franca a todos os que a querem. Chamam a isto *vodo* ou por motivo de se fazer por voto, ou por que em *voda* se parte com todos liberal e abundantemente.»

2.ª SECÇÃO

Mudanças de lettras deseguaes

Arbitrium deu *alvedrio* e *alvitre*. *Brutitas* produziu *bruteza*. *Capitale* deu *cabeçal* e *cabeçudo*. *Plancus*, o que tem os pés espalmados, deu *chanca*. *Planelli* formou *chinellos*. *Tomice* deu *somiço*, termo bastante raro em diccionarios, e significa corda de linho canamo, de esparto, ou de qualquer materia de que se fazem cordas. *Excidere*, formado de *cadere*, e da prep. *ex*, produziu o verbo antigo *escaecer*, cuja fórma denotava mais vestigios etymologicos do que o actual *esquecer*. *Lenitas*, brandura, moderação para o tacto, produziu *lhaneza*. *Macula* deu *mazela*. *Raucitate* ou *raucedo*, do latim barbaro, formou *rouquidão*. *Surgere* deu *surgir* e *surtir*. *Trahere* deu *trazer*. *Tractus* formou *trecho*. *Cymbalum*, cymbalo, pandeiro ou outro instrumento similhante de que se usava nas festas de Cybeles, produziu *tymbal*.

3.ª SECÇÃO

Omissão de lettras ou de syllabas

Allucinare, composto de *ad* e *lucinare* formou *alluoinar*. *Angelus* formou o termo antigo *angeo* e hoje *anjo*. *Eramen* ou *aeramen*, que os antigos classicos, como Amador Arraes, escrevíam com mais rigor etymologico- *erame*

deu *arame*. *Arrestare*, contracção de *ad rem stare*, produziu *arrestar*. *Aptare* deu *azar*. *Bacinus* produziu *bacio*. *Episcopus* deu *bispo*. *Calles augusta*, rua estreita, produziu *cangosta*, e muitos dizem erradamente *congosta*. *Capillus* deu *chapeo*. *Cooperire* formou *cobrir*. *Cavea* deu *cova*. *Dehonestare*, injuriar com palavras, deu *doestar* e o substantivo *doesto*. *Dominus* senhor, deu *domno*, *dono* e *dom*, esta ultima corrupção representa-se só com o *d*, supprimindo-se-lhe a syllaba *om*. *Domina*, senhora, deu *domna*, *dona* e *dama* [1]. *Elle rex*, produziu *el-rei*. *Antenatus*, que significa nascido antes do matrimonio, produziu *anteado* no portuguez antigo e actualmente *enteado*. *Experimentum*, prova, experiencia, deu *escarmento* e o verbo *escarmentar*. *Fabulari* deu *falar*, vocabulo que se escreve erradamente com a duplicação consonantal *l* (fallar). *Finitus*, produziu *finto*, antiquado, e depois o actual *findo*, que é mais portuguez. *Fili gregis*, filhos do rebanho ou parochianos deu *filigresis*, de que usou Pedro Ribeiro em suas *Dissert. Chron*- e depois *freguezes*. *Fulvus* formou *fulo*. *Caveola*, dim. de *cavea*, deu *cavea* antiquado e hoje *gaiola*. *Grege* deu *grei*. *Harpago* produziu *harpeo*. *Insulsus* deu *insosso*. *Lupus ex homine* produziu *lobis-homem*. *Germanus* deu *irmão* e *mano*. *Medulla* deu *meollo*, que se escreve geralmente *miolo*, *Maiordomus* deu *mordomo*. *Monasterium* deu *mosteiro*, actualmente, e d'antes era *moesteiro*. *Pagellus* deu *paer* antiquado e *paiz* modernamente. *Palancae* formou *panca*, *pancada*, *pancadaria espancar*, etc. *Perparvus*, ou *perparvulus*, muito pequenino, deu *papalvo*. *Horologium* formou *relogio*. *Rispidus* deu *rijo*. *Lusciniola*, dim. de *lusci-*

---

[1] A respeito da origem da palavra *donas*, escreve *Fr. Luiz de Sousa*, *Hist. de S. Domingos*, o seguinte:

«O nome de *donas*, reduzido á sua verdadeira significação, tem seu principio no latim *dominas*, que é o mesmo que senhoras: com o qual geralmente eram tractadas as mulheres moças e donzellas, e mais em especial as nobres entre os romanos mais cortezãos.

nia, produziu *rousinol* antigo, *rouxinol* actual. *Situla* deu *selha*. *Tigula* deu *telha*. *Verecundia* deu *vergonha*.

4.ª SECÇÃO

Transposição de lettras ou de syllabas

In calcem produziu *alcance*, *alcançar*, e *encalço*, *encalçar*, antiquados. *Barcarius* deu *barqueiro*. *Basium* formou *beijo*, *osculo*. *Viriculum* deu *buril*. *Thalamus*, leito ou alcova, produziu *camara*, e por apocope formou-se *cama*. *Tympaniolum* deu *campainha*. *Collarium* deu *colleira*. *Nausea* formou *enojo* e *enjôo* por transposição de lettras. *Eleemosyna* deu *esmola*. *Fenestra* deu *freesta* moderno, e *fresta* antiquado. *Litania* deu *ladainha*. *Leuca* formou *legua*. *Pigritia* deu *preguiça*. *Pertica* produziu *pritiga* e o verbo *empertigar*. *Ravidosus* deu *raivoso*. *Tenebras* deu *trevas*. *Turba* formou *tropa*. *Scaphula* deu *xalupa*.

5.ª SECÇÃO

Augmento de lettras ou de syllabas

Pecuaria formou *abegoria*. *Consiliare* deu *aconselhar*. *Apparare* produziu *apparelhar*. *Vellicare* formou *belliscar*. *Cute* deu *codea*. *Bellicare* deu *empellicar*. *Bulla* deu *empolla*. *Scala* formou *scala* antiquado, em logar de *escada* moderno. *Stella* deu *estrella*. *Gula* formou *guela*. *Janua*

deu *janela*. *Metaxa* formou *madeixa*. *Esmare*, calcular, julgar, produziu *scismar*. *Umbra* deu *sombra*. *Submitto* produziu *sommittigo*, que, em geral, se pronuncia erradamente *sommittico*. *Viola* formou *violeta*.

6.ª SECÇÃO

Augmento e diminuição de lettras ou de syllabas

Calescere produziu *aquecer*. *Radicare* deu *arreigar*. *Sedente* formou *assento*. *Cathedra*, como ainda escreviam os antigos classicos, entre outros Heitor Pinto, e d'onde se formou *cathedral*, produziu *cadeira*. *Scimpodium* deu *canapè*. *Adamante* deu *diamante*. *Escaria*, o que pertence á comida, formou *eguarias*, que, em geral, se escreve *iguarias*. *Examplare* produziu *escanchar*, d'onde se formou *escarranchar*. *Spatula* deu *espadua*. *Flegma* deu *fleugma*. *Lux quae fugit* deu a phrase luz-que-fusque. *Singultus* formou *soluço*. *Subtana* deu *sotaina*. *Senex equus*, cavallo velho, formou *sendeiro*.

Parecem-nos sufficientes os exemplos que acabamos de expôr, pelos quaes se demonstram os differentes modos de corrupção na passagem do latim para portuguez.

CAPITULO IV

Significação do vocabulario conhecida pela etymologia

É doutrina corrente que não se póde saber uma linguagem, ignorando-se a propriedade das palavras, e esta não se póde conseguir sem um estudo etymologico.

Pondo de parte a significação das fórmas de flexão que são tractadas na syntaxe, e tambem a dos elementos formativos das palavras, a sciencia da linguagem deveria ter formado um systema de principios de variabilidade de significação.

A theoria pois de significação deveria ter por fim mostrar de que modo especial as significações das palavras se desenvolveram n'estas, fim evidente do maximo interesse.

Emquanto, porém, faltar essa base á etymologia scientifica, devemo'-nos soccorrer unicamente do criterio ideologico, do encadeamento historico, das analogias e parallelos para o estudo das filiações dos variados sentidos das palavras.

Examinemos alguns exemplos.

A significação da palavra *ballão*, entre nós, tem uma origem notavel.

A fórma da palavra é identica ao termo francez *ballon*, que significa machina-aerostatica; antes de inventados os aerostatos significava, etymologicamente, uma balla grande ou bolla, d'onde adquiriu a significação de aerostato; depois passou a designar um vaso de vidro de fórma espherica com um ou mais gargalos de fórma cylindrica, empregado nos laboratorios; em summa, serviu para designar, entre nós, as saias de mulher alargadas com arcos d'aço; mas a natureza da palavra *bullão* em portuguez ou *ballon* em francez está no latim *ampŭla*, que significa *ambula* ou um pequeno vaso de vidro ou de metal, com gargalo estreito e bojo largo e redondo no fundo.

A palavra *bitacula*, que, como termo nautico, significa um armario em que está collocado em suspensão a bussola, o compasso de rota etc., é empregada, entre nós, tambem como um termo familiar. Assim, diz-se *vou* ou *fui-lhe ás bitaculas*, equivalendo ao sentido *vou* ou *fui-lhe-lhe á cara*.

Ora, quem ignorar a origem da palavra *bitacula* tem difficuldade em conhecer o verdadeiro sentido da phrase familiar. O francez tem *habitacle*, o italiano *abitacolo*, o hespanhol *habitaculo;* a forma portugueza e as das linguas congeneres derivam da origem latina *habitaculum*, que significa *habitação*, morada etc., e d'este sentido primitivo é que se formou, por extensão de linguagem, a mencionada phrase familiar.

Quassata, participio feminino do verbo latino *quasso*, *as*, que significa *mover*, *abalar*, *frequentemente*, formou em portuguez a palavra *queixada*: tirado o nome da propriedade essencial da coisa significada.

Conhecida a significação do verbo *cadere* e da preposição *ex*, de cuja composição se formou o antigo verbo portuguez *escaecer*, avizinhando-se da forma primitiva *excadere*, e actualmente *esquecer*, é facil saber o sentido da phrase portugueza: *cahir* ou *escapar* da *memoria*, equivalente á significação do verbo latino.

Lautus, part. de *lavo*, *are*, que significa *lavar*, produziu o vocabulo *lauto*, como na phrase seguinte—*um lau-*

to jantar, equivalente a *esplendido jantar*; mas, ignorando-se a significação primitiva de *lautus*, não é facil conhecer-se o sentido da phrase vernacula, por exemplo: *Vejam como elle vem lauto!*—querendo-se dizer, por extensão de linguagem, d'aquelle que apparece com um *vestuario luzido, aceado, magnifico*. Do mesmo modo, *louçania*, derivado o vocabulo de *lautitia*, aceio, limpeza nos vestidos, equivalente a brilho e esplendor, como empregou D. Francisco de Mello, *Apologos Dialogaes*: «Vêde agora se foi castigo ou mercê antecéder a morte á velhice, ou se seria melhor enganar a gente com a *louçania* da mocidade até entregar nas mãos do fim duro, pezado e incerto.»

A phrase vulgar—*mandar bugiar* é uma extensão de linguagem derivada do vocabulo *bugiar* de *buccinare*, tocar buzina, trombeta ou flautear, equivalendo a despedir-se alguem, dizendo-lhe com desprezo—*vá tocar buzina ou vá assobiar*.

Do latim *siccus* formou-se o termo *exiguus* e *exiguo*, em portuguez, que, tanto em uma como em outra lingua, significa *mediocre*, *pequeno*, *pouco*, etc.; e do latim *exiguus* derivamos a palavra *chico*, termo familiar, equivalente á significação de *pequeno*.

A significação da palavra *colmêa* e em castelhano *colmena*, derivados estes vocabulos de *culmine*, ablativo de *culmen*, teve origem no sentido primitivo de *culmine*, tecto de casa ou telhado que se fazia de palha; pois é de crer que nos primeiros tempos o mel fosse fabricado pelas abelhas n'esse logar, visto não existir o invento dos cortiços.

Rematemos como mais dois exemplos apresentados pelo venerando philologo, *Leoni. Gen. Ling. Portug.* O primeiro é ácerca da etymologia do nome *sul*; e o segundo com referencia ás palavras *aguisar* e *guisar*.

Para as nações septentrionaes, diz elle, as partes do globo, que ficam na zona torrida são propriamente aquellas, cuja direcção tem o nome de *sul*, isto é, *sub sole*. Foi assim que Horacio designou o interior d'Africa, que então era supposto inhabitavel. Pone sub curru nimium propinqui solis, in terra domibus negata Liv. 1.° Od. 22. Em nossos

primeiros auctores vulgares achamos tambem tomado o *sol* pelo *sul*. Assim, André de Resende, *Historia de Evora*, chama porta do *sol* a que tem a Sé de Lisboa contra o *sul*. Gil Vicente, falando da Serra de Cintra e das barrocas, que lhe ficam ao *sul*, diz que estão da parte do *sol*. Convencenos, por outra parte, o ser o *sol* o poncto physico que necessariamente devia servir ás nações septentrionaes para lhes indicar a direcção meridional; assim como é o mesmo astro que lhes serve para designar o oriente e o occidente, isto é, os ponctos onde o sol nasce e onde se põe.

Para as mesmas nações septentrionaes era Africa que egualmente lhes podia servir para denotar a direcção, que hoje denominamos *sul*. E, com effeito, frequentemente vemos o nome d'esta parte da terra servir para designar o referido poncto cardeal, sendo nos auctores latinos *africus* o mesmo que *vento sul*, por vir da parte da Africa.

O nome *astro*, com que tambem se designa a parte meridional, não é mais do que uma corrupção de *astro*, sendo este, por excellencia, o sol.

Aguisar que se contrahiu em *guisar*, é formado de *aves agere*, de que na baixa latinidade se fez *avisare*, isto é, *predizerem* ou *prognosticarem* as aves, avisando e advertindo do que está para acontecer; porque era do vôo das aves que se tiravam agouros e se buscavam os conhecimentos do futuro nos seculos das trevas e barbaria. D'aqui a idêa de *avisar* e tambem *preparar* e *dispôr*, que tem o verbo *aguisar* ou *guisar*... Do verbo *guisar* se fez depois o substantivo *guisa* com a significação de *aviso*, *conselho*, e tambem com a de *promptidão;* por estarem promptos sempre os que n'ella serviam, e como *avisados* para a primeira occasião. Viterbo tracta d'esta Ordem de Cavallaria; mas, desconhecendo a procedencia e formação da palavra, diz um disparate, como acontece a quem fala das coisas, ignorando-lhes a origem e fundamento. Oiçamos as proprias palavras do auctor. «*Guisa*, Ordem ou qualidade de cavalleiros a que chamavam *guisados* ou *aguisados*, por estarem sempre promptos e prestes com armas e cavallos para a guerra e todo o real serviço; tomada a metaphora das egua-

rias *guisadas*, que estão promptas e dispostas a serem codas.» Eluc. art. *Guisa*.

Veremos agora que a palavra *guisado* no sentido de *comer feito*, ou *adubado*, a qual Viterbo intendeu ser originada dos cavalleiros da Ordem da *Guisa*, tem a mesma derivação. *Guisado* não quer dizer outra coisa senão *preparado*, assim como *guisar* carne ou peixe é preparal-o para ser comido. «Não *guisam* de comer senão com bonicos de camelos e de cavallos.» Tenr. Iten. C. 16 pag. 36.

De *aves agere* vem pois *avisare*, *aguisar*, *guisar*, *guisa*, *guisamento*, *guisado*, *desaguisado* etc. «Sem lhes fazer nenhum *desaguisado* os mandou pôr em terra.» Azur. *Chron. do Descob. e Conq. de Guiné. C.* 63, *pag.* 308.

A palavra *guisa* com a significação de *modo*, *maneira*, foi muito vulgar, entre nós; v. gr. «*Á guisa* da China.» Luc. *Vid.* de *Xav.* T. 3.º, pag. 28; vindo a idêa de *modo* ou *maneira* da de *preparo* e *disposição*, porquanto quem está disposto e preparado se apresenta de certo *modo* ou *maneira* convenientes ao fim para que se preveniu.

CAPITULO V

Formas parallelas

O parallelismo é, no campo da grammatica comparada, um poderoso auxilio para a demonstração de etymologias. Se é preciso, que uma comparação complecta das diversas partes do organismo grammatical demonstre o que ha de commum entre uma qualquer familia de linguas, e por meio d'esse confronto podemos reconhecer a communidade de origem; tambem é preciso que as formas parallelas de diversas palavras tornem mais evidente a etymologia d'um vocabulo. Se é necessario o elemento historico das linguas para evidenciar que as divergencias, que n'ellas existiram, obedeceram a leis precisas, e por meio do auxilio da historia podemos estudar e reconhecer como, pouco e pouco, essas divergencias se operaram; tambem é preciso que os vestigios historicos das formas dos vocabulos nos forneçam luz para se tornar evidente a etymologia duvidosa de qualquer palavra.

O processo do parallelismo fornece as seguintes demonstrações de primeira ordem: 1.ª A origem de qualquer palavra, comparando-se as formas grammaticaes das lin-

guas congeneres; 2.ª A etymologia d'um vocabulo, confrontando as alterações phoneticas, que este admittiu, com aquellas a que obedeceram outras formas identicas, de que resultou a constructura d'uma familia de vocabulos; 3.ª O principio da regularidade formativa do vocabulario, comparando-se certas palavras com outras, os elementos constitutivos com outros, d'onde provem uniformidade formativa; 4.ª O principio da regularidade orthographica, confrontando o modo de ser constitutivo e orthographico de certas formas da linguagem escripta, de que se segue o restabelecimento da uniformidade da orthographia.

Porque no decorrer deste trabalho teremos occasião de vermos practicada a doutrina do parallelismo, vamos apenas examinar alguns exemplos sobre alguns casos de formas parallelas, quer obedecendo aos principios phoneticos da formação das palavras, quer compondo radicaes e formando vocabulos.

O adverbio de logar *cá* deriva do latim *ecc'hac*, contracção de *eccu'hac* de que resultou a forma intermediaria *ecac*. A apherese do *e* e a apocope do *c* tem as formas parallelas em portuguez e em latim. Na primeira temos, por exemplo, *namorar*, *scriptura*, *spiritual*, *spero*, *leitos*, *greja*, *vaporar*, de que temos sobejas provas nos documentos antigos, por:—*enamorar*, *escriptura*, *espiritual*, *espero*, *eleitos*, *egreja*, *evaporar*. Na segunda temos varias formas em que o *c* latino foi apocopado, como:—*illic*, alli, *illac*, acolá. De modo que, a apherese do *e* e a apocope do *c* deram a forma *cá*. O *c* final da forma *hac* (eccu'hac) é um vestigio etymologico da raiz pronominal *ce* por *qua* ou *cd*; isto é, a raiz do latim *qui*, *quae*, *quod*. E a forma *qua*, em logar de *cd*, encontra-se em nossos antigos escriptores, como: «Quer elle sté em comtemplaçam, quer ande, ou vaa *qua* e laa.» Vid. *Monast.*

O adjectivo *alheio*, derivado do latim *alienus*, tem as formas parallelas da mudança da syllaba *li* em *lh* nas palavras—*consilium*, conselho, *servilia*, servilha, *filium*, filho, *julium*, julho, *mulier*, mulher, *melior*, melhor.

O substantivo *alho*, derivado do latim *allium*, apparece

parallelo na mudança de dois *ll*, em *lh* deante das seguintes formas:—*scintilla*, centelha, *galla*, galha, *gallina*, gallinha, *tollere*, tolher.

O substantivo *acepipe* é derivado do arabe *azebibe*. A alteração phonetica mostra-se parallela nas seguintes palavras:—o *z* arabe mudado em *c* na palavra *azzafaran*, açafrão; o *b* mudado em *p* na palavra *churab*, xarope.

O verbo *cahir* derivado do latim *cadere* tem o parallelo da omissão do *d* entre vogaes nas palavras:—*fidelis*, fiel, *gradus*, grau, *judex*, juiz, *hedera*, hera, *viduus*, viuvo, *vadus*, vao.

O substantivo *chaga*, derivado de *plaga*, tem os parallelos da alteração do *pl* em *ch* nas palavras:—*plorare*, chorar, *planus*, chão, *plenus*, cheio, *implere*, encher.

O substantivo *cainça*, derivado de *cão* com o suffixo *iço* está em parallelo com o vocabulario terminado em *iço*, como:—*cast-iço*, *chamm-iço*, *choved-iço*, *feit-iço*, *espanta-d-iço*, *tomad-iço*.

O substantivo *cainçada*, composto de *cainç*, e o suffixo *ada*, tem as formas parallelas em *cacheir-ada*, *chibat-ada*, *espadeir-ada*, *bofet-ada*, ou *bufet-ada*, *tromb-ada*.

Terminamos com a etymologia da palavra *bofetada* ou *bufetada*. Este vocabulo parece derivado do antigo francez *buffet*, que significava *bofetada*, e vinha d'um radical, significando as *bochechas* representado no verbo *bouffer*, buffar. Mas, no latim barbaro, o golpe ou pancada sobre a *buffa*, que era a parte do capacete, que correspondia á bocca e por onde se buffava ou respirava, era representado pela expressão de *alapa*, que significava *bofetada*. Du Cange, Glossario, diz:—«*Buffa* et Italico *buffa* quae est ea pars cassidis, per quam mittitur spiritus, vox ut videtur formata.»

Ora, do sentido rigoroso de *buffa* formou-se o vocabulo *buffetada* ou *bofetada*, composto da desinencia *ada*, derivada de *actus* participio de *ago, ere*, de cuja significação primitiva se deduz a idéa de *impulso*, *movimento*, *pancada* e outros sentidos. Como formas parallelas de significação, temos, entre outras, as expressões:—*baionetada*, *cu-*

tilada, *narigada*, *pedrada*, *punhalada*, *trombada*, cuja significação *ada* designa o *golpe* ou *pancada*, produzida pela significação do radical respectivo. Assim, *narigada* é pancada que se dá com o nariz, significação differente da palavra *narigudo*, porque este termo significa *extensão* e *grandeza* da idêa representada pelo radical, em vista da desinencia *udo*, forma correspondente á terminação latina *utus*, com a qual os romanos formaram muitos nomes que exprimem grandeza e intensidade, taes como: *astutus*, *cornutus*, *hirsutus*, *nasutus* e assim outros.

CAPITULO VI

Transformação da linguagem

E' um principio evidente no dominio da sciencia da linguagem o phenomeno de sua transformação. Assim como em todas as coisas humanas podemos observar successivas mudanças e alterações, assim tambem existem continuas trasformações nas linguagens.

Em verdade, para se comprovar esse facto, é de sobra o abrirmos qualquer obra de nossa litteratura antiga, comparar os escriptos dos auctores dos seculos mais remotos com os dos auctores mais recentes, e reconheceremos innovações de linguagem, e ao lado d'estas o desapparecimento d'um determinado vocabulario.

A sciencia da linguagem resolve as leis d'essas transformações, estudando-as debaixo de duas classificações:— *archaismos* e *neologismos*.

1.ª SECÇÃO

Archaismos

Da-se esta denominação ao esquecimento e desuso d'um certo vocabulario. As causas primarias do desapparecimento de palavras podem reduzir-se a cinco, a saber:

1.ª O desapparecimento da palavra pode existir, por ter desapparecido a coisa que ella significava, como: *adail*, *alcaide*, *almotacel*, *corregedor*, porque estes vocabulos exprimem cargos que deixaram de existir, entre nós.

2.ª O desapparecimento pode-se dar, em vista da imitação de linguagem d'alguns auctores especiaes, cujo vocabulario é mais ou menos limitado.

3.ª Pode-se dar o desapparecimento em presença do *neologismo* e da *synonimia*, como: *canoculo*, composto de *cano* e *oculo* (oculo de longa mira) por oculo de ver ao longe; *criterio*, de *criterium*, por *arte critica*; *charlatão*, do italiano *ciarlatano*, em vez de *palrador*; *dessert* ou *desser*, do francez *dessert*, por aparato de sobremeza.

4.ª Existe o desapparecimento deante de palavras que deixam de ser usadas só n'um ou mais de seus sentidos ou que conseguem modos differentes de significar, v. gr: *açacal*, termo antigo, derivado do arabe *assakca*, dar de beber, vender agua, — deu *açaqual*, significando o mesmo que *açacal*; depois formou o adjectivo *aguadeiro*, proprio para a chuva; emfim, *aguadeiro* é hoje usado apenas como substantivo, signicando homem que dá agua. *Apoquentar*, derivado de pouco, significava *opprimir*, falando-se de coisas; porem, ao presente, usa-se, falando-se de pessoas. *Brandir* significava *zurzir*; mas hoje emprega-se no sentido de *manejar*.

5.ª Ha o desapparecimento em frente da convenção da linguagem, por esta considerar ridiculas, baixas e improprias certas palavras, como *feder, bonda*, de *abondar*, figuradamente, ser sufficiente, *botar* etc.

O facto de se perder uma palavra faz com que se derive ou se componha da raiz d'essa palavra uma que a substitua.

Vejamos agora algumas palavras do portuguez antigo, e comparemol-as com as modernas.

Altividade, moderno *altivez; baixura*, baixeza; *calçamento*, calçado; *dispuimento*, disposição; *esmaiar*, desmaiar; *falsura*, falsidade; *judengo*, judaico; *lastimeiro*, lastimoso; *mentydeiro*, mentiroso; *ospedadigo*, hospedagem; *perdoança*, perdão; *refrescamento*, refresco; *soffrença*, soffrimento; *trauto*, tractado; *vizindade*, visinhança.

Duarte de Leão, em sua *Orig. da Ling. Portug*, apresenta-nos uma lista de 128 palavras portuguezas desusadas, das quaes damos aqui alguns modêlos:—*abilhar*, moderno ataviar; *adergar*, acertar; *afam*, trabalho; *albergar*, aposentar; *aquecer*, esquentar-se; *doesto*, deshonra; *bicornia*, bigornia; *confortar*, consolar; *entonces*, então; *falha*, falta; *grei*, rebanho; *grado*, vontade; *hostão*, hospedaria; *increo*, incredulo; *lidar*, pelejar; *mentar*, lembrar; *nenhures*, nenhum logar; *oufano*, presumtuoso; *posar*, entrar; *quebrantar*, quebrar; *sanhudo*, irado; *talante*, vontade, *vindita*, vingança.

Estão ainda em uso alguns dos archaismos mencionados, como: *albergar, aquecer, confortar, doesto, falha, grei* etc.

Pode-se considerar a conservação do archaismo na linguagem viva, como dependente da seguinte causa:—ou esse vocabulario desusado na linguagem litteraria existia na linguagem popular, ou alguns auctores o foram procurar á antiguidade e usaram d'elle, como parece ter succedido com as expressões — *talante* e *grado* nas phrases — *a seu talante, de bom grado.*

Os grammaticos e rhetoricos consideram uma palavra como um *archaismo* debaixo do poncto de vista litterario,

admittindo como pureza de elocução o emprego de palavras e phrases da propria lingua approvadas pelo uso dos que bem a falam.

De modo que, sendo umas palavras mais puras do que outras, conforme as diversas edades da lingua e segundo os diversos escriptores de cada edade, os grammaticos e os rhetoricos admittem pureza da linguagem em dois ponctos: — 1.º Quando se empregam as palavras de melhor seculo e de melhor escriptor, e para se conseguir esse estudo profundo da puresa da linguagem, é preciso que nunca se desamparem os melhores auctores classicos. 2.º Quando usamos de linguagem adoptada pelos homens que bem falam a lingua, visto que a linguagem litteraria tende a seguir a norma e uso empregados por esses modêlos vivos do bem falar.

Mas, tanto os primeiros como os segundos, não podem, no dominio da sciencia da linguagem, formular regras seguras á lingua; porque, é um facto averiguado na historia da linguagem, approvarem elles hoje um vocabulario e ámanhã ser reprovado pelo uso, isto é, o que se julga presentemente desusado e complectamente morto, reapparece, momentaneamente e com toda a energia, vivo na linguagem.

Comprovamos esta doutrina, apresentando alguns exemplos, dos muitos vocabulos, que são considerados *archaismos* por Francisco José Freire, *Refl. sobre a ling. portug.* os quaes, ao presente, estão sendo usados, e são os seguintes:— *acatar*, *adrede*, *andrajo*, *assomo*, *despeito*, *embair*, *passamento*, *relé*, (gente de relé) *sandice*. Mas o renascimento do vocabulario é menor do que o desapparecimento, visto que as palavras cahidas em desuso attingem maior numero. Assim, os italianismos *affanar* e *affano*, usados por A. Vieira, em logar de *afflígido* e *angustiado*; o adverbio *bofé*, alteração de *boa fé* ou *á boa fé*, substituido hoje pelas phrazes—*em verdade*, *por certo*; os gallicimos *reproche* e *resurce*, o primeiro em logar de *reprehensão* e apontado por Duarte de Leão, como vocabulo antigo e introduzido em o nosso vocabulario: e o segundo em vez de *re-*

medio e indicado por F. J. Freire, como neologismo desnecessario; estes e outros termos cahiram em completo desuso.

2.ª SECCÃO

Neologismos

Classifica-se assim o vocabulario moderno que, em vão, se procuraria nos escriptores dos seculos passados.

As causas do neologismo podem-se considerar trez: 1.ª Essas palavras são produzidas por novas combinações de seus elementos proprios. 2.ª São formadas essas palavras das linguas classicas, como do grego e latim, com elementos d'essas linguas, por exemplo, a technologia scientifica. 3.ª São vindas das linguas vivas, sobretudo dos paizes com os quaes mantemos relações intimas e prolongadas.

A palavra *plagiario*, derivada do latim *plagiarius*, tem as seguintes significações: 1.ª O que vende ou compra uma pessoa de condição livre, como se fosse escrava; o que recebe um escravo fugitivo; o que lhe aconselha a fugida; o que prende, vende ou dá o escravo alheio. 2.ª O que furta versos ou pedaços de obras alheias e publica isso como se fosse seu. Da ultima significação formamos o verbo *plagiar*, applicado aos trabalhos litterarios.

O facto das grandes reuniões de pessoas convocadas para um determinado logar, com o fim de communicarem ás pessoas reunidas um determinado pensamento, discutirem-n'o e dicidirem sobre o assumpto, fez encorporar á nossa linguagem a palavra ingleza — *meeting*. E os promotores constantes d'esses ajuntamentos recebem o nome de *meetingueiros*, sobretudo em assumptos politicos.

Com a introducção dos caminhos de ferro, entre nós,

veio a adopção dos seguintes vocabulos:—*comboio*, derivado do francez *convoi* de *convoyer*, composto de *con* e *voie*; *comboiar*, de *convoyer*, que exprime a acção de—*guiar*, *ir de guarda a um comboio*;—*comboieiro*, composto de *combói* e o suffixo *eiro*, e significa o que dirige um *comboio*. Tambem pelo mesmo facto, recebemos os seguintes inglezismos:—*waggon*, que significa *carroça*, *galera*, etc.; *water—closet*, composto de *water*, agua, e *closet*, gabinete, ou latrinas do systema inglez. Tanto a palavra *comboio*, como *waggon*, applica-se á serie de carruagens, ligadas umas ás outras, movidas ordinariamente apenas por uma locomotiva, viajando nos caminhos de ferro.

A introducção do jogo de bilhar deu ao nosso vocabulario as palavras seguintes:—*bilhar*, derivado do francez *billard*, que significa o jogo de calculo operado com bolas de marfim sobre uma meza forrada de baeta e appropriada para tal fim;—*carambola*, derivado do arabe *cara-mohalla*, produziu o termo do jogo de bilhar que consiste em bater successivamente com uma bola nas duas contrarias;—*carambolar*, a acção de fazer carambola.

O divertimento usado pelo rapazio em certas epochas do anno e que tambem era usado antigamente na côrte portugueza, fez-nos receber a palavra *bilharda*, derivado do francez *billard*.

A vinda das tropas francezas a Portugal, para ajudar D. João IV em suas luctas contra a Hespanha, deu á nossa lingua grande numero de vocabulos francezes, como podem servir de norma os seguintes:—*aproche*, que nós aportuguezamos, escrevendo *aproxe*, deriva do francez *approche*, e significa em tactica militar—o caminho cavado na terra, levantado de ambas as partes, para os sitiantes chegarem a uma praça sem serem vistos do inimigo; *brecha*, derivado do francez *brèche*, é um termo de guerra, que significa uma abertura feita nas muralhas d'uma praça sitiada; *retreta*, de *retraite*, é o toque de recolher á porta dos quarteis militares.

As nossas relações commerciaes com Inglaterra deram-nos o vocabulo *cheque*, de *check*, derivado do verbo inglez

to *check*, que significa, em contabilidade, registar, verificar. Embora em Inglaterra os *cheques* se tornassem moeda corrente, entre nós, significa na vida commercial uma ordem ou mandado pago á vista ao portador.

A publicação de folhas periodicas produziu as palavras —*periodicista* e *periodiqueiro*, derivados do adjectivo *periodico*. Do mesmo modo *caceteiro*, de cacete, *cartista*, de carta, *septembrista*, de septembro, *constitucional*, de constituição e muitas outras derivações, provenientes das luctas ou acontecimentos politicos de nosso paiz.

Nos escriptos de quasi todas as epochas, em que a lingua portugueza foi escripta, póde-se encontrar a introducção ou para melhor dizer, renovações de vocabulario tirado directamente do latim, e n'este caso não se deve classificar esse vocabulario de verdadeiro neologismo. Foi engrossado consideravelmente o diccionario portuguez com palavras alatinadas; muitas d'essas innovações não vingaram, visto que os auctores, que as escreviam, não eram auctoridades classicas.

Nos escriptores dos seculos passados ainda se podem encontrar vocabulos latinos e acomodados á pronunciação portugueza; passado esse periodo, succedeu-lhe o da introducção de palavras extrangeiras, cujo numero avultado apparece nas sciencias, artes, officios mechanicos, e sobretudo na philosophia experimental, na architetura civil e na arte militar.

Não podem ser despresados os vocabulos, mormente, das linguas congeneres, que venham preencher com propriedade e concisão uma determinada idéa; porque, obrigando a necessidade, podem-se admittir palavras de linguas romanas que exprimam com laconismo o verdadeiro sentido ideologico. Mas a innovação de vocabulos é sempre desnecessaria, quando em portuguez ha palavras tão proprias, tão concisas para exprimir um uma tal idéa; porque d'outro modo nunca se virificaria que a linguagem d'um escriptor é mais pura do que a d'um outro, e portanto, a litteratura patria não tinha classicos, que em todas as nações cultas são respeitados e venerados como verdadeiros mes-

tres da lingua. Esta classe de homens, encanecidos nos segredos d'uma litteratura, é uma força conservadora contra a invasão de palavras, introduzidas na linguagem, ou por capricho litterario, ou por ignorancia da pura e vernacula linguagem.

No dominio da rhetorica, manda-se evitar tres vicios oppostos á pureza da elocução: 1.° O emprego de palavras ou phrases extrangeiras que ainda não estão naturalisadas na lingua patria; e quando seja indispensavel essa naturalisação, deve marcar-se a palavra com o cunho do uso arbitro da linguagem, quer-se dizer, deve-se dar á palavra naturalisada, por meio da analogia, o mesmo accento e forma grammatical que teem as palavras da lingua. 2.° O emprego do vocabulo, ou phrase que, não tendo o uso ou a pronunciação dos polidos no falar, seja considerada aspera e extranha. 3.° A affectação, ou excessivo cuidado na pureza das palavras, não adoptando nenhuma que não seja auctorisada pelo uso dos especialistas da lingua.

Oiçamos a regra de F. J. Freire. *Refl. sobre a ling. portug.*, desejando pôr termo ás questões de nacionalisação e adopção de neologismo. Tem estes razão, diz elle, (os puristas da linguagem) em procurar á maneira das outras nações, e vivamente proteger a introducção de vocabulos expressivos e precisos, quando não podemos exprimir uma coisa senão por longa e tediosa circumlocução. Se para nós expressarmos a força do verbo francez *supplantar*, nos é preciso usar do rodeio de dizer:—usar de força ou artificio para tirar a alguem o cargo ou fortuna que possue; não será bom que admittamos este verbo, e digamos —supplantar? Não é mais expressivo e breve dizer—*criterio* do que *arte critica? insignificante*, do que *cousa que nada significa?* Não é mais succinto usar d'uma só palavra, qual é *responsavel* e *susceptivel*, do que occupar diversas vozes, dizendo — *obrigado a responder* e *capaz de receber outra?* Se podemos com um só vocabulo exprimir o filho segundo, terceiro, etc., d'uma familia, porque se não ha de dizer *cadete?* Porque havemos de dizer *abandonar*, se temos *desamparar; resurce,* se temos *remedio;*

discolo, se temos *mal procedido; affazeres*, se temos *negocio*, etc.? Porque diremos *intriga*, *intrigante* e *intrigador*, em vez de *enredo*, *enredar* e *enredador*, ou por *maquina*, *maquinar* e *maquinador*? Porque havemos de dizer *caracter*, por *distinctivo*; *conducta*, por *procedimento*, *governo*, *prudencia*, etc.

Comtudo, no campo da sciencia da linguagem é um principio incontestavel que uma lingua acceita ou repelle esses conselhos dos puristas, sempre de harmonia com as tendencias naturaes e espontaneas de qualquer lingua; porque as transformações sociaes, as mudanças nos costumes, nas idêas, os descobrimentos, o progresso das sciencias e industrias e o commercio com as outras nações constituem uma causa primordial para a introducção dos neologimos n'uma lingua; e os individuos que a falam com todas as suas opiniões e modos de vêr particulares, as condições sociaes d'esse individualismo formam uma causa secundaria para esse phenomeno da linguagem.

Em vista pois d'estes poderosos elementos, a linguagem innovadora lucta com mais vantagem contra a pureza do vocabulario d'uma lingua.

CAPITULO VII

Extrangeirismos

As nações, que nos teem introduzido maior numero de neologismos, são a França e a Inglaterra, com quem temos relações muito intimas e duradoiras; mas sobretudo do primeiro paiz temos recebido grande numero de formas francezas, ás quaes lhes devemos dar a denominação de *extrangeirismos*, se realmente essas palavras nos fizeram desapparecer quaesquer termos tão proprios e vernaculos como os vocabulos introduzidos.

Sirvam de exemplos as seguintes formas:—*chef d'œuvre*, que pretende substituir a purissima phrase portugueza —*primôr d'arte; adresse*, do francez *adresse*, que muitos empregam com a significação de—*memoria*, *memorial*, *representação*, *morada*, *cartão de visita*, —quando estas expressões portuguezas exprimem tão propriamente o sentido do gallicismo inadmissivel *adresse; detail*, vertido para a lingua portugueza com a propria pronunciação franceza *detalhe*, em logar das expressões—*por meudo*, *particularidades*, *minudencias*, *minuciosidades*.

No entretanto, possuimos um certo numero de pala-

vras consideradas *extrangeirismos*, ás quaes analysadas etymologicamente, são de origêm latina, embora a forma e pronunciação se identifiquem ás vezes com as linguas congeneres.

O vocabulo *affazeres*, que significa *negocios*, *occupações*, *arranjos*, e *cuidados*,—parece que é o mesmo *affaire* dos francezes. Se a lingua portugueza fosse buscar esta palavra ao francez, para representar uma idêa nova, introduzida entre nós, então podia-se-lhe chamar gallicismo, que devia ser inacceitavel perante a pureza da linguagem, se não tivessemos um termo proprio e laconico em a nossa lingua; sabendo-se porém que a lingua franceza é congenere da portugueza e a innovação da palavra, que representa a introducção d'uma idêa, tem uma origem commum —a lingua latina—vamos reconhecer que *affazeres*, em portuguez ou *affaires* em francez deriva de *affarium* da baixa latinidade. E se não quizessemos remontar a etymologia a uma era remota, podemos admittir que *affazeres* é o infinito do verbo portuguez *affazer*, empregado substantivadamente no plural e não no singular, como succede ás outras formas infinitivas, por méra excepção.

Em vista pois d'esta origem, não lhe cabe o nome de *extrangeirismo*. De modo que, applicando a outros vocabulos egual criterio, concluiremos que é errada a classificação que se lhes dá, como vamos ver.

O vocabulo *acquisição* é considerado descendente do francez *acquisition*, cuja significação é identica á nossa; porém o latim *acquisitio* prova-nos a origem. O verbo *acquirir*, que tambem se escrevia *aquirir*, *aquerir*, e ultimamente *adquirir*, parece derivar-se do francez *acquérir*; todavia descende do latim *acquiro*, *ere*, que significa *alcançar*, *conseguir*, *obter*, etc. *Acquiescer*, *acquiescencia* e *acquiescente* parecem formas do francez—*acquiescer*; mas o infinito latino *acquiescere* dá-lhes origem e a propria significação. A palavra *broche*, que significa uma joia guarnecida d'um comprido alfinete de que se servem as mulheres para adorno, existe em francez com a mesma forma e pronunciação; porem *broche* deriva do latim *brocchus* ou *brocus*,

dente sahido para fora da bocca, d'onde se tirou a significação da palavra *broche*. O vocabulo *boné* ou com a orthographia franceza *bonnet*, é o mesmo que em francez *bonnet;* esta palavra porem deriva do latim vulgar *bonetus*, que significava uma especie de estofo, do qual provem o termo *bonete*, como devemos escrever, para exprimirmos uma cobertura da cabeça de homem, sem abas. *Caserna* é em hespanhol *caserna*, francez *caserne*, italiano *caserna;* parece pois que a palavra podia vir do hespanhol ou do italiano, pela identificação de forma e pronunciação; todavia, qualquer d'esses vocabulos deriva do latim *casa*. *Chambre*, abreviado pelo uso para não se dizer — *robe de chambre*, que em francez significa *roupão*, deriva do latim *camara;* e em portuguez não só significa *roupão*, senão tambem um *casaco curto* de que usam as mulheres. *Casaca* apparece no hespanhol *casaca*, francez *casaque*, italiano, *casacca*, e deriva do latim *casa* [1]. *Clavina* é uma corrupção de *carabina;* o hespanhol e o italiano dizem *carabina*, e o francez *carabine*. Todos esses vocabulos, segundo Du Cange, derivam de *calabrinus*, o que é da Calabria, porque a cavallaria, chamada em francez *carabin*, teve origem na Calabria, d'onde se deu o nome á arma de cavallaria, que é mais curta do que a espingarda. *Castramentação* ou *castrametação*, segundo outros, é um vocabulo introduzido em a nossa linguagem militar pelo exercito francez; significa a arte de *acampar*, especialmente, falando-se da antiguidade. Parece vir do francez *castrametation;* este termo porem é derivado do latim *castrametari*, acampar, composto de *castra*, campo, e *metari*, medir. *Carnaval* apparece com a mesma forma e pronunciação no francez e hespanhol; mas o vocabulo provem do italiano *carno* e *vale*

---

[1] O eminente philologo Diez prova esta etymologia com o baixo latim *casula*, que, depois de significar *casinha*, tinha o sentido de *capa;* e pelo que diz respeito á forma e principalmente ao suffixo, cita o italiano *guarnacca*, chambre.

derivado do baixo latim *carnelevamen*, composto de *carne*, ablativo do singular de *caro* e *levamen*, acção de tirar; porque o *carnaval* em rigor significa o tempo em que se tira o uso da carne. O dialecto milanez *carnelevale* prova evidentemente esta etymologia. *Chefe* vem do latim *caput*, e recebemos o vocabulo do francez *chef*, d'onde esta lingua o formou. *Chantre*, que significa o que tem n'uma Sé ou egreja a direcção do côro ou entoação do cantochão, tem egual forma e pronunciação no francez *chantre;* comtudo esta palavra deriva do latim *cantor*. *Hotel* tem a mesma forma franceza *hôtel*, e significa rigorosamente — *paço, palavra, casa grande;* e no entanto damos a esta palavra a significação d'uma *hospedaria*; mas este vocabulo deriva do latim *hospitalis*, cuja significação propria é a de — *que dá hospedagem, pertencente a hospedaria, que exercita a hospitalidade*. De *hospitalis*, formamos a palavra *hospital* com a significação conhecida. *Pranto* apparece em francez *plainte;* mas a origem está no latim *planctum*. *Parola* parece ter descendido do francez *parole*, cuja differença de forma está apenas na desinencia; todavia é orignado do latim *parola*. O vocabulo *retrete*, que se suppõe ser oriundo do francez *retraite*, logar retirado, provem do latim *retractus*, part. de *retraho, is*, isto é, *trazer para traz, retrahir*. D'antes significava *quarto interior d'uma casa, camara, logar secreto*, como se vê no seguinte:

> «Para um *retrete*, o leva onde detinha
> A vista nas pinturas exquisitas.»
>
> GABRIEL PEREIRA, *Uliss*.

E figuradamente:—«Pola confissão mettem os sacerdotes as mãos nos intimos *retretes* da nossa alma.» Fr. Arraes. *Dialogos*. Depois passou a ter a significação de *quarto reservado* para operações secretorias. E este sentido já o possuía no tempo de Francisco Rodrigues Lobo, que se exprime d'este modo na *Côrte na Aldeia:*—«Servidor já se passou das cartas para os *retretes*.»

Seria extensa a enumeração do vocabulario portuguez, que é considerado na classe dos *extrangeirismos*, e particularmente *gallicismos*, por serem julgados de origem franceza, e encorporados em a nossa linguagem pela força das causas que apresentamos no dominio da transformação da linguagem; mas os modêlos, que estão expostos, servirão de guia para outras averiguações etymologicas.

CAPITULO VIII

Vocabulario arabe

A lingua portugueza possue muitas palavras de origem arabica, que nos ficaram dos mouros, os quaes dominaram muito tempo Portugal depois dos suevos.

O pouco estudo da lingua arabe, que tiveram nossos primeiros escriptores, e tambem a falta de lettras de nosso abcedario que correspondessem a outras arabicas, originaram uma corrupção de muitas palavras arabes, augmentando-se, diminuindo-se ou trocando-se lettras ao vocabulario primitivo.

Muitas palavras compostas da syllaba *al*, que é um artigo arabico, indica-nos ás vezes a sua etymologia, como: —*alcatifa*, *aldêa*, *aldrava*, *alecrim*, *aleive*, *alcunha*, *almofada*, e assim outros; ha varios nomes porem que, principiando pela referida syllaba, são todavia originariamente latinos, como os que, tendo por inicial a consoante *l*, ex.: *allegar* e *allocução*, palavras compostas da preposição latina *ad*, e de *legare* e *locutio*. Da mesma sorte: —*almo*, *altar*, *altercar*, *alteza*, *alto*, *alvo*, *alheio* e outros que são de origem latina.

O som arabe do *a* na lingua portugueza offerece-nos trez corrupções: 1.ª O *a* breve é quasi sempre pronunciado como *e*, v. gr. —*aldjamas*, algemas. 2.ª O *a* longo transmuta-se em *i* e *é*, como *as-sabadj*, azeviche. 3.ª Em muitos casos o *a* da lingua arabe conserva-se inalterado, ex.: *achchacd*, achaque; *al-arhd*, alarde e assim por deante.

Ha quatro lettras arabicas, cuja forma não a reproduzimos aqui, por intendermos ser inutil á nossa missão, de difficil ou impossivel pronunciação á glottis do povo portuguez. A primeira é—*bhe*, som do fundo da garganta, imitativo ao queixume de quem sente frio, e geralmente esta lettra muda-se em *f*, como:—*almohassa*, intrumento de cavallariça, que pronunciamos *almofaça*. A segunda, lettra guttural, imitativa ao som do *j* castelhano, é substituida pelo nosso *f*, como *alchozama*, alfazema. A terceira lettra, tambem guttural, acha-se substituida por um *a* ou dois *a a*, v. gr. *alacir* ou *aalacir*, a vindima. A quarta lettra não apresenta regularidade na passagem do arabe para portuguez.

Vejamos agora algumas palavras mais vulgares, sendo as primeiras portuguezas, e formadas das segundas puramente de origem arabica. *Açafate*, de assafate; *açafrão*, de azzafaran que os italianos pronunciam *zafarano*; *açamo*, de *cámamo*; acoimar, de *acama*; açougue, de *assoco*; *adélo* e *adéla*, de addallal; *adereço*, de altarço; *aduana*, de addiuan, d'onde seformou a palavra *aduaneiro*, com o suffixo *eiro*; *alarido*, de alariro; *albarda*, de albardaâ; *albornós* ou *albornoz*, de albornós; *alcohol*, de alcahol; *aldraba* ou *aldrava*, de aldraba; *nalfadega*, de alfandaq: *algebista*, de aljabbar; *aljube*, de aljobbe; *alparca*, ou *alparcata*, de albalga; *alveitar*, de albeitar; *alviçaras* de albexara; *arsenio* ou *arsenico*, de alzaraich; *arrabalde*, de arrabalde; *arroz*, de arroz; *assassino*, de hassassino; *azar*, de asar; *azeite*, de azzait, *azulejo*, de azzalujo. *Balde* (de balde) de bátele; *balsamo*, de balsam; *banco*, de uanco; *baraço*, de maraçon; *barato*, de baratel; *beleguim*, de beleguin; *buço*, de boculo. *Café*, de cahue; *camisa*, de camisa; *caravana*, de carauan; *celga* ou *acelga*, de celcha; *coifa*, de coufa; *cordovão*, de cordobam. *Debuxar*, de debaja. *Fanhoso*, de

ahhano; *fulano*, de folano. *Gabão*, de abaon; *gato*, de catton. *Jarro*, *jarra*, de jarra. *Lacaio*, de molquion; *laranja*, de naranja; *limão*, de laimun; *louco*, de loccao. *Mana*, de manna; *mancebo*, de mansabon; *mascara*, de maschara; *masmorra*, de matsmorra. *Tarefa*, de tareha. *Xales*, de xale.

A glottis do povo portuguez, não admittindo syllabas gutturaes e aspiradas na formação de palavras de seu vocabulario, essencialmente dôce e harmonioso, no que faz uma differença notavel da lingua hespanhola, mudou o *h* aspirado em *f*, nas palavras que nós herdamos do arabe, facto que não succede com aquella lingua, visto que o hespanhol ficou conservando muitas das syllabas gutturaes. Por isso, escrevemos e pronunciamos—*alforria*, de alhorria; *almofaça*, de almohassa; *alfaiate*, de alchaiat; *almofariz*, de almohrés; *refens*, de rahen; *safaro*, de sahario; etc. A outros nomes supprimimos a aspiração, ou a mudamos n'alguma syllaba harmoniosa, como: *alhasão*, alasão; *macího*, macio; *lofaha*, lofada, etc.

ADDITAMENTO Á PRIMEIRA PARTE

Noções summarias de philologia

A linguagem do homem, considerada como um meio de manifestar seus pensamentos, é *formal* e *substancial*.

A linguagem *formal* é o producto de combinações racionaes; linguagem *substancial* ou o que nós consideramos como raizes attributivas, é o producto d'um instincto mental, d'uma faculdade innata, que não se nos revela directamente e não se deixa estudar senão por seus effeitos.

O vocabulario d'uma lingua é composto de palavras ou porções de palavras.

As palavras teem seu destino. Consideradas como productos do acaso ou d'uma circumstancia fugitiva, nascem muitas vezes imperfeitas, regularisam-se, aperfeiçoam-se, alteram-se a poncto de se tornar desconhecidas, morrem e sepultam-se, emfim, n'um profundo esquecimento.

Só a custo podemos lêr ponctos obscuros, duvidas infinitas do idioma romano, que deu origem á nossa lingua, apesar do auxilio poderoso que nos offerecem os dialectos populares da Italia, d'onde o latim é derivado.

Já os romanos do seculo d'Augusto encontravam difficuldades em intenderem Ennius, como nós podemos pos-

suir em comprehender Cornellio, e os homens mais eruditos apenas percebiam alguma coisa do latim dos antigos Attellanes.

Mas o grego de Homero e de Demosthenes e o latim de Cicero e de Virgilio não apresentavam as mesmas difficuldades; porque a linguagem d'estes auctores teve o privilegio de ser traduzida com uma interpretação tal, que o verdadeiro sentido d'essas obras foi transmittido ás linguas classicas, aos criticos grammaticaes, aos rhetoricos, aos philologos, em summa.

Por isto se vê, que a *philologia*, palavra composta de duas gregas *philos*, amigo, e *logos*, discurso, é a sciencia que tracta da analyse minuciosa das linguagens ou d'uma lingua em particular, considerada sob o poncto de vista da historia litteraria e grammatical.

A philologia, considerada quanto á sua maior ou menor extensão, divide-se em *geral* e *especial* ou *particular*.

Philologia geral — é a que se occupa do exame profundo das linguagens cultas ou incultas.

Philologia especial ou *particular* — é a que tracta da analyse d'uma linguagem em separado, como a *philologia portugueza*.

Conservar e criticar todas as descobertas, todas as conquistas, todas as formas do pensamento humano, tal é pois a missão da *philologia*, missão eminentemente sabia e differente da *etymologia*.

A *etymologia*, do gr. *etymos*, verdadeiro e *logos*, discurso, que é uma parte da grammatica que ensina a origem ou os laços de parentesco d'uma palavra ou de muitos radicaes, não se preoccupa com a identidade nem com a verosimilhança, quer dos sons, quer das formas, das palavras.

A *etymologia* não tem a seu cargo, em rigor, mostrar que tal palavra deriva d'uma tal, mas incumbe-se de indicar, grau por grau, que tal palavra se mudou regular e necessariamente em outra.

Assim como em geometria serve de pouco saber, por exemplo, que o quadrado da hypothenusa é egual á somma

dos quadrados construidos sobre os dois outros lados d'um triangulo rectangulo, assim em etymologia não tem grande valor o saber que, por exemplo, a palavra franceza *larme* é o mesmo que o vocabulo inglez *tear*, pois esta demonstração pertence ao dominio da philologia.

A geometria incumbe-se d'ensinar o methodo para chegar a demonstrar o que, á primeira vista, parece duvidoso; a *etymologia* tem um objecto analogo.

O elemento etymologico offerece-nos uma parte muito facil e uma outra de certa difficuldade.

Indicar, por exemplo, a derivação das palavras *acceitar* e *conceber* não tem grande difficuldade; porque, recorrendo ao latim, encontramos a origem que lhes pertence, nos verbos *accipio*, *ere* e *concipio*, *ere*, compostos das preposições *ad* e *cum* e do verbo *capio*, *ere*. Mas a sciencia etymologica requer tambem a origem de *capio*, vasto problema, cuja solução deve ser pedida, segundo uns ao sanscrito, e conforme outros, ao allemão.

Sabendo-se que o verbo *ferir* é em latim *ferire*, em grego *rhessô*, em zend *radjem*, em pehlvi *resch*, em persa *risch*, em egypcio *xari*, em arabe *farai*; sabendo-se que *ferre* infinito do verbo *fero*, *tuli*, *latum* é em grego *phero*, em sanscrito *bhri*, em armenio *bier*, em inglez *to bear*, em gotico *bair*, em allemão *bären*; o que é preciso é descobrir qual foi a lingua que originou as formas — *ferir*, em portuguez, *ferire*, em latim, ou as formas d'onde derivam *ferre*, latim e *phero* grego; é preciso vêr as alterações phoneticas que a palavra soffreu desde o seu estado primitivo até á epocha em que a vamos analysar; é preciso aproveitar todas as lettras que representam a origem, a forma, a significação e a reproducção dos elementos constitutivos d'uma palavra, apoiando o modo de ser derivativo na demonstração das formas parallelas e do elemento historico, para d'esta maneira podermos decompôr e recompôr um dado vocabulo.

Assim faremos prevalecer, por exemplo, a origem do verbo *fero*, latino, sustentando que vem directamente do sanscrito *bhri* ou do allemão *bären*.

D'aqui se conclue que a analyse philologica pode ser mais ou menos extensa, isto é, *geral* ou *especial*,

Geral, quando, decomposto um vocabulo, vamos averiguar a origem dos elementos constitutivos da palavra, e segundo a arvore genealogica das linguas, descemos d'uma lingua a uma familia de linguas até chegarmos ao tronco primitivo ou raiz do elemento e do vocabulo, como, por exemplo, as seis linguas romanas fazem-nos remontar ao idioma do povo italiano, que se estabeleceu nas collinas de Roma; o estudo comparado de todas as linguas aryanas nos faz descer a uma epocha mais primitiva da linguagem, usada pelos antepassados dos indios, dos persas, dos gregos, dos romanos, dos slavos, dos celtas e dos allemães. Sirva-nos de modêlo o adverbio *historicamente*. Separando a este vocabulo o suffixo *mente*, que acompanha os adverbios de modo — (vide capitulo IX) fica a palavra *historica* do latim *historicus*; tirando a *historicus* o elemento *cus*, suffixo d'adjectivos, resta-nos *histor* ou *historia*, nome composto do suffixo feminino *ia*, que serve para formar nomes abstractos. *Histor* é uma corrupção de *'istor*. Dividindo pois, *'istor*, em *is*, e *tor*, reconhecemos que *tor* é o nominativo do singular do suffixo derivativo *tar*, que existe em latim *da-tor*; em sanscrito *dâ-tar*, em grego *do-ter* (o que dá), e que *is* é o elemento radical. Na forma *is*, o *s* é uma modificação de *d*, porque, em grego, *d*, seguido immediatamente d'um *t* muda-se em *s*; emfim, temos a raiz *id*, que encontramos em sanscrito *veda*, em grego *oîda*, formas equivalentes á raiz *vid* que temos no inglez *to wite*, saber.

Portanto, a palavra *historia* significou originariamente— *alguem que sabe ou que encontra*.

Especial [1], quando a decomposição da palavra e de

---

1 Os exercicios d'analyse philologica no sentido mais ou menos geral, não podem ser exigidos senão aos que tiverem variados conhecimentos linguisticos, sem o que não é possivel emprehender o processo estabelecido na philologia comparada para se conseguir a

seus elementos constitutivos se limita á lingua materna, como restringir a analyse d'uma palavra ou suas partes componentes da lingua portugueza até á derivação do latim. Exemplo: *aggredir* do latim *aggredior*, *gredi*; *aggredior* comp. da prep. *ad*, mudando o *d* em *g* e de *gradior*, *gradi*; *ad* contracção do part. pass. ou supino de *agere*, *actum*, *agtum*, e por isso se converte em composição em *ac*, *ag* e *at*.

ORIGEM DA LINGUA PORTUGUEZA

Já vimos (pag. 1) que nossa lingua deriva d'um vasto grupo de linguas; o que nos falta é conhecer a arvore genealogica da qual se originou o portuguez.

A classe *asiatica* abrange duas familias: 1.ª a *indica*, de que fazem parte os modernos dialectos da India, e cuja lingua primaria é representada pelo idioma conhecido pelo nome de sanscrito; 2.ª a *iranica*, de que só se conhecem formas dialectaes, tendo como representantes o archaico *baktrico* ou *zend*, idioma em que está escripto o original do Zend-Avesta, e o antigo persa das inscripções cuneiformes dos Acmides.

A classe *europêa-meridional* abrange as seguntes familias:—1.ª—a *grega*, tendo quatro dialectos pouco distinctos, entre si, como representantes; 2.ª—a *albaneza*, de que se conhece um unico elemento dialectal e que manifesta intimas relações com o grego; 3.ª—a *italica*, cujos representantes são: o *latim*, o *osco*, o *umbrico*: o primei-

---

decomposição d'um vocabulo da familia aryanna; e por isso apenas os estudiosos podem fazer uma *analyse* em especial, visto que os seus conhecimentos litterarios não lhes permitte mais.

ro revela-se em grandes monumentos, os dois ultimos estão representados em productos numismaticos; 4.ª—a *celtica*, tendo como forma menos alterada o *antigo irlandez*, de que existem, ao presente, dois ramos: a(o *kymrico*, dividido em trez dialectos: o do paiz de Galles (*welsh*), o *cornico*, que não existe no presente seculo, o *armoricano* da Bretanha; b) o *gadhelico*, representado no dialecto *irlandez*, no *gaelico*, usado na costa occidental da Escocia e o dialecto da ilha de *Man*.

A classe *europêa-septentrional* divide-se em duas familias: 1.ª—a *teutonica*, representada em trez ramos: *alto allemão*, *baixo allemão*, *scandinavio*; 2.ª—*windica*, comprehendendo os dialectos *letticos*, falados na Lithuania, Kurlandia e Livonia com os dialectos slavicos, falados na Russia, Bulgaria, Illyria, Lusacia, Bohemia e Polonia.

Todas essas linguas submetteram-se aos processos que estudamos na philologia e grammatica comparada.

As divergencias formativas entre os dialectos romanos, a cujo conjuncto se dá o nome de *familia romana*, são pequenas, embora a parte morphica de cada um se destaque bem.

Recorrendo agora á historia, veremos, com a analyse e apreciação dos documentos que n'ella se encontram, que os romanos exerceram longa dominação, entre nós.

Todas as sociedades humanas caracterisam-se por trez distinctivos principaes, para se apreciar a unidade ou identidade nacional de diversas gerações successivas: raça, lingua, territorio.

A lingua é a especialidade de que, ligeiramente nos vamos occupar.

Nos monumentos de todo o genero d'origem romana, nas instituições politicas, nas religiosas, no amor da patria e em muitas obras da civilisação romana encontram-se argumentos historicos pelos quaes se prova evidentemente que a lingua da peninsula hespanica e com ella a lingua portugueza foi originada do latim, mas latim popular, a que alguns escriptores chamavam lingua *rustica*, *quotidiana*, *pedestris*, *vulgar*, *simples*.

A conquista de Roma não tinha só em mira a occupação do solo ou que os barbaros fossem apenas meros tributarios; o que mais interessava aos romanos é que os conquistados esquecessem, de todo, a sua lingua, visto que é esta um dos meios mais efficazes para a formação de nacionalidades. Em presença d'este facto, as linguas barbaras, sob o dominio de Roma, desappareceram immediatamente, o que produziu a linguagem usada por uma parte consideravel do mundo antigo, e assim o latim tornou-se a lingua commum da peninsula italica, da peninsula hespanica, emfim, de todas as nacionalidades latinas.

Qualquer que fosse o estado de civilisação dos primitivos povos da peninsula hespanica, qualquer que fosse seu progresso nas artes, sua lingua, seus usos e costumes, tudo cedeu á civilisação, á lingua e aos costumes romanos. Romanisaram tudo. A servidão por um lado, o exterminio por outro, as colonias, os municipios, as escholas, a milicia, os theatros, os presidios e muitas outras formas sociaes do imperio romano, deviam ser meios efficazes para exercer poderosa influencia e produzir complecta mudança em os naturaes da peninsula; porque estes, como homens rudes e portanto incapazes de reagirem contra a civilisação de Roma, e alem d'isso algemados á grilheta da mais ignobil servidão, deviam perder seus usos e costumes e por conseguinte a sua lingua, e n'este caso deviam acceitar a lingua dos invasores.

A opinião de que a lingua celtica, que era um dos ramos dos aryas ou povos indo-germanicos, se conservou nas linguas de Hespanha, atravez dos acontecimentos politicos sociaes durante muito mais de vinte seculos, encontrou alguns partidarios, opinião que talvez se apoie na intima relação que a lingua celtica tem com a familia italica. Mas, para provar a origem celtica no essencial da linguagem dos romanos, devia-se expôr a indole da antiga linguagem dos celtas de Hespanha e achar as analogias intimas entre essa linguagem e a nossa e o contraste d'ambas com o latim; mas, até ao presente, é o que ainda não se pôde fazer.

A lingua celtica passou sem deixar monumentos; o que

temos, é um certo numero de dialectos que se julgam de origem celtica, mas cuja identidade relativa com o idioma, de que procederam, ninguem pôde ainda determinar.

Aos que procuram sustentar que o celticismo é a base das modernas linguas das Hespanhas, importava sobretudo destruir o facto de complecto predominio do latim, já vulgar, já litterario, durante a epocha em que esta região esteve sugeita aos romanos. A palavra *lingua* não tinha para os auctores antigos a significação que hoje lhe damos, nem importava necessariamente uma distincção profunda de indole e vocabulos entre as origens celticas, podendo por isso equivaler a *dialecto*; e sendo certo isto, só se poderá admittir a existencia de variedades de pronuncia e ainda de expressões locaes, sem que por isso se possa concluir que o latim não era a base da lingua. Da importancia relativa dos diversos vestigios celticos, comparados com o que a historia nos relata sobre os varios povos que se foram sobrepondo uns após outros na peninsula hespanica por meio dos estabelecimentos commerciaes, conquistas e systemas politicos das grandes nações do mundo antigo, resulta-nos a evidencia de que, ao terminar o imperio romano, a nacionalidade dos anteriores habitantes de Hespanha, não sendo já simples e exclusiva, mas uma confusão de diversos povos, acabou por encorporar-se na forte nacionalidade dos Cezares.

Quando os godos entraram em Hespanha, não havia nenhuma differença entre iberos e romanos, a poncto de serem considerados todos romanos nas leis sanccionadas pelos novos invasores para governar a Hespanha wisigotica.

O modo como atravez do dominio wisigotico, da invasão arabe e da reacção christã, se foi alterando a linguagem hespano-romano no occidente da peninsula até chegar a produzir dialectos differentes, que se constituiram em diversas linguas, pode encontrar, philologicamente, a demonstração nas leis da formação das linguagens d'uma mesma familia de linguas, segundo os processos philologicos.

A parte relativa á nossa lingua, estudamol-a em parte competente.

Passando agora a examinar a forma de nossa primitiva organisação social, veremos que é toda romana.

De feito, o principio fundamental de nossos concelhos municipaes procede dos municipios romanos. A maior parte de nossas ceremonias e praticas religiosas, taes como, o passar nas procissões, os esrilos, a reverencia á mesa, o fechar os olhos e a bocca aos defunctos, o lavar os cadaveres, herdamol-as dos romanos. A mesma origem teem as usanças e superstições populares; por exemplo, as festas do carnaval são as Saturnaes de Roma; os dias aziagos, os *dies nefasti*; a sina ou o fado, o *fatum inevitabile*; as figas, que a gente do nosso povo dependura ao pescoço das creanças para as livrar de coisas más, a *res furtícula*. Em summa, fôra grande a relação das superstições que nos legaram os romanos, muitas das quaes foram expressamente prohibidas pelos concilios.

Demonstrado, pois, que, tendo nós tomado a religião, os usos, os costumes e tambem os proprios preconceitos dos romanos, necessariamente haviamos de herdar a linguagem d'elles.

Se, finalmente, quizermos entrar no campo da grammatica portugueza para provarmos a origem de nossa lingua, observamos que, não só as formas materiaes de todas as preposições e conjuncções, que são um dos alicerces fundamentaes da grammatica, por estabelecerem as relações de todas as ideas, como tambem a força, o valor, a significação das mesmas, o emprego na oração e o modo por que modificam o sentido das palavras, procedem do latim.

Em vista das variadissimas formas dos adverbios latinos, tomamol-os dos romanos bastante alterados, sem comtudo se tornarem desconhecidos a um poncto tal, que se lhes ignorasse a origem. Não passaram muitos para o portuguez, por serem de difficil pronunciação; mas foram substituidos por equivalentes, formados de elementos da lingua materna. Alguns são tão antiquados, que só se encontram nos documentos em que a lingua portugueza principiou a ser escripta; são adverbios essencialmente latinos.

Muitas das interjeições portuguezas são originarias de adverbios e nomes latinos, que usamos como formas interjectivas.

Sendo certo, que as particulas d'uma lingua, as quaes os grammaticos chamam partes invariaveis do discurso, são umas especies de palavras, cuja significação só se consegue com o uso e frequencia de se falar uma dada lingua, conclue-se que o povo portuguez não tinha em seu vocabulario as particulas d'uma lingua, a latina, que lhe fosse extranha e nunca tivesse usado.

As terminações de nosso vocabulario, as quaes são todas palavras latinas, embora ligeiramente modificadas nas formas, não perderam as significações, que lhes são proprias, na passagem do latim para o portuguez.

Posto que na lingua vulgar não se use, actualmente, todas as formas de construcção latina, não podemos ainda assim deixar de reconhecer esse modo de ser de construir a linguagem em nossos antigos documentos, onde apparece a mais perfeita analogia de syntaxe.

Pelo exposto, torna-se evidente a origem da lingua portugueza, a qual foi formada da corrupção que no latim rustico produziu a continua invasão dos suevos e arabes, sobretudo a dos primeiros, que lhe alteraram, em geral, a parte morphica, sem apezar d'isso, lhe fazer desapparecer a identidade da indole, que n'ella ficou existindo, como se prova pela analogia das ideas entre a lingua latina e portugueza.

SEGUNDA PARTE

MORPHOLOGIA

Já dissemos que se dava este nome á parte da grammatica comparativa, que estudava os elementos constitutivos da linguagem.

As alterações no systema de fórmas grammaticaes constituem na linguagem os verdadeiros elementos organicos.

As formas grammaticaes são as seguintes:—1.ª As raizes, os elementos fundamentaes e primordiaes das palavras. 2.ª Os prefixos e suffixos das palavras que, combinando-se com as raizes ou radicaes, produzem themas derivados. 3.ª Os suffixos de desinencia ou terminação, que, unindo-se ás raizes ou aos themas derivados, lhes fornecem idêas de relação, expressas pelas terminações e numero. 4.ª Os suffixos verbaes, que, unidos ás raizes ou aos themas derivados, lhes augmentam as idêas de tempo, modo e pessoa.

Portanto, é á morphologia que pertence classificar as raizes e suffixos por cathegorias, determinar a fórma e func-

ção fundamentaes de cada um d'esses elementos, observal-os em suas transformações, e acompanhal-os até ao ultimo momento de sua existencia.

Depois de estudadas estas bases, de que nos temos occupado até aqui, podemos entrar nas questões especiaes da linguagem, examinando como o latim se transformou no vocabulario, nos sons e nas fórmas da lingua portugueza.

CAPITULO IX

Formação dos vocabulos

Depois de conhecermos os *elementos constitutivos* das palavras portuguezas, derivadas, em geral, da lingua latina, observaremos que a construcção de nosso vocabulario obedece a uma organisação methodica de facil comprehensão e aprendizagem.

Fazemos distincção entre *elementos constitutivos* d'uma palavra, e palavras *compostas*, embora haja uma certa synonimia n'esse modo de classificar. Consideramos pois *elementos constitutivos* d'uma palavra, as partículas ou partes que formam a unidade do vocabulo; e chamamos palavras *compostas* áquellas que resultam da união de duas ou mais palavras portuguezas, as quaes conservam ou modificam a forma que teem, quando empregadas separadamente.

Assim, no verbo *transpôr* reconhecemos que a palavra é composta do prefixo *trans*, do radical *p* e da desinencia *ôr*, e estes e ainda outros nomes recebem a denominação de *elementos constitutivos*. Nos vocabulos *passatempo*, *bem-me-quer* e *mal-me-quer*, reconhecemos que,

em qualquer d'elles, ha uma composição de palavras perfeitas.

No vocabulario portuguez existem trez factos principaes:—*opulencia*, *clareza* e *facilidade*. Nota-se o primeiro na immensidade de palavras d'um modo variado em forma e em significação; o segundo, em podermos exprimir essas palavras e phrases com um sentido exacto; o terceiro, em podermos manifestar nossos pensamentos de modo que possamos ser facilmente comprehendidos.

Para obtermos o conhecimento d'estes trez factos notaveis, é necessario que os *elementos constitutivos* tenham uma organisação regular.

Observamos regularidade em dois ponctos:—teem o mesmo radical as palavras que exprimem differentes modificações ou filiações d'uma idêa principal; e na formação dos derivados, alterações similhantes mostram modos eguaes de exprimirmos os pensamentos. As palavras seguintes provam o facto de regularidade:—*antevêr*, *revêr*, *prevêr*, compostas dos prefixos *ante*, *re* e *pre* e o mesmo radical *v*;—*affecção*, *funcção*, *licção*, *locução*, *oração*, *solução*, derivadas do latim *affectio*, *functio*, *lectio*, *locutio*, *oratio*, *solutio*, em que as terminações *ctio* e *tio*, correspondendo em portuguez ás desinencias *ção* e *ção*, fazem exprimir ás palavras assim terminadas a acção da idêa principal.

Os *elementos constitutivos* recebem os nomes de:—*radical*, *affixo*, *suffixo* e *prefixo*.

Dá-se o nome de *radical* ao elemento do vocabulo que nos mostra a idêa principal; *affixo* á parte da palavra que exprime a modificação da idêa principal. Quando porém o elemento *radical* antecede o *affixo*, recebe então o nome de *prefixo*; e, se a particula está collocada no fim da palavra, chama-se *suffixo*.

Os *elementos constitutivos* podem reduzir-se a trez denominações: *radical*, *prefixo* e *suffixo*.

Tanto os *prefixos*, como os *suffixos*, constantes de particulas perfeitas ou transformadas da lingua materna, dão ás palavras da propriedade, a que se chama *inflexão*, de poderem exprimir uma grande variedade de idêas accesso-

rias, combinadas com a significação primitiva, representada no *radical* ou *affixo*.

Exemplifiquemos. A palavra *Deos* nas linguas neo-latinas tem o radical no *d*, elemento invariavel, que n'este exemplo é uma lettra, mas em outras palavras póde ser uma syllaba ou um certo numero de consoantes. O verbo *estar*, derivado do latim *stare*, é composto do radical *st*, e da desinencia infinitiva *ar*. O radical, que é a expressão organica e primitiva, designa — *a fixação, a immobilidade dos objectos*, ou o *estado fixo, postura em pé*; e reunindo-se a significação do radical com a da terminação infinitiva, — *estar* — quer dizer — *conservar-se firme, deter o movimento, permanecer, parar*. O substantivo *estabelecimento* é derivado de *stare*, de que falamos no exemplo anterior; do elemento *stare*, por meio do suffixo *bili*, que tem os parallelos em *amg-bili*, amavel, *not-a-bili*, notavel, etc., se formou o adjectivo *st-a-bili*, significando o que tem a propriedade de estar, de permanecer num logar; de *st-a-bili* se formou o verbo *st-a-bile-se-ere*, significando tornar estavel, *estabelecer*; d'este verbo, destituido de qualquer terminação se formou, emfim, por meio do suffixo *mento*, a palavra *estabelecimento*. A palavra *amar* tem o radical na syllaba *am*, designando a significação do *amôr*, e a desinencia *ar*, pertencente ao verbo latino *aro, are*, que significa propriamente dicto — *lavrar a terra*, e de cuja significação primitiva se formam variados sentidos. O vocabulo *olhar* é formado das lettras *olh* (olho), e da desinencia infinitiva *ar*, significando — *dirigir* ou *applicar o olho* ou *a vista*. O verbo *reincidir* é composto da preposição *re*, significando — *repetição*, e *incidere*, infinito do verbo *incido*, cahir; denotando — *acto de se tornar a cahir na culpa* ou *no erro*. O verbo *pretender* é formado da preposição latina *prae*, que passou para o portuguez com a forma *pre*, significando — *deante*, e *tendere*, infinito do verbo latino *tendo*, inclinar; significando — *inclinar-se para deante, extender a mão*. D'este verbo fizemos o substantivo *pretendente*, tendo a mesma analyse que acabamos de expor no verbo, e o suffixo *ente*, derivado do latim *ens, entis*, que significa o *ente*, isto é, o

homem que pretende alguma coisa. O vocabulo *avoengo* é composto de *avó* e do suffixo *ego*, particula derivada do verbo latino *ago, is, ere*, significando aqui *numero*, isto é, serie de *avós*. Em rigor devia-se escrever *avoego*, mas parece que se admittiu o *n* por euphonia. A palavra *desinencia*, de *desinens, tis*, significando—que acaba, e do suffixo *ia* destinado a formar nomes abstractos, é formada do verbo *desino, is, ere*, terminar; *desino* é composto da preposição *de*, significando—*privação, diminuição*, etc., e do verbo *sino, is, ere*, deixar, permittir; equivale ao modo como terminam as palavras. Emfim, podem servir de exemplos os adverbios terminados em *mente*, como: *sabiamente*; os quaes apresentam o suffixo *mente*, ablativo do singular de *mens, entis*, significando—*tenção* ou *intenção, etc.*

Por estes exemplos podemos ver que os conhecimentos dos *elementos constitutivos* e a sua significação dão-nos o saber ideologico, sem os quaes é difficil podermos avaliar á força, o valor e o sentido da linguagem falada ou escripta.

E' necessario seguir um methodo, formado na *analyse* e na *synthese* para podermos decompôr e reconstruirmos qualquer palavra. Se a palavra é simples, como muitas das que os grammaticos classificam de—*invariaveis*, não admitte decomposição; mas, se é vocabulo composto de *elementos constitutivos*, é necessario separar-lhe as partes da sua constructura total. A divisão das partes deve ser feita de modo que nem a sua multiplicidade confunda ou embarace, nem tão pouco difficulte o conhecimento ideologico. A essa decomposição chama-se *analyse de etymologia*.

Feita a analyse e estudo de cada uma das partes do vocabulo, é preciso recompol-o e trazel-o á sua primitiva unidade, para que se conheça idéa por idéa, e o modo como cada uma concorre para a unidade do todo. N'esta união de elementos nenhum se deve omittir, seguindo-se o modo inverso ao da *analyse*, quer-se dizer, começando a considerar unidas as ultimas partes que esta descobriu até inteirar a unidade do todo com as primeiras. A esta reconstrucção de partes chama-se *synthese de etymologia*.

SECÇÃO UNICA

Exercicios d'analyse etymologica

Conhecidos os elementos constitutivos d'uma palavra, devemos separar do *affixo* ou *radical* os *prefixos* e *suffixos*, se os houver; depois decomporemos estes elementos até chegarmos á raiz primitiva de cada uma das particulas de que se compõe o vocabulo, usando para esta operação de *analyse etymologica*, dos signaes arithmeticos.

Exemplo

De—com—posi—ção=decomposição.
De—cum—posi—tio=decumpositio.

Seguindo o mesmo methodo em ordem inversa, reconstruiremos a palavra decomposta, e obteremos a *synthese etymologica*.

Exemplo

Re+com+posi+ção=recomposição.
Re+cum+posi+tio=recumpositio.

Sirva de exercicio o seguinte modêlo, que não é traduzido para a lingua dos romanos, segundo a syntaxe latina, porque temos em vista só analysarmos certas palavras, sendo acompanhadas algumas da significação correspondente, as quaes servirão de norma aos estudiosos para outros exercicios.

Modelo

A acção de caridade é differente da de philanthropia: a primeira vai, occultamente, do coração benefico até ao necessitado; a segunda tende a procurar o applauso social.

Analyse

Acção, *ac-ç-ão*=ac-t-io; *ac*, rad. de *acus*, origem, agulhão, etc.; *t*, elemento de *ac-tus*, pp. de *ago, is, ere*, fazer, obrar, etc.; *ão*=*io* (cap. XXX); *io*, sufixo de *ago, is, ire*, movimento considerado como inicial e origem d'outro; caridade, *carid-ade*=carit-ate; de *carit-as*, *atis*, agr. derivado de *carus*, *a*, *um*, caro, caríssimo; *ade*, suffixo de *ago, is, ere*, obrar, produzir, etc.; *ão*=*io*; *io*, sufixo de *carus*, *a*, *um*=differente, *dif-fer-ente*=dif-fer-ente, de *dif-fer-ens, entis; dif*=prep. *dis*, sign. separação, para diversas partes; *fer*, de *fero, fers, erre; ente*, de *ago, is, ere;*—philanthropia, *phil-anthrop-ia*=phil-anthrop-ia; *phil*=*philos*, gr., amigo; *anthrop*=*anthropos*, gr., homem; *ia*, suffixo que fórma nomes abstractos, tendo as fórmas parallelas, por exemplo, em constant-ia, *constanc-ia*, ignorant-ia, *ignoranc-ia*, obedient-ia, *obedienc-ia*, scient-ia, *sciænc-ia*;—primeira, *prim-eir-a*=prim-ari-a; *prim*, de *primus*, *a*, *um*; *ari*, contr. de *ari-us*, *a*, *um*; *arius*, de *aro*, *as*, *are* (cap. XXX art. 2.º sec. 1.ª); *a* de *ari-a* des. que exprime em latim os generos de cada individuo;—*oc-cul-ta-mente*=oc-cul-te; *oc* por *ob* deante de *oculus*, olho; *cul*, rad. de *oculus*; *ta*, rad. de *tollo, is, ere*, tirar; *tollo*, da raiz *tol*; *ere*, des. inf. rad. *tol*=*e*, term. para formar adverbios que exprimam o *modo;*—coração, *cor-ação*=*cor-d-io*; *dis*=*bene*; *bene-fic-o*=*bene-fic-us; bene*, bem; *fic*, rad. de *facio, is, ere*, fazer; *us*, sufixo de adjectivos, como em *ver-us*, *a*, *um*, verdadeiro, etc.

A forma *cor* em logar de *coração* apparece em documentos antigos, taes como, no Canc. de D. Diniz, pag. 81, Canc. [illegible]

bem; *fic*, de *facio, is, ere*, fazer; *us*, des. dos nomes lat.; — até, *a-té* = hac-tenus; *hac* de *hic*, aqui, n'este lugar, agora; *tenus* prep. de abl. e genit. até; — necessitado, *ne-cessit-ado* = ne-cessit-as, atis, adj. verb. de *necessitar;* ne-cèssit-ado; *ne*, não; *cessit*, de *cedo, is, ere*, perder; *ado*, contr. de *actus, a, um*, part. de *ago, is, ere;*— segunda, *segund-a* = secund-a; *secund-a* de *secund-us, a, um; secund* de *secutus* p. p. de *sequor, eris, utus sum*, seguir; *a* de *secund-a*, desin. para formar os nomes;—tende, *tend-e*=*tend-it; tend*, de *tendo, tetendi, ere*, caminhar, ir; *it*=*e*, des. verb. (cap. XXII art. 1.º);—procurar, *pro-cur-ar* =pro-cur-are; *pro*, prep. a favor, em consideração, etc.; *cur* de *curo, as, are*, applicar, cuidar; *cur* de *cura, ae*, cuidado, diligencia; *cura* de *quaero, sivi, itum*, procurar; *quaero* ant. forma *quairo*, forma adoptada nas inscripções dos tumulos dos Scipiões;—applauso, *ap-plaus-o*=ap-plaus-us; *ap* por *ad; ad* prep., a forma antiga de *ad* era *ar*, exemplo, *arveho, arbiter*, em vez de *adveho, adbiter* de *arbitere*=*adbitere; plaus*, de *plaus-us*, estrepito ; *plausus*, de *plaudo, si, sum*, applaudir; *us* de *plaus-us*=*o*, des. dos nomes;—social, *soci-al*=soci-alis ; *soci* de *soci-us*, companheiro; *soci-us* de

---

ant. n.º 37, e foi usada tambem por Camões e outros; depois foi substituida pelo vocabulo *coração*.

O radical de *cor* em latim, do italiano *cuore*, do antigo francez *cuers*, e actualmente *cœur*, do hespanhol *corazon*, tem estreita affinidade com as formas gregas, *kear*, *ker*, *kardia*, quanto ao sentido de *coração*.

A comparação com as linguas collateraes da familia indo-européa dá-nos uma notavel analogia. Os themas *cord* do latim e *kard* do grego são identicas ao sanscrito *hrid*, coração, apezar da dissimilhança formativa d'estas palavras; mas um *h* sanscrito corresponde muitas vezes a um *k* ou a um *c* nas linguas européas.

A palavra *coração* nas differentes linguas tinha ao principio um sentido physico e designava o orgão principal das funcções caracteristicas de todos os orgãos que constituem o homem.

Apoiada n'este principio a observação philologica de mr. Pictet, demonstrou que, depois de ter estudado os differentes nomes da pa-

socia, *ne*, companheira; *socia* de *sequor*, *eris*, *alius sum*, o que acompanha; *alis*=*al*; *al* de *alo*, *is*, crear, nutrir, etc.; da idéa de *creação* nasce a de *producção*, *collecção* e *numero*; logo, *social* exprime, n'este caso, uma quantidade de homens associados ou em sociedade.

---

lavra franceza *cerf*, veado, em differentes linguas, taes como, no antigo allemão *hiruz* e no anglo-saxonio *heort*, havia grande analogia, apresentada pelo sentido d'estas palavras, com aquellas que, nas mesmas linguas, servem para designar a significação do vocabulo *coração*. Procurando pois uma raiz que determinasse a serie de derivados, encontrou *krid*, *kurd*, que significa em sanscrito *saltar*. O veado era chamado pois nas linguas germanicas, o *saltador*, denominação muito justa e comprovada pelo proprio sanscrito, que chama ao veado *plavanga*, o saltador.

Ora, se a palavra *coração* nas linguas neo-latinas tem a raiz *c*, se esta lettra, segundo as alterações phoneticas, equivale a um *k* sanscrito, se um *k* sanscrito corresponde a um *k* ou a um *c* nas linguas europeas, temos, portanto, as palavras *herz*, all. *heart* ing. identicas, na forma ás palavras que significam veado, e, conseguintemente, tambem são eguaes no sentido.

CAPITULO X

Desinencias dos nomes

Nas linguas indo-européas, como no grego, latim e allemão a variabilidade das desinencias recebe o nome de *casos*, e nas linguas neo-latinas, como o portuguez, francez, hespanhol e italiano, os *casos* distinguem-se pela preposição que antecede a palavra.

O vocabulo *caso* deriva-se do latim *casus*, que significa—*queda, desinencia, accidente* e *circumstancia*. A significação de *queda* e *desinencia* tem sido considerada no sentido material, e d'aqui provém a opinião de não admittirem nas linguas modernas a classificação de *casos*.

Se em portuguez o vocabulo não tem uma variedade de fórmas terminativas, com as quaes os nomes passem successivamente d'um a outro modo de significar dentro de certas relações, como nas linguas indo-européas, todavia exprimimos as diversas relações e circumstancias dos nomes por meio de preposições.

Convem observar que, em nossa lingua materna, não são rigorosamente as differentes terminações do nome que designam os casos, porque a mesma fórma terminativa ex-

prime ás vezes dois ou trez casos distinctos, e portanto as variadas relações e circumstancias caracterisam-se no latim com preposições. O accusativo e ablativo denotam differentes circumstancias, que só podem conceber-se por meio das preposições, evitando d'esse modo obscuridade na oração.

Perdidas, porém, as desinencias dos *casos* em portuguez, tornava-se necessario uma classificação para indicar as relações e circumstancias de nossos nomes, que correspondessem aos casos latinos, exceptuando o nominativo e vocativo, e por meio d'uma convenção grammatical deu-se a essa classificação o nome de—*complementos*.

CAPITULO XI

Formação das desinencias

O vocabulario portuguez é, geralmente, tomado do ablativo do singular dos nomes latinos.

O povo lusitano era bastante rustico para poder apreciar as variadas desinencias da lingua materna, e por isso adoptou em seus vocabulos uma terminação uniforme e regular, que não podia ser a do nominativo, visto que é uma desinencia bastante difficil, já na forma material, já na pronunciação, mas a do ablativo, que é o caso latino em que se emprega o maior numero de relações e circumstancias, exceptuando os nomes pertencentes á primeira declinação, por o nominativo e ablativo do singular terem dois casos similhantes.

Antes, porém, de demonstrarmos o que acima dizemos, convem notar que estão excluidas d'esta regra as desinencias dos nomes dos deoses, dos heroes, de cidades, de rios, de montes, e de nomes proprios, que são formados do nominativo; tambem a linguagem scientifica, adoptada por nossos primeiros poetas e historiadores, foi formada de diversos casos latinos, segundo o gosto e a euphonia do escriptor.

1.ª SECÇÃO

Nomes formados da 1.ª declinação

Vejamos agora como a lingua portugueza formou seus substantivos do nominativo ou ablativo da primeira declinação, cuja desinencia uniforme é em *a*. Nas outras secções observamos o mesmo facto com relação ás outras declinações, havendo só differença no ablativo.

De *anima* [1] formou-se alma; *aqua*, agua; *statua*, estatua; *collega*, collega; *gingiva*, gengiva; *litteratura*, litteratura; *patria*, patria; *terra*, terra, etc.

2.ª SECÇÃO

Nomes formados da 2.ª declinação

Com o nominativo em *us*, como: *alumno*, alumno; em *ius*, como *filio*, filho; em *er*: *genero*, genro; em *ir*:

1 São concordes quasi todos os etymologistas em derivarem a palavra *alma* do latim *anima*, e do grego *anemos*, que significa *ar*, *sopro*, e fundamentam sua opinião em que em quasi todas as linguas a palavra correspondente a *alma* significa *ar*, *sopro*. Comtudo ha alguns que pretendem fazer descender o vocabulo *alma* do radical *alimaria*, de *animalia*, plural corrompido de *animal*, (animal); e do substantivo latino *anima* fazem derivar *animo*, *animar*, *animoso*.

viro, varão; em *um*, como: *templo*, templo etc. O ablativo do singular termina em *o*.

3.ª SECÇÃO

Nomes formados da 3.ª declinação

Para mostrarmos o quanto é variada a terminação do nominativo do singular d'esta declinação, é de sobra o seguinte:

Em *io*, como: *actione*, acção; em *or*: *arvore*, arvore; em *as*: *aetate*, edade; em *er*: *cadavere*, cadaver; em *ut*: *capite*, cabeça; em *us*: *fraude*, fraude; em *ex*: *judice*, juiz; em *o*: *virgine*, virgem; em *us*: *virtute*, virtude. O ablativo do singular termina, geralmente, em *e*, exceptuando os nomes neutros em *e*, *ar* e *al* que tem o ablativo do singular em *i*, como: *animali*, animal.

4.ª SECÇÃO

Nomes formados da 4.ª declinação

Com o nominativo em *us* e o ablativo em *u*, como: *abortu*, aborto; *boatu*, boato; *cultu*, culto; *manu*, mão; *porticu*, portico.

Quem opina assim, vê o radical d'*alma* no verbo latino *alo, ere*, vivificar, nutrir, do qual se deriva *almus, a, um*, creador, o que cria etc. Porém é mais provavel *alma* derivar de *anima* do que de *alo, ere*; porque o *n* medial latino muda-se frequentemente em *l*, de que são parallelas as formas seguintes:—*alimal*, por animal; *licorne*, por unicorne; *lumear* por nomear; *menancolia* por melancholia, etc.

5.ª SECÇÃO

Nomes formados da 5.ª declinação

Com o nominativo em *es* e o ablativo em *e*, como: *blanditie*, blandicie; *die*, dia; *fide*, fé; *facie*, face; *planicie*, planicie; *superficie*, superficie etc.

Nos adjectivos podemos observar a mesma formação que acabamos de demonstrar nos substantivos.

Assim, do adjectivo triforme *divinus*, *a*, *um*, tomamos as formas *divino*, *divina* do ablativo do singular *divino*, *a*, *o*; de *longus*, *a*, *um* tomamos *longo*, *longa* do ablativo *longo*, *a*, *o*; de *pedester*, *tris*, *e* formamos *pedestre* do ablativo *pedestri*; de *terrester*, *a*, *um*, fizemos *terrestre* de *terrestri* etc.

A mudança do *i* em *e*, é uma das alterações phonetícas na passagem do latim para portuguez, e que tambem succede na lingua materna, como do adjectivo triforme *salsus*, salgado fizeram *insulsus*, desenxabido, insipido; de *aptus*, habil, fizerem *ineptus* incompetente.

CAPITULO XII

Genero dos nomes

Sob o poncto de vista philosophico apenas poderiam exprimir genero masculino ou feminino as palavras que representassem individualismo do reino animal; e as restantes deveriam chamar-se neutras ou rigorosamente sem genero. Mas, debaixo do sentido grammatical, consideram-se masculinos ou femininos os seres que, ás vezes, não representam nenhuma classe do reino animal.

Parece estar subordinada esta opinião grammatical á inclinação que o homem manifesta em querer animar tudo

aquillo que o cerca, e d'aqui nasce provabelmente o habito de admittirmos sexo nas coisas que realmente não o tem; e esta sexualidade de analogia pode encontrar razão em conseguirmos mais elegancia e harmonia no discurso.

Quanto ao numero de generos divergem os grammaticos, sustentando uns que temos o *genero neutro*, e outros opinam que taes nomes e desinencias são absolutamente extranhas á lingua portugueza. São classificados pois de nomes neutros os verbos substantivados, como: *o amar*, *o estudar* etc., e tambem os adjectivos triformes, sendo do genero neutro a ultima forma.

Mas um dos nossos philologos nega a existencia do genero neutro, visto que em portuguez, exceptuando os adjectivos triformes, não temos nomes com uma desinencia tal, a que se lhe possa dar a denominação neutra, assim como não temos terminação correspondentes ás latinas *ud*, *um*, e *al*.

Esta opinião é contestavel; porque, confundidos os casos dos nomes latinos em vista da lei da corrupção, ficaram estes casos sustentando apenas a desinencia do ablativo do singular, a qual foi por vezes alterada, mas ainda assim foi aquella que serviu de norma para os outros casos. Por este facto se conhece que é inutil pretender que os nomes portuguezes e os das linguas *neo-latinas*, que passaram pelo mesmo processo, conservem as terminações em *ud*, *um*, e *al*, que são unicamente as do nominatio dos nomes de nossa lingua materna.

Ora, sendo a desinencia dos nomes neutros latinos egual á do ablativo do singular, e formados os nossos vocabulos d'este caso, os dois generos deviam-se confundir, como realmente succedeu; porque a ignorancia do póvo lusitano, na epocha da formação da lingua portugueza, não admittia a differença entre o genero masculino e neutro, a qual, não se manifestando na forma material da desinensia, apenas podia ser conhecida por uma maneira intellectual ou deducção etymologica.

Tambem concorreu para extinguir a distincção entre estes dois generos o formarmos a terminação dos adjecti-

vos portuguezes do ablativo do singular dos latinos; pois é certo que os adjectivos triformes da nossa lingua materna só teem uma forma no ablativo do singular para os dois referidos generos.

Portanto, formados os vocabulos portuguezes d'um caso latino, cuja desinencia tanto pode ser a do masculino como a do neutro, não podemos fazer distincção entre os dois mencionados generos.

Os generos masculinos e femininos podem ser conhecidos pela significação e pela desinencia. Os individuos que manifestam sexualidade ou analogia correspondente, teem uma palavra ou uma desinencia differente para designarem o sexo.

A modificação de forma para o feminino pode ser total, como os vocabulos: *homem*, *mulher*, *rei*, *rainha*; pode ser parcial, como: *imperador*, *imperatriz*, *duque*, *duqueza*; emfim, pode ser simplesmente terminativa, como: *republicano*, *republicana*.

São conhecidos pela significação os nomes que exprimem sexo *macho* de homens, como: *Augusto;* quer de irracionaes, como: — *Pio*, cavallo de Turenne, marechal de França. Pertencem tambem a este genero os nomes proprios de anjos, demonios, deoses, semi-deoses, heroes, ventos e rios, por serem representados por figuras de homens.

São do genero feminino as palavras que exprimem sexo feminino, quer de mulheres, como: — *Augusta*; quer de irracionaes, como: — *Estricta*, cadella de Actéon. Encorporam-se a este genero os nomes proprios de deosas, nymphas, divindades symbolicas, e tambem os nomes das virtudes, das musas, das graças, das sereias, das parcas, das furias, das harpias e ainda outros.

Ha alguns nomes de animaes que, talvez, por não terem uma sensivel differença entre os machos e as femeas, teem nomes communs, e, pertencendo a um unico genero, comprehendem tanto o masculino como o feminino.

Ao primeiro genero pertencem — *crocodilo*, *esquilo*, *leopardo*, *pavão*, *rouxinol*, etc.; e ao segundo: — *cegonha*, *hiena*, *lamprêa*, *truta*, etc.

Para exprimirmos qualquer *epiceno*, segundo a classificação grammatical, devemos acompanhar esses nomes com as palavras—*macho* ou *femea*.

Chamam-se *communs de dois* as palavras que, designando classes de pessoas, teem a mesma desinencia para ambos os generos, como:—*infante*, *hypocrita*, *martyr*, *tafui*. Podem-se clasificar da mesma maneira os *appellidos de familia*, que, com a mesma desinencia, exprimem entes de ambos os sexos, pois dizemos:—o *senhor Barbedo* ou a *senhora Barbedo*, *Castello Branco*, *Furtado*, *Falcão*, *Salgado*, *Serqueira*, etc., e não a *senhora Barbeda*, *Castello-Branca*, *Furtada*, etc.

São conhecidos pela terminação os nomes das coisas que, não tendo em portuguez uma sexualidade analoga, seguem as regras da terminação da lingua materna, devendo pertencer ao genero masculino os vocabulos que são neutros em latim.

Os nomes em *a*, pertencentes, em geral, á primeira declinação latina, como *anima*, alma, e que terminam tambem em portuguez em *a*, são do genero feminino.

Exceptuam-se alguns nomes que acabam em *a*, como: *agricola*, porque em latim tambem são masculinos; os que são originados do genero neutro latino, que pertencem, por isso ao masculino; e os que não são originados do latim, como:—*alvará*, *sofá* e outros.

São masculinos os nomes que acabam em *ão*, primeiramente os que proveem da 3.ª declinação latina e que fazem o nominativo em *o*, como: *carvão*, *dragão*, *leão;* os que teem origem em qualquer declinação, pertencentes ao genero neutro, como: *verão*, *grão*, *trovão;* os que não teem origem latina, como: *bordão*, *brasão*, *gibão*, *grilhão*, *padrão*; os augmentativos em *ão*, embora os primitivos pertençam ao genero feminino, ex.: *barraca* barracão, casa, *casão*, *cara*, carão, *caixa*, caixão, *faca*, facão, *mulher*, mulherão, apesar de tambem se dizer—*mulherona*.

Exceptuam-se os nomes da 3.ª declinação latina, cujo nominativo é em *io* ou *do* como: *occasião*, *licção*, *multidão*, *servidão*.

São do genero feminino os nomes terminados em *ade*, forma transformada do ablativo dos nomes da 3.ª declinação com o nominativo em *as*, como:—*benignidade*, *caridade*, *christandade*; os vocabulos em *gem* ou tomados dos nomes da 3.ª declinação em *go*, como *imagem*, *origem*, *vertigem*, ou dos que não procedem da lingua materna, mas teem a mesma desinencia em *ço*, ex.: *viagem* e outros.

Exceptuam-se as palavras *pagem*, *almargem* [1], e *personagem* que são communs de dois.

São masculinos os nomes que terminam em *ae*, *au*, *eu*, *oe*, como: *pae*, *sarau*, *breu*, *heroe*.

Exceptua-se *nau*.

São masculinos os nomes terminados em *en*, cuja desinencia pertence ao genero masculino e neutro dos latinos, ex.: *lichen*, *regimen*; os que terminam em *al*, *el*, *il*, *ol*, *ul*, como: — *animal*, *mel*, *covil*, *sol*, *sul*; os que findam em *ar*, *er*, *ir*, *or*, *ur*, como:—*luar*, *clyster*, *elixir*, *andor*, *catur*, desinencias que nem todas pertencem aos nomes masculinos e neutros da lingua materna.

Exceptuam-se os vocabulos — *cal*, *colher*, e os monosyllabos—*côr*, *dôr*, *flôr*.

São femininos os nomes terminados em *z*, desinencia transformada do nominativo dos nomes latinos, terminados em *x* e *as*, assim como os que não procedem d'essa lingua, como:—*paz*, *tenaz*, *rigidez*, *pallidez*, *cicatriz*, *cerviz*;

Exceptuam-se — *cabaz*, *algoz*, *gaz*, *giz*, *verniz*, *abestruz*, *alcaçuz* e poucos mais.

Por estas principaes regras poder-se-ha conhecer o maior numero de desinencias que determinam tal ou qual genero dos nomes portuguezes.

---

1 Como palavra de significação pouco conhecida, parece-nos conveniente dizer que *almargem* deriva do arabe—*almarge*, do verbo *maraja*, dar pasto, cortar herva para o gado. Significa—*prado*, *campo*, *pastagem*. Sentido figurado—*boeiro*, *sitio* para onde se lançam coisas inuteis. D'aqui a locução com a syncope do *l*—*á margem*.

CAPITULO XIII

Generos dos substantivos

Os substantivos proprios e tambem appellativos, que terminam em *o*, mudam esta terminação em *a*, para formarem a feminina. Assim, *Augusto*, faz *Augusta*, *Benedicto*, *Benedicta*, *Francisco*, *Francisca*; — *filho*, *filha*, *pombo*, *pomba*.

Os appellativos manifestam uma irregularidade notavel na formação da feminina, ex.: homem, *mulher*; boi, *vacca*; bode, *cabra*; carneiro, *ovelha*; gamo, *corça*; gallo, *gallinha*: veado, *cerva*; — os de parentesco: — pae, *mãe*; avô, *avó*; padrastro, *madastra*; genro, *nora*; compadre, *comadre*; — os de dignidades sociaes, como: — archiduque, *archiduqueza*; barão, *baroneza*; conde, *condessa*; czar, *czarina*; duque, *duqueza*; embaixador, *embaixatriz*; imperador, *imperatriz*; marquez, *marqueza*; principe, *princeza*; rei, *rainha*; visconde, *viscondessa*; — emfim, os seguintes: — abbade, *abbadessa*; actor, *actriz*; alcaide, *alcaidessa*; deos, *deosa*; diacono, *diaconisa*; heroe, *heroina*; hospede, *hospeda*; mestre, *mestra*; monje, *monja*; prior, *prioresa*; poeta, *poetisa*; propheta, *prophetisa*; sacerdote, *sacerdotisa*; pardal, *pardoca*; peru, *perua*.

Alguns d'estes nomes, não sendo oriundos da lingua materna, formam a feminina portugueza com a desinencia latina *ix*, que nós alteramos algum tanto.

Ha alguns nomes que, apezar de não exprimirem sexo, teem a desinencia *a* para significarem a forma correspondente á feminina. Entre outros apontaremos: — barco, *barca*; bacio, *bacia*; buraco, *buraca*; etc. em que a feminina, manifestando o mesmo objecto que o masculino, apresenta-se-nos com menos profundidade e mais largura. Assim, o *barco* é mais alto e tem menos largura do que a

barca; o *bacio*, do que a *bacia*; o *buraco*, do que a *buraca*, e assim por deante.

A regularidade de terminação, que se dá do macho para a femea, faz-nos reparar em uma certa analogia sexual, á imitação dos entes, em geral, pertencentes ao reino animal. Todavia, existem alguns nomes masculinos, terminados em *o*, extranhos complectamente a estas analogias, taes como:—barro, *barra*; prato, *prata*; queixo, *queixa*; etc.

Os substantivos terminados em *ão* mudam esta desinencia em *ôa*, como: leão, *leôa*; abegão, *abegôa*.

Exceptuam-se:—barão, *baroneza*; christão, *christã*, cidadão, *cidadã*; irmão, *irmã*; ladrão, *ladra*.

CAPITULO XIV

Genero dos adjectivos

Já dissemos que, tanto os substantivos como os adjectivos portuguezes, formaram-se do ablativo do singular da lingua latina; e como os adjectivos da lingua materna, apenas denotam uma ou duas formas no ablativo do singular, nossos adjectivos vieram a ter uma ou duas formas. Quando teem uma, a que se chamam *uniformes*, tanto servem para o masculino, como para o feminino, e tendo duas, que se classificam de *biformes*, serve a primeira para o masculino, e a segunda para o feminino.

Os adjectivos *uniformes* terminam em *e* mudo, como: —*grave*, *triste*, *rude*, etc.; em *l* formando uma syllaba breve, como:—*amavel*, *movel*, etc.; ou formando a syllaba longa, como:—*fatal*, *cruel*, etc.; em *r*, como:—*familiar*, *regular*, etc.; em *z* como:—*fugaz*, *algoz*, etc.

Os *biformes* terminam ordinariamente em *o*, no masculino, e em *a*, no feminino, como:—*justo*, *justa*.

Exceptuam-se os numeraes cardinaes, como:—*quatro*, *cinco*, *oito*, *dezoito*, que são invariaveis.

Os adjectivos terminados no diphthongo *eu* ou *eo* fazem o feminino em *ea* ex.:— hebreu, *hebréa*; idomeu, *idoméa*; europêu, *europêa*; plebeu, *plebéa*.

Exceptuam-se:—*ilheu*, *judeu*, *meu*, *sandeu*, *seu*, *teu*, que fazem na feminina—*ilhôa*, *judia*, *minha*, *sandia*, *sua* e *tua*.

Os terminados em *u*, *ou*, *um*, fazem a feminina, acrescentando-se-lhe um *a*, como: — *cru*, *crua*; *nu*, *nua*; etc.

Exceptua-se *commum*, que é uniforme, palavra que d'antes fazia *commua* na feminina.

Os terminados em *ôr* augmentam á desinencia um *a* como:—leitor, *leitora*: sabedor, *sabedora*; etc.

Exceptuam-se—*incolor*, *bicolor*, *multicor*, *tricolor*, e *semsabor*, que são uniformes.

Os acabados em *ez* augmentam um *a* á feminina, como: portuguez, *portugueza*; francez, *franceza*; etc;

CAPITULO XV

Formação do plural dos substantivos

Adoptamos em portuguez um modo de formar o plural mais philosophico do que practicaram os italianos; pois estes mudam a letra final dos nomes do singular, em quanto que nós augmentamos lettras ou syllabas finaes aos substantivos, com vamos ver.

Os nomes terminados em vogal, diphthongo ou *n*, formam o plural, augmentando um *s* ao singular, como:— serra, *serras*; lei, *leis*; germen, *germens*.

Os substantivos terminados no singular em *al*, *ol*, *ul*, fazem o plural, mudando esta syllaba em *es*, como:—portal, *portaes*; lençol, *lençoes*; paul, *paues*.

Exceptuam-se—*cal* (de moinho), *mal*, *real* (moeda portugueza), *consul* e seus compostos do prefixo *pro* e *vice*,

que fazem—*cales, males, reis, consules, pro-consules, vice-consules.*

Os terminados em *el* [1] fazem o plural, mudando o *l* em *is*, como:—papel, *papeis.*

Os terminados em *il* formam o plural de dois modos: mudam o *l* em *s*, quando a syllaba *il* tem o accento predominante, como:—funil, *funis;* gomil, *gomis;*—em *eis* quando é breve a syllaba *il*, como:—agil, *ageis;* habil, *habeis;* pensil, *penseis.*

Os terminados em *ão* fazem o plural, segundo as desinencias do accusativo latino do plural, e é de trez modos, pertencentes a trez declinações: 1.° o plural em *ões*, como: —acção, *acções;* formado de *actiones;* 2.° em *ães*, como: — pão, *pães*, de *panes*; 3.° em *ãos*, como:—grão *grãos* de *granos.*

São pois as terminações: *ones, anes, anos*, que formaram os nossos pluraes dos substantivos terminados em *ão*, dando-se na formação uma syncope em suprimirmos o *n*, e analasarmos com um til a vogal *a* ou *ô*.

Tambem podemos recorrer á lingua castelhana, visto que á nossa terminação *ão* correspondem trez d'esta lingua, a saber: *ano, on* e *an.* A primeira faz o plural em *ão*, a segunda em *ões*, e a terceira em *ães*, como:—*mano, manos;* e em portuguez—*mão, mãos; oracion, oraciones;* portuguez —*oração, orações; capitan, capitanes;* port.—*capitão, capitães.*

Ha porem alguns nomes em *ão* que seguem por analogia esta regra, sem todavia buscarem o plural á nossa lingua materna, como:—*limão, limões; tostão, tostões* e outros.

---

1 O vocabulo *mel* pode formar o plural de duas maneiras:— *meis* ou *meles*, conforme se pode ver em escriptores antigos. «*Azeites* e *meles.*» Azurara, Chron. de D. João 1.°, e tambem Garcia de Rezende e Leonel da Costa, na traducção das *Georgicas.*

Canon faz no plural *canones*; *ademan*, *ademanes*; e alguns dizem *ademães*.

Os terminados em *m* mudam esta consoante em *ns*, como:—homem, *homens*; imagem, *imagens*

Os terminados em *s* são invariaveis.

Exceptuam-se:—*deos*, *simples*, que fazem no plural—*deoses simplicices* [1].

Os terminados em *ax*, *ex* e *ix* fazem o plural em *aces* e *ices*; como:—thorax, *thoraces*; codex, *codices*; appendix, *appendices*; index, *indices*; calix, *calices*.

Alguns substantivos admittem unicamente a forma do plural, embora designem um só ser, como:—*preces*, *fastos*, *endoenças*, *exequias*,

Ha palavras que se podem substantivar, como adeante demonstraremos, e formam o plural de harmonia com as regras precedentes, como: — porquê, *porquês*; sim, *sins*.

Os terminados em *r* ou *z* fazem o plural, augmentando-lhe a syllaba *es*, ex.: — ardor, *ardores*; nóz, *nozes*; caracter, *caractéres*.

O plural dos substantivos compostos pode-se reduzir ao seguinte: — Sendo o vocabulo composto d'uma palavra invariavel e um substantivo, os compostos d'um verbo e um substantivo, e os substantivos compostos de dois substantivos,—a ultima palavra é que toma a forma do plural, ex.: — entrelinha, *entrelinhas*; sacarolha, *sacarolhas*; usofructo, *usofructos*. O plural d'alguns outros substantivos compostos pode-se saber com o uso.

Os substantivos compostos constam de dois substantivos:

a) *beiramar*; *couveflor*, *varapau*;

---

[1] D'antes os nossos classicos formavam o plural dos nomes terminados em *s*, augmentando ao singular a syllaba *es*, como:—alferes, *alfereres*; caes *caeses*; ourives, *ouriveses*.

Substantivos e adjectivos:
b) *aguardente; logartenente;*

Adjectivos e substantivos:
c) *menoredade; meiodia;*

Verbos e substantivos:
d) *fincapé; girasol;*

Dois verbos:
e) *luzeluze; vaivem;*

Preposição e nome:
f) *contramestre; sobresalto;*

Adverbio e pronome e verbo:
g) *bem-me-quer; mal-me-quer;*

Dois adjectivos:
h) *verde-negro; recem-nascido.*

CAPITULO XVI

Formação do plural dos adjectivos

Os adjectivos fazem o plural egualmente como as regras estabelecidas para os substantivos, comtudo, os terminados em *ão* formam o plural de quatro maneiras: 1.ª Augmentam um *s* ao singular, derivando-se o vocabulo do accusativo do plural *anos*. Assim, do accusativo de *sanus, a, um*, são, formou-se o plural *sãos*. E por analogia tambem outros em *ão*, embora o origem não seja latina, como: — aldeão, *aldeãos*. 2.ª Mudam o *ão* em *ões*, ex.: beirão, *beirões*. 3.ª Mudam o *ão* em *ães*, sobretudo designando a

nacionalidade de alguem, como:—allemão, *allemães*; charlatão, *charlatães*. 4.ª Os adjectivos, com a desinencia *ão* augmentativa, fazem o plural em *ões*, como: valentão, *valentões*.

Os adjectivos compostos d'uma palavra invariavel, seguida d'um adjectivo, seguem a mesma regra dos substantivos, ex.:—semsabor, *semsabores*.

Com o bom uso se poderá aprender o plural d'outros adjectivos, taes como:—qualquer, *quaesquer*.

CAPITULO XVII

Graus de significação

Empregamos ordinarimente adverbios ou locuções adverbiaes para designarmos augmento ou diminuição n'uma qualidade representada por adjectivo no grau positivo.

Sendo o comparativo de trez especies, acompanhamos os adjectivos dos adverbios *mais*, para exprimirmos superioridade; *menos* para designarmos inferioridade; *tão* (*tanto*) (quando o adverbio não estiver unido ao adjectivo) para exprimirmos egualdade.

Excepto as palavras—*maior*, *menor*, *melhor*, *peior*, *superior*, *inferior*, *anterior*, *posterior*, *exterior*, *ulterior*, não temos nas linguas neo-latinas adjectivos comparativos.

Quando usarmos dos comparativos de superioridade ou inferioridade, devemos ligar o segundo termo de comparação com o primeiro, por a locução—*do que*, e devemos evitar o italianismo—*de que* por ser forma bastante antiquada.

Devemos ligar, nos comparativos de egualdade, o segundo termo de comparação com o primeiro, por—*como*.

Para designarmos grau muito elevado nos adjectivos qualificativos, empregamos o suffixo *imo*, *a*, *um*, derivado do vocabulo latino—*imus*, *a*, *um*, que significa:—*mais*

baixo, *mais profundo ultimo em numero*, e não derivado da palavra *issimus*, *a*, *um*, como pretendem alguns etymologistas.

Na lingua materna formam-se, como regra geral, os comparativos e superlativos, do' caso terminado em *i* dos positivos, ajunctando-se aos comparativos as desinencias *or* e *us*, como: *origo*, *similior* ou *similius* a origem mais similhante em comparação a outra; e aos superlativos as desinencias *ssimus*, *ssima*, *ssimum* como: *homo ingratissimus*, o homem ingratissimo ou muito ingrato.

Exceptuam-se os adjectivos latinos com o nominativo em *er*, que formam o superlativo com as terminações *rimus*, *rima*, *rimum*, como: *rex*, *celeberrimus*, o rei celeberrimo.

De sorte que, os latinos, formando os superlativos com a desinencia *ssimus* ou *rimus* com o addicionamento apenas de dois *ss* ou um *r*, a lingua portugueza não podia deixar de seguir, por imitação, esse modo formativo, mudando-lhe a desinencia *us* em *o* na forma masculina do superlativo.

Se admittirmos na formação dos superlativos a regra seguida pelos substantivos e adjectivos portuguezes, cujas desinencias são formadas do ablativo do singular dos nomes latinos, então houve apenas augmento de dois *ss* na formação dos superlativos portuguezes, visto que o ablativo do singular dos adjectivos uniformes em latim terminam em *e* ou *i*. Assim, de *sapienti* formou-se *sapienti-ss-imo*. Mas, se concordarmos em que o vocabulo latino *imo* se reuniu ao genitivo de singular, n'esse caso notamos o augmento d'um *s*, como: de *sapientis* formou-se *sapientis-simo*. Em opposição a este segundo argumento temos os adjectivos latinos, cujo nominativo do singular termina em *er*, como:—*acer*, *celeber*, *integer*, *pauper* e outros, que fazem o superlativo *acerrimo*, *celeberrimo*, *integerrimo*, *pauperrimo*, em que lhes podemos notar só o addicionamento d'um *r* para formar o superlativo.

Deixando porem a questão de forma por insignificante que é, entremos na conclusão.

A desidencia *imus*, *a*, *um* junctou-se com o addicionamento de dois *ss*, ao ablativo do singular dos adjectivos latinos, que terminam em *i*, sendo essa forma coherente, em regra, com a derivação dos nomes portuguezes e tambem com a formação dos superlativos latinos; e os superlativos alatinados, cujo nominativo do singular acaba em *er*, formam-se n'este caso, por excepção, como em latim.

Para formarmos os superlativos, devemos observar as regras seguintes: 1.ª Os positivos terminados em *z*, mudam esta consoante em *c*. v. gr: *audaz*, *audacissimo*; *feliz*, *felicissimo*; *veloz*, *velocissimo*. 2.ª Os terminados em *ão* mudam esta desinencia em *an*, como: *vão*, *vanissimo*; *são*, *sanissimo*: 3.ª Os acabados em *om* ou *um* mudam o *m* em *n*, ex: *bom*, *bonissimo*; *commum*, *communissimo*, 4.ª Os terminados em *vel* mudam esta terminação em *bil*, v. gr: *amavel*, *amabilissimo*.

Alem dos superlativos alatinados, formados do nominativo em *er*, temos outros, taes são: — de *bom*, optimo, de *mão*, pessimo; *grande*, maximo; *pequeno*, minimo; *alto*, supremo; *baixo*, infimo; *amigo*, amicissimo; *antigo*, antiquissimo; *cruel*, crudelissimo; *difficil*, difficilimo; *doce*, dulcissimo; *facil*, facilimo; *fiel*, fidelissimo; *frio*, frigidissimo, *geral*, generalissimo; *humilde*, humilimo; *magnifico*, magnificentissimo; *mao*, malisimo; *sagrado*, sacratissimo.

A significação d'alguns adjectivos não admitte superlativo; mas os classicos tem-nos empregado como expressões emphaticas, taes como: *christianissimo*, de christão; *divinissimo*, de divino; *infinitissimo* de infinito; *mesmissimo*, de mesmo; *unissimo*, de uno.

CAPITULO XVIII

Nomes derivados

Consideramos palavras derivadas aquellas que tiram origem de vocabulos portuguezes, chamados primitivos. Assim *compromettimento* é um vocabulo derivado de *comprometter; entretenimento*, *de entreter* etc.

Dada uma certa variedade de suffixos, podemos exprimir todas as idéas em que se demonstra o facto da opulencia de nossa lingua.

A esta grande classe dos nossos derivados pertencem os *gentilicos* e os *patronimicos*.

Recebem o primeiro nome os nomes que designam a descendencia d'uma região geographica, d'um imperio e d'uma nação, como: *europeu*, nascido na Europa; *allemão*, nascido na Allemanha, *portuguez*, oriundo de Portugal. Da-se o segundo nome ás palavras que significam derivação d'uma provincia, cidade, villa, aldêa, v. gr: — *alemtejano*, do Alemtejo; *portuense*, do Porto; *villarealense*, de Villa Real; *figueirense*, da Figueira.

Tambem se chamam patronimicos os substantivos que exprimem filiação; mas em portuguez são actualmente considerados como appellidos de familia, como: — *Alvares*, queria dizer filho ou filho de *Alvaro*; *Bernardes*, de Bernardo; *Fernandes*, de Fernando; *Geraldes*, de Geraldo; *Henriques*, de Henrique; etc. formados na maior parte com o suffixo *es*.

A variedade de desinencias dos nomes gentilicos é grande; comtudo descenderam d'um thema primitivo, representado no substantivo latino *ens, entis*, que significa *entidade*, *o que existe*, e portanto esta significação geral applica-se a todos os nomes que exprimam homem ou coisa descendente ou natural d'uma determinada localidade.

O substantivo latino *ens*, *entis*, não conserva todas as

lettras na formação dos gentilicos, porque os latinos formaram de *ens* as desinencias *anus*, *enus*, *ensis* e *inus*, terminações geraes que a lingua portugueza conserva. Exemplos:—*romanus*, romano, de Roma; *nazarenus*, nazareno, de Nazareth; *portucalensis*, portuguez, de Portugal; *argelinus*, argelino, de Argel. Todavia, nas terminações *ano*, *eno*, *ense* e *ino* revela-se-nos o radical *ens* nas desinencias *eno* e *ense* e só um *n* do mesmo thema nas demais.

As principaes derivações operam-se de substantivos derivados de verbos, de adjectivos, de substantivos, de adjectivos derivados de verbos e de verbos, como:—*mudança*, de mudar; *orphandade* de orphão; *valentia* de valente; *fumaça*, de fumo; *beberrão*, de beber; *passageiro*, de passagem; *ricaço*, de rico; *escrevinhar*, de escrever.

CAPITULO XIX

Determinativos

Como é sabido, as idéas de per si só são apenas conhecimentos isolados e sem nexo, a sua principal missão limita-se a servirem de elementos dos juizos; e como as idéas, que entram na formação d'um juizo, podem satisfazer differentes fins, d'aqui se conclue que as palavras, que os representam, podem ser de tantas especies quantos forem esses fins.

Sob o poncto de vista philosophico, as palavras podiam reduzir-se a trez especies principaes:—ao *verbo*, ao *substantivo* e ao *adjectivo*; como porem as funcções das palavras exercidas na linguagem são especiaes, fazem os grammaticos differentes classes, havendo só divergencia quanto ao numero d'especies.

A' classe dos determinativos fazem pertencer os grammaticos as seguintes especies:—*demonstrativos*, *relativos*, *pessoaes*, *possessivos*, *quantitativos*.

ARTIGO PRIMEIRO

Discussão sobre a forma o, a.

Alguns grammaticos chamam *artigos* (de *articulus*, pequeno membro ou palavra) ás particulares *o*, *a*, *os*, *as* que servem para determinar a extensão da significação da palavra a que se junctam; e outros dão-lhe o nome de adjectivos determinativos demonstrativos, visto que são vocabulos que determinam e applicam os nomes a certos seres, indicando-os e mostrando-os pela localidade de sua existencia.

Examinemos pois a questão em toda a sua latitude, servindo-nos da etymologia, das formas parallelas, da historia e do valor ideologico, emfim, para conseguirmos uma conclusão.

A etymologia da particula portugueza *o*, *a* assenta em quatro opiniões oppostas entre si: 1.ª Querem que derive do latim *ille*, *illa*, *illud*. 2.ª Querem que provenha do latim *hic*, *haec*, *hoc*. 3.ª Querem que derive do arabe *al*. 4.ª Querem que a forma masculina derive do grego ὁ e da feminina η.

Os que pretendem derivar a forma *o*, *a*, de *ille*, *illa*, *illud*, firmam-se nos argumentos de que no latim barbaro se falavam e escreviam estas expressões — *illo templo*, *illa rosa*, e alterado depois este determinativo resultou para as linguas neo-latinas as formas *le* e *la* para os francezes, *lo*, *la* para os italianos, *el*, *la* para os hespanhoes, *o*, *a* para os portuguezes; e os que affirmam ser originado de *hoc*, *hac*, *hoc*, ablativo de *hic*, *haec*, *hoc*, fundam-se nos vestigios dos antigos documentos portuguezes, onde apparece o chamado artigo *o*, escripto com *h*, tanto no masculino como no feminino, e portanto no elemento historico julga-se descobrir que a actual forma *o* descenda de *hoc*.

Estudemos pois as variadas opiniões sobre a origem da forma *o*, *a*, nas seguintes secções.

1.ª SECÇÃO

Etymologia latina

Como *o*, *a* pode derivar de *ille*, *illa*, *illud*, ou de *hic*, *haec*, *hoc*, e tanto a primeira, como a segunda forma são adjectivos determinativos latinos, o elemento historico deve-nos dar luz sobre as primeiras duvidas.

Vejamos pois a forma orthographica que apparece nos antigos documentos portuguezes, ácerca da actual particula *o*, *a*.

Nos *Foros de Castello Rodrigo*, publicados em 1209, sob o titulo de *Leges et Consuetudines*, encontra-se o seguinte:

«*Los* alcades acoten e metan *las* bestias en casa do quereloso, fasta que saquen *la* prinda. Todoslos alcades *ho* que por elos *lo* peyten. *Hos* alcaldes non fagan en uno corral con VI, nin en vernes, nin en sabado, sinon fore por barallar sus vozes.»

Apezar d'um tanto extensa, parece-nos interessante a seguinte copia, não só por nos dar conhecimento d'um documento historico de certa valia, qual é o da fundação das Misericordias do reino portuguez, senão tambem por nos soccorrer a questão etymologica da forma *o*. A unica differença da copia original está nos caracteres proprios que não se usam na typographia moderna.

«No trelado do compromisso da sancta confraria da misericordia da cidade de lixbôa, para a cidade do porto do anno de 1498, escripto em pergaminho e do qual se falla na Carta Regia d'El-Rey o Senhor D. Manoel, lê-se in principio o seguinte:—«O eterno immenso e todo poderoso Senhor, deus padre das misericordias, acceptando as preces e roguos d'alguns justos e tementes a elle quiz repartir com

los peccadores parte da sua misericordia e nestes derradeiros dias inspirou nos coraçõees de algũus bõos e fices xpaãos e lhe deu coraçom siso e forças e caridade pera hordenarem huũa irmindade e confraria ssob o titollo e nome e envocaçaõ de nossa Senhora a birgem maria da misericordia per a qual irmindade fossem e sejam conpridas todas as obras da misericordia spirituaes e corporaes quanto possivel for pera ssoccorrer as tribulalações e miserias que padeçam nossos irmãaos em xpõ que receberam augua do Santo bautismo a qual confraria e irmindade foi instituida no anño do nassimento de nosso Senhor jhũu xpõ de mill e quatro çentos e noventa e oito annos no mes daguesto na sse cathedral da muy nobre e sempre leal cidade de lixbõa. per permiso e consentimento e mandado da ylustrissima e muy catholica Senhora a senhora Raynha dona lianor molher do yllustrissimo e serenissimo Rey dom joham o 2.º que santa gloria aja: a qual Senhora ao tempo da instituiçam da dita confraria e irmindade regia e governava *hos* Regnos e Senhorios de portugall pelo mui alto e muy excelente e muy poderoso Senhor Rey dom manuell o primeiro nosso Senhor seu irmão que entaom era em *hos* Regnos de Castella acceptar a suçessam que lhes nos ditos Regnos era devida: Sendo isso mesmo na instituiçam da dita confraria e irmindade e dando nella outorgua e actoridade *ho* Reverendo colegio da dita ssee para certeza e memoria e Regimento da qual instituiçam hordenaram este compromisso seguinte.».

Como se vê, a lingua portugueza em sua infancia (1209) parecia já hesitante entre a forma *lo*, *la*, *los*, *las*, e *ho*, *hos*; em 1498 inclinou-se pela segunda, quer-se dizer fixou a tradição etymologica do determinativo latino, *hic*; *haec*, *hoc*.

Ultimemos com mais trez transcripções:

«E per ela estando ele naquele porto no mesmo anno a dezasete dabril que fora *ho* eclipse do sol vira e notara pelo eclipse que ali tomou que *ho* meridiano daquele porto

distava do de Sevilha donde partiram sessenta e hum graos de norte a sul.» Fernão Lopes Cast. *Hist. da India*, Cap. 7.° (1553).

«E foi-se na volta do mar, e como foy noyte payrou, e assi *ho* fez seis dias.» Idem, *ibidem*.

«Faz ajuda muito a isto ser *ha* gente ociosa n'esta terra muito aborrecida aos demais, e quem *ho* não trabalhar não no comerá.» Fr. Gaspar da Cruz, *Tract. da China*. (1569).

Pelas mencionadas averiguações etymologicas, torna-se evidente que a forma *lo*, *la*, *los*, *las*, restos das palavras latinas *il-lo*, *il-la*, *il-los*, *il-las* desappareceu, e ficou-se conservando *ho*, *ha*, *hos*, *has*, porções de *ho-c ha-c*, ablativo de *hic*, *haec*, *hoc*, até que se operou a alteração phonetica nos vocabulos *hoc*, *hac* por meio de apherese do *h* e apocope do *c*, ou *h*—*o*=*o*.

Para se evidenciar esta corrupção de que resultou a actual particula *o*, *a*, basta citar as formas parallelas em portuguez e em latim, que vamos apresentar. Na primeira temos:—*he*, *hum*, *huma*, *hermitão*, *hordenar*, *hirmandade*, *hynverno*, por:—*é*, *um*, *uma*, *ermitão*, *ordenar*, *irmandade*, *inverno* [1], formas em que se supprimiu o *h*. Na segunda temos: —*illi-c*, *alli*, *hi-c*, aqui, *illa-c*, acolá, *ecc-ha-c*, cá, formas em que o *c* se apocopou para formar as palavras portuguezas já referidas.

---

1 Todas estas formas orthographicas são certificadas pelos originaes antigos; é de sobra porem a copia da palavra *hynverno*, forma orthographica mais etymologica do que a actual. «Ia o arcebispo para o mosteiro de S. Salvador da Torre, que hora é quinta dos nossos religiosos, como atraz fica dicto: e navegando rio arriba acontecia cobrir-se o ceu de nuvens negras e grossas com ameaças de grande *hynvernada*.» Fr. Luiz de Sousa, *Vida do Arcebispo*.

2.ª SECÇÃO

Etymologia arabe

A forma *o*, *a*, não se podia derivar do arabe *al*, visto que tem contra si o ser o artigo arabe componente da palavra que fica ainda precisando da determinação do artigo.

De facto, muitas palavras de origem arabe, que conservamos em portuguez, teem o artigo *al*, como forma de prefixo, ou elemento constitutivo do vocabulo, e nunca como particula para lhes determinar a significação. Assim, nas palavras — *alfandega*, *alfageme*, *alcabala*, *algibebe*, o *al* constitue um prefixo.

3.ª SECÇÃO

Etymologia grega

Para se provar que a forma *o*, *a*, não tem origem no grego, parece-nos sufficiente saber-se que uma particula puramente determinativa para com a significação d'um vocabulo, só podia ser herdada pela lingua portugueza por meio d'uma intima convivencia com o povo grego, e que a historia dos dois povos não nos affirma, quando formamos o cabedal de nossa linguagem.

ARTIGO SEGUNDO

Applicação da forma *o*, *a*.

E' um facto na historia das linguas neo-latinas que no latim corrupto das Gallias e das Hespanhas se dizia — *ille sol*, *illa luna*, e d'este determinativo latino, submettido á alteração phonetica de cada lingua, cada povo tomasse uma parte, como anteriormente o dissemos.

Ora, assim como as linguas congeneres da portugueza formaram o seu artigo de *ille*, *illa*, *illud*, nós o povo da peninsula dissessemos—*hoc sol*, *hac luna*, e assim por deante, em logar de—*ille sol*, *illa luna*. A pronunciação aspirada do *c* de *hoc* e *hac* motivou seu desapparecimento, e ficaram apenas as formas *ho*, *ha* como se demonstraram nos vestigios historicos da primitiva orthographia dos vocabulos, e actualmente a forma *o*, *a*.

Tornada evidente que a origem das particulas portuguezas *o*, *a*, foi do adjectivo determinativo latino *hoc*, *hac*, ablativo do singular de *hic*, *haec*, *hoc*, parece-nos mais racional a classificação de determinativo do que artigo, como usualmente se lhe chama.

Como argumentos de primeira ordem temos a etymologia e a significação, como vamos ver.

O determinativo *o*, *a*, *os*, *as*, supprime-se, quando a palavra, a que se juncta, é considerada em sentido generico [1] ou absoluto, v. gr.:—*O homem tem leis a que obedece.* N'este exemplo a palavra *leis* não tem uma significação limitada, visto que as qualidades d'essas leis podem ser civis, religiosas, militares, etc. *A humanidade aperfeiçôa-se com progressos, ou o espirito publico illustra-se no meio de sociedades civilisadas.* Se as palavras *progressos* e *sociedades* fossem precedidas dos determinativos *os*, *as*, então a primeira palavra estava limitada em significação generica, e á segunda augmentava-se-lhe o valor determinativo; mas o vocabulo *sociedades*, já tem uma significação restricta, pe-

---

1 Chamam-se palavras *genericas* as que exprimem os elementos communs a uma classe de individuos ou modos de ser, como: — homem. Os entes, a que esta palavra se refere, fazem maior ou menor differença em sua organisação material e moral; porque não teem as mesmas formas, dimensões, côres, caracteres, graus de intelligencia, actividade, etc. Todavia, reconhecemos n'elles um conjuncto de faculdades eguaes em natureza ao ente conhecido com o nome *homem*, taes como:—*intelligencia, sensibilidade, locomoção.* Portanto a palavra *homem*, representando os elementos communs aos individuos d'esta classe, considera-se em sentido generico.

la qual sabemos que não são as sociedades *selvagens* nem as *barbaras*.

Uma das illustrações de nosso portuguez classico, padre Antonio Vieira, disse em um de seus sermões:

«Pois todos estes que aqui tendes presentes, não são tambem filhos vossos? Sim, são: são meus filhos, mas não são o meu filho. Os outros tambem eram filhos, não o negava Jacob, mas o seu filho era José. Vai muito de ser filho, a ser o seu filho.»

Vejamos ainda o seguinte exemplo:

«D'aquelles reis que foram dilatando
A *fé*, o *imperio*, e as terras viciosas
D'Africa e d'Asia andaram devastando.

Camões, *Lusiadas*.

Os dois substantivos *fé* e *imperio* estão determinados pelos chamados artigos *a*, e *o*, para significar, não qualquer fé, nem qualquer imperio, mas a fé catholica e o imperio portuguez no oriente. Tambem se dá o mesmo facto nas palavras—*terras viciosas*, porque se tomam em sentido determinado pelos complementos *d'Africa d'Asia*. Estes nomes porem, como são proprios, não teem determinativo, apezar de muitos escriptores o admittirem contra a propriedade que tem o determinativo *o*, *a*, e tambem contra o uso de nossos classicos [1].

Não obstante esta doutrina ter sido practicada pelos mestres da lingua e tambem ser seguida pela lingua caste-

---

[1] Solano Constancio censura João de Barros, por ter escripto: —«O tempo não gastará doutrina, costumes, linguagem que os portuguezes deixaram» e que fôra mais grammatical o dizer:—*a doutrina, os costumes, a linguagem* etc., precedendo esses substantivos da par-

lhanha, todavia, uma falta de estudo sobre o valor grammatical do determinativo *o*, *a*, e algumas vezes, a euphonia da expressão têem motivado o emprego d'essa forma.

Em conclusão: o destino dos chamados artigos é somente para indicar que os nomes geraes, a que se reunem, se devem tomar não em toda a extensão de sua significação, mas em um sentido ou individual, ou substantivo; em vista pois d'essa propriedade, resultam differentes sentidos, ou da sua ausencia ou da combinação de ambos, como, pelo exemplo seguinte, se pode verificar, servindo-nos de norma a expressão latina — *somnus est imago mortis*, em que estes ultimos appellativos podem significar—ou *imagem de morte*, ou *uma imagem de morte*, ou *imagem d'uma morte*, ou *uma imagem d'uma morte*, ou *imagem da morte*, ou *a imagem de morte*, ou *a imagem da morte*, ou *uma imagem da morte*, ou finalmente, a *imagem d'uma morte*.

As applicações mais geraes, no campo grammatical, da forma *o*, *a*, podem-se examinar nos casos seguintes:

1.° O determinativo *o*, *a*, *os*, *as*, recebe o nome de pronome demonstrativo, quando é anteposto ao vocabulo *que* e se pode substituir pelos determinativos—*aquelle*, *aquella*, *aquelles*, *aquellas*, v. gr: Valoroso é *o* que vence batalhas no campo da intelligencia, e as principaes são *as* que produzem grandes beneficios ao homem.

2.° O determinativo *o*, *a*, tem a propriedade de substantivar muitas palavras de diversas especies, de que tractaremos em outro logar.

3.° Funcciona como determinativo relativo, classifica-

---

ticula *o*, *a*. Era demasia, se assim escrevesse; porque em seguida ha a phrase—que os portuguezes deixaram, a qual expressão determina a quem pertence essa *doutrina*, *costumes*, e *linguagem*, e n'essa omissão tambem ha bastante elegancia no modo de dizer.

ção que alguns grammaticos substituem pela de pronome relativo.

Os casos principaes são:

a) Serve de complemento directo, seguido immediatamente a um verbo, ex: Os grandes feitos que os portuguezes obraram n'este dia o Oriente *os* diga.

b) Separado do verbo, ex: Fez-m'*o* em certas condicções.

c) Nos futuros e condicionaes acompanhados da *tmese*, ex: Louval-*o*-hão sempre, por ter vivido bem com sua consciencia.

d) Serve de attributo ao verbo *ser*, ex: Nobreza é ser homem de bem e descender de paes que *o* fossem.

e) Representa uma pessoa, e n'este caso é sempre acompanhado d'uma determinação, ex: Saiba morrer *o* que viver não soube.

f) Refere-se a um sentido e serve de complemento directo ao verbo, ex: Disse-*o* por malvadez.

Os grammaticos classificam de artigo indefinido as palavras—*um*, *uma*, *uns*, *umas*. Etymologicamente procede *um*, *uma* do adjectivo latino *unus*, *a*, *unum*, e applica-se para designar um numero certo de individuos sem estarem dispostos em ordem no espaço. Porém, a lingua portugueza serve-se d'este vocabulo para designar, alem de adjectivo numeral cardinal, que não considera o ser ou seres, a que nos queiramos referir, como na mente da pessoa a quem falamos; que não podemos determinar essa pessoa ou essa coisa.

Portanto, é claro que o chamado artigo indefinido é o contrario das funcções que exerce o artigo definido, ou, como já vimos, o adjectivo determinativo.

Parece pois mais racional dar-lhe a classificação de adjectivo indeterminativo, em vista de sua derivação e de seu valor ideologico.

Conhece-se facilmente o adjectivo indeterminativo *um* ou o numeral cardinal *um*. O primeiro é synonimo do vocabulo *certo* ou *qualquer* e é variavel; o segundo designa a idêa de unidade e não é variavel.

ARTIGO TERCEIRO

Determinativos demonstrativos

Como determinativos demonstrativos, ainda os grammaticos nos dão os vocabulos — *este*, *esta*, *isto*; *esse*, *essa*, *isso*; *aquelle*, *aquella*, *aquillo*.

As formas *isto*, *isso*, *aquillo*, são qualificadas de pronomes invariaveis e indeterminados; porque não alteram a sua composição material e tambem não designam nem genero nem numero com referencia á idêa a que se reportam.

Quando queremos distinguir differentes seres na mesma situação local, pospomos aos respectivos demonstrativos o partitivo distributivo *outro*, a que se chamam demonstrativos compostos, ex:—*est'outro*, *ess'outro*, *aquell'outro*, supprimindo-se-lhe o *e* por synalepha.

Os determinativos *este*, *esta*, *isto*; *esse*, *essa*, *isso*; *aquelle*, *aquella*, *aquillo*, derivam-se dos adjectivos latinos —*isto*, *ista*, *istud*; *ipso*, *ipsa*, [1] *ipsum*, e da combinação de *hoc illo*, *hac illa*, *hoc illo*, ablativos do singular de—*iste*, *ista*, *istud*; *ipse*, *ipsa*, *ipsum*; e de *hic ille*, *haec illa*, *hoc illud*, caso de que tomamos todos os nomes portuguezes.

No masculino e feminino de *isto*, este, *ista* esta, *ipso*, essa, *ipsa*, essa, observamos a pequena differença, no primeiro genero, das vogaes *i*, e *o*, em *e* (*isto*, este) na feminina (*ista*, esta), e do *p* em *s* (*ipse*, esse, *ipsa*, essa). Nos mesmos generos de *hoc illo*, aquelle, *hac illa*, aquella, torna-se mais notavel a formação. Desappareceu o *h*, como

---

[1] Alguns escriptores antigos provam a origem do demonstrativo *esse*, em cuja forma orthographica se denuncia o latim *ipse*. No c. 3 da Hist. de Evora, escripta por André de Rezende, lê-se o seguinte, entre outros exemplos:—«Quem é senhor do campo, he senhor de toda *epsa* terra.»

sucedeu ao determinativo *ho*, actualmente *o*, mudou-se o *o* (*hoc*) em *a*, que pertence á forma feminina (*hac*), o *c* transformou-se em *q* para não ter o som de *s*, visto que a vogal seguinte era um *i*, mudaram-se as duas vogaes *i* e *o* (*illo*) em *e*, conservaram-se os dois *ll*, resultando d'esta alteração phonetica o vocabulo *aqelle*; e como ás gutturaes *g* e *q*, antes de *e* e *i* se lhes augmenta um *u*, que não se pronuncia geralmente, ficou a palavra—*aquelle*. A feminina seguiu o mesmo processo, com a differença de não se lhe tirar a vogal *a* em *hac* e *illo*. A's terceiras formas *istud*, isto, *ipsum*, isso, *hoc illo*, aquillo, podemos-lhes applicar a mesma theoria de corrupção, differindo só nas desinencias *ud* (istud) *um* (ipsum) e *o* (illo) as primeiras das quaes se mudaram em *o* e a ultima ficou conservando a mesma vogal.

Os determinativos *este, esse, aquelle*, limitam a situação local, propriamente dicta, que qualquer ser occupa no espaço. Assim, *este* determina um ser presente e proximo da pessoa que o indica; *esse* designa-o algum tanto distante e immediato ao individuo a quem nos dirigimos; *aquelle* [1] apresenta a pessoa ou coisa mais afastada, tanto de quem a indica, como do individuo com quem falamos.

Estes determinativos tambem exprimem a situação mental que um objecto pode occupar na mente d'um determinado individuo, como:—Perdi *aquelles* livros que me

---

1 Para evitar os hiatos, provenientes do concurso e colligações das vozes finaes e iniciaes de duas palavras consecutivas, adoptamos na pronunciação e na escripta a *crase*, ou a fusão da preposição *a* com o determinativo feminino *a* e com o vocabulo *aquelle*, tanto do singular como do plural, contrahindo em um só *á* longo os dois da preposição e da palavra seguinte. Assim *á moda, ás avessas, áquelle, áquella*, em vez de *a a moda, a as avessas, a aquelle, a aquella*. Tambem na pronunciação e nunca na escripta, adoptamos a mesma *crase* na preposição *a* com o demonstrativo masculino—*o*. Escreve-se pois: *ao, aos* e pronuncia-se tudo juncto. Assim—Sou dado *ao* estudo, *aos* negocios, e pronuncia-se *ó* estudo, *ós* negocios. Porem muitos admittem o *purismo* e dizem *a o* estudo, *a os* negocios.

deram. Pela palavra *aquelles* exprime-se um objecto que é conhecido da pessoa a quem falamos.

Finalmente, designam um valor oratorio, como:—*Esses* homens que desprezam a virtude e amam o vicio, são mais infelizes do que pensam.—São verdadeiramente sabios *aquelles* homens que fazem bom uso de sua sabedoria.

N'estes dois exemplos reconhecemos que os vocabulos —*esses* e *aquelles* perdem a propriedade de determinativos e manifestam a energia de pensamento ou um valor emphatico. Mas, se não falamos genericamente, e alludimos a uns determinados individuos, então conservam o rigoroso valor grammatical.

ARTIGO QUARTO

Determinativos relativos

Recebem esta denominação, em rigor, os vocabulos— *que*, *quem*, *o qual*, e *cujo*, todos derivados do relativo conjunctivo latino *qui*, *quae*, *quod*, havendo somente discrepancia ácerca da palavra *quem*, por ser considerada a combinação do accusativo do singular de *homo* e de *qui*.

O relativo *que* emprega-se nos seguintes casos:

a) Referindo-se a pessoas ou coisas, serve de sujeito, como:—O homem, *que* se eleva por seu trabalho, é digno de estima publica.

b) Sendo acompanhado do determinativo *o* equivale a—*que coisa*, *que coisas*, e *isto*, ex.:—Quem sabe pode explicar *o que* são os productos da natureza.

c) Equivalendo a um relativo conjunctivo: relativo, porque se refere a um antecedente; conjunctivo, porque une duas orações—serve de complemento directo ao verbo, como:

«E depois nos meninos attentando,
Que tão queridos tinha e tão mimosos.»

Camões, *Lusiadas*.

d) Serve de interrogativo, como:—*Que* homens?

Ao relativo *quem* formam-lhe a combinação da desinencia *em*, accusativo de *homo*, homem (*hominem*), e o ablativo de *qui*, *quae*, *quod*, isto é, contracção de — o *homem*, ou os *homens que*, por se referir sómente a pessoas ou coisas personificadas, ex.: — *Quem* mais sabe, é *quem* mais estuda.

«Eu sou aquelle occulto cabo,
A quem chamais vós outros Tormentorio.»

Camões, *Lusiadas*.

O relativo *o qual* formou-se da combinação dos ablativos *quo illo*, *qua illa*, determinativos latinos, que produziram as palavras—*o qual*, *a qual*. Ha quem supponha derivar este determinativo apenas do ablativo de *qui*, cuja significação em portuguez, é de — *o qual*; todavia parecenos mais provavel a juncção de—*quo illo* e *qua illa*; pois a desinencia *lo*, *la* de *illo*, *illa*, reunida a *quo* deu a palavra *qual*, e se ainda quizermos aproveitar as vogaes *o* e *a* de *lo*, *la*, vamos encontral-as deante dos vocabulos *o qual*, *a qual*, marcando-lhes os generos.

Esta derivação e composição fundam-se em a linguagem rustica que emprega commummente a seguinte expressão — *o aquelle*, *a aquella* para representar um nome que se não quer ou não se sabe exprimir. Tambem o portuguez antigo dizia—*o cal*, *a cal*, pronunciação ainda hoje muito frequente no povo rustico.

As principaes funcções do determinativo o *qual*, são as seguintes:

a) Equivale á locução—*qual coisa*, ex.: «Orgulho humano, *qual* és tu mais, feróz, estupido ou ridiculo?» Alexandre Herculano, *Monasticon*.

b) Equivale a—*como*, ex.:

«Fui dos filhos asperrimos da terra,
Qual Encelado, Egeo, e o Centimano.»

Camões, *Lusiadas*.

c) Emprega-se para denotar qualidade de similhança d'um substantivo com outro precedido de — *tal* ou *assim*, ou claro ou occulto, ex.; — *Qual* mestre, tal discipulo.

d) Serve para nos referirmos a um antecedente mais ou menos remoto, devendo este ser acompanhado do vocabulo *o qual* ou *a qual*, quando possa existir ambiguidade na oração, por haver palavras antecedentes que podem ficar sem clareza grammatical.

«E o que elle (Affonso de Albuquerque) mais lamentava de todas as perdas d'aquella nau, eram dois leões de ferro vasado, obra mui prima e natural, que el-rei da China enviara de presente a el-rei de Malaca: *os quaes*, por honra, el-rei Mahamed tinha á porta dos seus paços, e Affonso d'Albuquerque os trazia por a mais principal peça de seu triumpho d'aquella cidade; e dizia, por elles, que em os perder perdêra toda a sua honra, porque não quizera em sua sepultura outro lettreiro nem outra memoria de seus trabalhos.» João de Barros, *Decada* 2.ª

N'este exemplo o determinativo *os quaes* não acompanha o antecedente *leões*, porque não ha necessidade para a clareza.

«Porém, porque os mortos não têem culpa, e aos que estão por vir pode ser que lhes seja mais acceite este meu trabalho que a muitos presentes, não quero que Affonso de Albuquerque perca os leões; e a Ruy de Pina faça-lhe boa prol os seus anneis; nos *quaes* leões e anneis e assim em todo o mais que, antes d'esta minha escriptura, estava sepultado no descuido de meus naturaes, eu espero ter aquella parte que teem aquelles que acham cousa perdida e a dão a seu domno.» Idem, *ibidem*.

Se o determinativo *quaes* não acompanhasse o antecedente *leões* e *annais* havia escuridade no sentido do auctor, e portanto, era grande embaraço para uma analyse grammatical; pois, se o determinativo *os quaes* viesse isolado, podia-se referir ao antecedente mais proximo, que era—*annais*, e tambem haveria quem julgasse que—*os quaes* referia-se a—Affonso de Albuquerque e a Ruy de Pina.

Vejamos, por ultimo, o seguinte exemplo:

«Os altos muros de Babylonia, edificados por Semiramis como conta Strabo e Solino e Diodoro Siculo e Amiano Marcellino e Paulo Osorio, *os quaes muros*, como diz Plinio, tinham em circuito sessenta mil passos, e de altura duzentos pes e cincoenta de largura, com o qual concorda Julio Solino; pola qual causa foram contados entre as sete maravilhas do mundo, foram derribados e a cidade tomada por Gyro, como o conta Xenophonte, Herodoto e Justino.» Heitor Pinto, *Dialogo, tranq. da vida.*

N'este modêlo, o determinativo *os quaes* acompanha o antecedente *muros* para não se poder referir, á primeira vista, aos nomes proprios.

O determinativo *cujo*, *cuja*, *cujos*, *cujas*, é o genitivo do singular de—*qui*, *quae*, *quod*, e determina immediatamente um substantivo ou palavra substantivada com que concorda em genero e numero, isto é, referindo-se sempre a um possuidor, concorda com o nome da coisa possuida e nunca com a do possuidor.

Exemplos:—«E é bello esse mundo de phantasmas aéreos, por entre *cujos* labios descorados não transpiram nem perjurio nem dobrez, e *a cujos* olhos sem brilho não assoma o reflexo de animos pervertidos.» Herculano, *Monasticon.* «Era um guerreiro, *cujos* cabellos brancos, *cujos* meneios pausados, e *cujo* olhar penetrante davam testimunho de prudencia e discrição.» Idem, *ibidem.*

«Chegados á fralda da encosta, Martim Moniz se volta

de repente contra os companheiros, que, alçados os rostos, contemplavam attonitos o aprumado e fragoso do monte, onde só alguma herva, de longe em longe, parecera haver podido tomar pé, e *em cuja* crista por cima do muro fechado e torreado resaia ainda a alcaçôva, massas monstruosas penduradas, ameaçando despenhos, e *cuja* minima parte sobraria alagal-os.» Feliciano de Castilho, *Quadros historicos*.

Está, ao presente, banido o uso do emprego de *cujo*, significando *de que pessoa*, e determinando um substantivo ou palavra substantivada, ex.: «Senhora, uma coisa folgariamos de saber, este cavalheiro e eu, que é: *cujas* são estas ricas armas ?» Barros, *Chron. do Imp. Clar.*

ARTIGO QUINTO

Determinativos quantitativos

Recebem esta classificação as palavras que determinam e applicam os nomes appellativos aos individuos de sua especie, apresentando-os por seu numero. E como esta applicação se pode fazer a todos ou a parte dos individuos, d'aqui nasce a divisão em—*quantitativos universaes* e *partitivos*.

Em portuguez só possuimos os universaes — *todo* e *nenhum*.

O quantitativo *todo* é determinativo, quando antecede o substantivo, como: *Todo* o homem é mortal; e quando se lhe segue, chama-se um adjectivo explicativo, equivalendo á palavra *inteiro*, ex.: O homem *todo* é mortal. No primeiro exemplo, o substantivo homem é considerado distributivamente, e portanto significa — *cada*; no segundo, passa o substantivo a ser tomado em sentido absoluto, abrangendo materia e espirito.

Nenhum é composto de *nem* e do numeral *hum*, fórma antiquada, que actualmente se escreve sem *h*. Exem-

plo: Não ha *nenhum* homem que tenha a opinião dos outros. Equivale a dizer-se — não ha nem um homem etc. Portanto, faz extensiva a significação do substantivo *homem* a todos os seres d'esta especie.

Cada distribue positivamente os individuos d'uma classe ou as partes d'uma totalidade; considera as partes d'um todo, quaesquer que ellas sejam, como outras tantas unidades proporcionaes, para por ellas repartir e distinguir as differenças do attributo da oração clara ou occulta, que suppõe antes de si. Assim, *cada* homem tem sua opinião; equivalendo a dizer-se: todos os homens tem opiniões, *cada* qual a sua ou *cada* um a sua.

Nada é considerado como universal negativo, e refere-se a coisas, e pertence á classe dos indeterminados, por não admittir genero, ex.: — O mundo foi tirado do *nada*. São uns *nadas*.

Tal indica individuos determinados ou indeterminados, consoante vier precedido do determinativo *o* ou *um*, equivalendo, n'este ultimo caso, a *certo*, ex.: Appareceu *tal* homem, ou um *tal* sujeito disse-me isso. Tambem é correlativo a *qual*, equivalendo a *como* ou a *que* claros ou occultos, denotando qualidade de similhança; ex.: «Não posso fazer estas regras senão por mão alheia: *tal* é o estado em que a minha convalescença me tem posto.» Vieira, *Cartas*. Emfim, serve para determinar sempre os individuos com relação a outros occultos, ou de que já se falou, ex.: *Tal* não ha, ou não faças *tal*.

Ainda fazem parte dos quantitativos os determinativos, *algum*, *alguma*, *alguem*; *nenhum*, *nenhuma*, *ninguem*; *outro*, *outra*, *outrem*; *todo*, *toda*, *tudo*.

Alguem, *ninguem*, *outrem* são contracções de — *alg'omem*, *ning'omem*, *outr'omem*, da mesma maneira que o determinativo *quem*, é contracção de *qu'omem*, derivado de *hominem qui*; e o determinativo *tudo*, é derivado da 3.ª fórma de *totus*, *a*, *um*.

Á terceira fórma dão-lhe alguns grammaticos o nome de neutra, por ter sido tomada da fórma latina; mas, como já dissemos, esse genero não existe em portuguez, e de-

mais essas fórmas podem determinar uma pessoa ou coisa d'um ou d'outro genero, ou collectividade de pessoas ou coisas de ambos os generos.

Parece-nos pois melhor classificação a de *fórma indeterminada*, quando houver promiscuidade ou designação de varios generos e numeros nas palavras a que essas fórmas se referirem, como vamos vêr.

Alguem. «Não cuide *alguem* que do tempo de Salomão para cá tenham mudado os bens do mundo.» Vieira, *Sermões*.

Ninguem. «Triste de quem der um ai
Sem achar ecco em *ninguem*.»

Thomaz Ribeiro, *Poesias*.

Outrem. «Porem já cinco soes eram passados
Que d'alli nos partiramos cortando
Os mares nunca *d'outrem* navegados.»

Camões, *Lusiadas*.

Tudo. «A figura era humana e muito primorosamente delineada; mas a substancia ou a materia não era mais que pó. A cabeça pó, o peito pó, os braços pó, os olhos, a bocca, a lingua, o coração, *tudo* pó.» Vieira, *Sermões*.

Os grammaticos fazem pertencer á classe dos *indefinitos* a palavra *qualquer*, formada do determinativo *qual* e do vocabulo *quer*, assim como *quemquer*, egualmente formada do determinativo *quem* e de *quer*. Mas, se *indefinitos* ou *indefinidos* são os determinativos que denotam os seres d'nm modo vago, e os *indeterminados* ou *indeterminativos* téem egual definição, como vimos no chamado artigo *indefinido* — *um*, *uma*, parece-nos que ha intima synonimia entre *indeterminado* e *indefinido*, e portanto, é mais regular a classificação, chamando a esses adjectivos — *indeterminados*.

Qualquer. É sabido que *qualquer* homem póde-se engrandecer em *qualquer* dia e a *qualquer* hora. Este vocabulo faz *quaesquer* no plural.

Quemquer, não admitte mudança na fórma, e applica-se sómente a pessoas, equivalendo a — *qualquer homem*, ex.: — *Quemquer* póde ter sabedoria, tendo intelligencia e estudo.

Deixando de parte outros *indeterminados*, como: *certo*, *certa*, *ambos*, *ambas* pela facilidade de estudo grammatical que apresentam, terminamos esta parte, apresentando certas locuções, que téem o sentido dos indeterminativos, a que se lhe póde dar o nome de — *locuções indeterminativas*, e são: — *Seja quem fôr*; *fosse quem fosse*; *quem quer que seja*; *quem quer que fosse*.

ARTIGO SEXTO

Determinativos pessoaes

São os que designam as pessoas que entram no discurso.

Etymologicamente sabe-se que estes determinativos ou pronomes pessoaes derivam de eguaes pronomes latinos. Assim, á primeira pessoa do singular — *eu* formou-se de *ego*; a segunda *tu* de *tu*; e a terceira *elle* ou *ella* de *ille* ou *illa*; a primeira do plural *nós*, de *nós*; a segunda *vós*, de *vós*, a terceira — *elles*, *ellas* de *illi*, *illae*.

As fórmas differentes, correspondentes a cada uma d'essas pessoas, servem de complemento aos verbos, consoante a sua natureza. A fórma — *migo* deriva de *mecum*; *tigo*, de *tecum*; *sigo*, de *secum*; *nosco* de *nobiscum*; *vosco*, de *vobiscum*; e essas fórmas são os pronomes latinos *me*, *te*, *se*, *nobis*, *vobis*, acompanhadas da proposição — *cum*, transformadas de *mego*, *tego*, *sego*, etc.

As fórmas *lhe*, *lhes*, *se*, *o*, *a*, *os*, *as*, procedem dos determinativos correspondentes em latim.

Em rigor, devia-se dizer que o determinativo pessoal

eu faz no plural *eus* [1]; porque *nós* quer dizer — certo numêro de individuos em que entro *eu* e mais um ou uns individuos distinctos de mim.

N'este exemplo: Meu amigo é outro *eu*.

O determinativo *nós*, embora seja do plural, emprega-se no singular, ou por auctoridade, quando os prelados falam em nome de sua Egreja; ou por modestia, quando alguem quer communicar com os outros seus louvores; ou quando um escriptor quer que o publico, a quem destina uma producção litteraria, partilhe de seu modo de sentir. *Vós*, tambem se emprega no singular, quando se fala com uma pessoa só; ou quando se quer significar grande respeito; ou por auctoridade, quando um superior fala com um inferior; ou por carinho, quando um egual fala com outro.

As fórmas de complemento dos determinativos pessoaes, assim como os proprios pronomes pessoaes, costumam junctar-se aos substantivos proprios e appellativos, sendo admittidos esses pleonasmos para clareza e força da oração, como vamos vêr.

«E comtudo elle (Affonso de Albuquerque) se mandou queixar a *elle* Utimutiraja d'esta ajuda que deu a el-rei, sabendo que a sua gente fôra no dia da entrada. A que *elle* Utimutiraja respondeu que era verdade da ajuda que dizia...» Barros, *Decada* 2.ª

«Travou-se uma peleja de maneira que... que lhe conveio a *elle* sahir do baluarte.» Idem, *ibidem*.

«Mas se bem attentais, elle só tracta de *se* consolar a *si*.» Lucena. *Tom.* 2.º

Com as fórmas de complemento *o*, *a*, *os*, *as* e *lhe*, *lhes*, observamos esse facto notavel, quando com um verbo de

[1] Assim o intendeu Heitor Pinto, *Dialogos*, quando disse: «Em mim ha dois *eus*, um segundo a carne, outro segundo o espirito.»

significação activa e ao mesmo tempo relativa, concorrem os dois complementos — objectivo e terminativo, expressos por dois determinativos pessoaes, porque n'esse caso encorporam-se um no outro, elidindo-se, por meio da synalepha ou da antithese, a vogal ou consoante do primeiro, ex.: *m'o*, *nol'-o*, *vol'-o*, *lh'o*, *lh'a*, *lh'os*, *lh'as* em logar de *me-o*, *nos-o*, *vos-o*, *lhe-o*, ou *lhes-o*, *lhe-a*, *lhe-os*, *lhe-as*.

Tambem por euphonia e em virtude da *antithese* evitamos as seguintes dissonancias:

a) Nos infinitos dos verbos, seguidos da fórma de complemento *o*, *a*, *os*, *as*, ex.: *louval-o*, *intendel-a*, *applaudil-os* em vez de *louvar-o*, *intender-a*, *applaudir-os*.

b) Nas preposições em vez de — *per-o*, *per-a*, *por-os*, *por-as*, dizemos melhor — *pelo*, *pela*, *polos*, *polas*.

c) Nos verbos irregulares que terminam as terceiras pessoas em *ds*, *és*, *is*, agudo, ou em *az*, *ez*, *iz*, dizemos melhor — *fal-o*, *dil-a*, *tral-os*, *quil-as*, *pol-as*, do que — *faz-o*, *diz-a*, *traz-os*, *quiz-as*, *poz-as*.

d) Quando se usa da *tmese* ou intercalação das fórmas complementares *o*, *a*, *os*, *as*, entre o radical e as desinencias dos verbos do futuro condicional, — *ei*, *ás*, *á*, *emos*, *eis*, *ão*; *ia*, *ias*, *ia*, *iamos*, *ieis*, *iam* dizemos melhor, por exemplo: *vel-o-hei*, *fazel-o-hia*, do que *fazer-o-hia*, *ver-o-hei*.

e) Quando á fórma complementar se segue enclitica [1], isto é, quando ás particulas *o*, *a*, *os*, *as*, se seguem os pronomes *nos*, *vos* ou a particula *eis*, troca-se o *s* final dos pronomes por um *l*, ex.: *elle nol-o disse*; *eil-os*, em logar de — *elle nos-o disse*; *eis-os*.

f) As fórmas complementares *o*, *a*, *os*, *as*, sendo en-

---

1 Chamam-se encliticas as particulas d'uma lingua que se reunem a uma palavra antecedente, de tal maneira que não parecem formar na pronunciação senão uma unica palavra com aquella a que está unida. As encliticas dos verbos são todos os casos obliquos dos determinativos relativos, como: — *me*, *nos*, *te*, *vos*, *se*, *o*, *a*, *os*, *as*, *lhe*, *lhes*.

cliticas e precedidas das desinencias nasaes dos verbos, tomam um *n*, resultando a voz — *no*, *na*, *nos*, *nas*, ex.: *amam-n'o*, *temem-n'a*, em logar de, — *amam-o*, *temem-a*. Por analogia tambem dizemos — *n'este*, *n'esse*, *n'aquelle*, *n'aquella*, *n'um*, *n'uma*. Em summa, quando a preposição *em* se une com os demonstrativos ou relativos em que na pronunciação e na escripta se troca o *m* em *n* e se supprime o *e*, como: *N'este*, *n'esta*, *n'isto*, em logar de *em este*, *em esta*, *em isto*.

Dividem-se as opiniões a respeito da orthographia da fórma complementar *o*, *a*, *os*, *as*. Dizem uns, e pertencem ao maior numero, que deve ser separada da consoante euphonica, como: — *amal-o*, *tral-o*; outros querem que acompanhe o pronome, como: — *ama-lo*, *tra-lo*.

Os d'esta ultima opinião fundam-se em que, no portuguez antigo, se escrevia — *todol-o*, *todal-as*, *ambol-o*, *ambol-as*, e assim em outras expressões como estas.

Vejamos a orthographia do classico João de Barros, em seu *Dialogo em louvor da nossa linguagem*, pag. 131.

«Nem *todolos* que ensinam a ler e escrever nã sã pera o officio que tem, quãto mais *entendella* por crara que seia. E ainda que nã seia pera ty, *dillohey* para quem me ouvir, como homẽ zeloso do bẽ commum.»

Fundamentando-se esse parecer nos vocabulos *todolos*, *entendella* e *dillohey*, argumenta-se que as terminações — *los*, (todolos) *la* (entendella e *lo* (dillohey) é que constituem sobre tudo nos verbos as fórmas complementares — *lo*, *la*, *los*, *las*, e não *o*, *a*, *os*, *as*; e portanto deve-se escrever — *intende-lo* e não *intendel-o*, *ei-lo* e não *eil-o*.

Tambem se fundam em que, reunindo-se a consoante euphonica ás fórmas complementares *o*, *a*, *os*, *as*, ha mais recta pronunciação, visto que existe mais cadencia, por exemplo, na pronunciação da palavra *compra-lo*, escripta d'este modo, do que em *compral-o*.

Examinemos pois cada um dos argumentos, principiando pelo primeiro.

E' certo que a consoante dobrada (*ll*) foi reduzida a singela, segundo as leis phoneticas de nossa linguagem, e portanto ficou existindo uma.

Ora, se é certo que os antigos escriptores escreviam *todol'os*, *todal'as*, para evitar o ecco da mesma syllaba, e, apagada depois a consoante euphonica *l*, escrevemos — *todos os*, *todas as*, parece que devemos admittir que se desprezou a segunda consoante dos verbos no infinito com a fórma complementar e outras palavras analogas (*acceitallo*) e ficou permanecendo a primeira (*acceital-o*).

Em abono d'este argumento, ha a doutrina grammatical ácerca dos verbos no infinito, que nos ensina que o *r* ou *s* da fórma verbal da desinencia se substitue por um *l*, como: *estudal-o*, *tral-o*, *fal-o*, *eil-o*, em vez de *estudar-o*, *traz-o*, *faz-o*, *eis-o*, e portanto deve-se escrever no logar da substituição. Assim, *applaudir-o*, mudado, por *antithese*, o *r* em *l*, ficou *applaudil-o*.

Em opposição á recta pronuncia da orthographia, por exemplo, da fórma *recebe-lo*, e não *recebel-o*, temos como um dos argumentos principaes a pronunciação das palavras compostas de differentes prefixos latinos. Os vocabulos — *circum-screver*, *circum-scripto*, *circum-stancia*, *con-sciencia*, *con-stitutivo*, *con-strucção*, *de-screver*, *des-egual*, *ex-igir*, *ex-ultar*, *ob-scuro*, *ob-star*, *pre-scindir*, *pre-screver*, *pro-stituir*, *pro-sperar*, *sy-stema*, *syn-onimo*, *trans-acção*, *trans-itar* e muitos outros provam que a divisão da palavra é uma, e outra a pronunciação. De modo que, dividimos, ao escrever, a palavra *circum-screver* e pronunciamos *circums-crever*, como se o *s* pertencesse á preposição *circum*.

ARTIGO SEPTIMO

Determinativos possessivos

Da-se este nome aos determinativos que nos apresentam duas relações e dois objectos: um da pessoa a quem se referem; e outro da coisa que lhe fazem pertencer.

A differença, que ha entre os determinativos pessoaes e possessivos, é que os primeiros sómente nos dão a conhecer os nomes das pessoas ou coisas personificadas a representarem quaesquer das relações que apresentam no discurso; e os segundos não determinam senão nomes appellativos e de coisas possuidas.

Os determinativos *possessivos* derivam-se do genitivo latino *mei* d'onde se formou—*meus*, meu, *mea*, minha;—do genitivo *nostrum* ou *nostri* fez-se *nosso*, *nossa*;—do genitivo *tui* formou-se *tuus*, *tua*, teu, tua; do genitivo *vestrum* ou *vestri* fez-se *vossa*, *vossa*;—emfim, do genitivo *sui* formou-se *seu*, *sua*.

Os possessivos apresentam em sua construcção etymologica dois elementos constitutivos: a primeira syllaba, de que se compõem os possessivos, quasi sempre um caso recto ou obliquo d'onde se formaram, indica a primeira relação pessoal; a segunda syllaba, que concorda em genero ou numero com as coisas possuidas, pertencentes a cada pessoa, denota a segunda relação real ou da coisa possuida.

Assim, *me-u*, *mi-nha*, *nos-sa*, *nos-so*, *te-u*, *tu-a*, *vos-so*, *vos-sa*, *se-u*, *su-a* provam esta doutrina.

Assim como os pessoaes teem cada um dois vocabulos, um para uma pessoa só, e outro para muitas, tambem os possessivos teem egualmente duas formas para indicar essas relações pessoaes. E como o reciproco *se* não tem senão uma forma para o singular e para o plurar, o possessivo não tem senão uma para ambos os numeros.

Pelo exposto, se conhece que os possessivos são os genitivos dos pessoaes adjectivados, equivalendo, em portuguez, a um complemento restrictivo, que falta nos determinativos pessoaes.

De feito, *meu*, *minha*, *teu*, *tua*, quer dizer *de mim*, *de ti*. Quando dizemos—*O meu livro*, *o teu livro*, é o mesmo que dizer—*o livro de mim*, *livro de ti*.

A mesma particularidade, que observamos nos pessoaes *nós* e *vós*, devemos notar a respeito dos possessivos *nosso* e *vosso*; assim como os primeiros se tomam no singular,

da mesma propriedade partilham os segundos, *nosso* e *vosso*. Exemplo: Um rei diz: — A todas as justiças de *nossos* reinos; e um prelado: — a nossos veneraveis irmãos, e em outras expressões analogas.

CAPITULO XX

Derivação

O vocabulo, que procede d'outro da nossa lingua, recebe o nome de derivado.

A esta grande classe pertencem os *augmentativos*, os *collectivos*, os *diminutivos*, e toda a palavra que proceda d'um vocabulo primitivo.

Chamam-se *augmentativos* aos vocabulos que com differentes suffixos, augmentam a significação da idéa primitiva, ou quanto á sua quantidade, ou á sua qualidade.

São mui variadas as formas terminativas com que se augmenta a significação d'um nome primitivo; todavia pode-se dizer que esses suffixos derivam, geralmente, dos radicaes latinos, representados pelos verbos — *ago* [1], *is*, *alo*, *is*, *aro*, *as*, apparecendo algumas vezes o infinito d'estes verbos mais ou menos modificado no augmentativo.

---

[1] *Ago, is* significa *obrar, fazer, produzir, levar, tractar, representar* etc.; *alo, is* significa *crear, nutrir, manter; aro, as, lavrar a terra*. D'estas significações primordiaes deduzem-se muitas outras.

O variadissimo modo de significar de nosso vocabulario, composto e combinado com os verbos latinos, *ago, is, alo, is, aro, as*, pode-se conseguir, em regra, por meio do methodo *deductivo*. Consiste elle em derivarmos do sentido proprio e genuino de cada uma das palavras primordiaes uma série de idéas que, successivamente, nos dêem os diversos sentidos com que as vemos empregadas em a nossa lingua.

E' conforme este methodo de *deduções* que podemos explicar, d'um modo claro e natural, os variados sentidos das preposições

Estes radicaes, formando, em os nossos derivados, desinencias mutiladas e contrahidas d'outras, exprimem significações variadissimas, uma das riquezas de nossa linguagem.

Os augmentativos terminados em *ão*, desinencia que deriva do substantivo latino *actio*, *onis*, e entra na composição de muitos vocabulos, dando-lhes força intensitiva, fazem com que a palavra tome augmento enorme e d'elle vá descendo gradualmente até o extremo contrario da pequenez, por meio da desinencia *inho*, como: — *soberbão*, *soberbaço*, *soberbête*, *soberbinho*. Os que augmentam menos terminam no masculino em *az*, ou aço, e a feminina em *ôna*.

Chamam-se *collectivos* aos vocabulos que, por meio d'uma desinencia propria e determinada, não só indicam a idéa de numero, senão tambem que, supprimida essa desinencia, ficam mostrando o individuo ou unidade de que anteriormente compunham collecção.

As desinencias, que denotam collectividade, derivam-se dos mesmos radicaes d'onde se fizeram os augmentativos.

Chamam-se *diminutivos* aos vocabulos que, mudando a desinencia de seus primitivos, lhes diminuem mais ou menos a significação primitiva. Diminuem mais os que terminam em *inho* ou *inha*, quando os primitivos acabam em vogal ou consoante, como: — *livrinho*, *rapazinho*; ou em

(cap.º XXIII) e assim poder-se satisfazer a toda a syntaxe de regencia da lingua portugueza e latina.

Para estudo apresentamos um modêlo de *deducções*, derivadas das significações primarias do verbo latino *ago*, *is*.

Da significação de — *obra*, *producção*, *impulso*, *movimento*, deduzimos as idéas de — *extensão*, *grandeza*, *altura* e *intensidade*; das idéas de — *impulso*, *movimento*, deduzimos as de — *pancada* e *golpe*; de *movimento* a de — *extensão de espaço* e *tempo*; de *extenção* a de — *grandeza*, *collecção* e *numero*; emfim, de — *acto*, *obra*, *producção* a de — *qualidade* e *estado*. Ex: *caliça*, *palhaço*, *chovediço*, *alvoroço*, *amortediço*, significando *obra* ou *producção* da *cal*, isto é, cal abatida das paredes, o que é *feito* de palha, o mau tempo *produzido* pela chuva o que tem *intensidade* de alvura, o que manifesta *movimento* em amortecer, como a luz da candeia que, não tendo azeite, parece

zinho, *zinha*, quando os primitivos terminam em diphthongo, como: — *leãozinho*, *mãezinha*. Torna-se necessario o *z* euphonico n'estes diminutivos para evitar o hiato, proveniente da reunião das trez vogaes. Mas, quando o mesmo *z* se emprega sem esta razão nas palavras que não acabam em diphthongo, parece fazer sua differença nos mesmos diminutivos, como: — *mulherinha*, *mulherzinha*. Os que diminuem menos, terminam ordinariamente em *ête*, *ôte*, *ôto*, como: — *pobrête*, de pobre; *camarote*, de camara; *perdigôto*, ou perdigôta, de perdiz; — e os femininos em *êta*, *ôta*, *agem*, *ilha*, como: *mocêta*, de moça; *ilhota*, de ilha; *villagem*, de villa; *cartilha*, de carta.

Empregamos, geralmente, os augmentativos com o suffixo *ão*, *az* e *aça*, e os diminutivos em *ito*, *ita*, *ico*, *ica*, no estylo familiar e jocoso; poucas vezes os empregamos nos discursos graves e serios.

A desinencia diminutiva, *inho*, *inha*, com que formamos a maior parte de nossos diminutivos, provem das latinas — *lus*, *a*, *um*, como: — *filius*, *filia*, *filiolus*, *filiola*, — *filho*, *filha*, *filhinho*, *filhinha*.

As desinencias *az* ou *aço* derivam das terminações augmentativas latinas, taes como: *fugaz*, *tenax* e muitos outros, que fazem no ablativo *fugace*, *tenace*, forma originada do verbo *ago*, *is*.

---

apagar-se, depois revive, torna a desfallecer e assim continuadamente; — *caraça*, *cartapaço*, *inteiriço*, *mordaça*, significando o que tem *extensão* ou *grandeza* de cara, o objecto que tem *altura* de carta (papel), o objecto que é inteiro em toda a *extensão* ou *altura*, o instrumento que morde *muito* ou tem *intensidade* na acção de morder; — *pedrada*, *espadagada*, significando a *pancada* ou *golpe* da pedra ou espada; — *noitada*, *papado*, *reinado*, *poeirada*, a *extensão de espaço* e *tempo* d'uma noite, d'um papa, d'um rei e a *extensão* ou *quantidade* de poeira; — *poderio*, *invernia*, *doentio*, *membrudo*, *mulheriò*, *penedo*, *rochedo*, a *grandeza* de poder, d'inverno, de doença, de membros, *collecção* e *numero* de mulheres, de penedos e rochas; — *amizade*, *bondade*, *tranquilidade*, *obesidade*, *saciedade*, a *qualidade* de ter amigos, de ser bom, o *estado* tranquillo, a extrema gordura, a fartura.

ARTIGO PRIMEIRO

Discussão sobre a desinencia *ão*

Ha uma differença notavel entre a significação da palavra *acção*, derivada de *actio*, *onis*, com cuja desinencia *tio*, representada em portuguez pela particula *ão*, formamos a combinação de muitos vocabulos, e a palavra *acto*, representada, em geral, pela terminação *tus*, derivada do latim *actus* ou *actum*. A primeira desinencia exprime ordinariamente força e intensidade com relação ao vocabulario, que não dependa da desinencia *tio*, e que pertence á terminação *tus* ou *tum*.

Parece-nos que este caracteristico das duas desinencias em portuguez, alem de ter a sua razão de ser na propria significação dos dois vocabulos, combina-se perfeitamente com egual facto que se pode observar em latim, onde podemos citar, entre outros, os seguintes modêlos, para demonstrar que, apezar de ambas as desinencias *tio* e *tus* ou *tum* terem um radical commum *ac*, raiz de *acus*, *us*, (capitulo XX art. 2.º), teem distincta significação. Os vocabulos — *admonitio*, *onis* e *admonitus*, *us*, admoestação; *defectio*, *onis* e *defectus*, *us*, desfallecimento; *factio*, *onis*, acção, modo de fazer, e *factum*, *i*, feito; *lusio*, *onis*, e *lusus*, *us*, recreação; — estes vocabulos fazem differença na significação, em vista das desinencias *tio*, composição de *actio*, *onis*, e de *tus*, terminação de *actus*, *us*, ou de *actus*, *a*, *um*, participio do verbo *ago*. Tanto *actio*, como *actus* ou *actum* tem um unico radical, representado em *ac* ou *ag*; mas a differença entre a desinencia *tio* e *tus* ou *tum* é que reveste a differença ideologica na composição dos vocabulos.

Conhecidas as differenças e portanto as significações distinctas entre os vocabulos latinos em *tio* ou *tus*, appliquemos esta theoria ás palavras portuguezas, que tenham intima relação com essas desinencias.

Vejamos agora o que significam as palavras *acção* e *acto*.

A palavra *acção* exprime movimento intensitivo e peremptorio, que resulta do poder que tem a propria força e

actividade. De sorte que, diz-se uma *acção campal* aquella em que dois exercitos empregam o poder, a força e actividade. Diz-se, em geral, *acção* todo o movimento intensitivo ou o resultado da força e energia, o qual movimento não é dependente d'outro similhante, limitado e indefinido; visto que a mesma idéa de força ou exforço excluira a de continuidade e movimento indefinido.

A palavra *acto* exprime o movimento progressivo, demorado e indefinido, em todo o caso tomado n'um certo periodo ou espaço em que o consideramos, parecendo por isto que esta palavra fôra em sua origem — *actuamento*, e o progresso da lingua a encurtasse e contrahisse em *acto*, para com a abreviatura do vocabulo indicarmos a da coisa significada.

Em vista pois d'isto, chamamos *actos* d'um drama áquellas partes ou periodos em que está dividido o seu andamento, os quaes teem intima relação entre si, e dependem uns dos outros. Egualmente chamamos a um raciocinio *um acto do intendimento*, e não lhe chamamos *acção*, porque esta palavra denotara uma operação de exforço, unica e definitiva, e excluira a idéa de proseguimento e continuação com que o mesmo intendimento opera outros muitos phenomenos intellectuaes ou raciocinios.

Portanto, applicando agora esta doutrina a certo vocabulario portuguez, veremos que na practica se póde conhecer essa differença em dadas palavras que não terminam em *ão*, desinencia que exprime *acção*, *augmento* ou *intensidade* com referencia a outras palavras com que se acham comparadas.

As palavras *affeição* e *affecto*, *edificação* e *edificio*, *dominação* e *dominio*, e assim outras, indicam, terminando em *ão*, uma *acção* intensitiva de nos affeiçoarmos (affeição), de construirmos (edificação), de dominarmos (dominação); e as outras synonimas, por assim dizer, com differente terminação, significam o resultado da acção da *affeição*, e assim por deante. Esse resultado está expresso no elemento constitutivo derivado da desinencia de *actus*.

De modo que, *negociação* é a acção de negociarmos, e

negocio o resultado da *negociação*, e portanto é um falar errado o dizer-se que uma transacção commercial, ainda projectada ou que está em convenio entre duas ou mais partes contractantes, é *um negocio* que se está preparando, quando se deve dizer que — é uma *negociação*, ou chamar-se *negociação* ao seu effeito ou limite, quando se deve dizer — *negocio*. Egualmente, chamar-se — *uma bella edificação* ao edificio que está concluido e até habitado, quando n'este caso deve ter o nome de *edificio*; e *edificação*, em quanto se está construindo.

Sirvam de modêlo ainda os vocabulos — *contradicção* e *contradicta*, *invenção* e *invento*, *perdição* e *perda*, *repulsão* e *repulsa*, *recreação* e *recreio*.

Examinemos, por ultimo, o emprego d'esta theoria em alguns exemplos de nossos classicos.

«Não é nas *contradicções* da fortuna, que elles não souberam captar; não é nas ingratidões dos homens, de quem se elles esquivavam emquanto os serviam; não é nos rigores com que a propria natureza parece comprazer-se de maltractar os que mais se dedicam a revelal-a e a exalçar as suas maravilhas; não é, em summa, nem na pobreza, nem nos trabalhos, desgostos e cuidados, nem na *renunciação* de milhares de delicias, nem tão pouco nas enfermidades geradas ou aggravadas dos estudos longos e pertinazes, nem é em cousa alguma d'aquellas que se podem narrar e estão narradas, escriptas e impressas — que eu ponho os fundamentos d'este meu conceito demasiadamente verdadeiro.» Feliciano de Castilho. *Mem. do Cons. real de Lx.ª*.

Pela comparação do modo de significar entre os vocabulos — *contradicção* e *contradicta*, *renunciação*, *renuncia* e *renunciamento*, se reconhece que, empregando este mestre da lingua as primeiras palavras e não aquellas com que se acham comparadas na significação, quiz exprimir a acção rapida e violenta de *contradizer* e *renunciar*, e não o resultado ou o acto successivo, prolongado e indefinido da acção, que se podia representar pelos vocabulos, *contradicta*, *renuncia* e *renunciamento*.

«Começou de rogar e importunar ao padre Francisco tomasse á sua conta o *governo* e doutrina do novo seminario.» J. Lucena, *Vid. de Xav.*

«A primeira tristissima conclusão decerto a estão tirando, com mais ou menos boa fé, os adversarios d'este nobilissimo, d'este generosissimo, de todos os systemas de *governação.*» Almeida Garrett, *Discursos parlamentares.*

«Foi-lhe recado que Diogo Lopes de Sequeira era chegado a Cochim, e vinha para o succeder na *governança.*» João de Barros, *Decada* 3.ª

As palavras — *governação* e *governo*, embora ambas exprimam a acção de governar, teem comtudo entre si uma certa differença. Quando Garrett proferiu o termo — *governação*, quiz significar a acção de governar, forte, vigorosa, como é indispensavel que seja a d'um qualquer paiz, e portanto não empregou o vocabulo *governo*, cuja significação é menor na acção intensitiva do que a primeira palavra. Mas, o classico Lucena, no exemplo referido, empregou a palavra *governo*, cuja significação é somente applicavel á direcção d'um municipio, d'uma familia, d'uma casa, e, por conseguinte, parece-nos que usou d'ella com toda a força de propriedade.

O vocabulo *governança*, significando, em rigor, o acto e não a acção de governar, exprime, com especialidade, a idéa do tempo em que o poder d'alguem exerce o acto de governar, como o empregou João de Barros e muitos outros em casos similhantes.

Emfim, vejamos o seguinte exemplo, extrahido da *Vida do Arceb.* por Fr. Luiz de Souza, onde narra a victoria alcançada com os portuguezes na defeza de Mazagão:

«Mas não sabia o barbaro em que dia pelejava, dia do glorioso martyr S. Jorge, advogado nas batalhas dos antigos portuguezes, que n'esta *conjuncção* os favoreceu tambem de maneira que, depois de longa porfia, foram os inimigos rebatidos com bravo destroço e vergonha...»

Este classico, empregando com a maxima propriedade a palavra *conjuncção*, quiz exprimir a acção do encontro de certas partes com outras, ou o inimigo com outro; e si-

gnificação tão propria não podia reconhecer nos synonimos, taes como; — *conjuncto*, ou *conjunctura*. Pois os suffixos d'estas palavras representam os elementos do vocabulo *actus, us*, e não do substantivo *actio, onis*. A palavra *conjunctura* significa o logar onde duas partes se unem junctamente, e tambem era empregada como equivalente a *ensejo*.

Não pareça extranha ou impropria a translação da significação rigorosa da palavra *acto* para se exprimir a idéa de *logar onde;* porque este facto dá-se em outras linguas, como em portuguez e em latim. Na primeira temos a palavra *Alcorão*, livro da seita de Mafoma, que tambem significa o logar onde se explica esse livro, isto é, a Mesquita. Na segunda ha *cuniculus*, o coelho, que tambem exprime a toca onde este animal se agasalha. Em francez, finalmente, *lezard*, o lagarto, significa a fenda ou racha na parede, onde ordinariamente se acolhe este reptil.

ARTIGO SEGUNDO

Suffixos augmentativos

Pela observação, reconhece-se que, em geral, todos os suffixos augmentativos, derivados dos radicaes já mencionados, soffreram certas modificações, como na troca d'uma lettra em outra, mas formando uma certa regularidade, que é, como já dissemos, um facto caracteristico da nossa linguagem.

Do radical de *acus, us*, (*ac-us*) que significa *ponta, coisa aguda, que excita, pica, estimula*, isto é, *origem*, e da desinencia *tio*, contracção de *itio*, dependente do verbo latino *eo, is, ire*, que significa *movimento actual de ir, proceder, prolongar* e outras significações — formamos *actio, onis*, acção; — dos elementos *ac, tio* e *us* de *acus* e *actio* fizemos o vocabulo *actus, us*, acto, obra, effeito da acção; — dos elementos constitutivos *ac* ou *ag* e uma desinencia determinativa fez-se o verbo *ago, is;* — do radical *ac* ou

ag fizemos, em portuguez, *acuçar*, *aguçar*, *agudo* etc.; — do radical de *ago* formamos as desinencias portuguezas — *az*, *aço*, *eto*, *iço* e *oto*; — do participio *actus*, *a*, *um*, formamos as desinencias *ado*, *ada*; — d'uma leve alteração de *ado* fizemos *edo*, que tambem póde ser derivada da desinencia augmentativa dos latinos *etum*; — de *itus* fizemos *ido*, *io*, *igo*; — de *utus*, emfim, fizemos *udo*.

Pelo exposto se vê que, d'um radical commum, derivamos um certo vocabulario, e a alteração segue uma escala natural.

Essas desinencias, associadas á idéa significada pelo radical, exprimem significações de — *origem*, *natureza*, *quantidade*, *qualidade*, *acção*, *effeito* e muitas outras analogas, que se podem deduzir do radical primitivo. Assim, da idéa de *producção*, *impulso*, *movimento*, podemos deduzir — *extensão*, *grandeza*, *altura*, *intensidade* e outras significações comprovadas pelos classicos.

Tambem na lingua materna as referidas desinencias exprimem augmento de significação, como: — *nasatus*, o que tem grande nariz; *vinetum*, vinhedo, e assim por deante.

1.ª SECÇÃO

Augmentativos derivados de substantivos

aço	*espinh-aço*, grandeza ou qualidade de espinha; *reg-aço*, rego, ou seio no vestido, apanhadas as fraldas ao alto.
aça	*fum-aça*, quantidade de fumo; *vidr-aça*, porta de muitos ou grandes vidros.
açal	*lam-açal*, quantidade de lama; *lod-açal*, quantidade de lôdo.
eça	*arav-eça*, arado grande.
iço	*mass-iço*, coisa que tem muita massa; *papel-iço*, papel embrulhado.
iça	*cal-iça*, cal abatida do tecto ou das paredes das casas.

oço	*alvor-oço*, grande alvura ou pallidez no rosto, produzida pelas commoções repentinas da alma, como: *temor*, *alegria*.
oça	*carr-oça*, carro de rodas altas.
ado	*silv-ado*, terreno com muitas silvas; *professorado*, emprego ou classe de professor.
ada	*aro-ada*, galeria de muitos arcos; *rapazi-ada*, multidão ou travessuras de rapazes.
ato	*baron-ato*, dignidade ou classe de barão; *cardinal-ato*, dignidade ou classe de cardeal.
agem	*ar-agem*, corrente de ar; *cread-agem*, multidão de creados.
al	*are-al*, quantidade de arêa; *colme-al*, reunião de colmêas; *feijo-al*, quantidade de feijões.
ame	*raiz-ame*, quantidade de raizes; *correame*, certo numero de correias d'um soldado.
aria	*grit-aria*, numero de gritos; *preg-aria*, collecção de pregos.
ario [1]	*oper-ario*, o que fez obra; *ov-ario*, producção de ovos.
eiro, eira	*justic-eiro*, [2] o que faz rigorosa justiça,

[1] A desinencia *ario* deriva do verbo latino *aro, as*, e de cujo radical se formou a terminação latina *arius, a, um*. A significação primitiva e rigorosa d'esse verbo é — *lavrar a terra*, d'onde se deduzem muitas significações, como: *obra, exercicio, movimento, creação, producção, manutenção, repetição, extensão, grandeza, intensidade* e outras.

A desinencia *ario* mudou a vogal *é* em *e* e do *i* breve fez um *i* longo, e das alterações fizemos os termos *sabedoria, irmandaria, ceilheiraria*, etc. Depois a mesma alteração phonetica mudou a forma *ario* em *eiro, eira, ôr, oria*.

[2] Entre o justo e o *justiceiro* ha esta differença: ambos castigam; mas o justo castiga e peza-lhe, o *justiceiro* castiga e folga. O

	que nunca falta a ella; *feitic-eira*, a que diz adivinhar o futuro.
eria.....	*voz-eria*, quantidade de vozes.
edo.....	*arvor-edo*, terreno povoado de arvores; *mosqu-edo*, enxame de moscas.
ouço.....	*pedr-ouço*, montão de pedras.
orio.....	*foguet-orio*, quantidade de foguetes.
ume.....	*ci-ume*, o que tem zelos, emulação ou inveja.
esca.....	*soldad-esca*, numero de soldados.
ido.....	*braz-ido*, quantidade de brazas.
eiro [1].....	*caminh-eiro*, o que se emprega em andar no caminho, que tem o modo de vida de caminhar. «Entra o anjo Raphael a falar com o velho Tobias em trajo de caminhante ou ainda de *caminheiro*.» Vieira, *Sermões*.
ador.....	*caminh-ador*, é o que por genio e gosto caminha; que está sempre prompto para caminhar; que caminha muito.
ante.....	*caminh-ante*, é o que, ao tempo, caminha; *viaj-ante*, é o que vae em viagem; que viaja actualmente.
eiro.....	*viaj-eiro*, é o que tem o modo de vida de viajar ou fazer viagens.

---

justo com mais vontade absolve do que condemna; o *justiceiro* com mais vontade condemna que absolve.» Vieira, *Sermões*.

[1] E' digna de se mencionar a differença entre as desinencias — *ante, ente, inte* e *eiro, eira* e *ôr*. As primeiras em *te*, que são, em geral, formadas dos participios activos dos verbos da primeira conjugação latina, exprimem uma acção actual, designada nos radicaes da palavra; as segundas em *ro, ra*, denotam a pessoa ou coisa que, por *habito, costume* ou *officio*, practica aquillo indicado nas raizes dos vocabulos; a terceira em *ôr*, manifesta a pessoa que, por *genio, indole* ou *vocação* practica o que lhe é indicado nos radicaes. Estas significações das mencionadas desinencias podem-se verificar nos exemplos citados, como: *caminheiro, caminhador, caminhante*, etc.

or ..... *viaj-or*, é o que viaja por genio e gosto; que viaja sempre.

E o mesmo em *amante* e *amador*; o primeiro practica a acção do amôr no tempo actual; o segundo ama por gosto e propensão. De modo que, deve-se dizer que um homem é amador da musica, das bellas artes, dos livros, e não amante. Assim se diz que um homem é amante d'uma mulher e nunca *amador*. Sirvam de norma ainda os vocabulos —*caçadeiro, caçadeira, caçador, caçante, dançadeira, dançador, dançante, dormideira, dormidor, dormente*.

Parece-nos sufficiente a lista dos substantivos derivados com a respectiva significação; portanto, passamos a apresentar as outras derivações, sem lhes ajunctar a significação geral, que, como qualquer outra palavra, se poderá ver nos diccionarios e no estudo aturado de nossos classicos.

2.ª SECÇÃO

Substantivos derivados de adjectivos

Principiamos pelos vocabulos que terminam em *ade*, formados dos nomes latinos de 3.ª declinação com o nominativo em *as* e o ablativo em *ate*. Tambem procede esta desinencia do radical *ago, is*, ou de substantivo *actus*, e por conseguinte toda a palavra terminada no suffixo *ade*, recebe eguaes significações e analogias, que se podem intender e deduzir do vocabulario em que entra o radical *ago*.

ade ..... *soled-ade, so-i-d-ade, sa-ud-ade*, são vocabulos compostos do nome *só* e da desinencia *ade*, exprimindo o acto de estar *só*: isto é, pensamentos, maguas, desejo do que está ou se encontra só, isolado de alegrias.

dão ..... *preti-dão, soli-dão, forti-dão*.

ez, eza	*rapid-ez, altiv-ez, altiv-eza.*
or	*verd-or, fresc-or.*
ice	*velh-ice, meig-u-ice.*
ume	*azed-ume.*
ura	*alv-ura, fresc-ura.*

3.ª SECÇÃO

Idem de verbos.

As desinencias *ança* e *ença* foram formadas dos ablativos dos adjectivos latinos d'uma só forma e d'um elemento constitutivo de *ago* ou *ectus*. Assim, de *prudenti* e o referido elemento se formou *prudentia* em latim e *prudencia* em portuguez, etc.

Para comprovarmos que, não só as desinencias *ança* e *ença*, senão tambem outras, como *eza, ez*, as quaes são suffixos de muitos vocabulos portuguezes, se derivam do radical *ago*, e portanto apresentam as significações relativas á sua origem, vejamos as palavras seguintes, para por meio d'ellas, podermos averiguar outras equivalentes.

Assim, *ensança*, o fructo ou a producção do que cria; *governança*, a acção do que governa; *matança*, o acto do que mata; *vizinhança*, o acto do que é vizinho, e por isso dizemos — fazer boa ou má vizinhança, e por extensão de linguagem, numero de vizinhos, como em *matança*, o numero de mortes. Do mesmo modo, *doença*, o estado de doente; *offensa*, obra ou a palavra do que offende; *presença*, o acto do que está presente.

ança	*mud-ança, alld-ança.*
ença	*det-ença.*
ada	*ent-ada.*
ida	*arremett-ida, sah-ida.*
agem	*lav-agem, mo-agem.*
ção	*abalros-ção, perdição, fundição.*
zão	*folg-zão.*

dura	*semead-ura, morded-ura, investid-ura.*
mento [1]	*atardea-mento, rendi-mento, feri-mento.*
douro	*tuea-douro, beb-e-douro, cing-i-douro.*
dura	*at-a-dura.*
dor	*ass-a-dor, fal-a-dor, proteg-e-dor, distribu-i-dor.*
ista	*chup-ista, intrig-a-ista, demand-ista.*
ante, ente, inte .	*fal-ante, depend-ente, ped-inte.* Applicam-se estas desinencias para se designar o que alguem practica frequentemente ou tem grande propensão a practicar uma acção.

ARTIGO 3.º

Collectivos

Temos em portuguez um certo vocabulario que, sem um suffixo proprio, já exprime uma collectividade, classificada pelos grammaticos de *collectivo geral e partitivo*.

Os *geraes* podem ser ou indeterminados, ex: *nação, cidade, povo, exercito, gente, concelho, arvoredo* e outros; ou determinados, como: *uma novena, dezena, vintena, um milheiro, milhão* e outros.

Os *partitivos* podem ser, ou *distributivos*, como: a *metade, o terço, o quarto, o dizimo* etc.; ou *proporcionaes*, ex: o *dobro*, o *tresdobro*, o *centuplo* etc.

---

[1] Todos os vocabulos terminados em *mento* são compostos com a desinencia *ento*, derivada do participio activo *iens, euntis*, do verbo latino *eo, ie, ire*, que significa *ir, caminhar, progredir*. Applicado pois este suffixo ao radical d'um vocabulo, augmenta e prolonga a idéa primitiva representada pelo radical. Assim, *sahimento* é o acto de sahir, successivo, prolongado, como o do acompanhamento d'um finado, e por figura o mesmo acompanhamento. Ainda nas provincias do norte se ouve dizer a primitiva composição, como *soffrimento, recebimento, sortimento*, etc.

Alem dos radicaes, de que nos occupamos nos *augmentativos*, podemos dizer que, em regra, os collectivos são formados: do radical do verbo latino *alo, is*; da forma verbal de *ago, is*, transformada em *agem*; da desinencia *ame*, derivada de *agmen*, que significa *multidão, exercito, tropa*.

Vejamos agora como se operaram essas derivações.

Da desinencia *al*, com que formamos, em portuguez um extenso vocabulario, derivada de *alo*, formamos os *collectivos* acabados em *alho, alha, ilha, olho, ulho*.

Na lingua materna tambem teem a mesma forma e significação os nomes que terminam d'aquella maneira. Assim, *crinale*, fita ou nastro que *sustenta* ou prende os cabellos; *navale*, sitio onde se recolhem e *conservam* os navios; *foenile*, palheiro ou sitio onde se guarda e *conserva* o feno; *ovile*, logar onde se recolhem e *sustentam* as ovelhas.

Todavia, ha palavras em portuguez, terminadas em *al, alho, alha, el, ela, il, ilho, ol, ola, olho, ulho*, que não teem idêa collectiva, visto que conservam o sentido primitivo do vocabulo *alo, is*. Os vocabulos—*edital, animal, frontal, jornal, local, memorial, missal, portal, temporal; espantalho, medalha;—docel, granel, pastel, portela;—covil, redil, caixilho, prezilha; ourinol, argola, ferrolho, estadulho;* podem servir de modelo, e de cujo significado se poderá conhecer que exprimem a primeira significação, que lhes foi dada pela desinencia *al*, sem admittirem outra deducção; no entanto, o significado primitivo passa muitas vezes do proprio para o figurado.

1.ª SECÇÃO

Suffixos dos collectivos

ado, ada..... *apostol-ado, bisp-ado, eir-ado, apup-ado, foguet-ada.*

ade..... *antiguid-ade, cid-ade,* (de *civis, is*, cidadão e a terminação *ade*, quantidade).

io..... *pened-io, gent-io.*
agem ..... *ar-agem, bag-agem, criad-agem.*
al ..... *ameix-e-al, ervilh-al, laranj-al.*
alho, alha..... *bar-alho, casc-alho, cord-o-alha, can-alha.*
elha..... *par-elha.*
ilha..... *guerr-ilha, quadr-ilha.*
olho..... *rest-olho.*
ulho..... *pedr-e-g-ulho.*
ama, ame..... *moir-ama, dinheir-ama, barril-ame, corre-ame.*
ume ..... *card-ume.*
aria ..... *drog-aria, flor-aria.*
ario..... *diccion-ario, vocabul-ario.*
eiro..... *cancion-eiro, lettr-eiro.*
eira..... *fil-eira, sement-eira.*
orio..... *palavr-orio, viv-orio.*

Terminamos com uma lista de desinencias que designam nascimento de pessoas em:

ão ..... *beir-ão, coimbr-ão.*
ano..... *napolit-ano, itali-ano.*
eno..... *santar-eno.*
ino..... *brigant-ino, abrant-ino.*
eiro..... *brazil-eiro.*
ense ..... *lisbon-ense, portu-ense.*
ez ..... *chin-ez, portugu-ez.*
io ..... *algarv-io.*
ol ..... *hespanh-ol.*
oto ..... *minh-oto.*

ARTIGO 4.º

Diminutivos

Tem-se como certa a etymologia dos diminutivos portuguezes, em geral, das terminações *ethus, a, illus, a, olus,*

a, ulus, a, e *culus, a,* com que os latinos tambem formaram seus diminutivos, como: *clav-ulus, i,* o preguinho, diminutivo de *clavis, i,* o prego; *homun-culus, i,* o homemzinho, de *homo, inis,* o homem.

Confrontando um numero de suffixos diminutivos da lingua portugueza com os latinos, reconheceremos que um certo vocabulario tem as proprias desinencias da lingua materna, havendo na formação a regularidade que se tem visto no decorrer d'este estudo.

1.ª SECÇÃO

Suffixos dos diminutivos

inho, inha.....	*livr-inho, pez-inho; avez-inha, caix-inha, mãe-z-inha.*
ete, eto, eta...	*rei-z-ete, tyrann-ete; livr-eto, cadern-eta.*
ito, ita	*flor-ita, livr-ito, rei-z-ito.*
ico, ica.....	*amor-ico, pell-ica.*
eca	*padr-eca.*
ejo	*quintal-ejo, logar-ejo.*
el, ella	*cord-el; vi-ella.*
eta	*column-eta, estatu-eta.*
im	*camar-im, espad-im.*
ilho, ilha.....	*rast-ilho; cart-ilha.*
ote, ota	*camar-ote, sal-ote; ilh-ota, velh-ota.*
ôto	*perdig-ôto.*
ola	*sac-ola, aldeo-la, moç-o-i-la,* (o *i.* é euphonico).
ulo, ula.....	*versic-ulo, montic-ulo; cell-ula, partic-ula.*

Podem-se formar diminutivos em *inho* e *ito,* com o *z* euphonico, de todos os substantivos masculinos, e com a terminação feminina de todos os substantivos femininos.

E' admissivel o uso dos diminutivos em *inho, inha* ou *zinho, zinha* em qualquer estylo.

Assim como nos servimos dos augmentativos, terminados em ão, como vituperio para engrandecer a enormidade ou desproporção, ou quanto á parte material, ou quanto á parte moral do ente humano, assim tambem nos podemos servir dos diminutivos como expressão de ridiculo. De modo que, empregamos muitas vezes os augmentativos ironicamente para deprimir, quando dizemos, por exemplo, que um homem é *valentão*, sendo elle de si fraco; quando chamamos *sabichão*, ao ignorante; — exprimimos, ás vezes, carinho com as desinencias em *inho*, como: *filhinho*, e outras desprezo, como *reizito* e assim por deante em expressões analogas.

CAPITULO XXI

Palavras substantivadas

O determinativo demonstrativo *o* tem a propriedade de substantivar qualquer parte da oração e orações para poderem ser o sujeito, attributo ou complemento, como vamos ver.

a) Substantiva adjectivos, ex: Succede muitas vezes que *o licito* vem a ser capa e manto do *illicito*. *O justo* e *o injusto* são oppostos entre si.

b) Substantiva verbos, como: A natureza fez *o comer* para *o viver*, e a gula fez *o comer* muito para *o viver* pouco. «Que seguir e sentir o contrario d'isto era (se se havia de falar claro e como entre amigos) *um querer* resuscitar velhices e impossibilidades que, por esquecidas e desusadas, eram meras novidades.» Luis de Souza. *Vid. Arceb.*

c) Substantiva pessoas de verbos, como: *O gabares-te* de sabio, mostras ser ignorante. Mais vale *um toma* do que dois te darei.

d) Substantiva preposições, ex: *O contra* d'uma questão é opposto a um *pro*.

e) Substantiva adverbios, como: Não sabermos o *quanto* custaram os sacrificios d'um sabio, é causa, muitas vezes, de não lhe dedicarmos a homenagem devida.

f) Substantiva conjuncções, v. gr: — *O mas* em muitos casos é uma palavra triste.

g) Substantiva, em summa, orações, como: «O *pintarem bem os dados ou as cartas* não está na mão do jogador, mas se elle é sabio na arte, está na sua mão *o usar bem do jogo*, com que se ha, qualquer que elle seja.» Vieira, *Sermões*.

«*O como se deve apartar a dicta occasião* pende de doutrinas individuaes.» Man. Bern. *Estim. Pract.*

Por uma particularidade de nossa lingua, quando o determinativo *o* substantiva um verbo, faz com que este seja considerado como substantivo designativo de acção.

Assim, se dissermos — o *cahir das folhas*, designamos a acção d'ellas se desprenderem e cahirem dos vegetaes, e com tanto rigor não diriamos, se empregassemos a expressão — *a queda das folhas*.

E por similhança dizemos — o *cahir da tarde*, o *andar do tempo*, o *fechar da noite*, etc.

Quando os infinitos dos verbos são tomados como designativos de acção, não admittem plural; portanto, não podemos dizer — *os andares do tempo, os fechares da noite*. Mas, quando os infinitos não exprimem acção, admittem plural, porque significam uma substancia ou uma entidade, como: *o ser, os seres, o comer, os comeres*.

Tambem fazem as funcções de substantivos alguns participios do presente e do passado, como: *amante*, *pretendente*, *ouvinte*; *escripto*, por papel ou bilhete escripto, *impresso*, por folha ou folheto impresso; *pescado*, pelo peixe que se pescou.

CAPITULO XXII

Verbo

O verbo derivado do vocabulo latino, *verbum*, *i*, a palavra, é a expressão por excellencia, que nos mostra a relação entre as duas idêas do juizo, o que não pode fazer-se por outra maneira que não seja affirmando, [1] visto que n'esta affirmação está a caracteristica do juizo. Dá-se o nome de juizo á decomposição das idêas, considerando á parte cada um de seus elementos, e, confrontando-os uns com os outros, vimos a conhecer a relação entre uns e outros.

A caracteristica do juizo não está no conhecimento da relação existente entre duas idêas, mas sim na comparação pela qual se conhece essa relação e a affirmação d'essa relação e a affirmação. Nenhuma affirmação se poderá fazer fóra do tempo; de modo que a affirmação da relação entre duas idêas se ha de enunciar quanto ao tempo.

O verbo tambem é uma parte conjunctiva da oração, porque combina e une entre si os dois termos da proposição — sugeito e attributo. A relação, que o verbo denota entre o sugeito e o attributo, é a de identidade e coexistencia d'um com outro. O verbo, álem de sua idêa principal e propria da coexistencia dos dois termos, augmenta a esta muitas accessorias, como são a do modo de enunciação, a do tempo, a do numero e pessoas, e ainda a de

---

[1] Embora um pensamento ou juizo seja negativo, o verbo encerra e exprime sempre affirmação. Por exemplo, dizendo nós: — *O talento não é inutil*, o verbo *é* exprime affirmação da mesma maneira que se não estivesse acompanhado da negativa. É preciso notar que os proprios verbos de significação negativa, denotam egualmente affirmação. *Negar*, por exemplo, é affirmar ou que uma coisa não é, ou que não convem a outra.

um attributo se é verbo adjectivo. E' por isto que o verbo é a parte por excellencia da oração e summamente variada em suas terminações para preencher essa variedade de idéas.

Chamam os grammaticos *modos* d'um verbo á maneira como a affirmação é enunciada; dão o nome de *tempo* á epocha a que se refere a affirmação.

Quando a affirmação é indefinida e vaga chama-se modo infinito; quando é determinada recebe outros nomes.

O sugeito do verbo, isto é, o ente de que o verbo affirma o ser ou o modo de ser, ha de ser sempre uma pessoa ou coisa da qual se affirma, ou uma pessoa que affirma, ou a quem se affirma.

O verbo consta de dois elementos notaveis, que reunem as modificações de modos, tempos, numeros e pessoas, com a idéa d'uma acção, qualidade ou estado, representada por um radical, geralmente, um nome mutilado.

Vejamos os verbos — *louv-ar*, *receb-er*, *applaudir*. O primeiro elemento, quer conste d'uma ou mais syllabas, quer d'uma lettra só, representante da qualidade, ou acção ou estado, que affirma da pessoa ou coisa, a qual é o sugeito do verbo, é, como já dissemos, o radical; e as desinencias — *ar*, *er*, *ir*, são uma voz designativa de acção, dependente do nome do radical, a cuja significação são accomodadas.

Os radicaes *louv*, *receb*, *applaud* são invariaveis em todos os tempos do verbo, visto que denotam a mesma qualidade ou acção ou estado em qualquer modo ou pessoa d'um verbo. Portanto, no radical existe toda a propriedade da palavra, e na desinencia ha uma regular modificação para exprimir a coexistencia dos differentes modos de ser da referida propriedade nas pessoas de quem a enuncia por differentes modos, e com relação a certos tempos, numero e qualidade das mesmas pessoas.

Quanto á etymologia das desinencias dos verbos divergem as opiniões. Dizem uns que derivam do verbo latino *habeo*, e quasi todos os philologos e grammaticos fazem-n'as derivar d'uma outra origem, como mais abaixo exporemos.

Querem os primeiros que, nos verbos regulares — *amo*, *devo* e *applaudo*, a desinencia *o* derive de *ego* latino (*eu*), equivalendo á expressão *amor*, *dever*, *applauso eu* (tenho); *amo-as*, *dev-es*, *applaud-es* derive *as* e *es* de *has* (habeo) e equivale a *tu has* ou *tens amor*, *dever*, *applaudir*. E, seguindo este caminho, applicam este processo a todas as conjugações em todos os modos, tempos e pessoas. Uma das razões porem que nos faz engeitar esta derivação, é o verbo *haver* em latim não entrar na composição dos verbos e ter uma significação mais limitada do que na lingua portugueza.

Os segundos reconhecem a origem das desinencias em dois verbos latinos: — *aro*, *as* e *sum*, *es*, *fui*; excepto no futuro imperfeito do indicativo que é formado de *haver*.

Assim como a forma *are*, de que já falamos, apparece na combinação de muitos vocabulos, como nos terminados em *ario*, compondo-se esta desinencia da forma infinitiva do latim *are* e das particulas *us*, *a um* para exprimir os individuos de cada um dos generos, como, *advers-ari-us*, o que obra contra; *oper-ari-us*, o que faz obra; assim as desinencias dos verbos no modo infinito se poderam formar do infinito *are* de *aro*, *as*, que propriamente significa — *lavrar a terra*, de que se deduzem, entre outras, as significações de — *levar*, *trazer*, *obrar*, *produzir*, as quaes tambem se applicam aos nomes.

As desinencias infinitivas dos verbos portuguezes da segunda conjugação e por analogia os da terceira, que terminam em *er*, *ir*, derivam de *ag-ere* infinito de *ago*, *is*, de cuja significação já falamos anteriormente. A mudança regular de *are* em *ere*, formas infinitivas dos verbos latinos *aro*, *as*, *ago*, *is* é uma das razões que nos faz admittir a mudança do infinito dos verbos portuguezes da terminação *er* em *ir*.

Se observarmos as significações das desinencias infinitivas dos verbos, havemos de lhes reconhecer uma acção apropriada á significação do radical, representado pelas significações das formas *are* e *ere* de *aro* e *ago*.

A maior parte dos tempos dos verbos, tanto latinos como portuguezes, são compostos do verbo substantivo *sum*, *es*, *fui*, e d'um nome representado pelo radical.

Na vóz activa fundiram-se os dois elementos em uma só palavra, d'onde depende o nome de verbos *adjectivos*, por terem attributo adjecto ou unido a si, como: *amo* é o mesmo que dizer — *sou amante*. E na voz passiva, o verbo *ser*, vem claro, como: — *sou amado*.

Apezar da lingua portugueza não ter umas desinencias proprias para formar a *voz passiva*, como tem para a activa, nem por isso deixa de ter *voz passiva*, isto é, uma maneira de exprimir que nos apresentam os verbos adjectivos, para indicar que o sugeito da oração não é já o agente, como na voz activa, mas o paciente da acção. E para essa expressão verbal, basta-lhe só uma linguagem simples, qual é a do participio passado do verbo, que contem em si toda a força da significação propria do verbo adjectivo. De modo que, estes participios, com o subsidio das linguagens do verbo substantivo e seus auxiliares, fazem conseguir á nossa lingua uma voz passiva.

Tambem a lingua portugueza tem uma propriedade particular de formar a voz passiva das terceiras pessoas, quando o sugeito designar um ser inanimado, se não causar falta de clareza ao pensamento, como: *derrotaram-se os inimigos*. Essa particularidade consiste em se ajunctar ás terceiras pessoas a particula *se* ex: Quando as guerras são justas, *applaudem-se* as victorias. Está *applaudem-se* em logar de — *são applaudidas*.

Na applicação da particula *se* ás terceiras pessoas dos verbos pode haver uma ambiguidade, suppondo-se que o verbo é *passivo*, ou *passivo* quando é *reflexo*; portanto, é preciso muitas vezes ajunctar á particula *se*, a que os grammaticos chamam pronome ou forma reflexa, o complemento da mesma particuia, dizendo-se — *a si mesmo*, *a si mesma*. Exemplo: — Este homem *reputase* sabio; estes homens *chamam-se* sabios, pode ter dois sentidos: — um passivo, em vez de — é *reputado*, *são chamados*; e outro activo reflexo, em logar de — este homem

reputa-se sabio a si mesmo, estes homens *chamam-se* sabios a si mesmos. Conseguintemente, é preciso addicionar-lhes as expressões analogas á locução — *a si mesmo*, *a si mesmos*.

Egual addição se deve fazer nas linguagens reflexas do plural; porque, como os pronomes, que as acompanham se podem tomar, ou em sentido reflexo sobre a mesma pessoa, ou reciproco entre duas e mais pessoas, precisam das locuções — *um ao outro*, ou *a nós mesmos*, e assim nas mais pessoas, para tirarem o equivoco e determinar-lhes o sentido. Assim, n'estas phrases :—*Nós louvamo-nos*, *vós vos louvais*, *elles se louvam*, não se sabe, se os sugeitos grammaticaes falam d'um louvor proprio, ou d'um louvor mutuo, sem lhes augmentar a locução — *a si mesmo*, ou *um ao outro*, como : —*nós louvamo-nos a nós mesmos*, *nós louvamo-nos um ao outro*, e assim nas outras pessoas.

Posto isto, passemos a examinar a etymologia das desinencias dos verbos do modo finito, servindo-nos de modêlo alguns tempos.

ARTIGO PRIMEIRO

Desinencias dos verbos

Os tempos latinos da voz passiva, que são auxiliados com o verbo *sum*, *es*, *fui*, tambem se nos apresentam representados na activa, notando-se-lhes contracções, como vamos vêr nas seguintes formas.

As formas verbaes latinas — *laudans-fui*, *debens-fui*, *plaudens-fui*, *vestiens-fui*, contrahiram-se na mesma lingua em—*laudavi* e em portuguez — louvei, *debui*, devi, *plausui*, applaudi, *vestivi*, vesti.

Laudans-fueram, *debens-fueram*, *plaudens-fueram*, *vestiens-fueram*, contrahiram-se em *laudaveram*, *debueram*, *plauseram*, *vestiveram*.

Laudans-fuero, *debens-fuero*, *plaudens-fuero*, *vestiens-*

fuero, transformaram-se em *laudavero*, *debuero*, *plausero*, *vestivero*.

No imperativo portuguez as formas—*louva*, *deve*, *veste* correspondem ás latinas—*laudans-es*, *debens-es*, *vestiens-es*, quer-se dizer, — sê o que louva, sê o que deve, sê o que veste. As formas—*louvai*, *devei*, *vesti*, contrahidas das que se acham em nossos escriptores antigos—*louvade*, *devede*, *vestide*, são tomadas do latim—*laudantes-este*, *deventes-este*, *vestientes-este*, isto é, sêde vós os que louvam, sêde vós os que devem, sêde vós os que vestem.

No conjunctivo as formas portuguezas — *ame*, *deva*, *vista*, são quasi identicas ás do presente do latim—*amem*, *debeam*, *vestiam*.

As formas *amasse*, *devesse*, *vestisse*, são compostas do mesmo modo que o latim poderia ter formado essa linguagem, isto é, com o participio do presente e com a forma mais usual do tempo correspondente do verbo substantivo ou auxiliar, como:—*amans-essem*, *debens-essem*, *vestiens-essem*.

O preterito perfeito latino é — *amaverim*, de *amans-fuerim*, isto é, eu tinha sido amante; em portuguez é — eu tenho amado, e como *amado* equivale a—*sido amante*, conclue-se que a idêa da forma *amado* é a mesma que *amaverim*.

O preterito mais que perfeito—*amavissem* é composto de *amans-fuissem*, quer-se dizer—*eu tivesse sido amante*, idêa correspondente á forma portugueza—*tivesse sido amado*, egual a *amavissem*; porque *amado* e *amante* identificam-se, como já vimos.

O futuro *amavero*, composto de — *amans-fuero*, isto é, *eu tiver sido amante*, é correspondente á forma portugueza—*eu tiver amado*, pelo mesmo significado de *amado*, egual a *amante*.

O futuro imperfeito do indicativo é formado em portuguez com o auxilio do verbo *haver* ou *ter*, compondo-se do presente do indicativo d'este verbo, seguido da preposição *de* e da forma infinitiva do verbo que se conjuga, como: *hei de applaudir*, expressão verbal syncopada e portanto

reduzida á existente *applaudirei*. Parece que a formação de nosso futuro seguiu o mesmo processo que em latim, quer-se dizer, os latinos compunham o seu futuro muitas vezes com o verbo *habeo* construido com um verbo no infinito, como: «quid *habes* igitur *dicere* de Gaditano foedere?» Cic. Bolb. 14, 33. Portanto, essas expressões do futuro latino, que eram mais frequentes na linguagem popular do que na litteraria, deviam necessariamente influir para a formação de nossos futuros do modo indicativo [1].

O verbo *poder* em latim indíca-nos uma formação evidente de que é uma forma verbal composta, em todos os modos, tempos e pessoas, do verbo *sum, es, fui*; pois, *possum, pot-es; pot-eram, pot-eras*, etc., é formado de—*potis pote*, poderoso, capaz de poder, o que pode, e *sum*, sou, equivalendo a significar—sou poderoso, sou potente.

Pelo exposto, se pode reconhecer como o mechanismo da formação verbal obedece, como toda a contextura da linguagem portugueza, á lei da alteração phonetica.

Assim, analysando as formas terminativas, por exemplo, do perfeito do indicativo em portuguez, em *ui-vi*, observamo-lhes uma identidade, em vista dos seguintes principios phonicos: quando precede consoante, a pronuncia pede *ui*; quando precede vogal a pronuncia pede *vi*. Vejamos pois as modificações phonicas das formas *ui*, *vi* em portuguez do perfeito da primeira conjugação:

Sing.	laud-a-vi	=	portuguez	louv-e-i
	laud-a-vi-s-ti	=	»	louv-a-s-te
	laud-a-vi-t	=	»	louv-o-u
Plur.	laud-a-vi-mus	=	»	louv-a-mos
	laud-a-vi-s-tis	=	»	louv-a-s-tes
	laud-a-ve-r-unt	=	»	louv-a-r-am.

De modo que, o *v* da forma *vi* foi syncopado, e o di-

[1] A formação do futuro encontra-se mais desenvolvida na 4.ª parte d'este trabalho.

phthongo *a-i*, restante (ou *avi—v=ai*) foi mudado em *ei*, como :—*laudavi*, louvei, louvei.

A syncope do *v* latim popular tem os parallelos em muitas formas, taes como :—*aedificai* por *aedifica-v-i*, *calcai*, por *calca-v-i*; e nas outras pessoas :—*amaisti* em vez de *ama-v-isti*, *probaiti* por *proba-v-it*.

A transformação do *ai* latino em *ei* é frequente em portuguez, como succede em outras alterações phoneticas de diphthongos, de que o povo rude ainda usa ; da transformação *ai* em *ei*, temos : — as formas parallelas — *primairo*, de *primarius*, em logar de *primeiro* ; *faito*, de *factus* por *feito*; dos segundos casos temos:—*historia*, *gloira* ou *groira*, *memoira*, por *historia*, *gloria*, *memoria*.

O desapparecimento complecto do *v* na segunda pessoa do sigular e em todo o plural apoia-se na queda da syllaba *vi*, *ve* nas formas do perfeito e nas que proveem da raiz do perfeito, facto que era muito frequente em latim.

A representação do elemento *vi* latino por um *u* portuguez, e deante do qual o *a* precedente (*a-vi*) se mudou em *o* tem os parallelos em — *aurum*, ouro, *laurus*, louro.

Examinemos agora como do *vi* latino nasceu esse *u* portuguez. Em latim ha as formas — *audere*, por *avidere*, antigo; *cautum*, por *cavitum*, *fautor*, por *favitor*, *lautum*, por *lavitum*. Como se vê, houve a syncope d'um *i*, depois da qual o *v*, achando-se entre uma vogal e uma consoante, mudou-se em *u*.

Na terminação *o-u* por *a-u*, de *a-vi*, deu-se egual phenomeno:—o *i* final foi apocopado, e o *v* transformou-se em *u*, facto que se apoia em parallelos como : — *nave*, latim *nau*, portuguez, forma de todos os casos do singular no latim vulgar.

Das formas verbaes da passiva latina, por exemplo: — *laudatus*, *a*, *um*, *sum*, ou *fui* ; *debitus*, *a*, *um*, *sum*, ou *fui*; *plausus*, *a*, *um*, *sum* ou *fui* ; *vestitus*, *a*, *um*, *sum*, ou *fui*, fizemos a expressão passiva — *fui*, ou *tenho sido louvado* ; *fui* ou *tenho sido devido* ; *fui* ou *tenho sido applaudido*; *fui* ou *tenho sido vestido*.

A lingua portugueza formou o seu verbo *ser* com tem-

pos do verbo *esse*, ser, e do verbo *sedere*, estar sentado, cessar e outras significações, pertencendo a este ultimo o infinito *ser*, as formas do imperativo, do presente do conjunctivo e do participio presente.

ARTIGO SEGUNDO

Divisão dos verbos

Os grammaticos dividem os verbos, quanto á sua forma material, quanto á conjugação, e portanto a divisão em verbos *pessoaes*, *unipessoaes*, *simplices*, *compostos*, *regulares*, *irregulares* e *defectivos*.

Chamam-se *pessoaes* aos que se conjugam em todas as pessoas e numeros; *unipessoaes*, quando se empregam sómente nas terceiras pessoas ou em sentido indeterminado, isto é, sem vir expresso o sugeito, como: — Aos homens *apraz* ter dinheiro, ás mulheres *cumpre* honestidade, e a todos *pertence* obedecer á lei; hontem *nevou* e *choveu* todo o dia; *simplices*, quando não teem senão uma parte elementar da oração, como: — *falar*, *fazer*, *ouvir*; *compostos*, quando constam de duas partes elementares da oração, ou seja um nome e o verbo, como: — *maniatar*, *manter*, *tresdobrar*, ou seja um adverbio e o verbo, como, *bemquerer*, *menoscabar*, ou, emfim, d'uma preposição latina (Cap. XXII art. 4.º); *regulares*, quando conservam a forma do radical e da terminação, segundo a conjugação respectiva; *irregulares*, quando, ou no todo ou em parte, alteram o radical ou terminação do verbo modêlo; *defectivos*, quando carecem de raizes, tempos ou pessoas.

As irregularidades dos verbos podem-se reduzir aos seguintes casos:

a) Não teem radical, ex.: *ir*.

b) Admittem a epenthese no radical, ex.: *caibo*, *creio*, *leio*, *requeira*, por *cabo*, *cro*, *lo*, *requera*, dos radicaes *cab*,

cr, *l*, *requer*, e das terminações correspondentes, *o*, *a* (*dev-o*, *dev-a*).

c) Admittem a antithese no radical, ex.: *digo*, *faço*, *ouço*, *cubro*, por *dizo*, *fazo*, *ouvo*, *cobro*, dos radicaes *diz*, *faz*, *ouv*, *cobr*, e das terminações normaes das primeiras pessoas do presente do indicativo da 1.ª e 3.ª conjugação, *o*, (*dev-o*, *part-o*).

d) Admittem a epenthese na terminação, ex.: *tenho*, *vejo*, *vinha*, *valha*, por *to*, *vo*, *vo*, *vala*, dos radicaes *t*, *v*, *v* e *v* e das terminações correspondentes.

e) Admittem a syncope na terminação, ex.: *farei*, *direi*, *traria*, por *fazerei*, *dizerei*, *trazeria*.

f) Admittem a paragoge na terminação, ex.: *dou*, *estou*, por *do*, *esto*.

g) Admittem a apocope na terminação, ex.: *faz*, *diz*, *quer*, *traz*, por *faze*, *dize*, *quere*, *traze*.

Em rigor, devem-se chamar verbos *unipessoaes* áquelles que se usam só na terceira pessoa do singular, como o verbo *pezar*, ter sentimento, *prazer*, bem como, *chover*, *nevar* e outros d'esta especie.

Tambem são considerados *unipessoaes* certos verbos, como:—*convir*, ser conveniente, *importar*, ser importante, *parecer*, *relevar*.

Os verbos *amanhecer*, *anoitecer*, *chover*, *gear*, *orvalhar*, *relampejar*, *trovejar*, *ventar*, etc., exprimem uma idéa complexa, isto é, cada um d'estes verbos, que são rigorosamente *nomes* (os sugeitos) *verbificados* (reduzidos a verbos) e equivalem a uma e outra coisa, representa, implicitamente, dois elementos, e portanto, querendo-se analysar, grammaticalmente, qualquer oração em que entre algum d'elles, é preciso decompôr essa idéa complexa.

Exemplifiquemos. Hontem *anoiteceu* muito cedo, equivale a dizer-se — hontem *o tempo fez-se noite*, ou *o tempo anoiteceu* muito cedo. *Troveja* fortemente, isto é, *o trovão ribomba* fortemente, ou *ha trovões*. *Chove* abundantemente, isto é, *a chuva cai* ou *ha chuva* abundantemente. Emfim, aos verbos *chover*, *gear*, *nevar*, *relampejar*, *trovejar*, *ven-*

tar, etc., deve-se-lhes applicar um sugeito que exprima a causa que produz o effeito dos phenomenos representados por taes verbos, por exemplo, a athmosphera *chove*, *neva*; a electricidade *relampeja*, *troveja*; o ar posto em movimento *venta*.

Além das trez conjugações, cujas desinencias infinitivas teem a forma *ar*, *er*, *ir*, ha o verbo *pôr* e seus compostos, que d'antes pertencia á segunda conjugação, porque terminava o infinitivo em *er* (*poer*) [1] de que existem ainda os vocabulos *poente*, *depoente*, o qual verbo forma actualmente uma conjugação separada.

ARTIGO TERCEIRO

Discussão sobre a forma *se*

E' doutrina incontroversa que o verbo exprime o *ser* ou o *modo de ser*, sob a modificação variavel do tempo, por isso deve existir, claro, ou occulto, ou representado, esse *ser*, essa *entidade*, que é o sugeito, a que o tal *modo* pertença, e sem sujeito explicito ou implicito não pode haver verbo e portanto oração.

Como em grammatica se reconhece duas grandes divisões: uma chamada—*mechanica*, que considera as palavras como simplices vocabulos e sons articulados, já pronunciados, já escriptos; outra, *logica*, que considera as palavras, não como vocabulos, mas como signaes artificiaes das idéas e suas relações, e n'este caso, subordinados ás leis psychologicas, que nosso espirito segue no exercicio de suas operações e formação de seus pensamentos, — apresentemos á

---

1 «Huma das cousas menos olhada, que á nestes reinos, é consentir em todalas nobres villas e cidades qualquer idiota e nã aprovado em costumes de bõo viver, *poer* escola de insinar mininos.» João de Barros, *Dial. em louv. da nossa linguagem*.

apreciação da analyse logica as differentes funcções syntacticas da particula *se*.

A particula *se* funcciona no discurso portuguez de differentes modos:

1.º Como conjuncção condicional, ex.: O dinheiro é util, *se* fizermos bom uso d'elle.

2.º Como pronome reflexo [1], v. gr.: Ha homens que *se* enfeitam com as pennas de pavão.

3.º Como pronome reciproco, v. gr.: Os amigos abraçam-*se* e favorecem-*se* uns aos outros.

4.º Como pronome apassivante [2] ex.: Ha paizes onde *se* estima a virtude, e onde tambem *se* remunera o trabalho intellectual.

5.º Como particula representativa do sugeito indeterminado, a qual poderá ser traduzida pelas palavras *alguem*, *uma pessoa*, *alguns*, *um homem*, ex.: Diz-*se* [3] que o trabalho suado, é abençoado.

Submettendo este exemplo e outros similhantes a uma analyse, observaremos que, devendo ter o verbo *dizer* um sugeito, ou claro, ou occulto, ou representativo, o *se* funcciona como agente; porque representa, vago, indeterminadamente, o ser, o ente que practica a acção, significada pelo verbo *dizer*.

---

1 E' commum empregar-se, por emphase, a forma reflexa ao verbo intransitivo, para exprimir a espontaneidade do sujeito, como: Elles lá *se* ficaram atraz; lá *se* foi embora; tu *te* estás a mortificar sem proveito.

2 Pode-se dar, por analogia, a forma passiva a verbos intransitivos, quando desejarmos designar absoluta e simplesmente a sua significação, abstrahindo do sugeito, como: *vive-se, grita-se, corre-se* etc.

3 Não têm complemento de causa efficiente os verbos apassivados pelo pronome indefinido *se*, visto que as formas verbaes em que este se emprega, enunciam a significação dos verbos em abstracto do sugeito.

Foi assim que tambem o comprehenderam nossos classicos, como observaremos nos seguintes exemplos.

«Para *se* conseguir esta necessaria perfeição, não ha senão seguir os vestigios dos auctores classicos, que teem cada uma das linguas cultas.» F. J. Freire, *Refl. sobre a lingua portug.*

«Senhores: bem sereis lembrados que quando *se* assentou de commettermos esta cidade, foi com determinação de *se* fazer fortaleza n'ella.» Comment. de Affonso d'Albuquerque.

«Imagine-*se* por aqui o Eden que o primeiro homem habitou com a sua innocencia e com a virgindade do seu coração.» A. Garrett. *Viagens.*

«Pinta-*se* o amor sempre menino; porque ainda que passe de septe annos, como o de Jacob, nunca chega á edade do uso de razão.» Vieira, *Sermões.*

«Bem *se* vê (do modo que na escuridade d'esta vida *se* pode viver) que isto é grande miseria.» M. Bernardes, *Nova Floresta.*

«O que *se* adquire com trabalho e difficuldade, guarda-*se* com estimação e cautela; e o que pouco nos custa haver, pouco *se* nos dá de o demittir, como cousa que facilmente nos tornará á mão.» Idem.

Applicando a mesma doutrina a qualquer d'estes exemplos, reconheceremos que está representado o sugeito pela particula *se*.

De feito, na ultima citação, por exemplo, observamos que as expressões—*adquire-se*, *guarda-se*, e *se dá*—representam o sugeito, debaixo d'um sentido vago e indeterminado, na forma *se*, e a acção d'esse sugeito, nos verbos *adquire*, *guarda* e *dá*; o *se* de cada um d'esses verbos,

representando um papel no discurso, deve ter um emprego syntactico, que é o de sujeito grammatical, e tambem uma denominação, que é a de pronome indeterminado, porque significa um *ser* d'uma maneira vaga, sem designar genero e numero; e esse *se* equivale a — *o homem*, *alguem*, *qualquer pessoa adquire, guarda*, *dá*, significação que tinha a forma do antigo portuguez, *hom* [1], hoje desusada.

Nas linguas neo-latinas e até no proprio allemão e inglez, encontramos egual facto, embora os allemães e os inglezes usem da forma *man* e os francezes do pronome *on*, derivado de *homo, inis*, (o homem) de que é uma contracção; pois cada lingua tem o seu modo particular de representar uns certos caracteristicos de sua linguagem, como diz o sabio philologo Beauzée [2], os quaes podem apresentar intima analogia entre as idéas d'uma lingua á outra.

Na expressão — Ensinando, aprende-*se*, o francez dirá, — En enseignant, *on* apprend; o italiano, — Coll'insegnare s'impara; o hespanhol, — Enseñando, *se* aprende; e o allemão, — Beim Lehren, lernt *man*. — Não perdendo tempo e não cessando de trabalhar, é como *se* ganham premios; — o fr. — C'est en ne perdant point de temps et en ne

---

[1] A forma *hom* por *homem*, que nós herdamos do antigo francez *hom*, actualmente contrahida em *on*, corresponde hoje em significação ao nosso pronome indefinido *se*. *Hom* e *homem*, correspondendo ao actual *se*, significavam *alguem*, *alguma pessoa*, *um homem*, ou *algum homem*, como se prova pelos documentos antigos, d'entre os quaes apresentamos os seguintes exemplos. «Cá sem razom parece a aquelle que he atormentado dar-lhe *hom* outro tormento.» Ord. de D. Duarte, *manuscr.* isto é, dar-lhe *alguem*, *algum homem*, ou dar-*se*-lhe outro tormento. «Cá sem razom seria ao afflicto accrescentar *hom* affliçom. Idem, ibidem, isto é, accrescentar *alguem*, *um homem*, ou acrescentar-*se* afflicção ao afflicto.» «Para subir fica *homem* mais ligeiro.» Camões, *Egl.*, fica uma pessoa ou fica-*se* mais ligeiro. «Qualquer cousa que *homem* por elle fizer.» J. Barros, *Clarim*. Actualmente diriamos: qualquer cousa que por elle *se* fizer ou que *um homem* por elle fizer.

[2] «L'analogie des idées peut être marquée par des charactères trés differents d'une langue à l'autre.» Beauzée, Gramm. Gen.

cessant point de travailler, que l'*on* gagne des prix; — o ital.—E' solo col non perder tempo col non intralasciare lo studio, che *si* guadagnano premii;—o hesp.—No perdiendo tiempo y no cesando de trabajar, es como *se* ganan premios;—o all.—Nur indem man keine Zeit verliert, und nicht zu arbeiten aufhört, kann *man* Preise davontragen.

Effectivamente, a significação, que se pode dar a qualquer das formas, nos exemplos referidos, ou ao allemão *man*, ou ao italiano *si*, ou ao hespanhol *se*, ou ao francez *on* é identica á portugueza. Em francez, por exemplo, *on* peut être solitaire dans sa maison, traduz-se: pode um *homem* (*on*) viver solitario em sua casa; le monde ne mérite point qu'*on* s'en occupe, o mundo não merece que uma *pessoa* (*on*) pense n'elle.

Os francezes e os inglezes, querendo designar a expressão—*chove*, dizem—*il pleut*, *it rains*, e as formas *il* e *it* representam o sugeito grammatical. Da mesma maneira, querendo dizer—*faz vento*, *é noite*, *é dia*, exprimem-se os primeiros da seguinte forma: *il fait du vent*, *il fai nuit*, *il fait jour*, e os segundos: *it is windy*, *it is night*, *it is daylight*, representando o sugeito, n'estas e n'outras expressões similhantes, pelas formas *il* e *it*. Os inglezes dizem — *I do dine*, *thou dost dine*, *he does dine*, e os francezes no mesmo sentido, dizem — *je dine*, *tu dines*, *il dine*. Ora, *I* marca a primeira pessoa, *do* quer dizer, *fazer*, e *dine* significa *jantar*; portanto, traduzindo-se á lettra a expressão ingleza, deviamos dizer—*eu fazer jantar* etc., ao passo que os francezes dizem—*eu janto*.

Entre os romanos era usada uma forma, pela qual o povo deferia a lei que lhe era apresentada, a qual forma era—*ut rogas*; e, entre nós, os juizes, que approvam os requerimentos, apresentados a despacho, costumam dizer—*como pede*.

Vê-se pois que a forma externa da linguagem nos exemplos referidos é differente, mas observamos-lhe uma rigorosa analogia ideologica entre uma dada lingua e outra. Assim, os portuguezes dizem, por exemplo, *está claro*, os francezes *il fait chaud*, e os inglezes *it is hot*; mas os

portuguezes e os inglezes não empregam, n'este caso, o pronome pessoal *elle, he*, como os francezes *il*, nem estes empregam o pronome indefinido *on* como fazem os inglezes. No entanto, a natureza do conceito, que as formas — *está calor, il fait chaud, it is hot* exprimém, é absolutamente egual, e a analyse grammatical, que se lhes pode applicar, é identica, pois as formas *il* e *it* servem de sugeitos aos verbos.

Já dissemos que o pronome apassivante *se* (cap. XXII) ajuncta-se ás terceiras pessoas, tanto do singular, como do plural do verbo adjectivo, sobretudo quando o sugeito fôr coisa inanimada, ex.: *Isto percebe-se muito bem*; esta *percebe-se* por *é percebido*.

Estas locuções verbaes, construidas com o *se* apassivante, tendem a abstrahir a attenção do sugeito grammatical, para só a fixar na sua acção ou estado, com quanto esta adopção da forma passiva appareça mais n'umas locuções do que n'outras, ex.: Quando não *se* for virtuoso, evite-*se* a divulgação da immoralidade;—pelejou-*se*. No primeiro caso, o sugeito da qualidade *virtuoso* não é tão obscuro como o do verbo *pelejar*.

A forma *se* pronominal é derivada do pronome latino da 3.ª pessoa, *sui, sibi, se*.

Posto isto, a particula *se* apassivante ou pronominal de nossa lingua é um idiotismo portuguez, isto é, um certo modo de falar que é propriedade nativa da linguagem portugueza, como o d'estas phrases—*ha* [1] sabios, tempos *hou-*

---

1 As formas *ha, houve* e as outras do verbo *haver* podem significar *existir* ou *possuir*. No primeiro caso, o sugeito grammatical da phrase, por exemplo, *tempos houve*, é o vocabulo *tempos*, e *houve* equivale a *existiram* e assim nas outras phrases; no segundo, com a significação de *possuir*, por exemplo, *ha homens*, o sugeito deve ser subintendido e accomodado ao complemento objectivo e suas circumstancias, e então em— *ha homens*, a palavra *homens* é complemento objectivo do verbo *ha*, e o sugeito é—*mundo*, equivalendo, portanto, a—*o mundo possue homens* (*ha homens*).

ve; affirmara não *existirem* antipodas; *lembro-me* eu, *enfastiou-me* o negocio, em vez de — *hão* homens, tempos *houveram;* affirmava não *existir* antipodas; *lembra-me a mim; enfastiei-me* do negocio etc., locuções particulares que caracterisam a indole das linguas.

ARTIGO QUARTO

Prefixos dos verbos

De qualquer modo que o verbo se ache composto, o que mais convem averiguar é a etymologia das preposições, que entram na combinação dos vocabulos, para se lhes poder dar uma recta significação.

E como nos parece ser este assumpto bem notavel, vamos dar uma lista de verbos com os seus prefixos, cuja significação é variadissima, para servir de modêlos a outros.

A preposição portugueza *a* deriva-se da latina *ad*, cuja fórma original apparece em composição com muitos verbos e nomes.

Ad muda o *d* em *c, f, g, l, n, p, r, s, t,* se alguma d'estas consoantes fôr a primeira do radical, dando-se esta mudança por euphonia, como: — *accommetter, affligir, aggravar, annotar, applicar, arrogar-se, assumir, attender, alluvião.*

A preposição *a* acompanha ou póde combinar-se com um avultadissimo numero de vocabulos, sem comtudo ter valor algum significativo, como: — *alevantar* ou *a-levantar.*

Das significações primitivas deduzem-se outras, que vamos expôr, applicando-as aos verbos.

1.ª Significa movimento dirigido a um termo, ex.: *accometter, arremetter, accorrer, affluir.*

2.ª Extensão e grandeza, v. gr. *avistar, arrotear, applanar, allongar, allastrar, abastecer.*

3.ª Augmento e intensidade, ex.: *abrazar, afferventar, affoguear, affervorar, appavorar, assanhar, arraigar, attroar.*

4.ª Acto e tempo consecutivo, prolongação, continuação e repetição, ex.: *aviventar*, *apporfiar*, *appascentar*, *affusilar*, *amanhecer*, *anoitecer*, *aquecer*, *arrefecer*.

5.ª Direcção, v. gr: *appontar*, *approar*, *arredar*, *attrasar*, *affundar*, *abaixar*, *arrear*, *attrahir*.

6.ª Logar para onde, ex.: *avocar*, *appellar*, *apresentar*, *assumir*, *adduzir*.

7.ª Destinação, afim, ex.: *apparelhar*, *apromptar*, *apperceber*.

8.ª Limitação, até, v. gr: *acabar*, *abordar*, *arribar*, *attingir*, *attenuar*.

9.ª Adjuncção, proximo, juncto, como: *affivelar*, *afferrolhar*, *arrebanhar*, *aggregar*, *annotar*, *aggrilhoar*, *acrescentar*, *annexar*, *associar*, *oppôr*.

A preposição *ab*, *abs* entra na composição de varios verbos de origem latina, e significa *afastamento*, como: *allucinar*, derivado de *ablucinare*, composto de *ab* e *lucino*, *as*; *abstrahir*, *absolver*, *abrogar*.

A preposição *ante* deriva da mesma que ha em latim. Entra em composição com a preposição *de* e *a*, formando os vocabulos — *deante*, *adeante*, *adeantar*, *adeantamento*. [1]

Quando a preposição *ante* exprime contrariedade, muda-se por euphonia o *e* em i, escrevendo-se *anti*.

A preposição *ante* significa — antecedencia, precedencia, prioridade, como: *antolhar*, *antever*, *anteceder*, *antecipar*, *antepor*.

Tambem significa — contrariedade, v. gr: *antipathisar*, *antiphrasear*.

A preposição *com* deriva da latina *cum* e apparece na composição de verbos e tambem com as fórmas *co* e *con*.

Com muda o *m* em *l* e *r*, se por algumas d'estas lettras começar o radical, como: *colligar*, *corresponder* e outros.

1.ª Significa adjuncção, reunião, v. gr: *congregar*, *convocar*, *concorrer*, *confluir*, *colligar*, *colligir*.

---

[1] Sobre a orthographia d'estas palavras, veja-se a 4.ª parte.

2.ª Simultaneidade, como: *coexistir*.

3.ª Adherencia, conforme com, tocante, relativo, ex.: *combinar*, *concordar*, *compassar*, *comprazer*, *confrontar*, *conciliar*, *converter*, *condoer-se*, *collocar*, *condescender*, *convir*, *compor*.

4.ª Grandeza, força intensitiva, como: *condensar*, *confirmar*, *conspurgar*, *commover*, *compellir*, *constranger*.

A preposição *contra*, tanto portugueza, como latina, é formada de *cum* e do radical do substantivo latino *trabs*, que significa *trave*, *tranca de porta*; d'aqui se deduz a idéa de golpe ou movimento que tende a ultrapassar.

1.ª Significa posição fronteira, defronte, como: *contradança*, *contrapôr*.

2.ª Contrariedade, opposição, v. gr.: *contrariar*, *contraminar*, *contradictar*, *contradizer*, *contrastar*.

A preposição *de*, que é a mesma latina, muda-se em *des* e em *di*.

1.ª Significa movimento d'um poncto de partida, como: *decorrer*, *delirar*, *degenerar*, *deportar*, *derramar*, *declinar*, *decahir*.

2.ª Diminuição, privação e falta, como: *depreciar*, *decapitar*, *debicar*, *demolir*, *desistir*, *depennar*.

3.ª Principio d'onde alguma coisa procede ou vem, ex.: *derivar*, *deduzir*, *demonstrar*.

4.ª Augmento e força intensitiva, v. gr.: *devorar*, *denegar*, *demorar*, *denegrir*, *delamber*.

5.ª Negação, privação, diminuição, ex.: *desarmar*, *degollar*, *deshonrar*, *deshonestar*, *desanimar*, *depreciar*, *descarregar*, *desapprender*, *diminuir*.

A preposição portugueza *des* é combinada de duas latinas: *de* e *es*, que se reuniram em *des*. Estas juncções são communs em portuguez. Assim, da preposição *ante* formamos *deante*, de *esboroar*, *escabellar*, *esmaiar* etc., fizemos *desboroar*, *descabellar*, *desmaiar*.

1.ª Significa desunião a respeito d'um poncto, como: *desarrancar*, *descontar*, *desabrochar*, *desfivelar*, *descartar*, *desfolhar*.

2.ª Separação de partes, ex.: *desfilar*, *destroçar*, *desfiar*, *descabellar*, *desperdiçar*.

3.ª Affastamento e desvio com referencia a logar ou parte d'onde, ex.: *descahir*, *desviar-se*, *desterrar*, *desmarcar*, *desgarrar*.

4.ª Desharmonia, não conformidade, v. gr.: — *desconcordar*, *desconfiar*, *desconchavar*, *desavir*, *desconcertar*.

5.ª Privação e falta, ex.: *desalentar*, *deslustrar*, *desvirtuar*, *desenfeitar*, *desmaiar*, *desherdar*.

6.ª Negação, como: *desfechar*, *desgovernar*, *desservir*, *desacatar*, *desandar*, *descoser*, *desadorar*, *desarrumar*, *desapprender*, *desobedecer*, *descrer*, *desunir*.

7.ª Grandeza e força intensitiva, como: *desinquietar*, *desgastar*, *desaliviar*, *desbotar*, *desvairar*.

A preposição *dis* suppõe-se oriunda dos gregos e adoptada depois pelos latinos. Perde muitas vezes em portuguez o *s*, convertendo-se em *di*.

1.ª Significa separação, como: *distilar*, *dissipar*, *dispersar*, *discorrer*, *discursar*.

2.ª Afastamento e distancia, ex.: *dilatar*, *distar*, *distanciar*, *distrahir*, *divergir*.

3.ª Não conformidade, v. gr.: *discrepar*, *discordar*, *divorciar*, *divergir*.

4.ª Distincção, v. gr.: *differençar*, *discriminar*, *discernir*, *dispôr*.

5.ª Grandeza e intensidade, ex.: *divulgar*, *dilacerar*, *dispensar*, *dimanar*.

A preposição *em* emprega-se já com esta fórma e já sob as fórmas *en*, *im* e *in*, mas todas derivam da preposição latina *in*.

Esta preposição muda o *n* em *l* ou *m*, principiando, por algumas d'estas lettras o radical, como: *illicito*, *immovel*.

1.ª Significa movimento de fóra para dentro, ex: — *embainhar*, *embarcar*, *embolsar*, *encaixar*, *ensaccar*, *engarrafar*, *encobrir*, *impedir*, *influir*, *inspirar*.

2.ª Direcção a um poncto, ex.: *encaminhar*, *encan-*

tar, *encostar*, *encarar*, *enamorar*, *inclinar*, *indicar*, *indigitar*, *incorrer*, *induzir*.

3.ª Logar para onde, como: *empobrecer*, *enriquecer*, *engordar*, *envelhecer*, *endoidecer*, *encolher*, *engrossar*, *informar*.

4.ª Contrariedade, v. gr.: *impugnar*, *impellir*, *insultar*, *investir*, *increpar*, *indispor*.

5.ª Situação, actualidade, estado permanente, ex.: *instar*, *enxurrar*.

6.ª Modo, como, na fórma, v. gr.: *embasbacar*, *emmassar*, *empertigar*, *encruzar*, *engatinhar*, *entrançar*, *embonecar*.

7.ª Força intensitiva, ex.: *embirrar*, *encruar*, *inveterar*, *enraizar*, *insistir*, *illuminar*, *irradiar*.

8.ª Negação, como: *impacientar*, *impossibilitar*, *infamar*, *inhabilitar*.

Como se viu, tanto a preposição *des* como *in* apresentam significação negativa. Ha porem uma differença entre a primeira e a segunda.

Des denota negação ou privação d'alguma coisa, sem exprimir a posse anterior d'ella; *in* significa ou privação ou falta da coisa que anteriormente se possuia. Podemos examinar a differença nas palavras *inhabitado* e *deshabitado*, *inhonesto* e *deshonesto*. D'esta ultima expressão temos um exemplo vivo n'um classico, que sabia perfeitamente a lingua, e vem a ser o Padre Manoel Bernardes. Escreveu elle a pag. 119 de *Estim*, *Pract.* o seguinte:

«Cuidará por ventura que não era perigo consideravel o fazer aquella pintura *inhonesta*.»

A preposição *entre*, derivada da latina *inter*, é composta de *in* e da syllaba *tre*, ou inversão da terminação adverbial *ter*, ou contracção de *trabs*, accrescentada sem elemento ligativo, como:—*propter*, por *propiter*. No pequeno numero de preposições, compostas do elemento constitutivo *ter*, ou *tre*, ou *tra*, por exemplo: *in-tervir*, *en-tre*, *con-tra*, esta desinencia exprime *logar*. O sentido proprio de *inter* latino ou *entre* portuguez consiste pois em notar que uma coisa é collocada no meio d'outras coisas que a cercam, ou que uma acção se exercita n'este mesmo espaço.

Quando os vocabulos são dos que nos vieram inteiros do latim, escreve-se *inter*; e quando são dos que formamos de palavras portuguezas, escreve-se — *entre*.

Da composição de *entre* se vê que a syllaba *tre* é uma contracção de *ter* ou do substantivo latino *trabs*, de que falamos na preposição *contra*. D'isto se conclue a significação de — *collocado atravez*, d'onde se deduzem as idêas de — *situado em meio ou entre*, *no meio*, como: *intercedèr*, *interrogar*, *interromper*, *interpôr*; *entrelaçar*, *entremetter*.

A preposição *es* deriva da latina *ex* ou *e*.

1.ª Significa força e intensidade, ex.: *esforçar*, *esbofetear*, *escaldar*, *esfaquear*, *esfregar*, *esmoer*, *esclarecer*, *estremecer*, *espavorir*.

2.ª Movimento para fóra, v. gr.: *escavar*, *esfriar*, *escoicear*, *esfarrapar*, *escorrer*.

3.ª Extensão e augmento, ex.: *estirar*, *espalhar*, *esparrinhar*, *esparralhar*, *estendèr*.

4.ª Separação e afastamento, como: *esfarelar*, *escavacar*, *escangalhar*, *escarnecer*, *esborralhar*, *escolher*.

A preposição *ex* ou *e* conserva esta fórma no vocabulario de origem latina. Póde-se dizer que significa o mesmo que a preposição *es*.

A preposição *ex* exprime a sahida, o movimento pelo qual uma pessoa ou uma coisa sahe d'um logar onde ella se achava. O sentido proprio e primitivo d'esta particula é o de significar uma relação local; portanto serviu para exprimir, metaphoricamente, relações d'origem, de causa, de materia d'onde uma coisa se fez, de que ella tem sido formada; depois, como succedeu com as preposições em geral, da idêa de logar passou á de tempo e, metaphoricamente, á de principio. Emfim, em seus numerosos sentidos figurados, indica muitas vezes o *modo* d'uma acção, isto é, a lei, a condicção, a regra, etc., depois da qual uma coisa se dirige, de que ella depende por uma especie de ligação que se considera como partindo do interior d'um outro objecto.

Entra na composição dos verbos, como: *exaggerar*, *exasperar*, *expiar*, *expulsar*, *excandecer*, *exigir*, *eximiar*

A preposição *extra* é composta de *ex* e *ter* (inter) ou *tra* de que já falamos.

1.ª Significa fóra, alem, como: *extraviar*, *extravasar*, *extravaganciar*.

A preposição *ob* suppõe-se derivada d'um substantivo grego, e por analogia de significação d'essa palavra tem a significação de — *defronte* e *opposição*.

Esta preposição muda o *b* em *c* e *p*, como: *occupar*, *oppor*, *occorrer*.

A preposição *per* é latina.

1.ª Significa privação e falta, ex.: *perjurar*.

2.ª Grandeza e força intensitiva, como: *perlongar*, *perturbar*, *perscrutar*, *permanecer*.

3.ª Remate, perfeição, v. gr.: *percorrer*, *perorar*, *perfazer*.

A preposição *pro* é de origem latina.

1.ª Significa deante e contra, ex.: *projectar*, *provocar*, *proscrever*, *prometter*.

2.ª Prolongação, proseguimento, como: *prorogar*, *promover*, *proseguir*, *progredir*.

3.ª Distancia, ex.: *profanar*, *profundar*, *provir*.

A preposição *pós* é formada do latim *post*.

1.ª Significa depois, detraz, como: *postergar*, *pospôr*, *pospontar*.

A preposição *pre* deriva da latina *prae*.

1.ª Significa ante, deante, como: *pregar*, *precipitar*, *prepassar*, *prestar*, *pretender*, *precorrer*.

2.ª Precedencia, antes, ex.: *predestinar*, *premeditar*, *precaver*, *prever*, *premunir*, *presentir*.

3.ª Preeminencia, primeiro, como: *preceder*, *preferir*, *presidir*, *prepôr*.

4.ª Intensidade, ex.: *predominar*, *preponderar*, *preencher*.

A preposição *re* é latina.

1.ª Significa repetição, duplicação, como: *reconquistar*, *redobrar*, *reedificar*, *reviver*, *renascer*, *refundir*, *repetir*.

2.ª Grandeza e intensidade, como: *realçar*, *requei-*

mar, *resonar*, *remecher*, *recrudescer*, *remanescer*, *reluzir*.

3.ª Voltar para traz, ex.: *recuar*, *regeitar*, *recear*, *reter*, *refluir*.

4.ª Reviramento, v. gr.: *regressar*, *renegar*, *revirar*, *recortar*, *reverter*.

5.ª Concentração, ex.: *recatar* *reservar*, *refugiar*, *recolher*.

6.ª Negação, como: *reprovar*, *revelar*, *revogar*.

7.ª Referencia, ex.: *reportar*, *rebaixar*, *responder*, *recorrer*, *referir*.

A preposição *sob* deriva de *sub* latina. Em portuguez ha verbos com a primeira e segunda forma.

O *b* de *sub* ou *sob* muda-se em *r*, *p* e *s*, como: *sorrir*, *supplantar*, *supprir*, *suster*.

1.ª Significa debaixo, ex.: *sobraçar*, *soblinhar*, *soterrar*, *subscrever*, *submergir*.

2.ª Subjeição, dependencia, como: *soppear*, *subjeitar*, *subjugar*, *submetter*.

3.ª Disfarce, encobrimento, ex.: *sonegar*, *suspeitar*, *surripiar*, *subtrahir*.

4.ª Diminuição, como: *subintender*, *sorrir*.

5.ª Approximação, ex.: *sollestrar*, *subsidiar*.

6.ª Substituição, v. gr.: *subdelegar*, *substituir*, *suppôr*.

A preposição *sobre* deriva da latina *super*.

1.ª Significa sobreposição, como: *sobrelevar* *sobrepujar*, *sobrestar*, *sobreerguer*, *sobrepôr*.

2.ª Superioridade, ex.: *superar*, *superintender*.

3.ª Antes ou depois, immediatamente; proximo em tempo, como: *sobrechegar*, *sobrevir*.

4.ª Para lá de certo limite, ex.: *sobreviver*.

5.ª Excesso, ex.: *sobrecarregar*, *sobrelevar*, *sobreexaltar*, *superabundar*, *sobreexceder*, *sobresahir*.

A preposição *trans* latina adopta-se em verbos portuguezes e ás vezes apparece com a forma—*tras* e *tres*.

1.ª Significa alem de certo espaço ou limite, como: *tresandar*, *transpirar*, *transplantar*, *transferir*, *trasladar*, *traspassar*, *traduzir*.

2.ª Transgressão, como *transgredir*.

3.ª Excesso, ex.: *tressuar*, *tresler*.

A preposição *ultra* é formada de *uls*, que era tambem uma preposição latina de que usavam os antigos romanos, substituindo *ultra* e da particula *tra*, ou *ter*.

1.ª Significa excesso, demazia, como: *ultrajar*, *ultrapassar*.

Eis aqui o maior numero de *prefixos* que compõem os verbos.

Como se viu, a variedade de preposições faz tomar variados sentidos aos verbos, como se pode verificar no verbo *pôr* e formas dependentes, ex.: *antepôr*, *decomposição*, *recompostura*, *compositor*, *imposto*.

ARTIGO QUINTO

Verbos derivados

Recebem este nome os verbos, formados de verbos, adjectivos e substantivos, que designam, em geral, principio da acção, passagem para a qualidade ou estado correspondente e outras significações, e por isso teem differentes classificações.

São *imitativos* os que denotam imitação das qualidades inherentes á significação primitiva, como:—*aportuguezar*, *abespinhar-se*, *balancear*, *cacarejar*, *empertigar-se*, *tintilar*, *zunir*.

São *frequentativos* os que exprimem repetição amiudada da acção. Conhecem-se pelos suffixos—*ear*, *egar*, *ejar*, *açar*, *itar*, e estas desinencias denotam frequencia e repetição d'acção, porque procedem da idêa indefinida de *movimento*, implicitamente representado no radical do verbo *ago*, *is*, d'onde proveem essas desinencias. Exemplos: *boquear*, *bocejar*, *boquejar*, *golpear*, *passear*, *saltear*, *voltear*; —*fumegar*, *bravejar*, *chammejar*, *doidejar*, *farejar*; —*gottejar*, *harpejar*, *manejar*, *pestanejar*, *rastejar*, *sope-*

tear, *trastejar*;—*espicaçar*, *chupistar*, *dormitar*, *exercitar*, *gravitar*, *saltitar*.

São *inchoativos* os que exprimem principio e incremento da acção, resultando d'esta segunda accepção o podermo-lhes chamar *augmentativos*; mas, n'este caso reune-se-lhes o verbo *começar*, e assim se diz—*começar a amadurecer*. Ha duas formas para distinguir os *inchoativos*: —a desinencia *escer* ou *ecer* e *entar*, derivada do participio activo latino *iens*, *euntis* e da terminação infinitiva *ar*. Exemplos:—*alvorecer*, *bolorecer*, *endoidecer*, *fenecer*, *esmorecer*, *emmurchecer*, *enraivecer*;—*affermosentar*, *agoentar*, *acalentar*, *accrescentar*, *appascentar*, *aposentar*, *ensanguentar*.

São *augmentativos* os que são formados da lingua portugeza por meio das desinencias alteradas do verbo latino *ago*, *is*, que traz a idêa de *augmento*, *extensão* e *grandeza*. Exemplos:—*altear*, de *alçar*; *batocar*, de *bater*; *esmurraçar*, de *esmurrar*; *labutar*, de *laborar*; *realçar*, de *alçar*; *eschammejar*, de *chammejar*; *escoicear*, de *coicear*; *resfriar*, de *esfriar*; *regelar*, de *gelar*; *remecher*, de *mecher*; *esmoer*, de *moer*; *repoisar*, de *poisar*; *rosoar*, de *soar*; *tressuar*, de *suar*; *revolver*, de *volver*; *esburacar*, de *furar*; *espicaçar*, de *picar*; *esvoaçar*, de *voar*.

São *diminutivos* os verbos contrahidos das formas latinas *illo* e *ico*. Exemplos:—*adocicar*, de *adoçar*; *debicar*, de *bico*, ou *picar*; *choraminguar* [1], de *chorar*; *choviscar*, de *chover*; *escorrepichar*, de *escorrer*; *escrevinhar*, de *escrever*; *lambiscar*, de *lamber*; *namoriscar*, de *namorar*; *depennicar*, de *depennar*; *tremelhicar*, de *tremer*.

Aqui terminam os modêlos dos verbos derivados de differentes partes do discurso, pelos quaes se reconhece

---

1 E' esta a verdadeira forma, composta de *chora*, e *minguas*, e esta segunda parte corrompeu-se em *migas*, de que resultou o vocabulo corrupto—*choramingar*, e a pronunciação popular é—*chorminguar*. Significa o que chora a miudo por qualquer coisa insignificante.

que a lingua portugueza tende á formação dos verbos; porque, de qualquer nome e d'uma desinencia verbal adequada, se pode formar um verbo.

ARTIGO SEXTO

Formação dos tempos dos verbos

Chamamos raizes de formação a certos tempos primitivos, d'onde se formam todos os mais.

Costumam nossos grammaticos dar á lingua portugueza trez tempos principaes, d'onde fazem nascer os outros á imitação dos latinos, visto que, na lingua materna, a figurativa propria de cada um d'esses tempos governava em todos os que d'elles se formavam. Por exemplo, a lettra radical, que precedia immediatamente as terminações infinitivas em *are*, *ére*, *ere*, *ire* ou o *v*, que precedia a terminação do preterito perfeito em *i* e o *t*, que precedia o *um* final dos supinos latinos — figurava em todos os mais tempos, que d'estes se derivavam.

Devia ter seguido esta mesma regra a formação dos tempos dos verbos portuguezes, mas não a mesma applicação que d'ella fizeram os latinos aos seus verbos.

Em portuguez apenas consideramos dois tempos principaes; porque nossos verbos regulares tambem não tem senão duas caracteristicas ou figurativas.

Chamam-se caracteristicas ou figurativas d'um verbo as ultimas lettras do radical.

Os primeiros tempos principaes são os infinitos impessoaes ou formas primitivas dos verbos, cujas figurativas são as suas mesmas terminações em *ar*, *er*, *ir*. Os segundos são o presente do indicativo, cuja figurativa é a lettra do radical que precede immediatamente as mencionadas terminações. Assim, *ar* é a figurativo do infinito *am-ar*, *er* a do infinito *intend-er*, e *ir* a do infinito *applaud-ir*; e bem assim *m*, é a figurativa do presente *am-o*, *d* a do presente *intend-o* e *applaud-o*, e *t* a do presente *part-o*.

As primeiras figurativas não teem outra variação senão as das tres conjugações; as segundas são tantas quantas as lettras radicaes, immediatas ás terminações infinitivas.

Dos infinitivos formam-se cinco tempos: 1.º o preterito imperfeito condicional, accrescentando-se-lhe em todas as conjugações as vogaes *ia*, como:—*amar-ia*, *intender-ia*, *applaudir-ia*; 2.º o preterito mais que perfeito, augmentando-se-lhe a vogal *a* ex.: *amar-a*, *intender-a*, *applaudir-a*; 3.º o futuro imperfeito do mesmo indicativo, augmentando-se-lhe o diphthongo *ei*, como:—*amar-ei*, *intender-ei*, *applaudir-ei*; 4.º o preterito imperfeito do conjunctivo, mudando-se-lhe o *r* final em *s* e augmentando-se-lhe a syllaba *se*, como:—*amas-se*, *intendes-se*, *applaudis-se*; 5.º o futuro imperfeito do conjunctivo sem outra mudança ou alteração do que conjugar-se por numeros e pessoas, como o infinito pessoal, ex.:—*am-ar*, *am-ares*, *am-ar*, *am-armos*, *am-ardes*, *am-arem*, e assim nas outras conjugações.

Dos presentes imperfeitos do indicativo formam-se sete tempos: 1.º as segundas pessoas do imperativo, tirando-se-lhes um *s* ás 2.as pessoas do imperfeito, como:—*am-as*, am-a, *am-ais*, am-ai,—*intend-es*, intend-e, *intend-eis*, intend-ei,—*applaud-es*, applaud-e, *applaud-is*, applaud-i; 2.º o preterito imperfeito absoluto, ajunctando-se ao radical da 1.ª conjugação a forma *ava*, á da 2.ª e 3.ª um *i*, como:—*am-ava*, *intend-ia*, *applaud-ia*; 3.º o preterito perfeito simples, ajunctando ao radical da primeira conjugação o diphthongo *ei*, á da 2.ª e 3.ª um *i*, como:—*am-ei*, *intend-i*, *applaud-i*; 4.º o presente do conjunctivo, accrescentando ao radical da primeira conjugação um *e* e á da 2.ª e 3.ª um *a*, como:—*am-e*, *intend-a*, *applaud-a*; 5.º finalmente, os participios do infinito, augmentando-se, para os imperfeitos activos, ao radical da primeira conjugação as syllabas *ando*, á da 2.ª *endo*, e á da 3.ª *indo*: e para os perfeitos tanto activos, como passivos, as formas *ado* na 1.ª conjugação e *ido* na 2.ª e 3.ª como:—*am-ando*, *intend-endo*, *applaud-indo*; *am-ado*, *intend-ido*, *applaud-ido*.

ARTIGO SEPTIMO

Emprego das formas pessoaes e impessoaes do infinito

A lingua portugueza tem a singularidade de possuir dois infinitos: — um *impessoal*, como as outras linguas, e outro *pessoal*, o que é um idiotismo em nossa lingua.

Emprega-se o infinito impessoal:—1.º quando o simples infinitivo é empregado de modo complectamente geral, sem referencia a nenhum determinado sugeito, como: —Os preceitos do direito são: *viver* honestamente, não *empecer* a outrem e *dar* o seu a cada um; 2.º quando o sugeito da oração regente é o mesmo que o da oração regida, como: Todos gostam de *ver* o producto de seus trabalhos; 3.º quando o infinito tiver sentido de imperativo, como: — Companheiros: *despedir* esta noite das montanhas e das tristezas, e *apparelhar* para amanhã me seguirdes. 4.º Quando o infinito vier acompanhado da preposição *de*, reunida aos verbos *ter*, *haver*, formando linguagens começadas ou por fazer, como: — *Hei* ou *tenho* de *viajar*; e com a preposição *a*, juncta a diversos verbos, entre outros: — *andar a*, *entrar a*,—forma linguagens verbaes, significando *proximidade*, *principio*, *frequencia*, *continuação*, *estado*, *repetição*, ex.: *Está a chegar*; *começou* ou *entrou a estudar*; *anda a dançar*; *estou a escrever*; *tornou a vir* e outros; 5.º quando o infinito exprime a coexistencia do attributo em um sugeito qualquer sem o determinar, como um substantivo verbal, servindo-se d'elle já para sugeito, já para attributo da oração, como:—*Mentir é faltar á verdade*; já para complemento directo d'outro verbo, como: — *Não querer faltar á verdade*; já para complemento de varias preposições, como:—Em *mentir* commette-se uma falta; entre *estudar* e não *saber* ha differença; sem *mentir* não passam as creanças; de *mentir* se passa a *jurar* falso, etc.

Usamos do infinito pessoal: —1.º Quando o infinito tem

sugeito proprio e este existe claro na oração do infinito, como: — Ao *chegarem* os fugitivos á planicie, um dos trez conhecidos estava deante d'elles. Affirmava *existirem* antipodas; 2.° quando o verbo exprime uma acção, referida á pessoa ou pessoas determinadas, as quaes comtudo não queremos designar, como: — Ausentei-me para não me *incommodarem*; 3.° quando o sugeito do verbo no modo infinito é differente do verbo finito, que determina a linguagem infinita, ou possa causar equivoco sobre qual é aquelle de quem se fala, ainda que seja o mesmo, n'esse caso a linguagem infinita para distincção dos dois sugeitos toma differentes terminações pessoaes, para evitar escuridade na oração, como: — Julgo *seres tu* sabedor. Supponho *termos* sido enganados. A *terem* de chegar hoje, vamos esperal-os; 4.° quando a oração do infinito, ou como sugeito e attributo d'outro verbo, ou como complemento d'alguma preposição, se pode tomar em um sentido mais ou menos determinado ou pessoal, como: — Para me *louvares* com verdade, farei aquillo de que me louvas. Os maos com se *louvarem*, não deixam de o *ser*. Em outros casos, empregam-se as formas pessoaes, sendo todavia certo que se deve fazer a escolha de ser ás vezes exigida pela clareza, pela emphase ou pela harmonia da oração. Exemplos: — «As aves aquaticas pareciam nos seus vôos incertos, ora vagarosos, ora rapidos, *folgarem* com os primeiros dias das estações dos amores.» A Herculano, *O Monast.* «Milhares de fugitivos, arremessadas de si as armas, ora procurando-se uns aos outros para se *afoutarem*, ora e logo separando-se para não redobrar os riscos, iam correndo.» F. de Castilho. *Quadros Historicos.* «Vegetam em pôdre calma sem *ver* a sua torpeza.» Thomaz Ribeiro. *D. Jayme.*

ARTIGO OITAVO

Participios em ando, endo, indo,

Os participios portuguezes são uns adjectivos, assim chamados, porque do nome participam a significação d'uma qualidade, que modifica o sugeito da oração e do verbo o seu regime. A estes participios tambem se dá o nome de *gerundios*, de *gerundus*, que deve fazer-se, porque estas formas herdaram os empregos syntacticos dos participios do presente e gerundios latinos, e, etymologicamente, representam os gerundios latinos.

Os gerundios dos verbos em latim, considerados como nomes, tem trez casos, que terminam em *di*, *do*, *dum*. Estes casos pertencem á segunda declinação dos nomes e são:—o 1.º genitivo, o 2.º accusativo, o 3.º dativo e ablativo.

Do ablativo provem o gerundio portuguez e designa uma circumstancia da acção do verbo, como:—*causa*, *tempo*, *modo*, *acto*, *exercicio*, e outras circumstancias formadas em portuguez por meio das preposições.

A classificação de adjectivos é comprovada pela propria linguagem latina, como:—*Sum amans*, *estou amando*, *amante me*, *amando eu*, equivalendo em portuguez a locução—*estou amado* a *estou sendo amante*, e *amando eu* é o mesmo que—*sendo eu amante*.

As desinencias, *ando*, *endo*, *indo*, ou *ndo*, similhantes á dos gerundios latinos, fazem considerar a origem dos participios portuguezes d'esses elementos latinos. Mas tambem poderá parecer provavel que estes participios activos em *ndo* fossem originados dos adjectivos verbaes em *ante* ou *nte*, pela razão d'alguns de nossos escriptores lhes junctarem o mesmo regime do verbo d'onde se derivaram, como:—*amante a Deos*, *temente a Deos*, de que nos apparecem ainda hoje alguns vestigios em nomes compostos, como:—*logar-tenente*, *mal-dizente*, *mal-fazente*.

Pondo de parte essses vestigios etymologicos, o que é certo é que estes adjectivos verbaes não são, ao presente, participios, nem ainda quando teem dos verbos, d'onde derivam, o regime competente, como:—*assistente em... bastante a... participante, similhante, pertencente, correspondente* etc.; porque estas regencias são communs aos mesmos adjectivos, que não são verbos, como: —*morador em... util a... cheio de... vazio de*; e se dizemos—*amante* ou *temente a Deos*, não podemos dizer—*amante as riquezas, temente os perigos*, como dizemos—*amar as riquezas, temer os perigos.*

Vamos indicar os usos principaes do participio do presente.

O participio do presente emprega-se: — 1.° Formando com alguns verbos uma conjugação composta. Os principaes verbos, que se usam d'este modo, são:

a) *andar*, para exprimir uma acção na sua continuidade, ex.: Anda *escrevendo* (a escrever) um livro.

b) *estar*, para denotar um presente d'um modo rigoroso, ou uma acção em sua continuidade, ex.: Estou *escrevendo* (a escrever) um folhetim.

c) *ir*, para denotar, entre outras coisas, a realisação gradual d'um facto, v. gr.: Vou *convalescendo*. 2.° Exprimindo o modo, como:

> A disciplina militar prestante
> Não se apprende, Senhor, na phantasia
> *Sonhando, imaçinando* ou *estudando*,
> Senão *vendo, tratando* e *pelejando*.
>
> Camões, *Lusiadas*.

N'este caso, o participio pode-se resolver e supprir com a preposição *com*, dizendo-se *com sonhar, com imaginar* etc. 3.° Indicando *tempo, acto, occasião*, como: — «Folgai, christãos, de ouvir e saber como Deos *criando* fez todas as coisas para o serviço do homem.» Padre João de Lucena, *Livro 4.° Tom. 2.°*.

Criando, quer-se dizer — no *tempo*, no *acto*, na *occasião* de criar. 4.º Exprimindo *causa*, *motivo*, como:

«As Halcyoneas aves triste canto
Juncto das costas bravas levantaram,
Lembrando-se do seu passado pranto,
Que as furiosas aguas lhe causaram.»

Camões, *Lusiadas*.

Lembrando-se, quer-se dizer — *por causa*, *por motivo* de se lembrarem. 5.º Significando *meio*, como: — «Debalde buscou Theodemiro apagar aquella paixão violenta no coração do seu amigo, *lançando-se* com elle nas festas ruidosas d'uma côrte dissoluta.» A. Herculano, *O Monasticon*.

Lançando-se, isto é, por meio de se lançar. 6.º Exprimindo *condicção*, *hypothese*, como; — «E ainda poderia salvar-se, *atravessando* o rio.» Idem, *ibidem*.

Atravessando, quer-se dizer, se atravessasse o rio.

«Nobreza desunida não pode ser; porque em *sendo* desunida, deixa de ser nobreza; logo é vileza.» A. Vieira, *Sermões*.

Sendo desunida pode-se resolver e supprir pelas conjuncções condicionaes — *se*, *quando* d'esta maneira: — *se é desunida* ou *quando é desunida*. 7.º Para exprimir *circumstancia* geralmente nos factos historicos. Citemos o seguinte, extrahido da *Vida de D. João de Castro*, escripto por Jacintho Freire de Andrada:

«*Passando* D. João de Castro acaso pela Jubitaria, *vendo* estar penduradas uma calças de obra, *parando* a cavallo, perguntou de quem eram; e *tornando-lhe* o official que as mandara fazer D. Alvaro, filho do governador da India; pediu D. João uma thesoura com que as cortou todas, *dizendo* para o mestre: dizei a esse rapaz que compre armas.»

N'este caso podem-se resolver e supprir pelos adverbios—*como* com o subjunctivo, ou *quando* com o indicativo da seguinte forma:—*como passasse*, *como visse*, e *como lhe tornasse* o official etc. ou *quando pagava* etc.

Estes participios, quer referidos ao sugeito d'um verbo, quer tendo sugeito independente, quando indicam—*tempo*, *hypothese*, ou *condicção*, admittem a preposição *em*. Exemplos:

«Como o mundo estima só o que espanta; *em faltando* particularidades extraordinarias e fóra do commum: do ordinario e do commum nenhum caso faz.» Luiz de Sousa, *Hist. Part.* 2.ª.

Construidos assim os participios do presente equivalem aos participios do preterito; porque a locução—*em faltando particularidades*, é o mesmo que—*tendo faltado particularidades*, o que se vê nos seguintes exemplos.

«As estrellas no meio das trevas luzem e resplandecem mais; mas *apparecendo* o sol, que é luz maior, desapparecem as estrellas.» Vieira, *Sermões*.

Em *apparecendo*, isto é, depois que apparece ou principia a apparecer o sol.

«Não ha amigos nem inimigos politicos em se *largando* o mando e as pretenções a elle.» Almeida Garrett, *Viagens*.

Em se *largando*, isto é, depois de se largar o mando.

ARTIGO NONO

Participios em *ado, ido*

Aos participios assim terminados costumam alguns grammaticos chamar-lhes — participios perfeitos activos ou passivos.

Tractemos dos primeiros.

Participam, como os antecedentes, do regime de seus verbos, e são tambem uns adjectivos que, significando um attributo e qualidade, modificam o sugeito do verbo auxiliar *ter* ou *haver* com quem sempre se conjugam e do qual nunca se desviam. São uns verdadeiros adjectivos, ainda que invariaveis, similhantes aos participios latinos; pois, por exemplo, *ter amado*, que é o preterito perfeito e mais que perfeito do infinito, é em latim *amavisse*, composto de *amans-fuisse*, e significa propriamente dicto — *ter sido amante*, e *ter sido amante*, é o mesmo que — *ter amado*, o que se comprova pelo proprio sentido d'estes preteritos em ambas as linguas.

Estes participios perfeitos activos eram, ao principio, o mesmo que os participios perfeitos passivos e variaveis em genero e numero. D'esta forma temos frequentes exemplos em nossos classicos, que se serviam d'elles com os verbos—*ter* ou *haver*.

Assim, Jacintho Freire em seu Dial. de *Louvor da lingua Portug.* diz:—«A qual obra será posta no cathalogo das mercês que este reino d'elle tem *recebidas*.»

E Camões, *Lusiadas*:

«E' porque, como vistes, tem *passados*
Na viagem tão asperos perigos
Tantos climas e ceus *experimentados*.»

«Porque sempre o achara bom servidor e leal e muito

ditoso nos serviços que lhe tinha *feitos.*» Fernão Lopes Cast. *Hist. da India.*

«Votos que em adversidades e doenças tinha *feitos*, e para remissão de que tantas culpas tinham *commettidas.*» Fernão Mend. *Pereg.*

Por este facto conservamos ainda hoje muitos participios passivos com significação activa, como: — *arriscado* que se arrisca, *calado*, que se cala ou sabe calar, *confiado*, que confia de si; outros tem significação umas vezes activa, outras vezes passiva, ex.: *atraiçoado*, o que atraiçôa, *atraiçoado*, o que é atraiçoado, por alguem, *acreditado*, o que tem credito, *acreditado*, por alguem, *lido*, o que tem lido muito, *lida*, carta lida por alguem.

Os segundos ou participios perfeitos passivos partilham do verbo a sua significação activa, não já exercitada pelo sugeito da oração, como o participio activo, mas recebida n'elle e produzida por outro: e além disso participa do nome adjectivo a propriedade de modificar qualquer nome substantivo, concordando com elle em genero e numero, sendo por isso uma palavra variavel.

Cumpre observar que os participios passivos dos verbos intransitivos, unem-se melhor com o verbo *estar* do que com o verbo *ser*; e os participios passivos dos transitivos activos accomodam-se melhor com o verbo *ser* do que com *estar*. De modo que, diremos melhor—*ser amado*, *ser nascido*, *ser lembrado*, e *estar morto*, *estar vivo*, *estar esquecido* etc.

Empregam-se nos seguintes casos:

1.º Conjugado, sem variar a sua forma em *o*, com os verbos auxiliares *haver* e *ter*, consegue formar os tempos perfeitos compostos não passivos, como: As mercês que me *haveis feito*. Os estudantes que *teem estudado* muito, devem saber.

2.º Conjugado com o verbo *ser* e seus participios e concordando com o sugeito, formam todos os tempos compostos da voz passiva, como: eu *sou respeitado*.

3.º Modificando o sugeito d'um verbo ou um complemento, ou exprimindo *tempo, causa, condicção,* v. gr.: —«D. João Mascarenhas, ou *cançado* ou *satisfeito* dos trabalhos do cêrco, fez deixação da praça.» Jacintho Freire, *Dial.*

É fóra de duvida que as linguagens verbaes em *ado* e *ido* derivam-se do participio passado dos latinos, que antigamente era o preterito do participio activo, como vamos ver.

O systema complecto dos tempos do participio activo era d'antes o presente *laudans,* louvando, o que louva ou louvava, o preterito *laudatus*, louvado e o futuro *laudaturus*, devendo louvar.

De modo que, todas as linguagens compostas em portuguez com que supprimos as simplices, que não temos, foram modeladas pelas formas compostas das conjugações latinas na voz passiva, usando nós do verbo *ter* pelo verbo *ser*.

Assim, *laudatus fui* passou para a activa com a referida modificação, dizendo-se—*tenho louvado.* De egual maneira dizem os latinos—*laudatus fuero* e os portuguezes—*terei louvado, laudatus fuissem* tivesse louvado, e assim nos outros tempos e conjugações.

D'aqui podemos concluir que as formas compostas e a significação activa dos participios do preterito, de que as mesmas linguagens são formadas, herdamol-as dos verbos depoentes latinos, assim chamados, porque deposeram ou perderam já a significação passiva, já a forma activa.

As formas *ado, ada, ido*, *ida*, pertencentes a estes participios, receberam a origem e a pequena alteração, que se nota em portuguez, das desinencias dos participios latinos, terminados em *atus, a, itus, a.* Assim, *laudatus, a, um, debitus, a, um, vestitus, a, um*, mudou o *atus, a* em *ado,* como: — *louv-ado* para o masculino, e *ada,* como: — *louv-ada* para o feminino; *debitus, a,* mudou o *itus, a* em *ido,* como:—*dev-ido*, masc.; *ida, dev-ida* feminino; *vestitus, a* mudou o *itus, a* em *ido* ou *ida*, como:—*vest-ido, vest-ida.*

ARTIGO DECIMO

Participios duplos

Temos em portuguez muitos verbos que teem dois participios, um regular e outro irregular. Este ultimo é algumas vezes contracção do primeiro ou tirado do verbo radical latino d'onde ordinariamente provem.

Sobre o uso das duas formas de participios passivos podemos dizer que, em geral, os da primeira forma regular são ordinariamente os genuinos participios ou activos e invariaveis, conjugados com o auxiliar *ter* e *haver*, visto que denotam uma acção *feita* ou *executada*, ou passivos e invariaveis, conjugados com o verbo *ser*.

A segunda forma pode-se dizer que mais poderá ser classificada como adjectivos verbaes do que participios; porque, em geral, exprimem uma qualidade subsistente no sugeito, sem relação alguma ao seu exercicio, ou activo ou passivo, da mesma sorte que os mais adjectivos que não são verbaes. E é por isto que elles dizem melhor com os auxiliares *ser* ou *estar*, do que com *haver* ou *ter*, como:— *estou afflicto*, *sou grato* etc.

Para mais desenvolvimento d'esta doutrina é de sobra o citarmos a opinião auctorisada d'um nosso philologo contemporaneo, ácerca do participio passado do verbo *affligir* e é a seguinte:—«Não podemos dizer, *temos afflicto alguem*, em vez de *temos affligido;* porque *afflicto*, pode ser um estado não promovido ou causado por outrem e *affligido* quer dizer *feito afflicto;* pelo que, *temos affligido* —significa:—*temos feito* o acto de affligir, ou *temos feito* com que alguem ficasse *afflicto.*»

Conta-se que no manuscripto que da *Vida do Arcebispo*—deixou Fr. Luiz de Sousa, se viam n'uma pagina as palavras:—*tinha morto*, e *tinha matado* muitas vezes repetidas e outras tantas riscadas; como indicando que seu auctor se achava perplexo sobre qual das formas devesse

preferir, notando-se que afinal, se decidira por *tinha matado*.

A razão da preferencia que deve ter a referida forma, é a que dissemos, e fica explicada no texto.

Primeira conjugação em *ar*

Acceitar, acceitado, acceite.
Affeiçoar, affeiçoado, affecto.
Agradar, agradado, grato.
Annexar, annexado, annexo.
Apromptar, apromptado, prompto.
Arrebatar, arrebatado, rapto.
Assentar, assentado, assento.
Botar, botado, boto.
Captivar, captivado, captivo.
Cegar, cegado, cego.
Confessar, confessado, confesso.
Descalçar, descalçado, descalço.
Despertar, despertado, desperto.
Dispersar, dispersado, disperso.
Entregar, entregado, entregue.
Enxugar, enxugado, enxuto.
Excusar, excusado, excuso.
Exceptuar, exceptuado, excepto.
Expressar, expressado, expresso.
Expulsar, expulsado, expulso.
Extremar, extremado, extremo.
Fartar, fartado, farto.
Findar, findado, findo.
Fixar, fixado, fixo.
Ganhar, ganhado, ganho.
Gastar, gastado, gasto.
Ignorar, ignorado, ignoto.
Infestar, infestado, infesto.
Inquietar, inquietado, inquieto.
Isemptar, isemptado, isempto.
Junctar, junctado, juncto.
Limpar, limpado, limpo.
Livrar, livrado, livre.
Manifestar, manifestado, manifesto.
Matar, matado, morto.
Misturar, misturado, misto.
Molestar, molestado, molesto.
Murchar, murchado, murcho.
Occultar, occultado, occulto.
Pagar, pagado, pago.
Professar, professado, professo.
Quietar, quietado, quieto.
Regeitar, regeitado, regeito.
Requisitar, requisitado, requisito.
Salvar, salvado, salvo.
Seccar, seccado, secco.
Segurar, segurado, seguro.
Sepultar, sepultado, sepulto.
Soltar, soltado, solto.
Subjeitar, subjeitado, subjeito.
Suspeitar, suspeitado, suspeito.
Vagar, vagado, vago.
Voltar, voltado, volto.

Convem fazer no tocante a alguns d'estes participios, as seguintes annotações:

1.ª O participio *rapto* encontra-se em Camões, Fr. Luiz de Sousa, Fr. Marcos de Lisboa, Sá e Menezes, Francisco Barreto e outros classicos.

2.ª O participio *boto*, embora bastante desusado, encontra-se ainda assim, em Ferr. *Poem. Lusit. Sonet.* pag. 41.

3.ª Em logar de *acceito*, *acceita*, diz-se geralmente *acceite*.

4.ª O verbo *quietar* ou *aquietar* na significação de *socegar* tem o participio *quieto*, e quando significar *parar* tem o participio *quedo* do verbo antigo *quedar*.

5.ª O participio *morto*, *morta* rigorosamente pertence ao verbo *morrer*.

6.ª *Volto* tambem é participio de *volver*.

7.ª *Grato* é egualmente de *agradecer*.

Segunda conjugação em *er*

Absolver, absolvido, absolto ou absoluto.
Absorver, absorvido, absorto.
Accender, accendido, acceso.
Agradecer, agradecido, grato.
Attender, attendido, attento.
Circumscrever, circumscrevido, circumscripto.
Conter, contido, conteudo.
Convencer, convencido, convicto.
Converter, convertido, converso.
Corromper, corrompido, corrupto.
Defender, defendido, defeso.
Descrever, descrevido, descripto.
Devolver, devolvido, devoluto.
Diffundir, diffundido, diffuso.
Dissolver, dissolvido, dissoluto.
Eleger, elegido, eleito.
Encher, enchido, cheio.
Envolver, envolvido, envolto.
Escrever, escrevido, escripto.
Escurecer, escurecido, escuro.
Extender, extendido, extenso.
Incorrer, incorrido, incurso.
Interromper, interrompido, interrupto.
Manter, mantido, manteudo.
Morrer, morrido, morto.
Nascer, nascido, nado.
Perverter, pervertido, perverso.
Prender, prendido, preso.
Querer, querido, quisto.
Recozer, recozido, recoito.
Refranger, refrangido, refracto.
Remover, removido, remoto.
Resolver, resolvido, resoluto.
Reter, retido, reteudo.
Revolver, revolvido, revolto.
Romper, rompido, roto.
Submetter, submettido, submisso.
Sobreprehender, sobreprehendido, sobreprezo.
Suspender, suspendido, suspenso.
Tanger, tangido, tacto,
Ter, tido, teudo.
Torcer, torcido, torto.
Tender, tendido, tenso e teso.
Volver, volvido, volvo.

Alem d'estes participios ha *arrepeso*, de arrepender; *colheito*, de colher; *comesto*, de comer; *concesso*, de conceder; *cozeito*, de cozer; *despeso*, de despender; *encolhei-*

to, de encolher; *reprehenso*, de reprehender; e *tolheito*, de tolher; que se encontram em nossos melhores classicos.

Terceira conjugação em *ir*

Abrir, abrido, aberto.
Abstrahir, abstrahido, abstracto.
Affligir, affligido, afflicto.
Aspergir, aspergido, asperso.
Assumir, assumido, assumpto.
Cingir, cingido, cincto.
Cobrir, cobrido, coberto.
Confundir, confundido, confuso.
Compellir, compellido, compulso.
Contrahir, contrahido, contracto.
Concluir, concluido, concluso.
Contundir, contundido, contuso.
Diffundir, diffundido, diffuso.
Digerir, digerido, digesto.
Dividir, dividido, diviso.
Dirigir, dirigido, directo e direito.
Distinguir, distinguido, distincto.
Erigir, erigido, erecto.
Excluir, excluir, excluso.
Exhaurir, exhaurido, exhausto.
Eximir, eximido, exempto.
Expellir, expellido, expulso.
Exprimir, exprimido, expresso.
Extinguir, extinguido, extincto.
Extrahir, extrahido, extracto.
Extorquir, extorquido, extorto.
Frigir, frigido, fricto.
Illudir, illudido, illuso.
Imprimir, imprimido, impresso.
Incluir, incluido, incluso.
Incorrer, incorrido, incurso.
Induzir, induzido, inducto.
Infundir, infundido, infuso.
Inserir, inserido, inserto.
Instruir, instruido, instructo.
Introduzir, introduzido, introducto.
Omittir, omittido, omisso.
Opprimir, opprimido, oppresso.
Repellir, repellido, repulso.
Reprimir, reprimido, represso.
Restringir, restringido, restricto.
Submergir, submergido, submerso.
Supprimir, supprimido, suppresso.
Surgir, surgido, surto.
Tingir, tingido, tincto.

Parece que muitos d'estes participios contrahidos dos regulares não eram conhecidos de nossos antigos escriptores, como:—*afflicto*, *acceito*, *erecto*, *gasto*, *impresso*, *isempto*, *pago* e muitos outros, porque em logar d'elles usavam dos regulares, como:—*affligido*, *acceitado*, *erigido*, *gastado*, *imprimido*, *pagado* etc.

O participio *exempto* tambem pertence ao verbo *isemptar*.

Não se pode estabelecer uma regra fixa e geral para applicação d'estes participios; todavia é conveniente attender ás seguintes observações.

1.ª Na formação das vozes passivas não se usa o primeiro participio dos verbos *pagar, eleger, escrever, prender, abrir, cobrir, frigir, imprimir, tingir;* tambem os segundos dos verbos *absorver, corromper, diffundir, excluir, infundir, submergir.*

2.ª Na formação dos tempos compostos activos não estão em uso os participios irregulares dos verbos *attender, corromper, accender.*

3.ª Empregam-se como adjectivos e não entram na formação das vozes passivas, nem na de tempos compostos activos, os participios *descalço, correcto, omisso, oppresso.*

4.ª São considerados perfeitos plebeismos, porque são usados pelo vulgo, os participios *arrepeso* em logar de arrependido; *nado,* por nascido e outros.

Muitos d'esses participios acham-se hoje substantivados, e portanto são usados como nomes, cuja significação deve-se procurar no radical do verbo de que elles são participios.

Assim, *assumpto* deriva de *assumo, is,* tomar, attribuir, arrogar; *colheito, colheita,* de *colligo, is,* recolher; *confesso* de *confiteor, eris* confessar; *rapto,* de *rapio, is,* arrebatar; *tacto,* de *tango, is,* tanger, tocar; *tincto, tincta,* de *tingo, is, tingir* etc.

CAPITULO XXIII

Preposição

A preposição, termo derivado do latim *praepositio, onis,* posto antes, é a particula que, posta entre duas partes não coordenadas d'uma oração, exprime a relação de complemento da segunda para com a primeira.

A relação indicada por esta particula entre os dois termos chamados *antecedente* e *consequente,* mostra a de-

terminação pela qual aquelle determina este, ou é determinado por elle.

A preposição exprime uma unica idêa geral e simplicissima com que nosso espirito considera uma idêa em respeito a outra.

E como essa relação de complemento em que um objecto está para com outro denota um mero aspecto e uma vista momentanea, escolheu-se para representar tal relação um vocabulario de insignificante forma material, a que se lhe dá o nome de *particulas*.

A preposição nunca pode ser nem antecedente nem consequente d'outra, visto que indica só uma relação entre duas idêas e por si não significa idêa alguma; o que era preciso ou para poder ser determinada ou para servir de termo e complemento a outra preposição. Em vista d'esta theoria, quando usamos de duas preposições, seguidas antes d'um mesmo consequente, como: — *por deante d'elle, por entre os perigos, para com elle,* a segunda nunca é complemento da primeira, mas ambas têm um complemento commum, do qual exprimem duas relações ao mesmo tempo.

Por ser a segunda idêa sempre complemento da primeira, conclue-se que esta é sempre incomplecta. Uma idêa pode ser incomplecta de dois modos: — quanto ao sentido vago e geral e portanto susceptivel de restricção; e quanto a ser relativa e pedir por consequencia um termo que acabe essa relação.

E' por esta razão que os grammaticos teem duas especies de complementos equivalentes ao genitivo e dativo dos latinos.

O genitivo, ou, em portuguez, o complemento restrictivo, é o caso em que se apresenta o nome que determina uma referencia ou relação do qual nasce uma causa que o liga com outro nome, que o põe em connexão com elle. D'esta referencia ou relação vem naturalmente a idêa de *principio e parte d'onde vem ou procede,* representada pela preposição *de*. Assim, dizendo nós: — *livro de Pedro*, queremos rigorosamente mostrar que a palavra *Pedro*, é

a origem ou principio de que provem uma referencia ou relação, por cujo motivo alguma coisa lhe é tocante ou relativa. Esta palavra *Pedro*, regida da preposição *de*, é um complemento restrictivo, porque determina e restringe a significação geral e vaga da palavra *livro*, e tambem mostra a razão de ser *Pedro* o auctor do *livro*, e por consequencia a causa efficiente da relação em que está o *livro* para com *Pedro*.

Por este exemplo se torna evidente que o complemento restrictivo explica a idêa comprehendida no primeiro substantivo, dando-lhe uma causa, e, ao mesmo tempo, limitando-lhe e circumscrevendo-lhe a idêa de extensão, porque uma coisa não se oppõe á outra.

Não se pode applicar esta doutrina ao substantivo opposto. Quando dizemos: o *rio Douro*, vemos limitada a idêa da extensão da palavra *rio*, mas não está explicada; porque não tem o complemento restrictivo. E' certo que tiramos a idêa de extensão que tem o nome *rio*, limitando-a e circumscrevendo-a, mas não a explicamos; visto que o nome *Douro* não é a causa nem a explicação do nome rio.

O dativo, ou, em portuguez, o complemento terminativo, é o caso em que devemos considerar o nome que serve de exprimir uma idêa de *termo* ou de *destinação*, tanto no sentido proprio, como no figurado. Quando dizemos: — *O filho de Pedro*, este complemento já é terminativo; visto que serve de termo á significação relativa da palavra *filho* que o exige.

As palavras de significação relativa tambem o são d'uma significação vaga.

Como a idêa de termo ou destinação tem relação com a de *direcção* e de *logar para onde*, passou a ser expressa com a preposição *a* que indica movimento dirigido a um termo: portanto, o nome collocado em complemento terminativo indica-nos o termo ao qual se dirige ou encaminha alguma acção.

Exemplo: — «Nem mais nem menos acontece *a* uma consciencia que anda captiva na culpa.» Fr. Luiz de Sousa, *Vida do Arceb.*

A preposição *a* exprime em primeiro logar a idêa de *direcção*, e d'esta naturalmente se deduz a de *termo* e *destinação*,

Pelo exposto se vê que a palavra, que serve de termo antecedente á preposição, deve ter uma significação vaga e indeterminada, e não havendo outras d'esta natureza senão os nomes appellativos e os adjectivos explicativos e restrictivos, são estes e não outros que podem ser antecedente da preposição; devendo-se notar que entram n'este numero os verbos adjectivos e os adverbios; porque aquelles levam comsigo o adjectivo, e estes o substantivo appellativo.

As propriedades inherentes ás preposições, produzindo pasmosa variedade nas relações dos nomes e na accepção dos verbos compostos, constituem uma das principaes riquezas da nossa linguagem.

D'aqui se conclue que uma preposição pode funccionar syntacticamente de varios modos.

Assim, a preposição *de* pode accompanhar os complementos restrictivo, terminativo e circumstancial. Mostra ser complemento restrictivo, quando se ajuncta a nome de classes ou appellativos. Quando porem vier depois de substantivos ou verbos de significação relativa o complento é terminativo. Por outras palavras: o complemento restrictivo modifica a significação vaga dos nomes communs, isto é, estreita-lhes a extensão de seu modo de significar, como: — *amôr do estudo*, onde a extensão da idêa *amôr* é restringida pelo vocabulo estudo; o complemento terminativo limita a significação relativa das palavras de attribuição, isto é, exprime o *termo*, o *limite*, o *alvo* a que mira a significação relativa d'uma dada palavra attributiva, como:—*fiel e grato aos corações beneficos*, onde *fiel* e *grato* denotam uma qualidade concreta e unida a um nome e que exige um limite á sua attribuição, e não significam uma qualidade em abstracto e em geral, como: *amôr* e *amizade*.

Quando o antecedente tem uma significação absoluta, a preposição *de* rege um complemento circumstancial, como:—*tractar* ou *falar de alguma coisa*. Se em todos es-

tes casos a preposição *de* parece restringir d'alguma sorte a significação do antecedente, é porque todo o complemento, ajunctando sempre alguma idêa nova á palavra que modifica, parece tambem restringil-a : mas este não é o seu fim principal.

Aqui seria logar proprio para fazer o catalogo de todas estas palavras de significação relativa e das differentes preposições, com seus complementos; mas era uma empresa que, para ser complecta, requeria um largo diccionario, que, depois de concluido, pouco aproveitaria decoral-o. Para saber as preposições regidas d'estas palavras, basta reflectir em sua significação, consultar as pessoas doutas no estudo da lingua, e, na duvida, o auxilio d'um bom diccionario.

Os adjectivos e adverbios, que podem reger, nunca teem senão significação relativa. A maior parte dos verbos activos não teem senão esta significação simplesmente sem ser relativa.

Todavia, ha muitos, cuja significação activa é tambem relativa, como são grande parte dos verbos pronominaes e os que significam *accomodar, ajunctar, attribuir, dar, tirar, receber* etc.

Explicada d'este modo a preposição, apresentados os principios em que a mesma se funda, passemos a examinar quaes são as verdadeiras preposições portuguezas e quaes não; como se deverão classificar, e como as mesmas, com os seus complementos, se reduzem a uma menor expressão pelos adverbios em todas as linguas.

As preposições portuguezas são dezeseis, a saber: *a, ante, apoz, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, per, por, sem, sob, sobre.*

Alem d'estas, temos as preposições compostas, ás quaes fazendo-se-lhes uma analyse, são nomes, adjectivos e adverbios com preposição e sem ella, e ainda duas preposições, quer separadas, quer combinadas em uma só palavra.

São nomes substantivos, servindo de complementos ás preposições, que os precedem, já separadas, já encorpora-

das na mesma palavra, as seguintes: — *abaixo, debaixo, acima, de cima, dcerca, defronte, á roda, ao redor;* pois todas estas palavras foram empregadas por nossos classicos e tambem no uso actual da linguagem, como substantivos sem preposição alguma; e com ella ficam sendo o mesmo que eram sem a menor differença, exceptuando a propriedade que teem, como já dissemos, de servirem de complementos á preposição, da mesma sorte que os mais nomes. Se fossem preposições, difficilmente podiam ser complementos d'ellas; porque uma preposição nunca pode ser complemento d'outra.

São adverbios ou expressões adverbiaes as seguintes: —*afora, alem, áquem, atraz, conforme, detraz, dentro, depois, deante, excepto, juncto, longe, perto, segundo.* A demonstração d'esta verdade apoia-se em que todas estas palavras, á excepção de *conforme, excepto, segundo,* podem-se empregar na oração ou precedidas ou seguidas de preposição; e a maior parte d'ellas precedidas e seguidas d'ella ao mesmo tempo. Este facto não se podia dar, se ellas mesmas fossem verdadeiras preposições; visto que, como já se disse, uma preposição nunca pode ser nem antecedente nem consequente d'outra.

As palavras *excepto* e *juncto* são verdadeiros participios irregulares.

Segundo tambem se pode considerar participio irregular do verbo *seguir.* Conseguintemente, dizemos nós: — *excepto isto, juncto a mim, segundo o costume,* equivale a dizer: — *exceptuado isto, juncto a mim e seguindo o costume.*

Conforme é um adverbio ou adjectivo adverbiado de significação relativa com o seu complemento regido da preposição *a,* que ás vezes se omitte: por consequencia, *conforme ás leis, aos usos,* é o mesmo que dizer, *conformemente ás leis, aos usos.*

A palavra *durante* é considerada uma preposição, por ser invariavel e significar espaço de tempo; deriva do participio imperfeito do verbo *durar.* Assim dizemos: *durante a jornada, durante o estado, durante isto ou aquillo.*

Os vocabulos *deante* e *traz* veem empregados por nossos classicos como preposições, collocando-as entre um antecedente e um consequente, sem as fazer preceder nem seguir d'outra preposição, como:—*apparecendo deante d'ella, natural de traz os montes.*

Bastas vezes tambem se applicavam, como adverbios, quer fazendo-as complementos d'outras preposições, como: —*de deante, em deante, atraz, de traz, para traz;* quer fazendo-as antecedentes d'outras como:—*deante de mim, atraz da porta, por de traz, para traz;* quer, emfim, usando d'ellas como de puros adverbios, v. gr.:—*vai por deante, de hoje em deante, ficar atraz, voltar atraz com o meu dicto*, etc.

Os prefixos, que na maior parte se encontram em composição d'um certo vocabulario, são as seguintes preposições em geral de origem latina—*ab, abs, ad, anti, circum, cum,* (*co, com, con*) *des, dis, e, en, ex, in,* (*em*) *extra, inter, ob, per, pos, pre, pro, re, retro, soto, sub, trans, ultra.*

Determinado pois o numero de preposições, é d'um rigoroso exame o conhecimento das propriedades e funcções de cada uma d'ellas; visto que devemos ás preposições todas as phrases e elegancias da lingua, e da falta d'um recto estudo ácerca da rica variedade de relações, que formam, provem frequentemente um falar errado, como assevera Boileau, na sua *Arte Poetica:*

«Sans la langue, en un mot, l'auteur le plus divin
Est toujours, quoi qu'il fasse, un mechant ecrivain.»

O fim principal das preposições foi indicar as relações entre os objectos sensiveis por ordem ao logar, que occupam no espaço, ou no movimento que no mesmo fazem. Comtudo, como as mesmas relações, que ha entre os objectos, podem existir entre as idêas abstractas, que, como aquelles, são egualmente objectos de nossos pensamentos; por isso, se vê que uma preposição pode ter logar em casos bem dissimilhantes, de maneira que ás vezes as ulti-

mas accepções afastam-se tanto das primeiras que, perdendo-se de vista o fio da analogia, pelo qual a preposição foi passando gradualmente d'um modo de ser a outro, não será facil dar a razão da differença entre o primeiro e ultimo sentido.

Examinemos a significação da preposição portugueza *a*, derivada da latina *ad*. A forma original *ad* apparece em composição com muitos verbos e nomes, outras vezes o *d* de *ad* assimilha-se á lettra pela qual principia a palavra simples (Cap. xxx), e ainda outras vezes *ad* contrahe-se em *a* n'um dado vocabulario, composto do *a* inicial (ad) e do *affixo*, como:—*a-cabar, a-pear, a-penas, a-pezar,* palavras formadas de *a* e *cabo, pé, pena, pezar.*

A significação fundamental da preposição *ad* exprime o movimento pelo qual dois objectos tentam tocar-se mutuamente, e para esse fim, um dirige-se para o outro. Depois d'esta relação puramente *local*, applica-se, metaphysicamente, ao espirito e ao pensamento.

Como exprimindo a *direcção* para um objecto, *ad* é synonimo de *in*, mas com esta differença: *ad* marca somente que um objecto se approxima d'um outro e que se ajuncta e se une a elle, emquanto que *in* impelle para mais longe essa idêa e designa a entrada, a maneira como uma coisa penetra ou parece penetrar n'uma outra.

O sentido proprio de *ad* é de exprimir a idêa de *approximação*, de *tendencia*, e, portanto, de *proximidade*, de *justaposição*. Todavia, a *approximação* é algumas vezes uma simples tendencia; outras vezes, implica a idêa de exforço, de cuidado, de espontaneidade, de paixão, ou d'um fim que se propõe etc. Por outro lado, a idêa de proximidade implica outras idêas accessorias: um objecto collocado ao lado d'outro augmenta-o, reunindo-se a elle; a idêa de estar ao lado d'um objecto dá a de ter occasião d'uma acção, ou influir sobre uma acção, dirigil-a, regulal-a, etc. D'aqui se deprehende a diversidade infinita das idêas com as quaes o sentido de *ad* é susceptivel de se combinar, de que resulta para as palavras compostas d'esta particula, uma multidão de significações particulares.

O prefixo *ad*, em composição, exprime pois, no sentido proprio, a *direcção* para uma pesssa ou um logar que é ou parece ser o termo do movimento.

A significação d'esta preposição póde servir de modêlo para nos guiarmos nas differentes deducções das outras preposições.

Significa primeiramente — *movimento dirigido a um termo;* idêa que dá a de—*afastamento e distancia* relativamente ao poncto de partida; e esta a de—*extensão e grandesa*, d'onde se deduz a de — *augmento e intensidade.* A idêa de *extensão e grandesa* exprime a de—*medida*, d'esta deduz-se, por lhe ser correspondente e proporcional a de —*preço e valor.* Da idêa de *movimento* provem a de—*acto e tempo seguido*, *duração*, *continuação e repetição*, da qual se deduz a de — *tempo em que*, *durante o qual.* O *movimento* dirigido a um termo denota a idêa de *direcção* e esta a de—*logar para onde.* Da *direcção* se deduz a de *referencia*, *tocante*, *relativo*, *ácerca*, *quanto*, *destinação*, *para*, *afim*, bem como a de—*contrariedade*, *em opposição*, *contra.* O movimento dirigido a um termo dá a idêa de — *limitação*, *até*, *adjuncção*, *juncto*, *proximo.* Da idêa de — *juncto* e *proximo* vem a de—*logar onde.* De *adjuncção* deduz-se a idêa de — *união*, *companhia*, *simultaneidade* de que se comprehende a idêa de — *conformidade* ou *conforme* e *segundo.* Emfim, do *movimento* se faz a deducção de *modo*, *meio.*

Já dissemos que as significações das preposições denotam em primeiro logar relações physicas ou materiaes, e depois passaram a exprimir figuradamente outras relações metaphysicas ou do pensamento como vamos ver nos seguintes exemplos: — «Inclinará Deus os ceus e avisinhar-se-ha mais *á* terra, *para* castigar seus moradores.» Vieira, *Sermões.*

«Creou-me Deus *á* sua imagem e similhança *para* o altissimo e felicissimo fim de o gozar eternamente; e eu não amar *a* quem me creou!» M. Bernardes, *Nova Floresta.*

«Andromacha despedindo-se de Heitor *ás* portas de Troia, Priamo supplicante *aos* pés do matador de seu filho, Helena luctando *entre* o remôrso do seu crime e o amor de Páris, não tinham ainda sido eclipsados pelas declamações da mãe Eva *ás* grades do paraiso terreal.» Almeida Garrett, *Viagens na minha terra.*

«Milton não se tinha ainda sentado *no* logar de Homero, Shakspeare *no* de Euripides, e lord Byron *acima* de todos.» Idem, *ibidem.*

«Não diz que venceu senão que se vingou, porque a victoria responde *á* guerra e a vingança *á* injuria.» Vieira, *Sermões.*

«Humana fera...
Que me creou *aos* peitos da esperança.»

Camões, *Canç.*

«O nome de Jehovah está sempre vivo *nos* seus labios, quer se incline arrependido e penitente *ao* golpe do castigo, quer encostado *á* lança entôe os hymnos de triumpho.» Rebello da Silva, *Fastos da Egreja.*

Visto que a lingua portugueza adoptou a preposição *a* para exprimir a relação do *termo para onde*, em geral, e em particular, a de *conformidade* entre dois objectos, todas as vezes que o complemento d'ella significar o modo e forma de qualquer acção e não tiver antecedente claro, este parece que deve ser subintendido pelos adverbios, *segundo* e *conforme*. Assim, *viver á moda pariziense* e em outras expressões analogas é equivalente a dizer-se *conformemente á moda pariziense*, por ser este adverbio, occulto pela figura ellypse, o antecedente proprio da preposição *a*. Por analogia devemos acceitar o mesmo adverbio, embora fique mais dura a expressão, quando dizemos—*falar a torto e a direito*, pondo-se-lhe claro o antecedente já menciona-

do, da segunda forma:—*falar conformemente a torto*, sendo n'este caso as palavras *torto* e *direito* complementos da preposição *a*.

Sendo o antecedente de qualquer preposição sempre um termo relativo ou vago, é preciso não confundir no primeiro caso a relação particular do termo com a relação geral indicada pela preposição, antes fazer sempre distincção d'uma e outra; pois, se não o fizermos, poderá a mesma preposição parecer destinada a significar differentes relações e ainda oppostas. Demonstremos isto nas seguintes expressões:—*entregar um livro a alguem*, *roubar alguma coisa a alguem*, *dizer bem de alguem*, *falar mal de alguem*, fazem um sentido opposto entre si. Mas a contradicção não está nas preposições *a* e *de*, que, por natureza, denotam: a primeira um termo a que se dirige uma acção ou relação, e a segunda um termo d'onde nasce ou depende qualquer acção ou relação. Portanto, a opposição existe nas differentes idêas relativas dos dois antecedentes da preposição *a*, que são *entregar* e *roubar* e entre os da preposição *de*, que são *dizer* e *falar*.

Dado o caso do antecedente da preposição *a* não ter uma significação relativa, que demande um *termo para onde*, elle não pode ser o verdadeiro antecedente da preposição, deve-se-lhe intender outro de fora, occulto pela ellypse. Podemos subintender entre outras as seguintes expressões:—*conformemente*, *juncto*, *proximo*, *immediatamente*, *até*, *virado*, e *seguindo-se*, sobretudo nas distribuições.

Quando a preposição *de* não tem um antecedente ou relativo a um termo *d'onde* ou *vago*, cuja significação ella haja de restringir com seu complemento, tambem devemos admittir a existencia da ellypse, representada por um nome appellativo, correspondente ao complemento da preposição. Podemos subintender as seguintes expressões:—*tempo*, *hora*, *causa*, *palavra*, *nome*, *resposta*, *carta*, *papel*, *tenção* ou *relação* nas linguagens compostas do verbo *haver* ou *ter* e dos infinitos com a preposição *de*. Exemplos;—*Está a expirar*, (proximo); *o comboio está a partir* (immediatamente); *uma certa quantia a trez por cento* (até); *este*

palacio vale tanto (até); *esta casa fica ao sul* (virada); *os collegiaes passeam dois a dois* (seguindo-se); *vou visital-o de dia* (tempo); *chorou de alegria* (por causa); *escrever de parabens*, *fazer de hypocrita* (causa e papel); *tenho de viajar um anno* (tenção); *hei-de escrever um livro* (tenção).

Nas expressões interjectivas, como:—*ai! de mim*, subintende-se por ellypse o verbo *falo*, que se comprehende antes da preposição *de*.

Como as preposições exprimem, geralmente, idêas de *espaço e tempo* e as de certas *relações*, que estão intimamente ligadas e são dependentes das de mathematica, não podemos perder de vista o poderoso auxilio d'esta sciencia, afim de tentarmos explicar as que lhe são relativas, taes como:—*extensão*, *movimento*, *duração*, *repetição*, *movimento de partida d'um poncto a outro* e assim por deante.

Em vista de nos termos occupado, embora rapidamente, da etymologia e composição das preposições, que entram como elementos constitutivos dos verbos, somos dispensados de repetir aqui esse assumpto valioso; só por incidente tocaremos na questão etymologica, quando intendermos ser necessario.

Os modêlos das principaes relações das preposições, um assumpto importante, com quanto careçam de mais desenvolvimento, podem, todavia, servir de estudo.

Segundo as duas relações geraes, que os objectos podem ter uns com outros, dividem-se as preposições em duas ordens, a que chamaremos—*estado* e *existencia*, ou *acção* e *movimento*.

PRIMEIRA ORDEM

A idêa do logar—*onde*, que qualquer objecto physico ou methaphysico pode occupar, é geral e indeterminada, e portanto susceptivel de varias determinações especiaes, como as diversas *situações* que um ser pode occupar no espaço relativamente a outro no mesmo espaço, e as idêas associadas com que pode vir acompanhado ou excluído.

A situação d'um ser pode-se considerar, quanto á posição horisontal ou perpendicular. Quer d'uma, quer d'outra forma, são modos de ser do logar *onde* em geral.

1.ª SECÇÃO

A preposição *em* [1] exprime a relação de existencia a mais geral, por ordem ao logar *onde*.

A forma *em* contrahe-se em *n* por *apherese* e *antithese*, quando se reune ás formas *o*, *a*, *os*, *as*, *um*, *uma* etc. Assim dizemos do espaço material:—do logar—*está no campo;* do espaço methaphysico,—*está gravado no coração.* Do espaço do tempo material, como: —*estamos na primavera;* do espaço do tempo ideial: —*está no espirito do seculo.*

---

[1] A particula *em* toma a forma *en*, *im*, *in*, reunida a verbos e nomes, como: —*encobrir*, *impedir*, *induzir*, *encolerisação*, *impedimento*, *instancia* etc..

A preposição portugueza *em*, collocada no discurso como separavel, tomava differentes formas: —1.ª A forma mais antiquada era *en*, como: «Casas e vinhas e outras possissões do rreyno, quer seiam de nobres homens, quef doutros coutemolos *en* esta guisa.» Lei de 1211, em Portugal, Mon. Hist. Leges. 2.ª Empregava-se a forma *en* reunida aos determinativos *o*, *a*, etc., como: «Tomou Rey Faraó hum anel, e poseo *ena* mão a Joseph... e pose-lhe hum colar d'ouro *eno* colo, e feze-o segundo *eno* seu reino.» Ineditos d'Alcobaça. 3.ª Empregava-se, como ainda hoje succede em dados casos, na qualidade de elemento euphonico, ex.: «Que nom seja nenhum tam ousado de fazer volta ou arruido em *na* hoste por mal querença do tempo passado.» Ord. Affonsina; —deixem-*no* e levem-*no*, em vez de—em a hoste, deixem-o e levem-o.

Dizem uns grammaticos que o *n* das formas *no*, *na*, *nos*, *nas*, *n'um*, *n'uma*, *n'este*, *n'esse*, *n'aquelle*, etc., é meramente euphonico, e portanto supprimiu-se a preposição *em*. Contra tal suppressão porem oppõem-se as regras grammaticaes.

2.ª SECÇÃO

Qualquer objecto pode occupar na superficie horisontal trez situações, *superior*, *interior*, *inferior*.

A preposição *sobre* denota a primeira situação ou d'um logar material, como:—*estar sobre o norte;* ou virtual, como:—*argumentar sobre mathematica;* ou de tempo material, como:—*sobre o anoitecer;* ou de coisas, como: — *sobre um escandalo, o crime.*

As locuções adverbiaes, *em cima*, *por cima*, *para cima*, significam o mesmo.

A preposição *entre* exprime a segunda situação, quer quanto ao logar: *entre uma e outra região geographica;* ou quanto ao tempo: *entre o meio dia e a meia noite;* ou quanto ás coisas: *entre a gratidão e a ingratidão.* Succede ás vezes junctar-se esta preposição para indicar ao mesmo

---

A preposição latina *in* ou a portugueza *em*, considerada como parte separavel, está subordinada a este principio fundamental: exprime uma relação local, umas vezes com uma idéa de movimento, outras vezes com a de quietação.

Ora, admittindo-se que o *n* seja simplesmente euphonico, e não uma contracção da preposição *em*, o *n* deixa de ter um emprego syntactico, e por isso, desapparecem as variadissimas relações que apresenta a preposição *em* na lingua portugueza, nos casos em que é representada pela forma *n*. Por exemplo: — estou *na* aula—a forma *n* (na), deixando de ser a representação da preposição *em*, não exprime a relação da situação local, exigida, n'este caso, pela significação do verbo *estar*, nem tambem a expressão — *na aula* — denota o complemento terminativo, pedido pela significação relativa do verbo.

Sabe-se que a *prosodia* faculta a alteração na pronunciação dos vocabulos, accrescentando-lhes, diminuindo e transpondo syllabas para abreviar e facilitar mais a pronunciação dos mesmos, sem lhes alterar a significação, e esta doutrina practica-se por meio de diversas figuras grammaticaes. A transposição dos vocabulos, a qual consiste em collocar as lettras ou syllabas, de que se compõe a palavra, n'uma ordem differente d'aquella em que a palavra deve estar, faz-se pela figura *metathese*, e esta transposição pode ser geral, pela inversão da maior parte das lettras, como:—*crelgo*, por *clerigo*; ou parcial, pela

tempo duas relações locaes do mesmo complemento, taes como:—*por entre os mares, d'entre os inimigos.*

A preposição *sob* exprime a terceira situação, ou no sentido proprio, como:—*estar sob o sol, sob algum dos circulos maximos*, ou no figurado, como:—*sob a direcção, commando, protecção* e outros. As locuções adverbiaes: *abaixo, debaixo, por baixo*, significam o mesmo.

3.ª SECÇÃO

A superficie perpendicular pode ser occupada por qualquer corpo, podendo ter trez situações: *anterior, posterior* e *fronteiro*, porque, relativamente a um objecto levantado ao alto, pode haver outro, ou deante d'elle, ou detraz d'elle, ou fronteiro a elle. A posição *anterior* é representada pela preposição *ante*, quando entre um e outro objecto não se mette nada de permeio, como:—«*Estas cinco ilhas ja-*

---

transposição d'alguma syllaba ou lettra, ex.:—*contrairo* por *contrario*, ou pela contracção d'uma syllaba n'uma lettra, por apherese e antithese, ex.:—*no, na, nos, nas, n'elle, n'isto*, etc., por *em o, em a, em os, em as, em elle, em isto*, etc.

De modo que, devemos considerar a preposição *em* representada na consoante *n*, quando na pronunciação e na escriptura se omittiu o *e* por apherese e se transformou o *m* em *n* por antithese, e se encorporou com as formas *o, a, este, isto, aquillo* etc.; e devemos chamar ao *n* elemento euphonico, e por tanto sem valor syntactico, quando vier depois dos diphthongos terminados em nasal, como:—*intendem-no*, por *intendem-o*, etc., e a interposição do *n* é para evitar dissonancia.

Para obedecermos a um dos progressos da oratoria, a harmonia da phrase, não devemos usar da contracção da preposição *em*, quando a palavra seguinte principiar por um *n*, ou por uma lettra, com cujo som o *n* forme dissonancia. Devemos pois dizer:—*em o nosso, em o numero, em a natureza*, etc., e não—*no nosso, no numero, na natureza*, etc.

Portanto, da preposição latina *in* proveio a forma *en*, depois, *em*. O *n* do radical *in* apparece nas formas—*no, na, nos, nas* etc., sendo o *n* a representação da preposição *em*; todavia, em certos casos, o *n* é simplesmente euphonico.

sem uma ante a outra pelo rumo do norte a sul.» Barros, *Decadas.*

A idêa de *adeante*, *na parte anterior ou deanteira* dá a de *precedencia* e esta a de *preferencia*, como: — «Fazenos deoses que vam *ante* nós.» *Ineditos de Alcobaça.*

«O' cidade de Ceuta... *ante* todas as d'Africa mais exalçada, muito favoraveis te foram os planetas.» Azurara, *Chron. de João* 1.°

Estas mesmas relações podem-se applicar ao tempo, como: — *ante-hontem*, equivalendo a *antes de hontem*; e por analogia — *ante todas as coisas*, isto é, *antes de tudo.*

Tambem se reune a preposição *ante* a outras para exprimirem duas relações locaes do mesmo complemento, como: — *Andar por ante mim*, isto é, passar por um espaço deante de mim; escrever-lhe de *ante* mão, isto é, de mão antecipada.

Esta preposição, quando denota *situação opposta*, sentido inverso, contrariedade, contra e é um prefixo d'uma palavra, muda o *e* final em *i*, v. gr.: — *antilogia*, *antiphrase*, *antipoda*, etc.

A situação *posterior*, opposta á *interior*, é representada pela preposição *após*, que antigamente se escrevia *pós*, *depós*, e por ultimo *depois*; *após* é derivada esta preposição da latina *post*, formada e contrahida de *posito hoc*, que significa, *posto isto*, *estabelecida esta coisa*, o que envolve a idêa de posteridade quanto a espaço e tempo. Exemplos: — *Após* o coche real vai a comitiva; de tempo: — *Após* a tormenta vem a bonança.

A preposição *fronteira* d'um ser, contraposto a outro, para cuja frente se acha virado, ainda que não immediatamente, é representada pela preposição *contra*, como: — Levantou os olhos *contra* seu pae.

Da idêa de contraposição passou-se facilmente á de opposição, e d'aqui a deducção de idêas analogas e outras expressões: — advogar *contra* o partido do seculo actual;

falar *contra* o direito. A formula adverbial *defronte* substitue esta preposição, quando exprime o sentido primitivo.

4.ª SECÇÃO

As preposições *com* e *sem* servem para exprimir as idêas associadas com as relações do objecto principal; a primeira indica a relação de companhia, de accompanhamentos; a segunda a exclusão complecta das mesmas.

Quanto á etymologia d'estas duas preposições, falta-nos tractar da segunda. A preposição *sem*, ainda que os illustres philologos, Vossio e Cesar Scaligero, digam que a sua origem está no verbo *sino, is, ere*, que significa *consentir*, *permittir*, *deixar fazer*, parece-nos que este verbo se derivou da preposição latina *sine*, que se suppõe formada de *se* e *in*, sendo esta ultima forma invertida em *ne*, que exprime *estado*, e da forma *sine* formou a lingua portugueza a preposição *sem* que significa em rigor *privação* e *falta*, idêa que resulta da de *separação*.

A preposição *com* significa a união de duas idêas principaes, como:—A Europa *com* a Oceania forma uma opposição complecta em progressos humanos. Exprime uma idêa principal com outra accessoria, tal é a causa com seu instrumento, ex.:—«Na qual obra não ficou fidalgo que, *com* espada, *com* pá, *com* cesto, ou *com* madeira ás costas não trabalhasse.» Barros, *Decada*, 2.ª

Significa modo e maneira, como:

«Mastigam os cavallos espumando
Os aureos freios *com* feroz semblante.»

Camões, *Lusiadas*.

Exprime um termo de communicação ou referencia, e n'este caso conjunctamos as preposições *para* e *com* v. gr.: —«O infante nenhuma gloria sentia maior, que a boa cria-

ção que em el-rei fazia, e n'elle punha as esperanças do amor d'el-rei *para com* elle.» Duarte Nunes, *Chron. de Affon.* 5.º.

Seguindo o exemplo de nossos classicos, podemos elegantemente occultar a preposição *com*. «Do qual logar subitamente sahiram mais de quarenta zambucos e paraos... todos remo em punho.» Barros, *Decada* 1.ª.

«Os reis quanto mais poderosos tanto mais abaixaram seus diademas, prostrando-se peitos por terra, ante Christo crucificado.» Arraes, *Dialogo* 5.º.

«Levar-te-ei por atalhos da egualdade e em entrando n'elles andarás teu passo largo.» Idem, *ibidem*.

Explicada a significação da preposição —*sem* resta-nos citar o segundo exemplo:

«Uma união de pedras é edificio: uma união de taboas é navio: uma união de homens é exercito. E *sem* esta união tudo perde o nome e mais o ser. O edificio *sem* união, é ruina: o navio *sem* união é naufragio: o exercito *sem* união é despojo. Até o homem, cuja vida consiste na união de alma e corpo, com união é homem, *sem* união é cadaver.» Vieira, *Sermões*.

Como se viu, estas preposições denotam relações de estado e existencia em algum espaço, e portanto harmonisam-se bem com os verbos *ser* e *estar* e com os que significam existencia simples ou qualificada, como são os verbos intransitivos. De sorte que, podemos dizer:—*estar em*, *estar sobre*, *estar sob*, *estar entre*, etc., e já não podemos dizer: *estar de*, *estar a* etc., senão usando da ellypse, subintendendo-se um antecedente proprio ás preposições, que exprimam relações de acção e movimento.

SEGUNDA ORDEM

As preposições *activas* exprimem as relações geraes de origem ou principio *d'onde* parte a acção ou o movimento, um *meio* por onde passa e um *fim* aonde e para onde se dirige.

D'estas relações primordiaes de exprimir o logar d'onde principia qualquer movimento, deduz-se o espaço do tempo analogo ao do logar; e d'aqui passamos a considerar como uma especie de espaço qualquer pensamento em que possamos distinguir um idêa, considerada principio para discorrermos por outras até uma terceira, que se propôz.

Por isto, se conclue as variadas accepções que uma preposição pode tomar, conforme as idêas mais ou menos abstractas que lhes applicarmos, mas todas atadas a um fio de analogia, dependente d'uma relação geral.

1.ª SECÇÃO

As preposições *de*, *desde* e *por*, que possuem a mesma força das latinas: *de*, *a*, *ab*, *pro* e *propter* são empregadas em portuguez para representar o principio d'onde começou qualquer movimento.

A preposição *desde* é formada da união das duas latinas *des* e *de*. A primeira já vimos que é composta das particulas *de* e *es*, significando exforço para expellir, movimento para fora; a preposição *de* exprime movimento. Esta etymologia é fundada nos principios que já estabelecemos para a composição d'outras preposições, como da preposição *pós* formamos, *após*, *depós*, ou *depois*; da preposição *ante* formamos *deante*, *adeante* e outros.

Como a preposição *de* significa, primordialmente, o movimento d'um poncto de partida, como o de uma pedra que, atirada do cimo d'um monte, rola pela encosta, pela falda, planicie e não se sabe o tempo e local onde ha de

terminar essa acção, ou tem um antecedente de significação relativa ou de significação vaga, como já vimos no principio d'este artigo sobre a preposição.

A preposição *desde* augmenta á relação de principio, representado pela preposição *de*, a idéa de continuação no espaço com tendencia ao seu fim, e por este motivo aggrega-se á preposição *até* que exprime o termo de espaço, ou do logar, ou do tempo.

O vocabulo *até* ou *athé*, como d'antes se escrevia, conservando-se o *h* da composição da palavra *até*, é formado de *hactenus*, composto de *hac* e *tenus*, equivalendo a *ad*, *hunc*, *terminum*. Citemos um exemplo que, apezar d'um tanto longo, é um bom modêlo. — «E comtudo *desde* a edade da innocencia em que tanto me divertiam aquellas batalhas, aquellas aventuras, aquellas historias de amores, aquellas scenas todas tam naturaes, tam bem pintadas *até* esta fatal edade da experiencia, edade prosaica em que as mais bellas creações do espirito parecem macaquices deante das realidades do mundo, e os nobres movimentos do coração chymeras de enthusiastas, — *ate* esta edade de saudades do passado e esperança no futuro, mas sem gozos no presente—em que o amor da patria (tambem isto será phantasmagoria?) e o sentimento intimo do bello me dam na leitura dos Luziadas, outro deleite diverso, mas não inferior ao que n'outro tempo me deram — eu senti sempre aquelle grande defeito do nosso grande poema: e nunca pude, por mais que buscasse, achar-lhe justificação não digo, nem se quer desculpa.» A. Garrett, *Viagens na minha terra*.

Ha differença bastante sensivel entre a preposição *de* e *desde*, que se póde observar no seguinte exemplo: *De então para cá tem havido bom tempo*, *e desde então para cá tem havido bom tempo*.

No primeiro caso, quer-se dizer que o tempo tem estado bom em certos dias, podendo ter havido apenas um; no segundo caso, quer-se mostrar que, a principiar n'um determinado dia e acabar em outro, tem havido continuadamente bom tempo.

2.ª SECÇÃO

A preposição *por* exprime tambem principio *d'onde*, equivale a *antes*, *anterioridade*. D'estas idêas podem-se deduzir as seguintes: *em logar de*, *em vez de*, *deante*, *contra*, *em consideração*, *em attenção*, *por causa*, *a favor*, *a fim*, *segundo*, *conforme*, e *como*. Estas deducções derivam-se das significações de *por*, que são *duas:* uma em logar de *por causa*, da preposição latina *propter*; outra da significação de *pro* latina, que significa *em logar*, *em vez*.

E' preciso evitar a confusão das particulas *per* em logar de *por*, já separadas, já quando usamos da antithese n'estas preposições, como *pel-o*, em logar de *pol-o*; pois é geral o erro, como se prova com a litteratura moderna. Assim diz-se: *Pelo amor de Deos*, em logar de *Polo amor de Deos*. Antes de provarmos a differença entre estas duas preposições com exemplos classicos, tractemos da etymologia d'ellas.

A preposição portugueza *por* [1] foi levemente modificada da latina *pro*, cuja fórma entra como prefixo de nomes e verbos, e *per* é a mesma preposição latina.

O sentido fundamental da preposição *per* consiste em marcar o movimento que se opera atravez d'um espaço ou

---

[1] Pertence ao falar commum o emprego da preposição *por*, com a relação de *referencia*, o que ella não póde exprimir. Assim, é vulgar o ouvirmos dizer, por exemplo,—tenho respeito *por* elle. Analysada esta expressão, grammaticalmente, vemos que a preposição *por* está aqui desempenhando uma relação errada; pois, n'este caso, devia ser a que póde exprimir a preposição *para*, seguida de *com*, e dizer-se — tenho respeito *para com* elle, denotando a phrase — *para com* — a relação de *referencia*, *relativo*, *ácerca*, *quanto*, isto é, significando a quem se refere ou se dirige o respeito do sugeito grammatical.

Sabido que a preposição *por* é uma inversão da preposição latina *pro*, vejamos agora o sentido d'esta particula, para conhecermos a differença entre ella e *per*. A preposição *pro* significa rigoro-

que se estende sobre um espaço; encerra pois, como a preposição *inter*, ou *entre*, a idêa d'um *meio*. Em composição, marca a occupação successiva de differentes ponctos d'um espaço, collocado entre dois ternos, e, portanto, uma acção que não se detem na superficie, nem em certas partes do objecto, mas que o atravessa de lado a lado, d'um fim ao outro, que o penetra totalmente; n'uma palavra, uma acção feita complectamente até ao fim. A acção de passar atravez d'um objecto, tem, muitas vezes, o effeito de o perturbar, de o desorganisar, de o despedaçar, de o collocar em estado de não servir, e, se é um ser animal, de o matar. Portanto, a significação primordial da preposição *per* denota *o meio que se interpõe para conseguir ou alcançar alguma coisa;* d'esta idêa principal deduz-se *transição*, *passagem*, *caminho illimitado*, *logar por onde*. A idêa de transicção e passagem determina a de *direcção;* d'esta a de *afastamento* e *distancia*. E como a coisa que se afasta, em primeiro logar diminue á vista e em seguida desapparece: deduzem-se as idêas de *privação* e *falta*. Do *afastamento* provém as idêas de *augmento*, *grandeza*, *força* e *intensidade*. E assim por deante as outras deducções logicas, servindo-nos do modelo que demos á preposição *a*.

Citemos agora a opinião dos nossos mestres, com cujos modelos podemos conhecer a distincção de significado entre as particulas *per* e *por*.

---

samente *deante, anterioridade*. Indica pois uma acção de collocar *deante, antes;* significa, algumas vezes, a acção de fazer sahir um objecto, total ou parcialmente, d'um espaço que aquelle occupava anteriormente, de o pôr em evidencia. Eis a significação local e temporal da particula *pro*.

Ora, como uma coisa, collocada *deante, antes* d'outra, serve-lhe de garantia, de protecção, esta preposição implica em si a idêa da *protecção*. D'aqui se deduzem as idêas já mencionadas.

Portanto, querendo exprimir a relação de *referencia* devemos usar, em regra, da preposição *para*, ou de *para com*, ou de *a*, empregando d'este modo o falar puro e genuino da lingua portugueza, e não empregaremos para tal fim a preposição *por*.

«Porque n'esse mesmo momento sereis amaldiçoados *polos* que salvastes e, cobertos de lôdo e injurias, sabereis que a plebe lança em poucas horas mais crimes na balança da eterna justiça, do que os tyrannos ahi bam lançado *per* seculos.» A. Herculano, *A voz do Propheta.*

«A nação esmagada *polos* reis tinha muito tempo gemido debaixo da sua miseria.» Idem, *ibidem.*

«Alargavas o ambito do coração *per* toda a terra, *per* tudo quanto n'ella vive e respira e davas-lhe para conquistar todas as existencias dos ceus.» Idem, *O Monasticon.*

«Sobre o prato, a quem se não contenta com o tanque, lança agua ás mãos um menino que se vê no meio, servindo-lhe de gumil uma cornucopia com que está abraçado, feita *per* tal arte que, estando bocca-arriba, lança egualmente agua *per* toda; que *por* vir repartida e espalhada, cai gotteando, e representa semear lagrimas ou derramar aljofres.» Fr. Luiz de Sousa, *Hist. de S. Dom.*

«No meio um boccal de poço, quadrado de boa pedraria, que, cheio de agua até lançar *per* fora, mostra ser fonte viva ou poço de aguas vivas, *pola* que em continuo movimento está crescendo e cursando.» Idem, *ibidem.*

«Porque se d'alli fosse estudando e dilatando *per* aquellas grandes regiões orientaes, tam çafaras dos meritos de sua redempção; e apagar aquelle fogo de Mahamed que se começava a accender, *per* todas aquellas partes.» João de Barros, *Decada* 2.ª.

«Por contrariar aquella segunda ordem determinou de o matar *per manhã.*» Idem, *ibidem* 4.ª.

«*Per* um momento a guerra dos deuses fez silencio em torno ao seu leito; e os atletas do Parnaso acharam no pei-

to lagrimas em vez de fel.» Rebello da Silva, *Biographia de Bocage.*

«Sabiam que o moribundo soltava entre suspiros os ultimos cantos, talvez os mais bellos *polo* sentimento e *pola* elevação.» Idem, *ibidem.*

«Esta mesma terra que agora estais pisando cobre os ossos de vossos companheiros, parentes e amigos, que a cada um de nós (me parece) estão chamando *por* seu nome, contando-nos as mortes e os feridos que d'estes homicidas receberam, esperando *per* vosso exforço poderem descançar vingados.» Jacintho Freire de Andrade, *livro*, 2.°.

«E se vos mando, filho, com esse soccorro a Diu que, *pelos* avisos que tenho, hoje estará cercado de multidão de turcos: *pelo* que toca a vossa pessoa, não fico com cuidado; porque por cada pedra d'aquella fortaleza arriscarei um filho.» Idem, *ibidem.*

«Com enxame de mosquitos e gafanhotos assolou Deus o Egypto armado de toda a sua cavallaria, e maiores demnos teem feito sempre no mundo as pragas d'estes bichinhos *por* muitos, que as baleias no mar, ou na terra os elephantes *por* grandes.» Vieira, *Sermões.*

«Foram prégar a fé uns *per* Italia; *per* Grecia, outros; outros *per* Hespanha; *per* Etyopia; *per* Armenia; *per* Arabia; *per* Esclavonia; *pela* India, *pela* Persia; *per* todo o universo.» João de Lucena, *Tom.* 2.° *livro* 6.°.

Pelos exemplos fica comprovada a differença entre uma e outra preposição, que nunca confundiram nossos classicos, quer antigos, quer modernos, dando a cada uma o emprego que lhe é proprio; por quanto a preposição *por* servia para designar, em geral, a causa por que alguma coisa se fazia; e *per* para denotar o *meio* e o *tempo* por que era feita.

No segundo exemplo de João de Barros, onde diz: — *Por contrariar*, tem a significação da locução — *por causa de contrariar*; e *per* manhã significa — *algum espaço de tempo de manhã.*

Visto que um espaço intermedio tem grande similhança com o *meio*, *instrumento* ou *modo* pelo qual se consegue um fim, d'aqui vem a origem da expressão *traspassado pela lança* e no sentido figurado *conhecer pela razão*, *elevar-se pelo talento*, *immortalisar-se pela illustração* e assim por deante.

3.ª SECÇÃO

A preposição *a* serve para significar um logar aonde se dirige immediatamente qualquer movimento ou acção sem tenção de parar n'um determinado poncto, como a setta arremessada ao alvo, v. gr: — Embarcou em Lisboa; dirigiu-se *a* França, *a* Italia, depois *ás* principaes povoações da America e d'aqui voltou para a sua terra natal.

De espaço de logar passou a significar o de *tempo*, como: «De Santa Monica se lê que *d* hora da morte lançou hũa grande benção a seu filho Agostinho.» Arraes, *Dial.*

Das grandes deducções, que se podem tirar d'esta preposição, já falamos anteriormente.

Como o termo d'um movimento e acção póde ser immediato ou remoto ou final, visto que o primeiro é aquelle em que se exercita uma acção, e os ultimos são aquelles a que se dirigem os termos da acção ou do movimento, tem a lingua portugueza as preposições *até* e *para*.

A particula *para*, alterada da antiga preposição *pera*, de que usaram nossos antepassados, é corrupção da antecedente *per*, e tem egual differença da preposição *a* que tinham entre os latinos as duas preposições *ad* e *in*. Portanto, exprime o *fim da acção*, *tendencia*, *inclinação*, *direcção*, *comparação*, *referencia*, *destinação* e ainda algumas outras deducções.

Exemplos: — «Ao tempo que D. Fernando chegou com esta boa preza, estava D. Gotterre *pera* cometter outro negocio *per* terra.» Barros, *Decada* 3.ª.

«Que succede ao baixel que sahe do porto forcejando contra o vento? Um bordo o leva *para* o levante, outro *para* o poente, um *para* o norte, outro *para* o sul.» Vieira, *Sermões*.

Para principiante não pintou mal este quadro.

Com os verbos de movimento, como *partir*, é de notar a applicação da preposição *a* ou *para*. Se dissermos: — estou a partir, — designamos proximidade, e dizendo: — estou *para* partir, designamos tenção.

Depois do que fica exposto, não será difficil o reduzir cada preposição ao seu significado proprio e natural, e d'uma relação geral deduzir gradualmente as differentes applicações, servindo-nos de modelo os auctores classicos e as pessoas doutas na lingua portugueza.

Já é sabido que um grande numero de vocabulos se combinam e jogam com a maior parte d'estas preposições e ainda com outras que deixamos de mencionar, tomando successivamente os sentidos que as mesmas lhes fazem adquirir e de que são susceptiveis.

CAPITULO XXIV

Adverbio

Recebem este nome as particulas invariaveis que se junctam aos verbos e a qualquer palavra susceptivel de determinação, como os appellativos, adjectivos e ainda os mesmos adverbios, para lhes modificar a significação vaga ou relativa, complectando-a ou restringindo-a.

A etymologia da palavra *adverbio* de *adverbium, ii* ad-

juncto ao verbo, não se deve tomar no sentido restricto, mas em toda a sua extensão, visto que o adverbio applica-se a qualquer palavra capaz de modificação.

Considera-se o adverbio, propriamente dicto, uma reducção da preposição com seu complemento em uma só palavra.

O vocabulo *aqui* concentra em si a preposição *em* e o seu complemento, que é *este logar*, equivalendo a dizer:— *n'este logar*. Esta theoria não se pode extender aos *nomes adverbiados* e ás *locuções adverbiaes*, de que tractam nossos grammaticos.

Vejamos agora as diversas funcções e significações de advervios, precedidos de suas etymologias e acompanhados das formas antiquadas já desusadas.

1.ª SECÇÃO

Adverbios de logar

Ubi, onde [1] *u* ou *hu*, *ulo*, *ula*, *ulos*, *ulas*....	Em o qual logar. Em que logar?
Alicubi, de *aliquo* e *ubi*, algures	Em algum logar.
Aliubi, de *alio* e	

1 «*Ulas* partes (onde as partes) que deixamos a Deus?—*Ulas* partes que damos á virtude?» Luiz de Sousa, *Vida do Arcebispo*.

Este adverbio *ula* é a forma *u* antiquada, á qual, sendo seguida dos determinativos *o, a, os, as,* os antigos escriptores entremettiam um *l* euphonico.

«E que communicando a V. Exc.ª estas cartas, chegara de mão em mão o que n'ellas se dizia a parte *ou* (onde).» Vieira, *Cartas*.

«Poderás tu levar meu filho á aquelle logar *hu* ha d'ir?» *Ined. de Alcob.*

ubi, alhures..	Em outro logar.
Nullibi, de *nullo* e *ibi*, nenhures	Em nenhum logar.
Hic, aqui.....	N'este logar.
Ibi, ahi.....	N'esse logar.
Deinde, d'ahi....	D'esse logar para deante; depois d'isto.
Illi ou *illic*, alli..	N'aquelle logar.
Hinc, áquem....	D'aqui, d'esta parte, onde estamos; isto é, para cá de certo poncto.
Alliunde ou *alibi*, alem.....	Da outra parte contraria.
Hac, cá.....	N'este logar.
Illa ou *illac*, lá..	N'esse logar.
Illác, acolá.....	N'aquelle logar.
Arriba, de *ad ripam*.....	No logar acima.
Circa, cerca....	Em torno, a respeito, quasi, juncto, ao pé, ao redor.
Intro, dentro....	Na parte interior, para a parte interior.
Ante, precedido da preposição *de*, deante.....	Na parte anterior.
Trans, atraz ou traz.....	Na parte posterior.
De sub, debaixo..	Na parte inferior, opposta aos logares *em cima*, *de cima*.
Fords ou *foris*, de *foris* (a porta) fora.....	Na parte exterior.
Longé, longe [1]..	Em grande distancia, tanto de espaço como de tempo.
Prope, perto....	Em pouca distancia.

1 Usamos ás vezes do adverbio *perto* como substantivo, e *longe* como substantivo e adjectivo, ex.: — Tem melhores os *longes* do que os *pertos*. Percorrer *longes* distancias.

Pertencem a este logar as seguintes expressões adverbiaes:—*ao pé*, da preposição latina *apud*; *arédo*, *arreo*, antigo e *a reque*, que ainda hoje se usa nos Açores, expressões derivadas do latim *vade retrò*.

Exemplos:—«E' mister pois que nestas associações se reunam todas as capacidades de todo o genero; que Richelieu não julgue descer quando se assenta *ao pé* de Corneille; que Beranger não julgue subir quando veio sentar-se *ao pé* de Guizot.» Almeida Garrett, *Mem. do Conserv. Real de Lisboa*.

«Pera se mortificar com esse saco, que faz uma tunica no corpo muitos dias trazida a deixava andar tanto *arreo*, que vinha a perder a conta d'elles.» Luiz de Sousa, *Vida do Arceb.* Tom. 2.º livro 4.º.

«*Arédo*, vá de nós o sestro agouro.» D. Franc. Man. *Sonet.*

Parece que a expressão adverbial—*arre*—de que usa o povo rude, equivalendo a querer significar com ella do seguinte modo:—*vae-te para longe*, eu te exconjuro—teve a mesma etymologia.

2.ª SECÇÃO

Adverbios de tempo

Quandó, quando	No tempo em que, em que tempo?
Semper, sempre	Em todo o tempo.
Nunquam, de *ne* e *unquam*....	Em nenhum tempo.
Tunc ou *hic tum*, entonce, entom, então.....	N'aquelle tempo.
Hac hora, agora	N'este tempo, n'esta hora, n'esta occasião.

Antè, ante, antes	Em o tempo antecedente, anteriormente.
Post, depois.....	Em o tempo seguinte.
Hodie antè, hontem	Em o dia antecedente áquelle em que estou.
Hodie, de *hoc die*, hoje	Em o dia presente.
In loco, *illicó*, logo.....	Em o mesmo instante.
Jam, já.....	N'este instante.
Indé, ainda.....	Até esta hora.
Cito, cedo.....	Em pouco tempo,
Agiliter, asinha [1]	De pressa.
Tardé, tarde....	Em muito tempo.

Fazem parte d'esta secção as seguintes expressões adverbiaes :—*n'isto*, variação indeterminada do adjectivo *este*; quer-se dizer, *n'este tempo*, *n'estas circumstancias*;—*d'aqui*, isto é, *desde já*, *desde agora*, tomando o *tempo* pelo *logar*, como succede em latim *dehinc*;—*d'ahi*, derivado de *deinde*, depois d'isto. São tão frequentes estas expressões que não carecem de exemplo para comprovar a significação que lhes damos.

3.ª SECÇÃO

Adverbios de quantidade

Tam, tam.....	Em tanta quantidade.
Quam, quam....	Em quanta quantidade.

1 Vai pedindo pelas portas
Por soes e chuvas caminha,
Trabalhos não a quebrantam
Com elles vai mais *asinha*.

Feliciano de Castilho, *Excav. Poet.*

Multum, mui, muito.....	Em muita quantidade.
Magis, mais.....	Em maior quantidade.
Minus, menos...	Em menor quantidade.
Paucus, adj. ou *paucies*, adverbio, pouco....	Em pequena quantidade.
Sat ou *satis*....	Em abundancia.
Pène, e prep. *ad*, apenas.	Com esçacez, com custo.
Quasi, quasi....	Como se, pouco mais ou menos, perto de.
Circa, cerca....	Pouco mais ou menos.

A phrase adverbial de quantidade muito usada no genero familiar—*nem chus*, *nem bus*, corrompida a segunda forma em *mus*, significa: — *nem mais*, *nem menos*. A primeira forma derivou-se do adverbio latino *plus*; e a segunda *bus* parece-nos um contraposto a *chus*.

A locução adverbial—*que farte*, pronunciada em nossas provincias do norte e nos Açores d'este modo:—Este anno ha de haver milho *cofarte* etc. formou-se do adverbio latino *fartim* e significa, tanto entre nós como na lingua materna, *bastantemente*, *assás*, ou *abundancia*.

4.ª SECÇÃO

Adverbios de modo, qualidade e outros

Sit subj. de *esse* ou *si*, sim....	Affirmativamente.
Non, não [1].....	Negativamente.

1 E' classico o emprego do adverbio *não* como particula affirmativa. Exemplo: — Quam differente *não* é do que parece aos olhos de fóra a profissão, o officio, o ministerio das lettras.» Feliciano de Castilho, *Mem. do Conserv. Real de Lisboa*.

Sic, aissim.....	Em tal maneira.
Quomodo, como..	Em qualquer maneira, de qualquer modo, pelo modo que. Porque modo?
Talis e *vicis*, talvez.....	Acaso, por ventura.
Quis sapit, quiça	Talvez.
Ecce, eis	Em presença, á vista.

Ecce illum, contracção de *ecoillum*, eil-o e as outras formas genericas e numericas de *eil-o*.

Enimvero, certamente, na verdade, em verdade.

Vejamos um exemplo da ultima phrase.

«*Em verdade* vos digo que tal crime é dos que Deus não perdôa; porque a ingratidão é porventura o mais horrendo de todos os peccados.» A. Herculano, *A voz do Propheta*.

Bond hora, embora. «Vai-te *embora*, ou na má hora.» Vieira, *Sermões*.

Os adverbios *benè*, bem, *malè*, mal, tem differentes funcções:

a) Como affirmação dos numeraes, ex.: — «Por ficarem estendidos per derredor da fortaleza *bem* dous mil corpos mortos.» João de Barros, *Dec.* 3.ª.

b) Como força augmentativa, reunido a outros adverbios, ex.:—«Um menino pobre e *bem* mal reparado de roupa.» Luiz de Sousa, *Vida do Arceb.*

c) Como affirmação dos comparativos, juncto a elles, ex.:—«O coração *bem* mais largo que as praias do occeano.» João de Lucena, *Vid. de Xav.*

d) Como força augmentativa, reunido aos positivos, ex.: — E' *bem* sabio o homem que apprendeu na eschola da experiencia.

e) Como affirmação de verbos, reunidos a estes, ex.: — *Bem* faz o estudante que toma por companhia os livros.

O adverbio *mal*, junto aos adjectivos e participios, dá-lhes força intensitiva. E' de sobejo o citarmos um exemplo.

«Sendo todos *mal* contentes, ingratos, murmuradores e descomedidos.» Vieira, *Sermões*.

A maior parte dos adverbios de qualidade formam-se dos adjectivos uniformes, e quando biformes da terminação feminina, junctando-se-lhes o suffixo *mente*, que é o ablativo de *mens, tis*, parecendo servir, ao principio, para designar o estado do animo de quem practicava a acção, o qual suffixo equivale á terminação adverbial da lingua materna *ter*, e por isso corresponde a *cum*. Assim, *prudentemente* equivale a dizer-se *com prudencia* ou *com animo prudente*.

A alguns adverbios de qualidade cabe-lhes esta significação; ha porem muitos que exprimem o *modo* por que alguma acção se practica como:—*impunemente*.

O adjectivo *bom* na forma feminina, quando accompanhado do suffixo *mente*, é precedido das preposições *á* ou *de*.

Citaremos um exemplo do primeiro por ser menos conhecido actualmente.

«Fazei que (a esmola) seja por suas vontades e não por força, e que a não tirem dos pobres, se não d'aquelles que *á boamente* a quizerem e poderem dar.» Vieira, *Sermões*.

Em muitos casos os adverbios de *modo* formam-se dos superlativos, reunindo-se-lhes *mente*, como: — «*Discretissimamente* o ordenou assim.» Idem, *ibidem*.

Ainda que, em geral, se possa reunir a particula *mente* ao ultimo adverbio de qualidade, quando se seguem muitos qualificativos na oração faculta-nos a rhetorica o reunirmos o suffixo *mente* a todos esses qualificativos, que-

rendo-se inculcar mais as idêas que denotam, como: — «Vivamos n'este mundo, diz o apostolo, *sobriamente*, *piamente* e *justamente*.» Idem, *ibidem*.

ARTIGO PRIMEIRO

Nomes adverbiados

A lingua portugueza possue um segundo modo de reduzir a menos expressão as preposições com os seus complementos, qual é o adverbiar os mesmos nomes não só por meio da ellypse pela qual se subintende a preposição ao nome que se quer adverbiar, senão tambem considerar o mesmo nome substantivamente, sendo adjectivo e na forma masculina. Este processo grammatical de adverbiar, é elegante e vernaculo como usam os latinos nas formas: — *continúo*, *raro*, *subitó*, *verò* e outras.

Os nomes adverbiados pelo uso, tanto substantivos, como adjectivos, são:

a) Para exprimir modificações do logar:—*alto*, *baixo*, *continuo*, *juncto*, *segundo* etc.

b) As do tempo:—*ora*, *subito*, *tarde*.

c) As de quantidade:—*muito*, *mais*, *menos*, *pouco*, *tanto*, *quanto*.

d) As de modo e qualidade: — *attento*, *bastante*, *barato*, *caro*, *certo*, *claro*, *conforme*, *bem*, *mal*, *melhor*, *peior*, *justo*, *rijo*, *só*; *falar alto*, *baixo*, *rijo*, quer-se dizer: —*em tom alto*, *baixo*, *rijo*; *comprar barato*, *caro*, quer-se dizer:—*em preço barato*, *caro* e assim por deante.

Vejamos alguns exemplos que podem servir de estudo.

Continúo, continuo, equivale a *continuamente*.

«Que a neve está *continuo* pelos montes,
Gelado o mar, geladas sempre as fontes.»

Camões, *Lusiadas*.

Frigide, frio, equivale a *vagarosamente*.

«O remo compassado fere *frio*
Agora o mar, depois o fresco rio.»

Idem, *ibidem*.

Junctim, juncto, equivale a *junctamente*.

«Tocada *juncto*, foi de modo e de ira.»

Idem, *ibidem*.

Rigidé, rijo, equivale a *asperamente*.

«Mais numerosos os de dentro, não menos barões e avantajados como gente de casa, precipitando-se *rijo*, arremessam ante si os portuguezes.» Feliciano Castilho, *Quadros Historicos*.

Subito, subito, equivale a de *repente*.

«Aira com que *subito* alterado
O coração dos deoses foi n'um ponto
Não soffreu mais conselho.»

Camões, *Lusiadas*.

ARTIGO SEGUNDO

Locuções adverbiaes

Ha a terceira forma de reduzir as preposições com seus complementos, a que os grammaticos dão o nome de formulas abreviadas das preposições com seus complementos, não pela concentração d'uma coisa e outra em uma só palavra, qual outro adverbio, nem pela suppressão da preposição como se faz com os nomes adverbiados, mas pela subintenção d'uma parte do complemento total.

A phrase—*com cegueira*—reduz-se a menos expressão ou pelo adverbio—*cegamente*—ou pela forma adverbial—*ás cegas*—que subordinada a uma analyse grammatical e subintendido o substantivo, equivale a dizer-se:—*ás apalpadellas cegas.*

E' sabido que o complemento d'uma phrase adverbial pode ser ellyptico, ou por ser um adverbio, ou por ser um adjectivo com o seu substantivo occulto, ou o substantivo com o seu adjectivo subintendido.

No primeiro caso, são formas adverbiaes todos os adverbios de logar e de tempo, quando vem acompanhados d'uma ou mais preposições para os determinar como:—*Aonde*, *abaixo*, *ácerca*, *afora*, *atequi*, *atelli*, *aonde*, *d'aqui*, *d'alli*, *desde alli*, *desde aqui*, *de fora em fora* [1], *d'antes*, *de traz*, *por de traz*, *de cima*, *em cima*, *por de cima*, *para onde*, *abaixo*, *debaixo*, *por baixo*, *ante hontem*, *trazantehontem*, *adeante*, *para deante*, *em deante* e outros.

Do segundo modo são formulas adverbiaes as seguin-

---

1 Este adverbio tem elegantissimo emprego na mui portugueza phrase:—*de foz em fora*, isto é, sahindo da fóz em direcção ao mar. Egualmente é vernacula, quando queremos denotar que alguma coisa passa já ou vai fora de todos os limites, a seguinte phrase:—*Isso vai de fóz em fóra*—figuradamente falando.

tes:—*Afim*, *emfim*, *de sorte*, *porque*, *a torto e a direito*, *ás claras*, *ás escuras*, *de improviso*, *de mais a mais*, *em continente*, *em vão*, *debalde*, *por de mais*, *sobremaneira* ou *sobre modo*, e assim por deante.

Os latinos tambem possuem locuções adverbiaes, formadas do ablativo de nomes, regidos de preposições, que em portuguez, por ser uma das formas mais classicas, ainda hoje usamos, taes como: — *de espaço*, *de vagar*; — *de feito*, *de facto*, effectivamente; — *de força*, forçosamente; — *de maravilha*, raras vezes; — *de morte*, mortalmente; — *de pancada*, subitamente; — *de rijo*, rijamente.

Para se poder ver o quanto a lingua portugueza alcança em ponctos de locuções adverbiaes, parece-nos de sobejo o darmos uma succinta idéa nos seguintes exemplos:

«Assy os commettiam *de rijo* que alguns hi avya que de boamente leixavam [1] a parte d'aquelle ganho.» Azurara, *Chron. do Descobr. e Conq. de Guiné.*

«Não me esquecia *de todo* d'ellas (as cartas); mas deixo-as para que no fim das mais sejam melhores recebidas.» Heitor Pinto, *Dialogo.*

«Com que chegaram ao logar de tomar terra e virem a bote de lança, e (como dizem) *mão por mão*.» João de Barros, *Decada* 3.ª.

«E este pensamento trouxe-me *pouco e pouco* á memoria as tempestades do passado.» A. Herculano, *Monasticon.*

«Alli *só por só* com o seu novo amante.» Vieira, *Sermões.*

---

[1] *Leixar* deriva de *leixare* pertencente ao latim barbaro, que significa *affrouxar*, *alargar*, *desapertar*, *abrandar*, *aliviar*.

«No acontecimento, que vai ser geral, ha dois pontos, *sobre maneira* arriscados, a torre ambulante e a despenhada subida do norte; aos seus experimentados portuguezes confia.» F. Castilho, *Quadros Historicos.*

«Choviam de cima os penedos, que, rodando disparidos para todos os cabos, tomavam alguns da gente, com a qual se iam de *tombo em tombo* mergulhar no fundo do valle.» Idem, *ibidem.*

«O somno parecia n'elle unicamente o entorpecimento das forças physicas exhaustas, e não o repouso do espirito; porque *de quando em quando* os membros se lhe agitavam por estremeção violento, ou entreabrindo os olhos movia os labios como tentando falar, mas sussurrava apenas alguns sons inarticulados e cahia *de novo* em torpor que não tardava em ser outra vez interrompido.» A. Herculano, *O Monasticon.*

«A luz dos fachos mal allumiava aquelle recanto afastado; mas n'essa meia claridade branquejavam roupas alvas de mulher, que tambem parecia agitada por sonhos dolorosos, se é que o seu gemer *de espaço a espaço*, o soluçar continuo, o agitar-se *de instante a instante* não eram antes indicios d'essa modorra febril, d'essa hesitação entre o dormir e a vigilia, similhante ao arquejar do moribundo que já perdeu a consciencia da vida que vai fugindo.» Idem, *ibidem.*

CAPITULO XXV

Conjuncção

Derivado este vocabulo de *conjunctio*, união, ajunctamente, serve para exprimir as relações de *nexo* e *ordem*, que as orações tem entre si, para fazerem um sentido to-

tal. De modo que, as conjuncções teem a propriedade de ligar as preposições em membros, os membros em periodos e os periodos em um discurso seguido e continuado.

Em rigor, ha em portuguez apenas as seguintes conjuncções: *cá* [1] conj. ant. em vez de *que*: *e*, *mas*, *nem*, *ou*, *pois*, *porem*, *que* e *se*. Porem, como tão poucas conjuncções não podiam indicar as variadas relações, que as preposições podem ter umas com outras, sobretudo as de ordem e subordinação, tornou-se preciso preencher esta lacuna com phrases ou locuções conjunctivas e que são, em geral, as que terminam em *que*, preparado e conduzido por adverbios e outras palavras que se prestaram a uma significação conjunctiva, taes como:—*bem que*, *se bem que*, *tanto que*, *desde que*, *como quer que*, *afim de que*, *porque*, *posto que*, *visto que*, *bem intendido que*, *tanto mais que*, *com tanto que*, *menos que*, *ainda que*, *de sorte que*, *assim que*, *logo que*, *pelo que* e assim por deante.

Comtudo, é preciso notar que uma palavra, considerada nome ou adverbio, não pode mudar de especie, salvo se quizermos anniquilar todas as idêas de etymologia e confundir arbitrariamente as classes elementares das palavras.

Todas as orações, quer simplices, quer compostas, quer incomplexas, quer complexas, logo que se combinem e ajunctem para fazerem todas um sentido total, teem indispensavelmente relações naturaes entre si, as quaes são marcadas pelas conjuncções.

Conforme a divisão ou classificação que os grammaticos costumam fazer d'esta especie de palavras, assim pas-

---

1 A conjuncção *cá* ou *quá* bastante antiga, deriva de *quare*, porque Duarte Nunes de Leão, na sua Orth., diz que em vez de *cá* se devia escrever—*quá*, por onde se revela a origem que lhe damos.

«Conselhou a el Rey que nom perdesse D. Diogo Lopes de Bizcaya, *cá* lhe era muyto compridouro para seus menesteres.» *Nobiliarchia do Conde D. Pedro.*

saremos a tractar das mesmas, sem nos determos com explicações, senão com uma ou outra, as quaes estão fora do assumpto de nosso trabalho.

1.ª SECÇÃO

As *copulativas* são affirmativas ou negativas, como:

Et, e, *nec*, nem, as quaes variamos com as phrases conjunctivas *e que tambem*, *e bem assim*, *outro sim*.

«Uma coisa vos confessarei eu, snr. Leonardo (disse D. Julio) que os portuguezes são homens de ruim lingua, *e que tambem* o mostram em dizerem mal da sua...» Rodrigues Lobo, *Côrte na aldeia*.

«Pompas e ventos, titulos inchados
Não dão descanço, *nem* mais doce sono.»

Ferr. Castro, *Acto* 2.º.

2.ª SECÇÃO

As *disjunctivas* são apenas uma em portuguez *aut*, ou; mas, para não cahirmos em monotonia, variamos a expressão com as palavras *quer*, correspondente ao latim *vel*; *nem* neque, de *ne*, e *que*; *agora*, hac hora; *já*, jam; *ora*, contracção de hac hora; e *quando*, quando.

«Medicos e Quevedo não se podem ajunctar em um proprio caso, e menos em uma casa propria: — *ou* eu, *ou* elles havemos de assistir n'este congresso.» D. Francisco de Mello, *Hospital das letras*.

«Não lhe escapando ninguem, *quer* por terra, *quer* pelo rio, que não roubassem e matassem.» *God. Rel.*

«A viagem da Bahia está hoje tam facilitada nas melhores monções, que sam as de dezembro até março, que se pode tomar como quem passa o Tejo; e os achaques de v. ill.ma não podem achar em todo o mundo, *nem* ares mais benignos, *nem* clima mais propicio.» Vieira, *Cartas*.

Agora lhe pergunto pelas gentes
De toda a Hesperia ultima, onde mora
Agora pelos povos seus visinhos
Agora pelos humidos caminhos,

Camões, *Lusiadas*.

«*Ora* lhes era forçado tomar as armas entre os dentes, debruçar e valer das mãos para trepar: *ora* ir fincando pelo resvaladiço do solo as pontas das lanças.» F. Castilho, *Quadros Historicos*.

«Aqui deu D. Alvaro mostras do seu valor e accordo, inflammando os seus na peleja, *ja* com palavras, *ja* com o exemplo de suas obras.» J. Freire, *Castr*.

«Tem posto e assignalado (os japões) um dia certo, no qual per todas as ilhas se deixem as roupas de um tempo, e tomem as do outro, de tal maneira, que todos á uma amanhecem vestidos, *quando* de verão, *quando* de hynverno.» J. de Lucena, *Vida de Xav*.

3.ª SECÇÃO

As *explicativas* são representadas pelas formas *como*, cum; *não só*, non solum; *senão*, sed etiam; *assim como*, quemadmodum; *assim*, sic; *quanto*, quantum; *tanto*, tantum; e as locuções conjunctivas, *a saber*, *isto é*, *de sorte que*, *por tal que*, *certo que*, *mormente*, *principalmente* e outras.

Exemplo para o explicativo *como*:

«*Como* aquellas faces lividas e macilentas, encovando-se, pintam a angustia! *Como* aquella bocca suminuo nos labios contrahidos o corte da aguda dôr, exprime o exforço da alma sobre o corpo! *Como* os cabellos desalinhados, longos e pendentes sobre a pallida e rasgada fronte, aberta ao genio, similham um véo funebre em jaspe sepulchral!» Rebello da Silva, *Bioag. de Boc.*

«O ministro que se não contenta com a graça, e alem da graça, quer outra mercê, *não só* é indigno da mercê, *senão tambem* da graça.» Vieira, *Sermões.*

«*Assim como* no echo, quando se bate entre montes, o tom é em uma parte e em outra a pancada:—*assim* nas adulações do lisongeiro o tom é em vossos louvores, mas a pancada em seus interesses.» Heitor Pinto, *Imag.*

«*Assim como* o homem bem educado ha de em sua casa e deante de sua propria familia andar sempre em trajes senão tão elegantes e faustosos como os que leva á rua e á sociedade, ao menos compostos e decorosos, *assim* tambem se ha de habitualmente, e ainda com as pessoas mais intimas e familiares, guardar a decencia e compostura das maneiras.» Latino Coelho, *Encyclopedia.*

«*Quanto* estas honras eram maiores, *tanto* mais violentado se sentia o arcebispo em Roma.» Luiz de Sousa, *Vid. do Arceb.*

Com o adverbio *tanto* (tão) o segundo termo da comparação é representado umas vezes por *quanto* e outras por *como.*

«E se á lingua hebrêa, pola honestidade das palavras, chamaram sancta, certo que não sei outra que tanto fuja das palavras claras em materia descomposta, *quanta* a nossa.» Rod. Lobo, *C. na aldêa.*

«Os amigos leaes, quando pelejam, tanto se ferem uns *como* outros.

Ainda que desusado, empregavam nossos classicos *que* em logar de *como*.

«As causas d'este genero não sam para muito discutidas, principalmente onde a honra, como vidro, egualmente é nitida *que* fragil.» Man. Bern. *Nova Flor*.

4.ª SECÇÃO

As *continuativas* são apenas uma e vem a ser *pois*, de *post*, contracção de *posito hoc*, posto isto, estabelecida esta coisa. Mas o vocabulo *ora*, que é o mesmo que *agora*, sendo um nome adverbiado de tempo, já serve de disjunctiva, quando é repetida; já de continuativa quando é só; e tambem temos as formulas *continuativas*, como: — *mais*, *na verdade*, *de mais*, *quanto ao mais*, *alem d'isto*, *com effeito*, *assim mesmo*, *de mais a mais* etc.

«Qual é mais antigo no mundo, o conselho ou o papel? *Pois* assim como n'aquelle tempo se faziam os conselhos sem papel, porque se não poderão fazer agora?» Vieira, *Sermões*.

«D'esta gente refresco algum tomamos
E do rio fresca agua; mas comtudo
Nenhum signal aqui da India achamos
No povo, com nós outros, quasi mudo:
Ora, vê, rei, quammanha terra andamos
Sem sahir nunca d'este povo rudo,
Sem vermos nunca nova, sem signal
Da desejada parte oriental.»

Camões, *Lusiadas*.

«Querem honrar as virtudes dos sanctos com vicios, com outros, e comedias e festins descompostos, e immoderações no comer e cantares profanos. Semelhante zelo é fo-

go que prende em materia mui grossa e verde; por isso dá chamma tam escura e turbada.

«*Mais.* Não é zelo verdadeiro o que pretende reformar os outros sem começar por si a reforma...

«*Mais.* Não é zelo discreto o que começa primeiro pelos extranhos do que pelos domesticos em quem tem poder, e de quem deve ter mais cuidado.» Man. Bern., *Luz e Calor.*

«*Na verdade* que quem ler por este classico (João de Barros) admirará n'elle uma tal abundancia de termos cheios de propriedade e energia, uma tal affluencia de expressões genuinas, nascendo tudo d'um estylo claro e correcto, que jámais se animará a negar-lhe o justo titulo de primeiro mestre da lingua portugueza.» F. J. Freire, *Cand. Lusit.*

5.ª SECÇÃO

As adversativas são: *mas*, sed, que é sempre prepositiva, *porem*, veró, que pode ser prepositiva ou postpositiva, e *senão*, nisi, em logar de *excepto* nas preposições affirmativas.

«O amor e amizade verdadeira não nas bonanças, *mas* na adversidade se conhece.» Moraes, *Palmeirim.*

«Foram enterrados junctos, pola estreiteza do logar e do tempo; faltando funebres honras e piedosas lagrimas a tam honradas cinzas: *porem* dormem (ou dormem *porem*) com saudade maior da patria, em humilde jazigo, que aquelles que, em urnas de alabastro, deixaram d'uma vida sem nome ociosa memoria.» J. Freire de Andrade, *V. de D. João de Castro.*

«Andava o mar tão alevantado, que soçobrou o esqui-

fe e todos se salvaram, *senão* (excepto) elle.» João de Barros, *Decada* 2.ª.

Estas conjuncções são substituidas, ás vezes, pelas phrases conjunctivas:—*todavia*, *ainda assim*, *comtudo*, *isto não obstante*, *sem embargo de* e ainda algumas outras.

Citemos um exemplo para a primeira locução, que servirá de norma para as outras.

«Não é facil conhecer quaes sam os aduladores, e quaes os amigos deveras; *todavia* se conhecem uns dos outros nas adversidades.» Vieira, *Sermões*.

6.ª SECÇÃO

As *condicionaes* são duas: — uma simples *se* si, para as preposições affirmativas; *se não*, si non, para as negativas. Quando as condicionaes são tambem dubitativas, costumam-se ajunctar ao *se* as phrase adverbiaes, *acaso*, *porventura*.

«Que aproveita uma figueira estar carregada de excellentes figos, *se* ella está em uma rocha entre tam fragosas penhas que ninguem lhe pode chegar?» Heitor Pinto, *Imag.*

«Nenhuma sciencia se aprende fundadamente, *senão* em escholas, onde a conferencia e emulação põem esporas, e aviva os engenhos.» Luiz de Sousa, *Hist.*

Ha para o mesmo effeito os adverbios:—*como*, *quando*, *não* e as formulas *salvo se*, *com tanto que*, *excepto que*.

«A cubiça se emprega nas mais humildes e indignas coisas da terra, *como* d'ellas possa tirar fructo o cubiçoso.» Vieira, *Sermões*.

7.ª SECÇÃO

As causaes são:—*porque*, per quod, ou per quae e *pois* post, formado e contrahido de *posito hoc*.

«Perguntado Xenocrates—porque causa se fazia mudo? —respondeu:—*Porque* muitas vezes me pezou de haver falado e nunca de me ter calado.» Heitor Pinto, *Imag.*

«Este povo, que é meu, por quem derramo
As lagrimas que em vão cahidas vejo,
Que assaz de mal lhe quero, *pois* que o amo
Sendo tu tanto contra meu desejo.»

Camões, *Lusiadas.*

Nossos classicos empregam frequentemente *que* em vez de *porque*, derivado de *quia*.

«Porque livrais, Senhor, não sómente a mim; *que* não são vossos poderes e liberdades tão limitados; mas a todo o vosso povo.» Paiva, *Sermões.*

«Para curar as lagrimas da sem razão, que remedio lhe havemos de dar, *que* ellas não teem causa.» Vieira, *Sermões.*

Alem d'estas causaes temos:—*como* e as formulas conjunctivas:—*por isso*, *por quanto*, *visto que*, *pelo muito que*, e ainda outras.

«*Como* nós temos tudo de Deus, justo é lhe refiramos toda a gloria de nossas acções.» João de Lucena, *Vid. do Arceb.*

«O secretario escrevia as cartas para os ausentes, e o

historiador escrevia as memorias para os futuros. *Por isso* geralmente nas Historias Sagradas achamos livros e epistolas.» Vieira, *Sermões*.

8.ª SECÇÃO

As *conclusivas* podem ser ou logicas, deduzidas d'um raciocinio precedente, ou simplesmente locaes. Para o primeiro caso temos: *pois*, post, *logo*, in loco, e as phrases conjunctivas: *por tanto*, *por onde*, *por conseguinte*, *pelo que*, *assim que*, etc.; para o segundo caso temos as formulas conjunctivas: *emfim*, *por fim*, *em conclusão*, e outras.

«Nosso principe é bom humano; podeis *pois* implorar sua clemencia.» Vieira, *Sermões*.

«Os peixes não batem moeda no fundo do mar, nem teem contractos com os homens d'onde lhes possa vir dinheiro: *logo* a moeda que este peixe tinha engolido era d'algum navio que fizera naufragio n'aquelles mares.» Vieira, *Sermões*.

Por tanto, o rei, de quem com puro medo
O corrente Mulucha se congela,
Rompe toda a tardança, acude cedo
A miseranda gente de Castella.

Camões, *Lusiadas*.

«Nada se pode fazer a si mesmo... sendo notorio que egualmente é necessario não ser a coisa que se ha de fazer antes que se faça, e ser a que a ha de fazer, pera que a faça. *Por onde* se alguma a si mesma se fizera junctamente fôra e não fora.» João de Lucena, *Vid. de Xavier*.

«Indignado o espantoso e immenso oceano, per mui-

tos mil annos não consentiu que lhe descobrissem os homens suas carreiras, reclamando com as suas graves tormentas e ventos encontrados, dando a muitos nobres e valentes preciosas sepulturas no profundo de suas temerosas aguas. Mas *emfim* per varios casos, com singular fortuna, triumpharam d'elle os portuguezes.» Am. Arraes, *Da gloria e triumpho dos portuguezes.*

«Eu e os meus desejamos e nos alegramos summamente com todo o bom successo, pola antiga amisade e boa correspondencia que sempre a nossa casa teve com a d'estes fidalgos; que *por fim* recommendo a v. mercê, como se a causa de ambos fôra de meu irmão e sobrinho.» Vieira, *Cartas.*

«*Em conclusão*, Senhor, que não tenho que pedir a v. mercê, nem a minha dôr, nem o meu desejo, nem o de todos que tanto padecem, e no voto e efficaz amparo de v. mercê teem posto, em grande parte, a sua confiança.» Idem, *ibidem.*

9.ª SECÇÃO

As *circumstanciaes*, a que alguns grammaticos tambem chamam *periodicas*, são os adverbios conjunctivos:—*como*, cum ou quum, *quando*, quando e as phrases conjunctivas: —*depois que*, *tanto que*, *eis que*, *em quanto* e outras.

«Fôra um domingo prégar (o arcebispo de Braga, D. Fr. Bartholomeu dos Martyres) *como* costumava a um logar do termo, e vinha-se recolhendo para o convento:—encontrou pelo caminho muitos pobres que o esperavam em paradas.» Luiz de Sousa, *Vida do Arceb.*

«*Quando* o pensamento repousava, adormecia e se depositava nas immensas paginas de pedra, eram os monumentos a phrase d'uma e outra. Já o vimos. *Quando* o predominio das lettras se estabeleceu, uma e outra acharam-e

tiveram phrase nova. Representava-se um homem, *quando* o livro, pequeno, era tam grande como o acontecimento que enchia o seculo; *quando* o homem, morredoiro, era tam immortal como os resultados d'esse acontecimento. Já o vimos tambem.» Mendes Leal, *A poes. e a Hist.*

«Não posso fazer estas regras senão por mão alheia; é o estado em que a minha convalescença me tem posto *depois que* aos meus achaques se ajunetou o sentimento do desgosto de V. Exc.ª... Vieira, *Cartas.*

«Não foi descuidada a boa velha, que do longe, e muito antes da hora aprasada, estava com olhos de lince na janela: — *tanto que* reconheceu o arcebispo n'ella...» Luiz de Sousa, *Vid. do Arceb.*

«Descendo a lavar os pés do pó do caminho nas margens d'um rio: *eis que* o investe um grande peixe com a bocca aberta.» Vieira, *Sermões.*

«Jurei obedecer-te cegamente, *em quanto* não salvassemos a irmã de Pelagio.» A. Herculano, *Monasticon.*

10.ª SECÇÃO

As *concessivas* são representadas pela palavra *embora* boa hora, e pelas phrases conjunctivas: — *ainda que*, *com quanta*, *dado que*, ou *dado o caso que*, *posto que* e outras.

«Não prostituas a tua lingua; é a lingua d'um ministro de Deus humilde da cruz! Fala *embora* de mim, se isso é necessario á terra em que nasci....» Silveira Malhão, *Sermões.*

«Converter uma substancia em outra, *ainda que* seja um grão de ouro em um grão de areia, nem todos os reis do mundo juntos o podem fazer.» Vieira, *Sermões.*

CAPITULO XXVI

Interjeição

Dão os grammaticos este nome, derivado de *interjectio*, ás particulas, a maior parte monossyllabas e aspiradas, que exprimem os transportes da paixão, com que a alma se acha impressionada.

É difficil, se não impossivel, designar as differenças especificas de cada uma das interjeições, visto que teem modos de ser tão variados, ligeiros e fugitivos, como os movimentos interiores do coração do homem. Em regra, pode-se dizer que mais indicam só o estado de commoção em que se acha a alma e que as circumstancias determinam, já a uma paixão, já a outra.

Alguns grammaticos chamam interjeições a estas palavas:—*alto*! *animo*! *fóra*! *Jesus*! a *Deus*! por se empregarem interjectivamente.

Tambem se consideram especies de interjeições as seguintes formulas de jurar, de que nos servimos, que são formas latinas, taes como:—*assim eu seja feliz*, *itá sim felix*; *assim eu viva*, *itá vivam*; *assim Deus me ajude*, *itá mihi velem Deos propicios* e outras.

Agora vejamos as interjeições mais apropriadas para certos affectos.

UNICA SECÇÃO

A interjeição *ó* do latim *ó*, exprime: o desejo, exemplo:

«Todos os que desejam, se o affecto rompeu o silencio, e do coração passou á bocca, o que pronunciam naturalmente é *ó*.» Vieira, *Sermões*.

Serve para exclamar, ex.:

«*Oh*! vida... Ah quam comprida
Do tempo, antes do tempo, consumida!»

Fernão de Alvares, *Tom.* 1.º.

Juncta-se a interjeição *oh* como determinativo *que*, ex.:

«*Oh que* entremezes da fortuna! *Oh que* tragedias do mundo!» Vieira, *Sermões.*

Hui, do lat. *hui*! exprime admiração, ex.:

«*Hui*! Tambem lá chegam esses desmanchos!» D. Francisco de Mello, *Hosp. das lettras.*

Sus, do adverbio latino *sus*, para cima, serve de animar e exhortar.

«Vendo Jorge d'Albuquerque, este alvoroço ser a verdadeira conjuncção que os negocios da guerra querem, por a não perder, disse contra os capitães:—Pois que nos Deus chama, *sus*, senhores, a elles.» João de Barros, *Decada* 3.ª

Eia deriva do imperativo de *ago*, *age* e *agite*, serve para excitar e exforçar, ex.:

«*Eia*, senhores e irmãos meus, a elles, a elles.» Fern. Mend., *Peregr.*

Holà ou simplesmente *oh*! do latino *eho* serve para chamar.

«*Holà*! Velloso amigo, aquelle outeiro
He melhor de descer que de subir.»

Camões, *Lusiadas.*

Apre! do latim *apage*, arreda, fóra d'aqui, de si.

É tão vulgar que não carece de exemplo.

Mau! de *malum*, exprime agastamento.

É commum o dizermos: *Mau!* já não estou gostando da conversa, e outras formas analogas.

Irra, contracção do plebeismo *arre*, que se deriva, como já dissemos, da phrase latina *vadé à rétro*, cuja adopção é vulgarissima na linguagem commum.

Hein, *ham*, do latim *hem* serve para perguntar uma coisa que não se percebeu. A gente illustrada emprega a primeira expressão; o povo rude a segunda.

Não carece de exemplo.

Mal peccado, proveniente de composição latina, exprime pezar e arrependimento; equivale a dizer-se: —*por nossos peccados*.

Tambem é commum o seu emprego.

Ai de mim, *de hei mihi*, exprime dôr, como:—*ai de mim!* que sou infeliz!

Oxalà d'uma composição arabe *enxà*, *Allah*, - queira Deos, se Deos quizer. E' uma voz composta da particula *en*, se, do verbo *xa*, querer, e *Allah*, Deos; exprime desejo.

«Uma vez escrevi minha *Critica*, emendando e melhorando (mais que accusando) aos auctores; e, por uma vez que fiz tal livro, sinto-me arrependido:—*oxalà* o não tivera feito! porque não ha coisa mais sem proposito para curar de proposito a quem não quer saude.» D. Francisco de Mello, *Hosp. das letras*.

Eis aqui o maior numero de interjeições da lingua portugueza. Omittimos as que são complectamente desusadas, que se podem encontrar em Gil Vicente e outros escriptores antigos.

TERCEIRA PARTE

CAPITULO XXVII

Pronunciação

Os grammaticos dão o nome de *prosodia* ou *orthoépia* ao tractado, em geral, da pronunciação das palavras. O primeiro termo é formado de duas palavras gregas:—*pros*, segundo, para; e *ode*, canto:—tom em que devem enunciar-se as palavras, modulado pelo accento e quantidade; e segundo, tambem é formado do grego, *orthos*, recto e *epo*, eu digo, eu falo:—tractado da recta prolação das palavras.

Para se obter uma pronunciação, é preciso distinguir e conhecer os sons fundamentaes da lingua, os quaes se dividem em duas classes:—*vogaes* e *consoantes*.

As vogaes podem ser *oraes* e *nasaes*. Chamam-se *oraes*, porque sai todo o ar sonoro pelo canal direito da bocca; *nasaes*, porque parte d'elle sai pelo mesmo, e outra parte, refluindo pelo canal curvo, que communica da garganta com o nariz, sai pelas duas aberturas das fossas nasaes, o que faz distinguir o som puramente oral do nasal.

Os sons fundamentaes da palavra são produzidos todos na cavidade da bocca, pelo ar projectado dos pulmões,

e teem differentes qualidades consoante o logar d'essa cavidade em que são produzidos. Estas vozes formam-se em consonancias pelo movimento oscillatorio das partes da bocca, quando reprezam a voz e de subito a soltam. A cavidade da bocca pode ser tocada em differentes ponctos e aberturas, desde a sua extremidade interior até á exterior, e d'aqui a variedade de vozes. Mas ha cinco ponctos principaes em que se opera essa producção: a garganta, onde se formam as consoantes chamadas gutturaes, *k*, *g*, *h* e a vogal *u*; o palato, onde se formam as palataes, que são, em nossa lingua, as consoantes *j*, *ch* e a vogal *i*; a lingua, onde se formam as linguaes *r* e *l*; os dentes, onde se formam as dentaes *t*, *d*, *n*, *s*, *z*; os labios, onde se formam as consoantes labiaes *p*, *b*, *v*, *f* e a vogal *u*. As vogaes *e*, *o*, intermedias respectivamente entre *u* e *i*, *a* e *u*, são tambem operadas em ponctos intermedios.

E' opinião segura que o vocabulario portuguez passa de 40:000 palavras, formadas pouco mais ou menos de 1:800 syllabas portuguezas, e estas constituidas de 41 sons elementares differentemente combinados.

A medida da duração, maior ou menor, que damos á pronunciação de qualquer syllaba, duração que é toda relativa como existe em as notas da musica, em que uma é mais longa comparativamente a outra que o não é, recebe o nome de *quantidade*; e á maior ou menor elevação ou aspiração relativa com que se pronunciam as vozes, originada de mais ou menos grau de intensidade de som, chama-se *accento*.

Estas modificações *prosodicas* são formadas no orgão da glottis, em que se termina o tubo interior da *trachia arteria* e onde se forma o som, que pode ser produzido das seguintes formas: — *mais breve*, se a fisga da glottis está aberta pouco tempo; *mais longo*, se está aberta mais tempo; *mais grave*, se as cordas da glottis se se tornam menos duras; *mais agudo*, se se entezam mais; *menos aspirado*, se deixa passar menor volume de ar; *mais aspirado*, se o volume de ar é maior.

Por onde se vê que a mesma differença, que ha entre

um som mais ou menos intenso e um som mais ou menos extenso, existe tambem entre o *accento* e *quantidade* d'uma syllaba. A syllaba pode ser longa e tão extensa como duas breves, e todavia não ser intensa, como se tivesse o accento agudo. Assim, *orgão* tem a ultima syllaba longa, visto que é um diphthongo, e não obstante, o seu som não é tão intenso e agudo como o da primeira syllaba tambem longa.

Portanto, é notavel a differença entre o *accento* das syllabas e sua *quantidade*.

As consoantes tomam os nomes dos orgãos vocaes d'onde provêm as articulações que representam, e são as seguintes:

a) *Labiaes*, *b*, *p* e *m* por serem produzidas por ambos os labios que se junctam para interceptar a voz e se abrem para a soltar.

b) *Labiaes dentaes*, *f* e *v*, por serem produzidas pela intercepção do labio inferior com os dentes superiores.

c) *Consonancias linguaes* por serem formadas pela lingua que, para interceptar e tapar a voz, ou faz encontro na sua extremidade interior contra a garganta, ou na exterior contra os dentes superiores, ou no meio contra varias partes do paladar, a que vulgarmente se chama *ceo da bocca*: do que resulta duas divisões, a saber—*linguaes gutturaes g*, *c*, e *linguaes dentaes*, *d* e *t*.

d) *Linguaes palataes*, divididas: em *sibilantes*, por fazerem uma especie de assobio, o qual é produzido na fisga dos dentes pela ponta da lingua como no *s*, quando tem vogal deante; em *chiantes*, porque a lingua, apoiada em toda a sua circumferencia contra as gengivas superiores, deixa escapar por ella e pela fisga dos dentes o ar coado com este som. Os quatro graus de maior ou menor quantidade de ar e de maior ou menor fôrça, com que ahi o intercepta, produzem quatro differenças, que o ouvido sente em as nossas quatro *palataes-chiantes*, *s*, quando não tem vogal deante, (sciencia); *x*, (xara); *j*, (jarra); e *ch*, (charrua).

Algumas *linguaes palataes* apresentam um som nasal, visto que a lingua, fincando a ponta contra a entrada

do ceo da bocca, comprime ao mesmo tempo os musculos da cortina do paladar, e portanto preso o ar d'este modo, ao largar-se, reflue, parte pelo canal do nariz e parte pela bocca, como:—*n* e *nh*.

As *linguaes palataes* podem ser puramente *palataes*, *palataes puras fortes*, *palataes tremulantes liquidas*, *palataes tremulantes fortes*. Se a lingua, estendendo-se em toda a sua extensão e sustentando-se em roda contra as gengivas dos dentes superiores, deixa passar o ar ao longo d'ella e de todo o ceo da bocca; e se, tapando o ar em roda, o deixa sahir com um golpe de sua ponta n'aquella parte do ceo da bocca, que se approxima aos dentes incisores de cima, produz então a *palatal pura liquida l*;—se o desintercepta ao mesmo tempo em toda a sua redondeza produz a *palatal pura forte lh*;—se a lingua, formando dois arcos oppostos entre si, não intercepta complectamente o ar, e este, sahindo por sucussos, causa em sua ponta um movimento tremulo, ou trinante, é a nossa *palatal tremulante liquida r*;—e se o trinado se faz em todo o comprimento da lingua e com maior força, é o *palatal tremulante forte* ou dois *rr*.

A melhor e mais racional pronunciação das consoantes é dar a estas vozes o seu valor proprio e uniforme da seguinte maneira: —*fe*, *gue*, *che*, *je*, *le*, *me*, *ne*, *re*, *se*, *xe*, e não —*éfe*, *gé*, *hagá*, *jota*, *ele*, *eme*, *erre*, *esse*, *xis*. Para se comprovar o erro de pronunciação da ultima forma, examinemos a palavra *nomenclatura*. Se a cada consoante lhe dermos a pronunciação da solletração viciosa, que se tem inveterado nos principiantes, devia-se pronunciar *enomeencelatuerra*. Por este exemplo se torna evidente que esse systema de solletração dá a muitas lettras um valor e som que ellas não teem.

Os diphthongos oraes são:—*ai*, *au*, *ei*, *eu*, *iu*, *oi*, *ui*, e os nasaes *ãe*, *ão* e *õe*. Os diphthongos oraes—*ai*, *oi*, *ui*, tambem se escrevem *ae*, *oe* e *ue* assim como os nasaes *ãe*, *ão* — *aem*, *am*, formas contrarias á orthographia etymologica.

Vejamos agora os valores phonicos das vogaes que,

como observou Feliciano de Castilho, em seu *Tractado de Metr. Portug.*, formam uma escala natural. «Assim como do *a* forte, diz elle, se descaé com a voz até ao *a* fraquissimo, assim do *a* fraquissimo se cae, por uma transicção facil, para o *e* forte, e d'este para o menos forte, e do menos forte para o fraquissimo, que já no ouvido se confunde com o *i*; pelo que me parece que o *a*, o *e* e o *i*, constituem uma escala natural, como o *e* e o *u* constituem outra.» De modo que as oraes, segundo a ordem de sua geração, principiando desde a garganta até a extremidade dos labios, são:

1.ª *a* aberto, como *maná*.
2.ª *a* fechada, ex.: *dama*.
3.ª *e* aberto, como: *galé*.
4.ª *e* fechado, como: *mercê*.
5.ª *e* mudo, como: *ame*.
6.ª *i* longo ou breve, como: *sitio*.
7.ª *o* aberto, como: *avó*.
8.ª *o* fechado, como: *avô*.
9.ª *o* mudo, como: *fumo*.
10.ª *u* longo ou breve, como: *tumulo*.

Considerando sabidas as regras grammaticaes ácerca dos outros ponctos prosodicos, entremos no estudo dos *homonymos* e *paronymos*, de que vamos tractar no seguinte capitulo.

CAPITULO XXVIII

Homonymos e paronymos

Homonymo é um termo de grammatica, que se applica ás palavras d'uma pronunciação egual e de etymologia e significação differentes; *paronymas* são as palavras que se assimilham na pronunciação com outras, mas differem de etymologia, orthographia e significação.

Manda a boa orthoépia que se distinga, quanto podermos, a pronunciação dos *homonymos* e *paronymos*, para que, a este modo, se evite a confusão de significação, que

se pode dar no sentido das palavras. Ha porem uns certos *homonymos* e *paronymos* portuguezes que formam excepção a esta doutrina, taes como: *amo*, verbo; *amo*, substantivo; *ama*, verbo; *ama*, substantivo; *penna* (de escrever) e *pena* (pezar); *summo*, elevado, e *sumo*, succo de fructas; *cervo*, (veado) e *servo*, (creado); *cear*, e *ciar* (ter zelos); *soar* e *suar* e assim outros.

Esta theoria, como a sua excepção, tambem se encontra na lingua franceza, onde os *homonymos* e *paronymos* são em grande numero, como: — *feu*, fogo, *feu*, defunto, *feue*, defunta; *jeûne*, jejum, *jeune*, joven; *il*, elle, *île*, ilha, *ill* e *ille*, rios de França, apezar de alguns prosodicos francezes mandarem pronunciar o pronome pessoal *il* sem o *l* (i), para se não confundir com os outros vocabulos; — *abaisse*, abaixa, *abbesse*, abbadessa; *ache*, aipo, *hache*, machadinha; *auspice*, auspicio, *hospice*, hospicio, e assim muitos outros.

Pelos *homonymos* e *paronymos* que vamos enumerar, poderemos encontrar outros. Serão apenas indicados ou por classificações grammaticaes, ou por uma vaga significação de palavra.

Ato, verb., *acto*, subst.; *como*, v. *como*, part. inv.; *facto*, successo, *fato*, vestuario, *fatuo*, nescio; *acha*, verbo, *acha*, lenha; *accento*, signal pros., *assento*, subs.; *cella*, cubiculo, *sella*, v. *sella*, subs.; *concelho*, união de aldêas e logares, *conselho*, parecer que se dá a alguem; *pêllo*, cabello, *pello*, verbo, *pelo*, prep. e art.; *sêde*, desejo de beber, *séde*, sub, *cede*, v.; *para*, v. *para*, prep.; *más*, adj., *más* moeda de Asia, (50 reis), *mas*, conj.; *entre*, v. *entre*, prep.; *verão*, v. *verão*, subs.; *cita*, verbo, *sitta*, passaro; *cito*, verbo, *sita*, contracção de *situado*; *pulo*, salto, *pul-o*, v.; *são*, verbo, *são*, o que tem saude; *som*, o ecco que nos fere o ouvido; *pezar*, v. *pezar*, subst.; *ceda*, verbo, *seda*, subs.; *ha*, verbo, *á*, prep.; *havia*, verbo haver, *avia*, verbo *aviar*.

De modo que, ha palavras d'uma pronunciação uniforme ou quasi egual com outras e de significação opposta ou inteiramente contraria. Umas podem-se distinguir por um

caracteristico pronunciativo, outras são excluidas do progresso da boa orthoépia, porque os sons elementares, de que são compostas certas palavras, não admittem a menor alteração como vamos ver.

A boa orthoépia manda pronunciar *facto*, tornando bem sensivel o *c* e não *fato*, para que se difference a significação d'uma e d'outra palavra; mas em *fato* e *fatuo* não pode haver sensivel distinctivo de pronunciação, visto que o *o* mudo de *fato* tem o mesmo som da desinencia *uo* de *fatuo*, e não obstante o som da desinencia *uo* pedir dois tempos ou mais extensão de tom relativamente ao *o* de *fato*, é um distinctivo quasi nullo na pronunciação d'estas duas palavras. Assim devemos pronunciar *para*, dando ao penultimo *a* o som do *a* fechado, quando fôr particula invariavel, para se distinguir de *pára* pertencente ao verbo *parar*; *rapto*, *raptar*, tornando bem notavel a pronuncia do *p*, afim de se distinguir de *rato*, *ratar*; *pelo* tornando mudo o *e*, para se differençar de *pêllo*, cabello; *como*, adverbio ou conjuncção, deve ter o som medio entre *o* fechado e mudo para se distinguir de *como*, (cômo) verbo *comer*.

A lingua portugueza vibra em sua corda vocal mais dois sons, quasi surdos ou ambiguos: um entre *o* fechado e mudo; outro entre *e* fechado e *i*, como: — *soar* e *suar*, *cear* e *ciar*.

Nos vocabulos *que* e *porque* é preciso pronunciar o *e* final, d'uma forma sensivel, em expressões como estas: — *Sem saber o quê; então para que? dizer mal sem porquê.*

CAPITULO XXIX

Pronunciação viciosa

Todos os *dialectos* ou linguagens particulares das differentes provincias d'um paiz, que, em regra, se usam com alteração de pronunciação e accentuação, devem seguir uma norma de reconhecida auctoridade.

E' como diz judiciosamente F. Freire, em seu *Candi-*

do Lusitano: «Assim como não se deve apprender de todos homens o verdadeiro modo de viver, porque d'elles se contrahiriam, costumes, partes vis e partes viciosas, mas só d'aquelles que são mais perfeitos e distinctos no juizo, na probidade da vida e na practica do mundo: — assim egualmente no falar não se deve seguir o uso do povo idiota, inimigo declarado das linguas mais cultas, mas só o d'aquelles que, á força de observações e de estudo, falaram sempre com escrupulosa propriedade e puresa.»

Os gregos consideravam auctorisada a pronunciação de Athenas, os Romanos a de Roma, e os portuguezes hesitam se devem attender á de Lisboa, ha muitos annos côrte de nossos reis e centro politico da nação, se á de Coimbra, territorio que, com poucos intervallos, tem sido a séde da sciencia, dos talentos e dos estudos.

Seja como fôr; o que é indispensavel é seguir a pronunciação da gente mais civilisada e instruida, e nunca seguirmos o falar do povo inculto, visto que n'este ha pronunciações bastante viciosas, como nas provincias; mas que a gente douta e especialista na linguagem portugueza extranha e reprova.

Os vicios da pronunciação podem-se reduzir á troca de vozes, de consonancias, de diphthongos, de syllabas, umas em logar de outras, como vamos ver.

Os brazileiros mudam o *a* aberto em fechado, pronunciando—*vadio*, *sadio*, em vez de *vádio*, *sádio*; e ao contrario, pronunciando o *a* aberto pelo fechado — *brazileiro*, *áqui*, *ácólá*, em logar de *brazileiro*, *aqui*, *acolá*. Succede o mesmo com o *e*: ou pronunciando-o como *e* fechado — *pregar*, em logar de *prégar*, ou mudando o *e* fechado em *i*: — *minino*, *lhi deu*, *mi deu*.

Tambem pronunciam como *z* o *s* liquido, quando se acha sem voz deante ou no meio ou no fim do vocabulo, dizendo: — *mizturа*, *fazto*, *homenz novoz*, em logar de *mistura*, *fasto*, *homens novos*.

Pomos de parte as incorrecções grammaticaes, como: — *eu vi ella*, *eu vou no theatro*, em vez de — *eu vi-a*, *eu vou ao theatro*.

Os algarvios pronunciam *pidaço*, *pidir*, etc. e ao contrario mudam o *i* em *e*, pronunciando *dezer*, *fezera*, em vez de *dizer*, *fizera*.

Os minhotos pronunciam *bõa* em vez de *boa*, *ũa* em logar de *uma*, anasalando d'esta maneira o *o* fechado e mudando o *u* oral pelo nasal.

Em differentes partes do reino pronunciam-se no plural o *o* fechado, como no singular, os nomes que tem *oo* na penultima e ultima syllaba das palavras como: — *doloróso*, *dolorósos*, *gostóso*, *gostósos*, *socorro*, *socórros*; ou pronunciando como aberto o penultimo *o* do singular, como: — *óvo*, *nóvo*, em logar de *ôvo*, *nôvo*; ou não fazendo excepção da regra, dizem pelo contrario, *espóso*, *espósos*, *gôsto*, *góstos*, *lôgro*, *lógros*, etc.

Em certos territorios da Extremadura, alem de cantarolarem, falando, augmentam syllabas ás palavras, como: — *caravão*, em logar de *carvão*, e outras palavras.

Os minhotos trocam habitualmente o *b* por *v* e o *v* por *b*, pronunciando *binho*, *ber*, em vez de *vinho*, *ver*; *vondade*, *veiço* em vez de *bondade*, *beiço*.

Os algarvios e os alemtejanos pronunciam *ei* por *eu*, como: — *mei amigo*, *meis conhecidos*.

Os beirões desfiguram muito as palavras com superfluidades de que usam, dizendo *oivir*, em vez de *ouvir*; já ao determinativo feminino *a*, e *ha* 3.ª pessoa do verbo *haver*, como: — *ai agua*, *hai alma*; já ao verbo *ser*, como *ei certo*, *ei justo*; já ao *u*, dizendo: *fruita*, *fruitas*.

O vicio mais notavel de pronunciação é o que se dá na gente rustica, como:

a) Na mudança de vogaes por outras, exemplo: — *antre*, *précorador*, *rezão*, *titor*, em vez de *entre*, *procurador*, *razão*, *tutor*.

b) Na troca de consoantes, como: — *vigitar*, *fáger*, *heregia*, *trouve*, *dixe*, *negrigente*, em logar de *vizitar*, *fazer*, *heresia*, *trouxe*, *disse*, *negligente*.

c) Na incorrecção grammatical, dizendo: *le disse*, *les disse*, em vez de *lhe disse*, *lhes disse*.

ç) No augmento do *a* no principio de palavras, como

alevantar, *alanterna*, *avoar*, em de *levantar*, *lanterna voar*.

d) No augmento de consoantes e vogaes por entre as palavras, como: — *atrever-se*, *ouvido*, *tudo*, *muito*, em vez de *atrever-se*, *ouvido*, *tudo* e *muito*.

e) Em tirar muitas vezes vozes ás palavras, pronunciando: *càl*, *cantidade*, *magem*, em vez de *qual*, *quantidade*, *imagem*.

f) Em inverter os sons das palavras, transtornando a ordem de duas syllabas, como: — *clergo*, por *clerigo*, *contrairo*, por *contrario*, *pouchama*, por *chourpana*, *percissão*, por *procissão*, *prove*, por *pobre*, *seoresto*, por *sequestro*, e assim muitas outras que constituem a linguagem mais rustica de nosso povo.

g) Finalmente, o vicio que ha na troca das vozes e das consonancias, tambem existe na mudança dos diphthongos e syllabas nasaes.

De modo que, os minhotes e os dos arrabaldes do Porto estão habituados a mudar o diphthongo nasal *ão* ou *ã* na vogal nasal *om*, pronunciando: — *carvom*, *pom*, *tostom*, *irmom*, em vez de *carvão*, *pão*, *tostão*, *irmão*.

Em certos territorios do paiz, nomeadamente nos da Extremadura, arrabaldes de Lisboa e Traz-os-Montes trocam os diphthongos *ão*, *õe* na syllaba nasal *am*, pronunciando: *pam*, *tostam*, *irmam*, *gram*, em logar de *pão*, *tostão*, *irmão*, *grão* e assim por deante.

Vê-se, por isto, que estas mudanças dos diphthongos em syllabas nasaes e estas n'aquelles revelam a ignorancia do som correspondente aos diphthongos e syllabas nasaes. Pois quem prestar cuidado, conhecerá facilmente que a forma *ão* não deve ter a pronunciação de *om* nem de *am*, assim como *am* deve ser distincto de *ão* e *om*.

A viciosa uniformidade de se pronunciar os diphthongos *ão*, *õe*, como se fossem a vogal nasal *am*, faz confundir ou negar a feminina aos nomes que terminam em *ã*. Assim dizendo-se: *O allemam é christam*, ou escripto d'esta forma — *o allemã é christã* em logar de — *o allemão é christão*, alem do erro de syntaxe de concordancia, que

parece revelar-se e o de pronunciação, affirma-se que as palavras — *allemão* e *christão*, fazem no masculino e feminino — *allemam* e *christam*, o que é um erro. Se dissermos — *Meu irmom é bondoso*, em vez de — *meu irmão é bondoso*, cahimos no vicio de pronunciação, confundindo o som da vogal nasal *om* com o do diphthongo nasal *ão*.

UNICA SECÇÃO

Theoria da pronunciação *ão*

Ha uma perfeita graduação de nasalidade entre os sons das vozes *ã* ou *am*, ou *an*, *ão*, *om* e *õe*, que se devem pronunciar segundo a maior ou menor intensidade de nasalação proporcional, dando a cada som meio tom de mais ou de menos, como vamos examinar.

O som, com que levantamos o tom da voz nasal, pronuncia-se *ã* ou *am*, ou *an*, ex.: E' uma palavra *vã* a moralidade sem exemplo. *Passaram-se* dias em luctas *gigantescas*.

A segunda voz, *ão*, pronuncia-se com mais meio tom de nasalidade do que em *ã* ou *am*, v. gr.: Poucas *são* as regras que *não* tenham *excepção*.

A terceira voz, *om*, tem mais nasalidade e encerramento do som inicial do que *ão*, como: — Ganha-se sempre *com* o ouvir um sabio.

Emfim, a quarta voz, *õe*, tem o som inicial tão fechado como *om* e pronuncia-se, dando-se-lhe meio tom de nasalidade a maior, exemplo: O vicio *contrapõe*-se á virtude.

Ora, assim como obtemos a recta pronunciação das vozes oraes, conforme a maior ou menor intensidade que as cordas da glottis dão a cada som, da mesma maneira alcançamos a pronunciação nasal, servindo-nos dos meios tons entre essas vozes. Os sons *ã*, *am*, *an* e *ão* formam-se da mesma inicial *a*; e *om* e *õe* da inicial *o*. Portanto, o som inicial das primeiras vozes, é perfeitamente egual entre si, isto é, o som d'umas iniciaes, ao formar-se na glottis, não toca em ponctos differentes da corda vocal, e egual facto se ob-

serva quanto aos sons da segunda inicial, *o*. Por isso, a distincção entre um e outro som nasal deve-se fazer na maior ou menor intensidade de nasalação.

Esta escala natural, de descermos gradualmente meio tom de nasalidade desde *am* até *ôe*, parece-nos muito conforme com a ordem da sua mesma geração.

Todos os vicios de pronunciação se podem rectificar, conhecendo e distinguindo os sons elementares da lingua portugueza. A direcção de bons professores é o maior auxilio para se conseguir a verdadeira pronunciação, dando a cada som fundamental a pronuncia recta e a certeza de expressão, e depois combinar os sons, já solletrando-os, já syllabando-os, já pronunciando-os junctamente nos vocabulos e no discurso, e ligando o todo da leitura por uma unidade de boa pronunciação, desembaraçada e elegante.

QUARTA PARTE

ORTHOGRAPHIA

Formada esta palavra de duas gregas — *orthos*, recto, e *grapho* eu escrevo, empregam-na os grammaticos para representar o tractado da recta escriptura das palavras.

A orthographia etymologica tem a immensa vantagem de conservar fielmente nas palavras os vestigios historicos de sua derivação, e portanto ser facil a aprendizagem do verdadeiro sentido do vocabulario, o que não succede com outro qualquer systema orthographico.

Toda a orthographia consta d'uma parte, chamada ponctuação, que ensina a separação dos vocabulos e orações na escriptura continuada, conforme a distincção e subordinação das idêas e sentidos que exprimam, da qual não tractamos por ser assumpto sabido dos que aprenderam grammatica elementar.

Para se poder escrever com uma recta orthographia, é indispensavel o estudo comparado das linguas maternas com o portuguez, e só d'este modo obtemos o conhecimento etymologico da nossa lingua, seguindo uma escriptura conscienciosa, não adoptando lettras que a derivação das

palavras não tem. A principal lingua, d'onde recebemos e formamos o maior numero de palavras do vocabulario portuguez, é a latina, e do grego o vocabulario scientifico e technico; portanto são estes idiomas, em geral, e principalmente o latim que nos pode dar principios seguros para a orthographia etymologica, para não escrevermos palavras com uma forma anti-etymologica, como:—*he*, *huma* com *h* e *filozofia* e *fizica* com *f* e *z* que não existem em grego.

CAPITULO XXX

Uso d'algumas formas orthographicas

a) Dobram-se as consoantes seguintes por effeito da derivação ou composição das palavras—*b*, *c*, *d*, *f*, *g*, *l*, *m*, *n*, *p*, *r*, *s*, *t*.

b) Os prefixos *ad*, *con*, *in*, *ob*, *sub* mudam a consoante, por antithese, n'aquella por que principiam os radicaes das palavras de origem latina com que se formam. Assim, *ad* muda o *d* em *c*, como: — *acceder*, *acclamar*; em *f*, como:—*affeiçoar*, *affirmar*; em *g* como:—*aggravar*, *agglomerar*; em *l* como: — *allegar*, *allucinar*; em *n* como: — *annunciar*, *annexar*; em *p* como:—*apparecer*, *applaudir*; em *r* como: *arrogar*, *arremetter*; em *s* como:—*asseverar*, *assistir*; em *t* como:—*attender*, *attribuir*; e assim o vocabulario derivado das palavras que façam parte d'esta regra, como:—*allucinação*, dependente da forma *allucinar*, exige que se escreva com a duplicação do *l*, e assim por deante.

c) O prefixo *com* muda o *m* em *l*, ex.: *colleccionar*, *collegio*; em *r*, como:—*corrigir*, *corrupção*.

d) O prefixo *in* muda o *n* em *l*, como:—*illudir*, *illustre*; em *m* como:—*immacular*, *immoral*; em *r* como: —*irreconciliar*, *irregular*.

e) O prefixo *ob* muda o *b* em *c*, como: — *occupação*, *occasião*; em *p* como:—*opprobrio*, *opposto*.

f) O prefixo *sub*. muda o *b* em *c*, como: — *successo*, *successor*; em *p*, ex.: *supplicio*, *supposição*.

Podem-se reduzir ás duas regras seguintes a duplicação das consoantes.

1.ª—As consoantes só podem dobrar-se entre vogaes ou entre vogal e *l*, *r* ou *m*, ex.:—*alli*, *agglomerar*, *aggravo*, *commum*.

2.ª—Dobram-se as consoantes *c*, *f*, *l*, *m*, *n*, *p*, *r*, nos vocabulos que principiam por *oc*, *suc*, *ef*, *dif*, *of*, *suf*, *il*, *im*, *in*, *op*, *sup*, *ir*, como: — *occasião*, *succeder*, *efficaz*, *diffundir*, *offerecer*, *suffocar*, *illuminar*, *immortal*, *innato*, *innocencia*, *innovar*, *innumeravel*, *opportuno*, *supprimir*, *irreverencia*.

São excepções os vocabulos *oculo*, *opinião*, *opinar*, *imagem*, *imitar*.

g) Sabendo-se que quasi todos os nossos vocabulos foram tomados da forma que recebem, no ablativo do singular, os nomes latinos, excepto os que proveem dos nomes pertencentes á primeira declinação, visto que podem vir do ablativo ou do nominativo, por serem identicas as terminações d'estes dois casos, não pode haver muita duvida no emprego das vogaes de qualquer palavra, as quaes tenham um som parecido com o d'outra diversa; porque conhecida a regra geral da immutabilidade d'uma certa vogal, ou no principio, ou no meio, ou no fim d'um vocabulo, a orthographia etymologica manda conservar essa lettra na escriptura da palavra portugueza.

Podemos considerar excepção a este principio geral de orthographia etymologica as formas:—*meu*, *teu*, *seu* e seus pluraes, escriptas com *u* e não *o*, conforme ordenava o ablativo do singular d'onde proveem, por analogia com o pronome pessoal *ego*, que escrevemos *eu* e não *eo*.

Exemplo:—*Aqua*, agua, *agricola*, agricola, *cauda*, cauda, *collega*, collega, *lingua*, lingua, *macula*, macula, *nau-*

ta, nauta, *opulentia*, opulencia, *ecclesia*, egreja, *equestre*, equestre, *aetate*.[1], edade, *aedificio*, edificio, *aequale*, egual, *aequalitate*, egualdade, *scala*, escada, *sclâptura*, esculptura, *scalptore*, esculptor, *schola*, eschola, *smeragdo*, esmeralda, *spe*, esperança, *speculatore*, especulador, *speculo*, espelho, *splendore*, esplendor, *sponsa*, esposa, *stanno* [2], estanho, *star*, estar, *stella*, estrella, *statua*, estatua, *oleo*, oleo, *oleoso*, oleoso, *patre*, pae, *matre*, mãe, *celo*, ceo, *gradu*, grau.

De modo que, estando os nomes latinos, que acabamos de citar, no ablativo do singular, podemos saber, por exemplo, que—*agua*, *egreja*, *oleo* são palavras que devemos escrever com *u* de *aqua*, com *e* de *ecclesia*, e com *e* de *oleo*.

h) Como as formas terminativas *cção* [3], *ção*, *ssão*, *são* teem a mesma pronunciação, não podemos saber senão pela origem latina qual das referidas terminações havemos de empregar. Ora, sabendo-se que os latinos reuniam o elemento *io* á forma dos supinos dos verbos, para lhes indicar, em geral, a acção, o movimento, etc., como:—*inductum*, supino de *induco*, *is uxi*, mudou o *um* de *induct-um* em *io*, *induct-io*, inducção;—*vocat-um* de *voco*, *as*, *avi*, o *um* de *vocat-um* em *io*, *vocat-io*, vocação;—*omiss-um* de *omitto*, *is*, *isi*, o *um* de *omiss-um* em *io*, *omiss-io*, omissão;—*expuls-um* de *expello*, *is*, *puli*, *ere*, o *um* de *expul-*

---

1 *Ae* é representado em portuguez por um *e*, como:—*caecus*, cego, *judaeus*, judeu, *aera*, era etc.

2 Os grupos iniciaes, *sc*, *sm*, *sp*, *st* são representados em portuguez por *es*.

3 O elemento *ão* corresponde, em geral, a *io* dos latinos, contracção do substantivo *itio*, *onis*, a acção de ir, ou do verbo *eo*, *is*, *ire*, ir, de que já falamos anteriormente.

As desinencias *cção*, *ção*, *ssão*, *são*, combinadas com o elemento *ão*, formam uma classe mui numerosa de substantivos, que exprimem, na sua significação mais geral, a acção, a faculdade de obrar. Estes substantivos são ordinariamente activos, isto é, exprimem a acção determinada pela significação da raiz da palavra, e tambem significam a manifestação actual d'essa idéa. E' este o seu caracter mais ordinario, sobretudo quando os verbos, a que se reunem, são transitivos; comtudo, ha, em portuguez, como em latim, algumas ex-

sum em *io*, *expuls-io*, expulsão;—sabendo-se que as formas terminativas dos latinos—*ct-io*, *t-io*, *ss-io*, *s-io* correspondem em portuguez a —*c-ção*, *ç-ão*, *ss-ão*, *s-ão*; podemos, facilmente, saber, recorrendo a este systema de formação, qual dos caracteristicos constitutivos *oç*, *ç*, *ss*, *s* devemos reunir ao elemento *ão*.

Assim, devemos escrever, por exemplo, *acção* de *actio*, *afflicção* de *afflictio*, *juncção* de *junctio*; *licção* de *lectio* com a forma terminativa *cção*, por equivaler á latina *ctio*;—*approvação* de *approbatio*, *acclamação* de *acclamatio*, *circumscripção* de *circumscriptio*, *noção* de *notio*, com a desinencia *ção* por ser equivalente a *tio*;—*missão* de *missio*, *oppressão* de *oppressio*, *submissão* de *submissio*, *remissão* de *remissio* com a forma *ssão* por corresponder a *ssio*;—*animadversão* de *animadversio*, *conversão* de *conversio*, *expulsão* de *expulsio*, *submersão* de *submersio*, com a forma *são* pela equivalencia latina *sio*.

Visto que o *c*, antes das vogaes *e*, *i*, *y*, tem o som de *s*, podem ter duvida os que, não recorrendo á etymologia das palavras portuguezas, terminadas em *cia* e *cio*, sobre o emprego ou do *c*, ou do *s*, ou ainda de *ss*; mas a incerteza desapparece desde que se saiba que as desinencias *cia* e *cio* equivalem as latinas *tia*, *tium* e *tius*; que o *t* latino

---

cepções n'um certo numero de palavras, formadas do elemento *io* ou do *ão* portuguez, as quaes se empregam com a significação activa, ou passiva, como:—O despota recorre, muitas vezes, á *intimidação*, o despota intimida, significação activa;—o juiz condemnou o reu á *prisão*, a ser recolhido, significação passiva;—*dicção*, ordinariamente, a acção de dizer, de exprimir alguma coisa, e tambem algumas vezes significa que a coisa foi dicta, ou antes a maneira como ella foi expressa;—*edição*, pelo contrario, é, geralmente, a acção d'um livro ter sido editado, portanto, significação passiva.

Mas o caracter dominante do elemento *ão* é o de exprimir uma significação activa e subjectiva.

Da idéa primordial de acção, propriamente dicta, deduz-se a idéa de logar, do tempo da acção, etc. como:—*cultivação* não significa somente a acção de *cultivar*; é tambem o logar *cultivado*; uma *sessão* é o tempo durante o qual um corpo deliberativo se reuniu.

obedece á alteração phonetica da mudança d'esta lettra em *c* portuguez, de que temos os parallelos, por exemplo, em *captare*, caçar; *cupiditas*, cubiça, *platea*, praça, *puteum*, poço. Portanto, devemos escrever, em regra, com um *c* as palavras portuguezas, acabadas em *cia* e *cio*, como:—*blandicia* de blandi-tia; *constancia*, de constan-tia; *elegancia*, de elegantia; *prudencia*, de pruden-tia; *exercicio*, de exerci-tium; *negocio*, de nego-tium; *ocio*, de o-tium; *vicio*, de vitium; *subrepticio*, de subrepti-tius; *obrepticio*, de obrepti-tius.

i) Quando os pronomes *me*, *te*, *se* etc., se entrecalam no futuro e no condicional, uns escrevem *ei*, *as*, etc., *is*, *ias*, etc., e outros *hei*, *has* etc., como:—*louvar-se-á*, *louvar-se-ia*, ou *louvar-se-ha*, *louvar-se-hia*.

Para se saber qual das formas se deve seguir, é preciso conhecermos a formação dos futuros de nossos verbos.

O futuro latino em *bo*, como:—*laudabo*, desappareceu completamente em portuguez. As causas principaes d'esse desapparecimento estão em que essas formas, obedecendo á alteração phonetica, se confundiam com formas d'outros tempos, e portanto a lingua soccorreu-se da restauração dialectal e substituiu essa forma de futuro.

E' frequente o encontrar-se em latim o verbo *habeo*, construido com um infinito. De modo que, a forma por ex.: *habeo amare*, que, indubitavelmente, era um modo de dizer mais frequente na lingua popular do que na esphera litteraria, corresponde a *habeo amandum*. Por exemplo, as formas *habeo dicere*, *habeo audire*, equivalem a *habeo dicendum*, *habeo audiendum* ou a *habeo quod dicam*, *habeo quod audiam*, e exprimiam n'alguns casos a necessidade ou a vontade de fazer uma acção, como:—*habeo laudare*, eu hei de louvar, e por uma convenção, que já provinha do latim vulgar, todas as linguas romanas collocaram o infinito adeante do presente de *habere*, de sorte que as duas palavras se uniram estreitamente.

Visto isso, os futuros imperfeitos dos verbos portuguezes, seguindo a formação latina, são linguagens auxiliadas com o verbo *haver* ou *ter*, e compõem-se do presente do indi-

cativo d'este verbo, seguido da preposição *de* e do infinito do verbo que se conjuga; como por ex.: *hei de louvar* que, por syncope e transposição, se converte em *louvarei*. *Hei de louvar* é uma linguagem elliptica, na qual se subintende a palavra *dever* ou *destino*, isto é, *hei o dever* ou *destino de louvar*; e em vista d'este dever ou destino, que se enuncia no tempo presente, vem a ficar a acção para um tempo posterior, e é por isso que se lhe chama *futuro indefinido*.

Nas formas portuguezas, por exemplo:—*louvar-ei*, *louvar-ás*, *louvar-á*, *louvar-emos*, *louvar-eis*, *louvar-ão*, reconhece-se claramente o infinito *louvar*, unido ás formas do presente do verbo *haver*, como:—*ensinar* e *h-ei*—*h—ensinarei*.

Portanto, quando um verbo é dividido no futuro ou condicional, em virtude da *tmese*, separação que se faz entre o radical e terminação para interpôr-lhe o pronome, é mais etymologico a existencia do *h*, pois recorda a sua formação, do que não o escrevermos d'este modo:—*louval-o-hei*, *tel-a-has*, *ensinar-lhe-hia*, *responder-lhe-hiamos* e assim por deante e não *louval-o-ei*, *tel-a-ás* etc. Alem do principio etymologico, ha ainda a convenção orthographica que admitte um *h* em certas palavras, para indicar que estas não formam diphthongo n'uma determinada syllaba, de que temos os parallelos nos verbos em *ahir*, taes como:—*sahir*, *cahir*, os quaes não só no infinito se escrevem com *h*, convencional, como tambem em outros tempos, v. gr.:—*cahia*, *cahi*, *sahi*, *sahia* etc.

j) O *s* medial latino, entre vogaes, conserva-se em portuguez, havendo apenas pequenas excepções. Como regra geral temos os seguintes modêlos:—*accusar*, de *accusare*; *base*, de *basis*; *causa* e *cousa* ou *coisa* de *causa*; *fuso* de fusus; *presente*, presente. Da mesma maneira conservam o *s* em portuguez os adjectivos, derivados do suffixo latino em *osus*, como:—*formoso*, de *formosus*; *generoso*, de *generosus*, e assim por deante. Por analogia se devem escrever os adjectivos portuguezes com desinencia identica, por exemplo:—*edoso*, *receioso*.

CAPITULO XXXI

Irregularidade de certas formas orthographicas

Apparece na lingua portugueza um certo vocabulario com uma dada forma orthographica irregular, talvez por uma convenção usual, a que não se têm opposto ainda os lexicographos e os grammaticos da lingua. Mas essa forma irregular deve desapparecer deante da reflexão ácerca dos elementos derivativos e formativos das palavras.

Examinemos alguns modêlos.

Ha alguns verbos com o infinito em *iar*, que, em certos tempos, são conjugados erradamente, taes como: — *commerciar*, *negociar*; porque, por exemplo, no presente do indicativo e conjunctivo recebem a forma: — *commerceio*, *negoceio*; *commerceias*, *negoceias*; *commerceia*, *negoceia* etc.; *commerceie*, *negoceie* etc.

Mas esta forma é inadmissivel deante da etymologia, deante do elemento derivativo do verbo e deante das formas parallelas.

As palavras *commerciar* e *negociar* são constituidas do radical *commerc*, *negoc*, da figurativa *i* e da terminação infinitiva *ar*. As formas dos radicaes e das figurativas estão exactas com a etymologia d'esses vocabulos, como se vê no seguinte: — *commercium*, commercio, *negotium*, negocio.

Ora, separando-se a terminação infinitiva *ar* do elemento formativo *commerci* e *negoci*, e, reunindo-o depois ás terminações *o*, *as*, *a*, etc. *e*, *es*, *e* etc., pertencentes ao indicativo e conjunctivo dos verbos da primeira conjugação, resultam as formas *commerci-o*, *negoci-o*, *commerci-as*, *negoci-as*, *commercia*, *negocia* etc.; *commerci-e*, *negoci-e*, *commerci-es*, *negoci-es*, *commerçi-e*, *negoci-e* etc., e não como se conjuga erradamente.

Da mesma forma se devem conjugar os verbos *allumiar*, *acariciar*, *copiar*, *diligenciar*, *deliciar*, *obsequiar*, *premiar*, *parodiar* etc., que façam o infinitivo em *iar*, ou por derivarem dos substantivos em *io*, *ia*, como:—*acariciar*, de caricia, *copiar*, de copia, *diligenciar*, de diligencia, *premiar* de premio, etc., ou por a etymologia, como:—*allumiar* de *illuminare*. A forma verbal em *iar*, derivada dos substantivos em *io* e *ia*, é, geralmente, harmonica com a terminação etymologica da palavra, como:—*copia*, derivada de *copia*, *premio*, de *praemium*, *parodia*, de *parodia* e assim por deante em que apparece o *i* etymologico, o qual no infinito dos verbos funcciona como figurativa.

Submettamos, por ultimo, os verbos em *iar* ao confronto com as formas parallelas.

Possuimos na lingua portugueza varios verbos que podem servir de parallelos, todavia são de sobra as formas—*acariciar*, *copiar* e *deliciar*. De modo que, collocando ao lado de *commerci-o*, *negoci-o*; *commerci-e*, *negoci-e* etc. as formas *acarici-o*, *copi-o*, *delici-o*; *acarici-e*, *copi-e*, *delici-e* etc., reconhecemos uma evidente uniformidade formativa.

Applicando agora o mesmo processo sobre os verbos com o infinito em *ear*, tambem lhes encontramos pouca regularidade orthographica. Os verbos, por exemplo, *cear*, *passear*, *recear*, escriptos d'este modo, não conservam a mesma forma, que apresentam os seus substantivos, *ceia*, *passeio*, *receio*.

Segundo a orthographia d'estes substantivos, o *i* adeante do *e* tem-se como uma convenção pronunciativa e não orthographica; porem, todas as vezes que o *e* com accento circumflexo é seguido de outra vogal, com que não faz diphthongo, costumamos, para o evitar, junctar-lhe um *i* mudo na pronunciação. Egual facto succede ao *o* com accento circumflexo. De maneira que, sendo a razão a mesma entre as vozes ê (ei), ô (ou), devemos estabelecer uniformidade orthographica, escrevendo, por exemplo, *chêo*, *chêa*, *corrêa*, *enlêo*, como escrevemos—*pessôa*, *vôo*, *perdôo*, *vôas*, *perdôes*, e não *cheio*, *cheia*, *correia*, *enleio*, porque não escrevemos *pessoua*, *vouo*, *perdouo*, *vouas*, *perdoues* etc.

Ora, sendo o *e* figurativa nas formas dos infinitos em *ear*, a regularidade orthographica não admitte a forma *ei* em certos tempos, como: —*recei-o*, *recei-as*, *recei-a*, etc.; *recei-e*, *recei-es*, *recei-e*, mas a seguinte forma: *recê-o*, *recê-as*, *recê-a*, etc.; *recê-e*, *recê-es*, *recê-e*, orthographia uniforme com os verbos em *oar*, por exemplo:—*perdô-o*, *vô-o*, *perdô-as*, *vô-as*, *perdô-a*, *vô-a*; *perdô-e*, *vô-e*, *perdô-es*, *vô-es*, *perdô-e*, *vô-e*, etc., e não *perdou-a*, *vou-a*, *perdou-as*, *vou-as*, *perdou-a*, *vou-a*; *perdou-e*, *vou-e*, *perdou-es*, *vou-es*, *perdou-e*, *vou-e* etc. A etymologia nada impõe ácerca da orthographia *ê* ou *ei* em *ceia*, e *ô* ou *ou* em *corôa*, porque as palavras, por exemplo, *ceia*, ou *cêa*, e *corôa*, d'onde se formam os verbos *cear* e *coroar*, derivam do latim *coena* e *corona*, dando-se, tanto no primeiro como no segundo caso, a syncope do *n*, que é regra geral, apontada nas alterações phoneticas, como já vimos, como em *avêa* ou *aveia* de *avena*, *moeda* de *moneta*.

Portanto, é necessario que se regularisem as formas orthographicas nas vozes *ê* (ei) para estarem uniformes com *ô* (ou). De sorte que, escrevendo nós, por exemplo:—*passeio*, *recreio*, escrevamos o infinito *passeiar*, *receiar* e conservemos a forma *ei* em todos os tempos, e portanto, tambem devemos escrever *voao*, (voar) *coroua*, (coroar) *perdou-o* (perdoar) etc.; e se escrevermos *vôo*, *corôa*, *perdô-e*, devemos uniformisar a voz *ê* (ei), dando-lhe a orthographia *passêo*, *recrêo* etc.

Ha certos verbos em *ear* que não seguem o systema formativo dos infinitos em *iar*. Pois vimos que, em geral, a figurativa dos verbos em *iar* pertence á terminação dos substantivos d'onde se formaram os verbos, como:—*chiar*, de *chio*, e assim por deante; em quanto que existem algumas formas infinitivas em *ear*, em que a figurativa *e* suppõe-se convencional, porque não apparece nos substantivos, d'onde se derivaram.

Assim, *cabecear*, derivado de *cabeça*, tem as formas parallelas em *capear*, de *capa*; *chapear*, de *chapa*; *farpear*, de *farpa*; *guerrear*, de *guerra*; *rarear*, de *raro*.

A forma infinitiva de *effectuar* não está uniformisada

com o substantivo *effeito;* porque a regularidade impõe *effeito*, *effeituar*, e portanto a forma adverbial é *effeitivamente*, ou então *effecto*, *effectuar*, *effectivamente*.

Parece que a forma infinitiva *effectuar* é etymologica; mas, consoante vimos, quando tractamos das alterações phoneticas, o *t*, precedido de *c*, tem, como regra geral, a transformação em *it*, de que temos os parallelos em *jactus*, geito, *biscoctus*, biscoito.

Portanto, estando a forma *effeito* com boa orthographia deante da lei philologica, os derivados da palavra *effeito* é que necessitam de regularisação.

As formas *isempção* e *isempto* são irregulares deante da orthographia do verbo *eximir*, derivado do latim *eximo*, *ere*; porque, se no infinito escrevemos *eximir* e, em seus tempos derivados, conservamos o *e* inicial, não é regular que mudemos, sem razão etymologica, o *e* em *i* nas palavras mencionadas.

O verbo *entender* tem a inicial *e* contra o principio da alteração phonetica, e portanto opposto á sua etymologia; porque *entender*, derivado de *intelligo*, *ere*, deve conservar o *i*, inicial, e não mudal-o em *e*, a que se oppõe a regra geral da immutabilidade do *i* longo latino na passagem dos vocabulos para portuguez, de que temos os parallelos em *ir*, de *ire*, *ira*, de *ira*, *rio*, de *rivus*, *declino*, de *declino*.

De harmonia pois com a etymologia e com a regularidade formativa, devemos escrever *intelligencia*, *intendimento*, *intender* e assim as formas radicaes derivadas do infinito.

As formas *mixto*, *mixta*, *mixtos*, *mixtas*, são irregulares deante dos elementos derivativos *mistura*, *misturar*. De modo que, uns, escrevendo *misto*, seguem a uniformidade e concordam com a etymologia dos vocabulos—*misturar*, de *misceo*, *ere*; *mistura*, de *mistura*; e *misto*, de *mistus*, *a*, *um*, part. de *misceo*; em quanto que a forma *mixto* desvia-se da derivação e regularidade.

O verbo *calacear*, em logar de *calaceirar*, faz suppor o substantivo *calaça* d'onde se formou o verbo *calacear*;

mas *calaça*, segundo a significação dada pelos diccionarios, não tem o sentido das formas derivativas.

Nos antigos documentos é um termo que parece designar uma parte incerta do porco. E João Pedro Ribeiro, talvez por causa da identidade das trez primeiras lettras, suppõe que designava a caluga. — «Calaça e meia de carne.» Foral dado por D. Manoel, á terra de Paiva.

O que parece certo pois, é que assim como do elemento formativo *cabeça* se derivaram e compozeram, com os respectivos suffixos, as formas *cabeçal*, *cabeção*, *cabeçalho*, *cabeceira*, *cabecear*, assim do thema primitivo *calaceiro* se deviam formar as palavras derivadas — *calaçaria* e *calaceirar*, visto que ha regularidade formativa e a mesma significação.

Sendo mais etymologica a orthographia das terminações dos verbos em *am* do que em *ão*, como: — *estudam*, de *student*; *vistam*, de *vestiant*; e não se oppondo a essa forma orthographica nem a boa orthoépia, nem os homonymos e paronymos da lingua, manda a regularidade da orthographia que escrevamos com a desinencia *am* certas terminações verbaes, que se afastam practicamente do systema uniforme.

Exemplos: — *estam*, de *stant*; *dam*, de *dant*; *ham*, de *habent*; *sam*, de *sunt*, formas parallelas ás terminações regulares de todos os verbos, como: — *am-am*, de *am-ent*; *applaudir-am*, de *plaus-ent*, e assim por deante, em logar de — *estão*, *dão*, *hão*, *são*.

Alem d'estas formas orthographicas obedecerem á lei etymologica, evitam ambiguidade ou homonymia. Assim, os futuros imperfeitos do indicativo, tendo as terminações escriptas em *ão*, confundem-se naturalmente com os preteritos do mesmo modo, como: — *louv-drão*=*louv-arão*.

Embora o accento distinga os preteritos do futuro, comtudo é mais susceptivel o esquecermo-nos, na practica da escriptura, de accentuarmos a syllaba longa do que fixarmos a differença d'um tempo ao outro por um *m* final, ex.: *intend-eram*, *intend-erão*.

Subsiste a mesma irregularidade nas formas *tão* e

quão, em logar de *tam*, derivada de *tam*; *quam*, de *quam*; formas parallelas a *gran*, palavra apocopada de — *grande*.

Em abono da orthographia *tam* e *quam*, temos ainda a escriptura corrente dos mesmos vocabulos que não são apocopados, escrevendo-se *tanto* e *quanto* e não *taõto*, *quaõto*. Tambem as formas *sam* e *gran*, escriptas etymologicamente, distinguem-se da orthographia, que se emprega no adjectivo *são* e no substantivo *grão*.

Como já vimos, os superlativos, em geral, formam-se da desinencia *imus*, *a*, *um*, que quer dizer—*mais profundo*, *ultimo em ordem*, a qual, posta em ablativo e reunida ao positivo, explica a forma e significação dos superlativos, derivados dos latinos.

Applicada pois esta theoria á forma orthographica de certos superlativos, terminados em *imo*, observamos-lhe a demasiada duplicação d'uma consoante. Os positivos *difficil*, *facil*, derivados de *facilis* e *difficilis*, formam o superlativo com a forma *imo*, e por consequencia, reunindo a forma positiva com a formativa *imo*, resultam as palavras—*facilimo* e *difficilimo* e não *difficillimo* e *facillimo*, com o *l* dobrado. Tambem por analogia devemos escrever *humilimo* de *humilis* positivo e não com a duplicação do *l*.

Os adjectivos *ordinaes*, que teem a mencionada desinencia *imo*, *a*, apresentam uma irregularidade orthographica; porque os vocabulos, por exemplo, *trigesimo*, *quadragesimo*, *septuagesimo*, escrevem-se em portuguez como em latim, formados dos adjectivos *cardinaes* e *imo*, como: —*nonaginta*, noventa, *nonagesimus*, nonagesimo.

Essa irregularidade parece existir na escriptura do *s*, que precede a desinencia *imo* (simo) em logar de *c*; porque, o adjectivo ordinal *decimo*, de *decimus*, offerece-nos o elemento orthographico *c*, apezar de pertencer ao radical *decem*, portanto é uma consoante que deve entrar na composição dos outros adjectivos *ordinaes*, e assim substituir o *s* das formas *simo*. D'este modo havia uniformidade orthographica, escrevendo-se—*decimo*—*vigecimo*, *trigecimo*, *quadragecimo* e assim por deante, e não *decimo*, com um *c* e *vigesimo*, *trigesimo*, etc. com um *s*.

A regra geral da alteração phonetica do *c* latino em *z* portuguez impõe-nos a orthographia das formas *dez, dezena, dezembro* com um *z* e não com um *s*, derivadas do thema *decem*, dez, tendo como formas parallelas — *capaz* de *capace*; *feliz*, de *felice*; *fugaz*, de *fugace*; *fazer*, de *facere*; *fiz*, de *fecit*; etc. Ora, as formas *trez*, *treze*, *trezena*, *trezentos* soffrem, practicamente, um arbitrio; pois é commum escrever-se *tres* com um *s* e *treze, trezena*, *trezentos* com um *z*, despresando-se d'este modo a lettra *s* da forma latina *tres*, trez. Mas o principio da regularidade orthographica manda que escrevamos *tres*, *tresena*, *tresentos*, conservando o *s* etymologico do thema latino *tres*, ou que escrevamos *trez*, *treze*, *trezena*, *trezentos* com um *z*, orthographia que tem de seu lado não só a analogia das formas *dez*, *dezena*, *dezembro* e ainda outras, como tambem a melhor pronunciação do vocabulo *trez*, visto que o *z* parece tornar mais facilmente agudo o som final d'esta palavra do que o *s*.

Continuando a applicar o principio da regularidade de orthographia a certas locuções prepositivas, adverbiaes e conjunctivas, reconheceremos-lhes falta de uniformidade. Analysemos, como modêlo, algumas locuções adverbiaes, que são expressões combinadas com adverbios e preposições para os determinar.

Escrevemos formulas adverbiaes, unindo a preposição ao adverbio, ao passo que escrevemos outras, separando as duas palavras. Assim, por exemplo, escrevemos *aonde*, *abaixo*, *debalde*, *emfim*, e, em opposição a este modo orthographico, estão as seguintes locuções adverbiaes, taes como: — *até aqui*, *em cima*, *de cima*, *por de cima*, *por baixo*, *por de traz*, *por de mais*, *de hoje em deante*, etc.

Submettendo pois estas e muitas outras locuções, que divergem na escriptura, á regularidade orthographica, parece-nos melhor a uniformidade, ou unindo a preposição ao adverbio, ou separando-a em todas as locuções, como: — *aonde*, *detraz*, *emcima*, ou *a onde*, *de traz*, *em cima*, e assim por deante.

Egual divergencia se póde observar no uso da synale-

pha, para indicar que supprimimos a vogal final d'um vocabulo, quando o seguinte principia tambem por vogal, resultando d'esta elisão a pronunciação justa das duas palavras, como: — *minh'alma;* mas, onde se manifesta a falta de uniformidade, é principalmente nas preposições.

De maneira que, escrevemos *do*, *da*, *dos*, *das*, *no*, *na*, *nos*, *nas*, *pelo*, *pela*, *pelos*, *pelas*, sem collocarmos a synalepha por cima da preposição, para denotar a suppressão da vogal, em quanto que usamos da seguinte orthographia: — *n'este*, *n'esta*, *n'esse*, *n'essa*, *n'isso*, *n'aquelle*, *n'aquella*, *n'aquillo*, e assim por deante, escrevendo e marcando com o viracento a omissão da vogal.

A conclusão d'esta divergencia é intuitiva, e portanto não temos necessidade de a apresentar.

Em vista pois do exame, a que sugeitamos o vocabulario derivativo e signaes orthographicos d'algumas determinadas palavras, se reconhece que temos em nossa lingua umas certas fórmas orthographicas, que, por uma simples convenção, desobedecem a um processo regular e uniforme de orthographia. Pois o rigoroso systema de derivação manda basear sobre as fórmas primitivas o vocabulario derivado e nunca formar a palavra d'um primitivo hypothetico, e por outro lado existe o principio da regularidade orthographica, apoiado, quer na lei philologica e etymologica da lingua, quer no parallelismo de fórmas, que faz obedecer a um mechanismo uniforme a escriptura de nosso vocabulario.

CAPITULO XXXII

Convenção orthographica

A fórma do vocabulario portuguez, convencionada pelos etymologistas e lexicographos está subordinada ao aperfeiçoamento d'um progresso orthographico. O vocabulario da lingua portugueza, analysado conforme a derivação da

lingua materna, exige um estudo profundo e comparação entre as duas linguas, do qual resulte uma fixação de fórma puramente etymologica, que evite a arbitrariedade orthographica.

Comparando a fórma orthographica dos documentos portuguezes, principiando no seculo 12 até aos nossos dias, reconheceremos profundas alterações orthographicas, as unicas que geralmente se observam no periodo em que as linguas téem uma legislação grammatical e lexicologica.

E' de sobra para comprovarmos essas variantes orthographicas o reproduzirmos alguns periodos de orthographia portugueza. Principiemos pelo anno de 1192.

«E cum ille (Martin Johanes) e cum sa casa, e cum seu pam, e cum seu vino, vensestes vosa erdade, e com ille existis de sua casa, in ipso die, que vola quitarum; e elle teve a vosa rezom; e outras ajudas multas que fez; e plus li a custado vosa ajuda, qua li inde cae derdade; e subre beiso e super fumento se ar quiserdes ovir as desonras, que ante lhe furum ouvideas.» J. Pinto Ribeiro, *Dissert. Chronol.*

Na segunda metade do seculo 14, no *Livro de Linhagens do Collegio dos Nobres*, tractando-se da *Descripção da batalha do Salado*, ha o seguinte modêlo de orthographia:

«E aquel mouro alcarae, polo que já vira no ordinhamento das lides que faziam os cavaleiros ospitaleiros que sempre faziam a az do curral, temendo-se que os cristaãos fezessem este ordinhamento da az do curral, ordinhou estas duas aazes de coinha pera a fenderem. A az do curral he redonda, como moo e a sua matura he de defender os que alá estam e pera sairem d'ela a lidar, quando comprir... Os reis cristaãos ouverom seu acordo que fosem partidos em duas partes. El Rei de castella pela riba do mar, El Rei de Portugal por entre as montanhas e o campo. E ordinharem e defenderom que nenhuuas nom se apartasem a pelejar nem jugasem ganeta e que todos fosem fe-

rir nas mayores azes a mantemente. Os Reis partiromse ali e huum foi a destro e o outro a seestro.»

Em 1785 escrevia João de Barros, em seu *Dial. em favor da nossa lingua*, o seguinte:

«Hũa das couzas menos olhada que á n'estes reinos é consentir ẽ todalas nobres villas e cidades qualquer idiota e nã aprovado em costumes de bõo viver, poer escola de insinar minines. E bũ çapateiro, que é o mais baixo officio dos macanicos nã põem têda sem ser examinado, e este todo o mal que faz é danár a sua pelle, e não o cabedal alheo; e maos mestres leixão os discipulos danados pera toda sua vida, nã somente com vicios d'alma, de que poderamos dar exemplo; mas ainda no modo de os ensinar.»

Pelo exposto se póde vêr que as variações orthographicas, a começar na fórma de transição latina para a portugueza, são notaveis, e por esses modêlos se reconhece que a orthographia tende a um aperfeiçoamento.

ARTIGO PRIMEIRO

Orthographia etymologica, usual, pronunciativa ou sonica

O vocabulario portuguez apresenta dois systemas de orthographia em vigor: — *etymologica* e *usual*.

O primeiro manda conservar em cada palavra, raiz ou suffixo, as mesmas lettras que esta palavra, raiz ou suffixo tenha em latim, de harmonia com as leis de alteração phonetica na passagem das linguas maternas para o portuguez.

O segundo, que não tem outra auctoridade senão a do uso presente e dominante, não segue ás vezes a derivação da palavra, e introduz arbitrariamente escripturas muito alheias á etymologia.

Desde o momento em que o portuguez appareceu es-

cripto, isto é, no periodo em que a nossa lingua adquiriu os caracteres latinos, muitas palavras conseguiram variadas formas orthographicas, conservando ou perdendo as que tinham em latim.

Vejamos alguns exemplos.

Appolice ou *apolice* offerece duas variantes conforme sua derivação: *appolice* do latim barbaro *appodissa*, isto é, segundo Du Cange, Glossario — «scheda seu mandatum de pecunia»; e *apolice*, conforme outros, derivado do italiano *polyzza*, bilhete, cedula. Parece-nos porem mais admissivel a primeira opinião do que a segunda; porque, alem d'outras causas já examinadas, *appolice* tem muitos parallelos de fórmas latinas e portuguezas, taes como:—*alliança* deriv. de *alligantia*; *capellão*, de *capellanus*; *chinellos*, de *planelli*; *cutello*, de *cutellus*, e *apolice* tem só a seu favor o possuirmos alguns termos de commercio e marinha, oriundos da Italia.

Todavia, já vimos em outro logar que não é só d'este paiz que temos engrossado nosso vocabulario, mas de todos com quem sustentamos relações muito estreitas e demoradas,

Anjo conservava mais etymologia de seu derivado *angelus* do que actualmente. «A forte soberba que os *angeos* do ceeo derribou maliciosamente me fez levantar contra ti.» *Ined. d'Alcobaça.*

Eratis, segunda pessoa do plural do pret. imp. do indic. de *sum*, *es*, *fui*, escrevia-se *erades*. «E vós julgastes que não *erades* dignos da vida perduravel.» *Ined. d'Alcobaça.*

Inverno, de *hybernus*, ou *hibernu*, conservava a sua raiz etymologica. «Em quanto alli *hynvernou*, passou trabalhos de fome, sede e enfermidades.» Barros, *Decada* 3.ª

Devesa é uma alteração de *defesa*, derivado de *defensa*, part. de *defendo*, *is*, intendendo-se um nome adequado, como:—*silva*, *defensa*. «Licença pera cortar nas *defesas* reaes toda a madeira necessaria.» Fr. Luiz de Sousa, *Hist. de S. Domingos.*

A palavra *defensa*, tanto latina como portugueza, ain-

da entre nós tem a significação primordial de *pôr-se em defensa*, *em estado de se defender*. «Senhoras, disse Orjaque, quando eu vier, se virdes que se desmanda a se pôr em *defensa*, lançai mão d'elle. Assi o faremos, responderam ellas.» Barros, *Clarimundo*.

E d'esta primitiva significação se originou a que tem hoje a palavra *devesa*, alteração de *defesa*, significando — mata de arvores que se não cortam sem licença.

E assim, acceitar, de *accipere;* belliscar, de *vellicare;* colleira, de *collaria;* bello, de *bellus*; cabello, de *cabillus;* cabidello, de *capitellum;* empellicar, de *bellicare;* empolla, de *bulla;* gallo, de *gallus;* lettra, de *littera;* manchea, ou mão cheia, de *manusplena;* meollo, de *medulla;* soccalco, de *subcalce;* sabbado, de *sabbatum;* sacco, de *saccus;* soppa, de *offa;* tosse, de *tussis;* tabellião, de *tabellio;* tymbal, de *tymbale;* sobrepeliz, de *superpellicium;* succo, de *succus;* somma, de *summa;* valle, de *vallis;* vacca, de *vacca;* —aplanar, de *aplanare;* aleijão, de *loesio;* bater, de *batuere;* calor, de *calor;* celeuma, de *celeusma;* encejo, de *inceptus;* part., de *incipio, is;* fala, de *fabula;* falar, de *fabulari;* galopar, de *galopare;* hortelão, de *hortulanus;* mazela, de *macula;* vitela, de *vitula;* sumir, de *sumere;* gaiola, de *caveola;* dimin. de *cavea;* parolar, de *parabolare;* tolo, de *stolidus*; esmola, de *eleemosyna*; janela, de *janua*; oliveira, de *oliva;* gelo, de *gelu;* estola, de *stola:* pêlo, de *pilus*; guloso, de *gulosus*; viola, de *viola*; sola, de *sola*; obolo, de *obolus*.

Por estes modêlos se pode conhecer que ha um certo vocabulario portuguez com uma orthographia ou etymologica ou usual; o que a primeira admitte, é convencionada e ás vezes reprovada, na generalidade dos casos, pela segunda, imperando n'este caso a arbitrariedade de quem escreve.

Os primeiros escrevem — *amam*, *amavam*, *amaram*, normas das terminações do plural da primeira conjugação, derivadas do *amant*, *amabant*, *amabunt*; *alli*, de *illic*; *encejo*, de *inceptus*; *fala*, de *fabula*; *falar*, de *fabulari*; *pêlo*, de *pilus*; *meollo*, de *medulla*; *tam*, de *tam*; *quam*, de

quam; *sam*, de *sunt*, etc., conservando d'este modo todos os vestigios de pura etymologia. Os segundos, desviando-se da derivação, escrevem—*amão*, *amavão*, *amarão*, *ali*, *ensejo*, *falla*, *fallar*, *miolo*, *pêllo*, *tão*, *quão*, *são*, e assim por deante.

Para evitar esta arbitrariedade projectou-se o systema de orthographia pronunciativa ou sonica.

Consiste em distinguir os sons, quer simplices, quer compostos de que consta qualquer palavra, e figural-os com os caracteres pronunciativos, já escrevendo as palavras com lettras do alphabeto nacional, já pronunciando-as com uma determinada accentuação.

Conforme pois a theoria da orthographia pronunciativa, ficam desterradas todas as consoantes dobradas, todas as lettras, que nos indiquem derivação da palavra, e que, ao escrevel-as, apresentam duvida a quem ignorar a etymologia do vocabulario; vestigios seguros para se poder conhecer a verdadeira significação de qualquer palavra.

Mas esta simplicidade orthographica vai arruinar o edificio classico da litteratura portugueza, vai attacar a etymologia d'uma lingua. As alterações nos sons, as alterações morphologicas e as alterações nos typos syntacticos, vão ferir muito de perto a linguagem ao intimo de seu organismo grammatical.

Vejamos levemente as difficuldades que a orthographia pronunciativa apresenta no campo grammatical de nossa lingua.

Um dos vicios, que se oppõe á claresa do vocabulario, é a amphibologia da linguagem, e consiste em exprimirmos o pensamento de modo que admitta ambiguidade no sentido.

Os *homonymos* e *paronymos* concorrem bastante para esses embaraços da claresa. Existem em nosso vocabulario, como já vimos; e com quanto todas as linguas os possuam, é certo que ha n'estas uma tendencia caracteristica para os evitar. Ora, os *homonymos* e *paronymos* ja existentes entre nós, augmentavam, consideravelmente, com a orthographia pronunciativa, e portanto crescia o meio de tor-

narmos obscura a expressão da linguagem, como podemos observar n'estes modêlos.

No indicativo do verbo *haver*, existem as formas *ha*, *havia* e *houve*, e supprindo-se-lhes o *h* etymologico ficam eguaes ás formas *á*, *avia* e *ouve*; a primeira, representando a preposição portugueza *á*, a segunda, exprimindo o imperfeito do indicativo do verbo *aviar*, a terceira, pertencendo ao indicativo ou imperativo do verbo *ouvir*.

Em quanto que, escrevendo-se etymologicamente—*ha*, *havia*, *houve*, nunca na forma se podem confundir com a preposição *á* ou com *avia*, imperfeito do indicativo do verbo *aviar*, ou com as duas formas do verbo *ouvir*. Mas, escrevendo-se conforme a orthographia pronunciativa, não se pode facilmente distinguir, quando exprimimos a significação de *ha* ou de *á*, *havia* ou de *avia*, *houve* ou de *ouve*.

O substantivo *hora* e a conjunção *ora* offerecem ambiguidade na forma, se não escrevermos cada uma d'essas palavras conforme o seu distinctivo orthographico.

Da mesma sorte *appreçar* e *appressar*; *acento* e *assento*; *caça* e *cassa*; *cella* e *sella*; *cerro* e *serro*; *cem* e *sem*; *censo* e *senso*; *conselho* e *conselho*; *ceda* e *seda*; *chama* e *chamma*; *inserto* e *incerto*; *pello* ou *pêlo* e *pelo*; *paço* e *passo*; *summo* e *sumo*; *penna* e *pena*; e assim muitos outros.

Se supprimirmos o *h* ás interjeições *ah! oh! hui!* estas vozes deixam de ser aspiradas, como naturalmente devem ser, para o que é muito proprio o *h*.

Uma das maiores difficuldades da orthographia pronunciativa é na theoria do *x* e do *c*.

A pronunciação do *c*, é, em geral, identica á do *s*, e, sendo eguaes os sons d'estas duas lettras, não se pode saber senão pela origem latina, quando havemos de usar d'uma ou d'outra consoante. Assim, só pelo latim *sine*, *centum*, *cera*, *sum*, *cedo*, *sericum*, *cilicium*, *sigillum*, é que podemos escrever certo as nossas palavras derivadas: *sem*, prep. e *cem*, numero, *cera*, nome e *será* verb. *ceda* verbo, e *seda* nome, *cilicio* e *sello*. Da mesma maneira deveremos escrever—*conversão*, *expulsão*, *summersão*, com um *s*, e *appressão*, *submissão* e *remissão* com dois *ss*; porque as

primeiras palavras derivam do latim—*conversio*, *expulsio*, *submersio*, e as segundas de *oppressio*, *submissio* e *remissio*, e portanto conservamos a etymologia do *s*, ou dos dois *ss*.

Comparemos agora a theoria do nosso *x* com a da orthographia pronunciativa.

A lingua portugueza dá trez valores principaes ao *x*. Serve de consoante portugueza para representar o som mourisco nas palavras de origem arabe, como: —*xadrez*, *xarope*, *xacóco*, *enxaqueca*, e por analogia — *coxo*, *paixão* e outros. O segundo valor é equivalente á duples latina *cs*, exemplo:—*fluxo*, *refluxo*, *annexo*, *fixar*, *sexo*, que pronunciamos *flucso*, *reflucso*, *annecso*, *ficsar*, *secso*. A terceira representação é egual á syllabas *is*, como:—*sexto*, *explico*, *exceder*, *exceptuar*, que pronunciamos *seisto*, *eisplico*, *eisceder*, *eisceptuar*.

A orthographia pronunciativa, quanto ao *x* diz o seguinte: manda representar o grupo consonantal *ch*, que em muitos casos se pronuncia como *x*, por um *x*, como:—*xamar*, em logar de *chamar*; o emprego do *x*, a representar as outras pronunciações, é substituido por um *s* ou *z* e, ás vezes, supprimido, por exemplo:—*misto*, *esame*, *eicéção* em logar de *mixto*, *exame*, *excepção*.

Confrontemos agora algumas palavras.

Como a articulação *ch*, é substituida por *x*, o vocabulo *fechar* é egual a *fixar*, segundo a orthographia pronunciativa. Como se sabe, *fechar* e *fixar* fazem grande differença no sentido, e, admittida a palava *fixar*, desapparecia do campo da linguagem *fechar*, e portanto era preciso innovar uma palavra para substituil-a; porque *fixar*, (ficsar) não pode representar duas idéas diversas ao mesmo tempo. Sirvam de norma ainda as palavras:—*bucho* e *buxo*; *feliz* e *Felix*; *facha* e *faxa*; *mecha* e *mexa*; *sexo* e *seixo*; *tacha* e *taxa* e outros.

Conforme a orthographia pronunciativa, *bucho*, deve-se escrever *buxo* com um *x*. De modo que, o caracteristico etymologico não assignalava differença de significação entre *bucho* e *buxo*; pois é sabido que a primeira palavra significa: —o estomago ou ventriculo dos quadrupedes,

peixes e aves; e *buxo* é um termo de botanica, e significa um arbusto sempre verde, cuja madeira é dura, amarella e empregada pelos artistas, principalmente, torneiros.

A forma *ex*, é substituida por *eis*, quer seja inicial, quer medial. Assim a orthographia pronunciativa quer que se escrevam as palavras, por exemplo, *dextra*, *sexta*, *texto*, *ex-ministro*, d'esta maneira:—*deistra*, *seista*, *teisto*, *eis-ministro*. Embora repetido, occupemo-nos, de novo, da forma *ex*, como prefixo d'uma palavra, o qual entra em composição com verbos e nomes portuguezes. A forma *ex*, exprime o exforço d'alguem. D'este sentido primordial deduzem-se as idéas:—*força* e *intensidade*; *afastamento* e *separação*, *privação*, *falta*, e ainda outras.

Como se sabe, esta preposição accomodou-se á forma *es*, mas conserva a significação d'onde se formou, e tambem da preposição *ex*, derivou-se *extra*, composta de *ex* e *tra*, de cuja significação já nos occupamos em outro logar.

Ora, todas as palavras compostas do prefixo *ex*, *es* e *extra*, como por exemplo, *expôr*, *esfriar*, *extravaganciar*, passando a escrever-se de harmonia com a orthographia pronunciativa, perdiam a significação que lhes dá a forma etymologica, e portanto as idéas, representadas por essas porções de palavras, *ex*, *es*, *extra*, desappareciam do vocabulario portuguez, em quanto não se innovassem as substituições.

E a forma projectada da substituição do prefixo *ex*, que, consoante a orthographia sonica, deve ser *eis*, apagava a representação ideologica da forma *eis*, que já temos em portuguez; d'aqui a necessidade de innovarmos uma forma que significasse o mesmo sentido da palavra *eis*.

Porem, emquanto não se vencessem as difficuldades no campo da philologia, a ambiguidade crescia perante a grammatica da lingua. Porque, o escrevermos, por exemplo, *ex-ministro* ou *eis-ministro*, a confusão ideologica da forma *ex*, substituida por *eis*, não desapparecia com a risca de união, que divide a preposição *ex* do substantivo *ministro*; pois *ex* e *eis* teem significações distinctas em a nossa lingua.

Passemos agora a examinar a uniforme pronunciação que a orthographia pronunciativa pretende estabelecer, entre *ch* e o *x*.

A boa orthoépia da lingua portugueza manda-lhes dar valores pronunciativos bem distinctos. Assim, servimo-nos do *x*, não como duples por *cs*, mas como chiante semivogal com um som mourisco; e do grupo *ch*, não como uma voz aspirada, mas como chiante muda com o som de *tch* á italiana.

Quem se preza de melhor falar a lingua portugueza, faz grande distincção na pronunciação do *ch* e do *x*. Pois ao *x* imprime-lhe um *chio* semivogal, que se percebe ainda com o orgão vocal um tanto fechado, como: — *enxofre*; e ao *ch* dá-lhe um *chio* mudo, que se não percebe, se não no momento da desinterceptação da voz que o mesmo orgão representava, como: — *chamar*.

Por outras palavras: a pronunciação do *x* é mais liquida e chiante, e a do *ch* é mais secca e forte.

Depois de examinadas as vantagens de escrevermos com *ch* ou *x*, ainda nos dá outra de certa importancia: é additar o nosso alphabeto com mais uma articulação, soccorrendo d'este modo a vencer uma difficuldade aos que desejarem aprender o hespanol, o italiano, o inglez e ainda o allemão.

Segundo a orthographia sonica, ficam desterrados os grupos consonantaes *ph*, *th*, *ch*, *rh*, *ps* e as lettras *k* e *y*, sete caracteristicos da lingua grega, que indicam a origem d'um certo vocabulario que possuimos em portuguez, como tambem está introduzido na litteratura de todas as linguas modernas, e por isso as palavras em que devem entrar aquelles indicios etymologicos, por meio dos quaes se conhece o valor ideologico d'um vocabulo, ficam tendo umas lettras convencionaes, que nos induzem a etymologias erradas. Conforme pois a orthographia pronunciativa dever-se-ha escrever, por exemplo—*filosofia*, por *philosophia*, *teologia*, por *theologia*, *arquitecto*, por *architecto*, *reumatismo*, em vez de *rheumatismo*, *salmo* por *psalmo*, *quilo*, por *kilo*, *lira* por *lyra*.

Examinemos por conseguinte alguns modêlos.

Subtituindo-se o *ph*, em *f*, como fizeram os hespanhoes, é impossivel descobrir o radical e á lingua de que proveem as palavras derivadas do grego, taes como:—*fase*, por *phase*, *foca*, por *phoca*, *fosforo*, por *phosphoro*, *frigio*, por *phrigio*, *fotometro*, por *photometro*, *epifora*, por *epiphora*, *zoofito*, por *zoophito* etc., e portanto não podemos saber a significação d'esse vocabulario.

Se escrevermos, por exemplo, *acefalo* não temos n'esta palavra nenhum signal etymologico que nos indique a derivação e com ella o verdadeiro sentido da palavra; mas, escrevendo *acephalo*, reconhecemos immediatamente que a palavra é de origem grega, e, dividindo-lhe os elementos constitutivos, veremos que o *a* inicial denota *privação*; que o radical *cephalo* (*kephalé*), que significa cabeça, dá o significado de—*sem cabeça*. Da mesma maneira veremos na palavra *anthropophago*, indicios de origm grega, representados nos grupos consonantaes *th* e *ph*; que separados os elementos *anthropos* e *phago*, se reconhecerá a significação de —*homem*—em *anthropos* e de *comer*—em *phago*.

Se escrevermos porem *antropofago*, podemos suppor que este vocabulo é composto de—*antropo* e *fago* e n'este caso, *antropo* parece derivar do latim *antrum*, antro, caverna, e *fago*, tambem do latim *fagus*, faia, e portanto a significação da forma pronunciativa *antropofago* é complectamente differente da que tem a palavra escripta, etymologicamente, *anthropophago*.

O prefixo *orthos*, que entra em composição d'alguns termos scientificos, o qual significa—*recto*, *direito*, etc. se não tiver o grupo consonantal *th*, pode induzir-nos a grandes erros etymologicos. Sirva-nos de modêlo a palavra *orthographia*. Se escrevermos *ortografia*, podemos admittir no radical *orto* a derivação latina *ortus*, termo astronomico, que significa—*nascimento*, *apparição d'astro acima do horizonte*; e portanto, a forma *ortografia* não exprime o significado que tem a palavra *orthographia*, segundo os elementos constitutivos *orthos* e *graphos* do grego *graphó*, que significa *escrever*.

Por estes modêlos se reconhece que no vocabulario derivado directamente do grego ou por meio do latim, e em que os romanos empregavam *ph* para representar o *phi* dos gregos, o qual não era um *f*, mas um *p* aspirado, é indispensavel o grupo consonantal *ph* e que não o substituamos por um *f*; porque se assim o fizermos, alem de perdermos vestigios seguros de etymologia e por isso de idêas, confundimos essas lettras radicaes, com outras que os latinos, imitando os povos da Eolia (Grecia), escreviam por meio de um *f* ou d'um *v*.

A palavra *monarca* e não *monarcha* parece admittir no elemento *arca*, as derivações latinas, *arcus*, arco, ou *arca*, arca, caixa, e por conseguinte não derivar do grego *arkhé*, que, na palavra em questão, significa—*poder*, *chefe*, significação que, reunida ao prefixo *monos*, que significa —*um só*—dá a idêa de—*unico imperante*.

Eguaes embaraços se observam em todas as palavras em que o *ch* não representa o κ (ki) do alphabeto grego, ou nos vocabulos compostos dos prefixos *archeo*, *archi*, como *archeologo*, *architecto* e muitos outros.

Na mudança do *y* em *i*, ha as mesmas confusões. As palavras *lira*, *lirico* e *lirismo* e não *lyra*, *lyrico* e *lyrismo* suppõem a origem latina—*lira*, que significa—*terra levantada entre dois regos nos campos lavrados*; logo as formas *lira*, *lirico*, *lirismo*, segundo a mudança do *y* em *i*, parecem participar da significação correspondente á sua origem, e n'este caso *lirico* por exemplo, não exprime o significado da forma *lyrico*, palavra composta de *lyra*, do grego *hilaros*, alegre, divertido e do suffixo *ico*. Vejamos ainda os modêlos *asilo*, *asilado*, por *asylo*, *asylado*; *olimpo*, *olimpiada* por *olympo*, *olympiada*. *Asilo*, *asilado* parecem derivar do latim *asilus*, especie de mosca que vexa o gado, e não derivar do grego *asylon*, composto de *a*, privação e *sylé*, preza, que dá o significado de—*logar de segurança*, *abrigo*. *Olympo* e *olympiada* suppõem a formação do latim *olim*, que significa—*antigamente*, *algumas vezes*, *algum tempo*.

Uma intelligencia cultivada, vendo a palavra *zoonomia*, logo a intende sem conhecimentos de medicina; o mes-

mo lhe succede com *azote* e *hydrogeneo* sem saber chimica; ou com *mammifero*, *gasteropode* e *cetaceo* sem saber historia natural; pois, conhecidos os signaes etymologicos de taes vocabulos, facilmente saberá que, por exemplo, *zoonomia* se compõe do grego *zôon*, animal, e *monos*, lei; que *hydrogeneo* é formado de *hydro*, agua, e *gheinomai*, nascer, ser gerado; que *mammifero* se formou de duas palavras latinas, *mamma*, seio, e *fero*, *ferre*, trazer.

Recorrendo ás linguas indo-germanicas e neo-latinas, observaremos que estas tambem caracterisam a differente natureza de seu vocabulario com uns certos vestigios etymologicos e ás vezes signaes prosodicos, afim de assignalarem, evidentemente, a origem das palavras e portanto a distincta significação da linguagem.

Para comprovarmos isto, bastará citarmos alguns modêlos de formas das linguas franceza, italiana e hespanhola.

Exemplos:—*à faire*, a fazer, que fazer, *affaire*, negocio; *aile*, asa, *elle*, ella, *elles*, ellas; *air*, ar, *aire*, eira, *ère*, era; *ais*, prancha, *ait* (avoir) tenha, *est* (être) é, *haie*, vallado, *haït*, (haïr) aborrece; *août*, agosto, *houe*, enxada, *houx*, azevinho (arvore), *où*, onde, *ou*, ou, (conj); *au*, ao, *aux*, aos, *aulx*, alhos, *eau*, agua, *eaux*, aguas, *haut*, alto, *os*, ôsso, *ó*, ó, *oh*, oh; *ceint*, cingido, *cinq*, cinco, *sain*, são (adj), *saint*, santo, *sein*, seio, *seing*, signal; *taon*, moscardo, *thon*, atum, *ton*, teu, *t'ont*, (ils t'ont parlé), te tem (elles falaram-te); *tard*, tarde, *tare*, tara; *taupe*, toupeira, *tope*, (toper) topo; *taux*, taxa, *tôt*, logo; *vos*, vossos, *veau*, vitella, *vaud*, vaud, cantão da Suissa, *vaut*, (valoir) vale, *vaux*, valles; *ver*, bicho, *vers*, versos, *vert*, verde, *vair*, (termo de brazão), veiro; *vant*, joeira, *ven*, cyclo, *vends*, vende, *vent*, vento; *voie*, via, *voix*, voz, *vois*, vejo, *voit*, vê;—*anno*, anno, *annuo*, annual, *ano*, ano; *bollo*, sêllo, *bolo*, pilula; *callo*, callo, *calo*, desembarque, etc.; *capéllo*, cabello, *cappéllo*, chapeo; *capélla*, cabrinha, *cappélla*, capella; *capellúto*, cabelludo, *cappellúto*, cristado, com poupa; *ceca-*

re [1], cegar, *secáre*, segar herva, *seccáre*, enxugar; *cédere*, ceder, *sedere*, assentar-se; *celáre*, esconder, *sellare*, pôr sella no cavallo; *cella*, cella, *sella*, tamborête; *cena*, ceia, *séna*, sene (planta); *censo*, renda, *sénso*, sentimento; *cénno*, signal, indicio, *senno*, sentido, prudencia, *séno*, seio, golpho; *céra*, cera, *séra*, noite; *cérto*, certeza, *sérto*, grinalda; *cerva*, cerva, corça, insecto-coleoptero, *sérva*, criada; *césta*, cesta, *sésta*, compasso;—*acento*, modulação da voz, *asento*, (asentar) assento; *ha*, ah, interj., *á* prep.; *sede*, séde, *cede*, (ceder) cede; *cegar*, ficar sem vista, *segar*, ceifar; *celar*, zelar, *sellar*, pôr sêllo; *celo*, zelo, *cello*, arco de ferro para segurar as aduellas das vasilhas, *sello*, v.; *cena*, (cenar) v. ceiar, *seña*, senha; *ceno*, v. ceio, *seno*, seio; *cenar*, ceiar, *señar*, acenar; *lino*, linho, *liño*, linha, fileira; *polo*, pólo, *pollo*, frango, cria da gallinha, das abelhas; *pela*, (pelar) péla, tirar os pêlos aos animaes, *pélla*, balla, pellota, bolla feita de qualquer materia, e muitos outros.

Por ultimo, a accentuação imposta pela orthographia pronunciativa não consegue, practicamente, evitar a confusão que apparece nos vocabulos escriptos sem etymologia; e alem d'isto, a accentuação demasiada impede a facilidade da escriptura cursiva. Se, por exemplo, em logar de escrevermos as terminações dos verbos da primeira conjugação em *am*, as escrevemos em *ão*, obrigamo-nos a distinguir com o accento n'uma determinada syllaba a forma verbal que, não accentuada, se possa confundir com outra.

Assim, é mais facil e não está tão propenso a um esquecimento de quem escreve, o escrevermos *amaram* do que *amárão*, para não equivocarmos esta forma com o futuro *amarão*.

Para evitar este esquecimento natural e tambem para

---

1 Ha a seguinte differença de pronunciação entre o *c* e o *s* italiano: o *c* antes das vogaes *e*, *i*, tem um som muito fechado, que imita o tom das lettras *tch*, ou imitante ao grupo consonantal da nossa lingua, *ch*; como: — *cena*, *dicevo*, que se pronuncia como se estivesse escripto — *tchena*, *ditchevo*; o *s*, no principio das palavas, é aspero, como:—*salle*, *subito*.

não impedir a facilidade de escriptura cursiva, não retalhar muito a sua continuação e não desfigurar a sua belleza, é que na prosa portugueza já vai desapparecendo a synalepha no maior numero de elisões, sobretudo nas preposições *de*, *em*, *per*, *por*, *com*, antes dos determinativos, como: — *do*, *da*, *dos*, *das*, *delle*, *daquelle*; e da mesma sorte *no*, *na*, *nos*, *nas*, *neste*, *nesse*, *naquelle*, *pelo*, *pela*, *polo*, *pola*, em logar de *n'o*, *n'a*, *n'os*, *n'as*, *n'este*, *n'esse*, *n'aquelle*, *pel'o*, *pel'a*, *pol'o*, *pol'a*.

Em vista d'isto, a orthographia moderna tem desterrado da prosa a synalepha e apenas consentido ao verso, onde só se applica em alguns casos, como na preposição *com*, supprimindo-lhe o *m*, ex.: *co'elle*, *co'esse*, *co'este*, *co'isto*, etc., em logar de *com elle*, *com esse*, *com este*, *com isto*.

Posto isto, a convenção orthographica precisa de applicar ao vocabulario portuguez uma perfeição formativa, que satisfaça á legislação etymologica e grammatical de nossa linguagem.

Um diccionario, escripto pela nossa Academia Real das Sciencias, seria uma obra de primeira necessidade. Esse codigo, baseado nos fundamentos da sciencia etymologica, evitaria não só a incerteza e arbitrariedade n'alguma das formas orthographicas da lingua, como tambem certa incoherencia na disciplina grammatical. D'este modo, quem escrevesse, por exemplo, *deante*, *esmola*, *falar*, *janela*, *pêlo* e não *diante*, *esmolla*, *fallar*, *janella* e *pello* tinha de seu lado a etymologia, unica auctoridade que se deve respeitar, e não a convenção usual.

Portanto, é mister que a orthographia portugueza se regularise e assente n'uma fixação sabia e nunca convencional e injusta.

FIM.

INDICE

1.ª PARTE

Pag.

Preliminares 1
I — Elementos de philologia comparada 3
Desenvolvimento natural 5
II — Elementos de grammatica comparada 9
III — Passagem do latim para portuguez 19
Alterações phoneticas de 1.ª ordem . . . 20
Mudança dos diphthongos e vogaes . . . 21
Mudança das consoantes 23
Suppressão das consoantes 25
Alterações phoneticas de 2.ª ordem 25
Mudança de lettras eguaes 26
Mudança de lettras deseguaes 27
Omissão de lettras ou de syllabas 27
Transposição de lettras ou de syllabas . . . 29
Augmento de lettras ou de syllabas 29
Augmento e diminuição de lettras ou de syllabas 30
IV — Significação do vocabulario conhecida pela etymologia 31
V — Fórmas parallelas 36
VI — Transformação da linguagem 40
Archaismos 41
Neologismos 44
VII — Extrangeirismos 49
VIII — Vocabulario arabe 54

ADDITAMENTO Á PRIMEIRA PARTE

Pag.
Noções summarias de philologia. 57
Origem da lingua portugueza. 61

2.ª PARTE

Morphologia. 67
IX — Formação dos vocabulos 69
Exercicios d'analyse philologica 73
X — Desinencia dos nomes 77
XI — Formação das desinencias. 79
Nomes formados da 1.ª declinação. . . . 80
Nomes formados da 2.ª declinação. . . . 80
Nomes formados da 3.ª declinação. . . . 81
Nomes formados da 4.ª declinação. . . . 81
Nomes formados da 5.ª declinação. . . . 82
XII — Genero dos nomes 82
XIII — Genero dos substantivos 87
XIV — Genero dos adjectivos 88
XV — Formação do plural dos substantivos. 89
XVI — Formação do plural dos adjectivos 92
XVII — Graus de significação 93
XVIII — Nomes derivados 96
XIX — Determinativos 97
Discussão sobre a forma *o, a* 98
Etymologia latina. 99
Etymologia arabe. 102
Etymologia grega. 102
Applicação da forma *o, a* 102
Determinativos demonstrativos. 107
Determinativos relativos. 109
Determinativos quantitativos 113
Determinativos pessoaes. 116
Determinativos possessivos 120
XX — Derivação 122
Discussão sobre a desinencia *ão* 125
Suffixos augmentativos 129
Augmentativos derivados de substantivos. . 130
Substantivos derivados de adjectivos . . . 133
Substantivos derivados de verbos 134
Collectivos. 135
Suffixos dos collectivos 136

Pag.
Diminutivos 137
Suffixos dos diminutivos. 138
XXI — Palavras substantivadas 139
XXII — Verbo 141
Desinencias dos verbos 145
Divisão dos verbos 149
Discussão sobre a forma *se* 151
Prefixos dos verbos 157
Verbos derivados. 165
Formação dos tempos dos verbos 167
Emprego das formas pessoaes e impessoaes do infinito 169
Participios em *ando, endo, indo.* 171
Participios em *ado, ido* 175
Participios duplos. 178
XXIII — Preposição 182
Primeira ordem 193
Primeira secção 194
Segunda secção 195
Terceira secção 196
Quarta secção. 198
Segunda ordem 200
Primeira secção 200
Segunda secção 202
Terceira secção 206
XXIV — Adverbio. 207
Adverbios de logar 208
Adverbios de tempo 210
Adverbios de quantidade 211
Adverbios de modo, qualidade e outros . . 212
Nomes adverbiados 215
Locuções adverbiaes 217
XXV — Conjuncção 219
Primeira secção 221
Segunda secção 221
Terceira secção 222
Quarta secção. 224
Quinta secção 225
Sexta secção 226
Setima secção. 227
Oitava secção 228
Nona secção 229
Decima secção. 230
XXVI — Interjeição 231
Unica secção 231

3.ª PARTE

Pag.

XXVII — Pronunciação 235
XXVIII — Homonymos e paronymos. 239
XXIX — Pronunciação viciosa 241
Unica secção: Theoria da pronunciação *ão* . 245

4.ª PARTE

Orthographia 247
XXX — Uso d'algumas fórmas orthographicas 248
XXXI — Irregularidade de certas fórmas orthographicas . 254
XXXII — Convenção orthographica 261
Orthographia etymologica, usual, pronunciativa ou sonica 263

PRINCIPAES ERRATAS E ADDIÇÕES

Pag.	Linhas	Onde se lê	Deve ler-se
4	17	esclavonicas	slavicas
4	27	teem	tem
6	16	*vins'ati*	*vinsati*
10	14	esclavónicos	slavicos
11	8	condição	condicção
12	38	ponto	poneto
13	5	praticamente	practicamente
14	24	Salios	Salluni
19	9	apontar	apontar
22	4	polysylabos	polysyllabos
32	22	e as das linguas	e a das linguas
45	8	water—closet	water-closet
46	35	virificaria	verificaria
52	12	palavra	palacio
55	29	nalfadega	alfandega
59	24	gotico	gothico
60	1	analyse philologica	analyse etymologica
60	28	to wite	to wit
60	nota	analyse philologica	analyse etymologica
61	20	seguntes	seguintes
64	29	wisigotica	wisigothica
72	3	sabiamente;	sabiamente,

Pag.	Linhas	Onde se lê	Deve ler-se
89	29	mudando esta syllaba em *es*,	mudando o *l* em *es*
91	7	simplicices	simplices
93	12	ordinarimente	ordinariamente
93	31	*iuns*	*imus*
98	2	particulares	partículas
98	4	outros dão-lhe	outros dão-lhes
116	12	a que se lhe pode	a que se lhes pode
116	30	proposição	preposição
140	5	Deve-se augmentar — Substantiva interjeições, ex.: Deu sentidos *ais*.	
144	35	reputase	reputa-se
145	3	addicionar-lhes as expressões analogas á locução	addicionar-lhes a expressões analogas a locução
150		d) Admittem a epenthese na terminação	Admittem a prothese e ás vezes a epenthese na terminação
155	19	il fai nuit	il fait nuit
155	37	está claro	está calor
156	12	esta percebe-se	está percebe-se
161	34	in-tervir	in-ter-vir
162	38	eximiar	eximir
167	35	figurativo	figurativa
185	23	complemento	complemento
197	32	A preposição *fronteira*	A posição *fronteira*
207	38	*adverbium, ii,*	*adverbium, ii,*
208	13	adversões	adverbios
209	9	*Adiando*	*adiunda.*
213	1	aissim	assim
225	18	preposições	proposições
226	12	preposições	proposições
231	4	monosyllabas	monosyllabas
239	38	a este modo	d'este modo
240	34	*situ*	*situ*
240	6	*pesum, v.*	*pesum, v.*
244	1	em lugar de *levantar*	em vez de *levantar*
270	36	*arquitecto*	*arquitecto*

A' VENDA

EM

TODAS AS LIVRARIAS

This book should be returned to the Library on or before the last date stamped below.

A fine of five cents a day is incurred by retaining it beyond the specified time.

Please return promptly.

CANCELLED

JUN 6 - '66 H

1067992

CANCELLED

MAR 21 '67 H

CANCELLED

1943 1944

CANCELLED

Widener Library 003384076
3 2044 086 626 264